



Universidade do Minho

Instituto de Educação e Psicologia

Luís Filipe Oliveira Santos

Tornar-se homem: Dramaturgias em torno das apresentações de si, das emoções e dos afectos em palcos *offline* e *online*

Tese de Doutoramento em Psicologia
Área de Conhecimento em Psicologia Social

Trabalho efectuado sob a orientação da
Professora Doutora Conceição Nogueira

DECLARAÇÃO

Nome: Luís Filipe Oliveira Santos

Endereço Electrónico: pesquisa_lsantos@hotmail.com

Telefone: 00351 918 252 814

Nº do Bilhete de Identidade: 9910683

Título da Tese de Doutoramento: Tornar-se homem: Dramaturgias em torno das apresentações de si, das emoções e dos afectos em palcos *offline* e *online*

Orientadora: Professora Doutora Conceição Nogueira

Ano de conclusão: 2009

Ramo de Conhecimento do Doutoramento:

Psicologia: Área de Conhecimento em Psicologia Social

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE/TRABALHO, APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, 2009/08/18

Assinatura: _____

Ao Magnífico Reitor da Universidade Fernando Pessoa,
Professor Doutor Salvato Trigo, o meu profundo agradecimento.

*À memória do Dr. José Fernando,
meu Professor de Filosofia no ensino secundário.*

Ao meu Pai e à minha Mãe

À Fátima Santos, ao Pedro Mendes e à Sara Mendes

*“(...) Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
mas nele é que espelhou o céu”.*

(Fernando Pessoa)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de começar por dizer que embarquei nesta espécie de viagem de longo curso, o Doutoramento, com 33 anos de idade e que no momento em que escrevo tenho 36. É ainda provável que quando chegar o momento de lerem o que agora escrevo tenha já 37. Antes de expressar a minha gratidão a tod@s aquel@s que me acompanharam ao longo desta viagem, queria ainda dizer que abracei este projecto com uma energia muito positiva, tendo-lhe emprestado a maior das dedicações e entusiasmo e, sem qualquer receio de o dizer, um grande amor. Naturalmente, o percurso nem sempre foi plano, muito menos a direito e sempre bem iluminado, mas a convicção de que era possível ser feito foi algo que sempre me acompanhou.

O meu primeiro agradecimento dirige-se à Professora Doutora Conceição Nogueira. Mais do que uma Orientadora, uma Amiga. Um exemplo raro de genuína humildade científica e que só os Grandes Mestres são capazes de evidenciar. Ao mesmo tempo, um exemplo igualmente raro de determinação, de equilíbrio, de coerência, de bem educar para a cidadania e de legitimação efectiva da diversidade. Sinto-me profundamente grato e honrado pelo nosso Encontro.

Sinto-me igualmente grato por todos os espaços e tempos concedidos por cada participante desta investigação. Obrigado a todos os que espreitaram à janela do meu computador e um obrigado especial a todos os que nela permaneceram, autorizando-me fazer tantas perguntas, algumas das quais bem difíceis. Obrigado pelo vosso respeito, confiança e palavras de incentivo. Espero ter sabido ler e interpretar os vossos discursos, mas também os vossos silêncios e hesitações e, muito importante, os vossos sentires.

Gostaria ainda de registar o meu agradecimento à Professora Doutora Gabriela Moita. A admiração e respeito profundos que tenho pelo seu trabalho fizeram-me auscultar a sua disponibilidade para uma troca de impressões sobre o itinerário que fui construindo à medida que a investigação ia avançando. Obrigado pela concessão de tão generosa fatia de tempo, pela escuta verdadeiramente activa e pela partilha de ideias.

Obrigado também ao Professor Doutor Miguel Vale de Almeida, em particular pelas sugestões dadas em resposta a algumas dúvidas que lhe fui colocando no início desta investigação. Obrigado também pelo incentivo e palavras de encorajamento.

Agradeço com especial carinho ao Hélder Rebelo, Amigo por quem tenho uma enorme estima e consideração. Ao longo desta viagem foi a si que confiei a leitura do meu trabalho, escutando sempre com muita atenção e interesse as suas observações e comentários. Obrigado, Hélder!

Obrigado também ao meu Amigo Nuno Fernandes, em particular pelas traduções mais difíceis, como as da Judith Butler. Obrigado ainda aos meus primos Judite Maia e Luís Batalha pela concepção gráfica dos capítulos V e VI e à Sílvia Barros pela edição de algumas das entrevistas realizadas.

Obrigado ainda às pessoas e instituições que se dispuseram a escutar o meu trabalho, devolvendo-me comentários e sugestões sempre tão úteis para a continuação desta viagem. Agradeço particularmente à Professora Doutora Luísa Ferreira da Silva, e restante equipa de investigador@s do CEMRI, da Universidade Aberta, e à Professora Doutora Emília Araújo, do Departamento de Sociologia da Universidade do Minho. Agradeço ainda aos meus colegas de Doutoramento, em particular à Sara Magalhães, por ter levado a minha voz até à Universidade de *Utrecht*, na Holanda.

Obrigado às Amigas e Amigos Carmo Mascarenhas, Clara Rabaça, Diogo Lima, Fernando Castro, José Sá, Manuela Moura, Marta Conceição, Ricardo Oliveira, Sílvia Moreira e Victor Rodrigues, pela cumplicidade que nos une, e obrigado à Amiga Ester Vaz por todo o nosso percurso.

Deixo aqui também o meu abraço à Ana Torres, à Carla Antunes, à Deolinda Pinho, à Florbela Carvalho, à Helena Branco, à Isabel Afonso, à Joana Duarte, ao João Camões, ao José Coimbra, ao Luís Faisca, à Manuela Borges, à Manuela Coutinho, ao Nuno Resende, à Paula Ferreira, à Sofia Oliveira e à Teresa Correia. Aos meus alunos e alunas da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa, o meu reconhecimento e a minha gratidão por pensarem e reflectirem comigo.

Tornar-se homem:

Dramaturgias em torno das apresentações de si, das emoções e dos afectos em palcos *offline* e *online*.

RESUMO

A expansão significativa dos estudos de género, para a qual diferentes perspectivas teóricas, epistemológicas e metodológicas têm vindo a contribuir, sobretudo a partir da década de 90 do século XX, tem revelado uma pluralidade de barreiras à construção e vivência de diferentes identidades características da existência humana, reforçando as posições, nas quais nos situamos, que rejeitam explicações essencialistas favoráveis à crença de um mundo naturalmente ordenado.

De acordo com tais posições, em geral, os homens aprenderam, no contexto da modernidade ocidental, a regular as apresentações de si e a expressão emocional e afectiva, em resultado da incorporação de um modelo dominante que os associa à heterossexualidade, à racionalidade e ao autocontrolo. Diversos estudos, inscritos em epistemologias pós-modernas, têm desafiado, contudo, as consolidações heteronormativas do sexo, do género e da sexualidade. Por outro lado, o ciberespaço é cada vez mais reconhecido como um palco facilitador da expressão de múltiplas apresentações de si e do *self-disclosure online*, graças a uma menor vulnerabilidade percebida.

Face a este cenário, a investigação que neste momento se apresenta tem por objectivo principal dar visibilidade a diferentes dramaturgias em torno das apresentações de si, das emoções e dos afectos em palcos *offline* (e.g., família, amigos, colegas, local de trabalho, escola, intimidade) e *online* (e.g., páginas pessoais, blogues, salas de conversação, mensagens instantâneas, redes sociais), por parte de pessoas que se apresentaram como homens numa entrevista em profundidade realizada *online*.

Situada em pressupostos teóricos e epistemológicos construcionistas sociais e na perspectiva *queer*, a presente investigação, qualitativa e mediada por computador, compreendeu a realização

de dois estudos empíricos. O Estudo 1, referente às sexualidades socialmente produzidas como normativas, abrangeu 17 participantes; e o Estudo 2, referente às sexualidades socialmente produzidas como não normativas, outros 17. Foram aferidas, em ambos os estudos, diferentes configurações *das masculinidades, bem como das apresentações de si e da expressão emocional e afectiva em palcos offline e online.*

Uma vez constituído o corpus de análise, e através da análise temática, foram identificados três temas, cuja análise em profundidade foi posteriormente auxiliada pelo método da análise foucaultiana de discurso. Os temas identificados foram: 1) homens e masculinidades; 2) sexualidades masculinas e domesticação emocional e afectiva; e 3) da experiência da opressão, ao desejo de libertação: identidades e poder no ciberespaço.

Em geral, os resultados apontam para uma assimetria de poderes associada a uma hierarquização das masculinidades, sendo que a masculinidade hegemónica surge como uma espécie de ideologia universal, experienciada em jeito de crença pelos participantes dos dois estudos, quanto à forma como um homem deve “ser” e “parecer”, o que significa: heterossexual, fisicamente robusto, auto-suficiente e emocionalmente controlado.

Por outro lado, foi revelada uma diversidade de identidades masculinas independente da orientação sexual, silenciada por contextos opressivos que as remetem para “dentro do armário”, potenciando, deste modo, a ocorrência de implicações negativas para a saúde. É neste contexto que o ciberespaço surge como um palco revelador de diferentes experiências contraditórias de poder e, simultaneamente, um palco de exercício de poder associado às identidades e à expressão emocional e afectiva. O mesmo surge como um lugar que favorece a mobilização individual e colectiva, favorecendo sentimentos de pertença e, nesse sentido, (mais) uma “chave” para abrir o armário, denunciando inúmeros paradoxos de uma sociedade que se diz atenta aos direitos, liberdades e garantias dos cidadãos que lhe dão vida.

Palavras-chave – Masculinidades, Sexualidades, Expressão Emocional e Afectiva, Ciberespaço

**Becoming a man:
Dramaturgies on the presentations of oneself, of emotions and affections
on offline and online stages**

ABSTRACT

The significant expansion of studies on gender, which have received different theoretical, epistemological and methodological perspectives since the 1990's, have been revealing a plurality of barriers to the construction and the experience of different identities which are characteristic of human existence, strengthening the views on which we stand and which reject essentialist explanations favourable to the belief in a naturally ordained world.

In general, according to these views, men have learned in the context of western modernity, to regulate the presentations of themselves and their emotional and affectional expression as the result of the incorporation of a dominant model which binds them to heterosexuality, rationality and self-control. Several studies, inscribed in post-modern epistemologies have however challenged the heteronormative consolidations of sex, gender and sexuality. On the other hand, cyberspace is growing in recognition as a stage that facilitates the expression of multiple presentations of oneself and of online self-disclosure, thanks to the lesser degree of vulnerability perceived there.

Given this scenario, the research which is presented at this moment has as its main goal to heighten the visibility of different dramaturgies around the presentations of oneself, of emotions and of affections on offline (e.g., family, friends, colleagues, workplace, school, intimacy) and online stages (e.g., personal homepages, blogs, chat rooms, instant messaging, social networks), by people who presented themselves as men in the context of an in depth interview which took place online.

The present qualitative research, situated in social constructionist theoretical and epistemological presumptions and in the queer perspective, had the computer as its medium and

comprehends two empirical studies. Study 1, which refers to socially produced sexualities as normative, involved 17 participants; Study 2, which refers to socially produced sexualities as non-normative, involved 17 other participants. Both studies compared different configurations of the masculinities, as well as the presentations of oneself and the emotional and affective expression in offline and online stages.

Once the corpus of analysis was constituted, three themes were identified through theme analysis, and their in depth analysis was later aided by the method of the Foucaultian analysis of speech. The themes identified were: 1) men and masculinities; 2) masculine sexualities and emotional and affective domestication; and 3) from the experience of oppression to the desire of liberation: identities and power in cyberspace.

In general, the results point to an asymmetry of powers associated to a hierarchy of the masculinities where the hegemonic masculinity appears as a kind of universal ideology, experienced as a belief by the participants of both studies, regarding the way a man should “be” and “appear”, and that is: heterosexual, physically robust, self-sufficient and emotionally in control.

On the other hand, the studies revealed a diversity of masculine identities regardless of sexual orientation, silenced by oppressive contexts which confine them into “closets” and therefore give rise to the potential occurrence of negative implications to one’s health. It is within this context that cyberspace appears as a revealing stage for different contradictory experiences of power and, simultaneously, a stage for the exercise of power associated to the identities and to the emotional and affective expression. It also appears as a place that favours individual and collective mobilization, nurturing feelings of belonging and in that sense, providing (another) “key” to open the closet, denouncing innumerable paradoxes of a society which claims itself as regardful to the rights and the freedom of the citizens which bring it to life.

Keywords – Masculinities, Sexualities, Emotional and Affective Expression, Cyberspace

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	025
Capítulo I	033
TORNAR-SE HOMEM: SÍMBOLOS, EXPECTATIVAS E PUNIÇÕES	
Sinopse	035
1.1 Homens e masculinidades: Do peregrino ao <i>cyborg</i>	037
1.2 Dos símbolos	043
1.2.1 A masculinidade hegemónica como símbolo de prestígio	044
1.2.2 As masculinidades subordinadas como símbolo de estigma	048
1.3 Das expectativas	052
1.3.1 O legado estruturalista e as práticas dos agentes	053
1.3.2 Problematizações éticas feitas a partir das práticas de si	054
1.4 Das punições	056
1.4.1 A produção cultural do estranho e sua domesticação	056
1.4.2 A desacreditação do estranho: Discriminação e direitos humanos	058
1.5 Masculinidades e saúde	059
Síntese	061

Capítulo II	063
SEXUALIDADES MASCULINAS, EXPRESSÃO EMOCIONAL E AFECTIVA E INTIMIDADE	
Sinopse	065
2.1 Sexo, sexualidades e poder	067
2.1.1 A construção histórica e discursiva das sexualidades masculinas	067
2.2 <i>Scripts</i> sexuais e regulação da expressão emocional e afectiva	073
2.2.1 A regulação cultural das emoções e do afecto	074
2.2.2 A socialização da regulação emocional e afectiva na família	078
2.2.3 Desempenho e fachada pessoal	080
2.3 Transformações da intimidade	082
2.3.1 Riscos, ansiedades e oportunidades	083
Síntese	085
Capítulo III	087
CIBERESPAÇO E SUPORTE SOCIAL E EMOCIONAL	
Sinopse	089
3.1 A emergência de um território científico: A ciberpsicologia	091
3.2 O ciberespaço como um espaço psicológico	096
3.3 Potencialidades da comunicação mediada por computador: Anonimato e <i>self-disclosure</i>	099
3.4 Espaços de interacção dentro do ciberespaço	102

3.4.1 Páginas pessoais e blogues	103
3.4.2 Salas de conversação e mensagens instantâneas	103
3.4.3 Redes sociais	106
3.5 Ciberespaço e suporte social e emocional	107
Síntese	112
Capítulo IV	113
METODOLOGIA	
Sinopse	115
4.1 Pressupostos teóricos e epistemológicos	117
4.1.1 Construcionismo social	117
4.1.2 A teoria <i>queer</i>	121
4.2 Opções metodológicas e sua justificação	123
4.2.1 Pesquisa qualitativa mediada por computador	123
4.2.1.1 Entrevista <i>online</i>	126
4.2.1.2 Instrumento e procedimentos	130
4.2.1.3 Participantes	136
4.2.2 Análise temática	137
4.2.3 Análise foucaultiana do discurso	141
4.3 Questões associadas aos estudos interpretativos	145
4.3.1 Rigor teórico	146
4.3.2 Rigor metodológico	146
4.3.3 Rigor interpretativo	146

Capítulo V	149
ESTUDO 1 - SEXUALIDADES NORMATIVAS: RESULTADOS, REFLEXÕES E PERSPECTIVAS	
Sinopse	151
5.1 Homens e masculinidades	155
5.1.1 A imagem de Adão	156
5.1.1.1 Vozes (in)submissas de uma categoria hegemónica	156
5.1.1.2 Desconfortos de uma herança instituída	159
5.1.2 O armário heterossexual	160
5.1.2.1 Cúmplices oprimidos e silenciosos	160
5.1.2.2 Do medo do desvio, ao medo da insuficiência	161
5.1.3 A reprodução interdita	162
5.1.3.1 Os actores, as práticas de rotina e as audiências	162
5.1.3.2 Os figurantes e as audiências	164
Reflexões e perspectivas	164
5.2 Sexualidades masculinas e domesticação emocional e afectiva	169
5.2.1 Máscara para homem	170
5.2.1.1 Entre os ditos e os interditos	170
5.2.2 Homens por detrás da máscara	174
5.2.2.1 (In)seguranças justificadas	174
Reflexões e perspectivas	177
5.3 Da experiência da opressão, ao desejo de libertação: Identidades e poder no ciberespaço	181
5.3.1 Entre o cepticismo e a abertura	182
5.3.1.1 Quando os incómodos da dominação masculina falam mais alto	184
5.3.2 A tecnologia ao serviço da humanização	186

5.3.2.1 Ciberespaço: Amigo fiel e libertador	186
Reflexões e perspectivas	187
Síntese	191
Capítulo VI	193
ESTUDO 2 - SEXUALIDADES NÃO NORMATIVAS: RESULTADOS, REFLEXÕES E PERSPECTIVAS	
Sinopse	195
6.1 Homens e masculinidades	199
6.1.1 A epistemologia da diferença	200
6.1.1.1 Vozes (in)submissas de uma minoria institucionalizada	200
6.1.1.2 Configurações das homossexualidades	204
6.1.2 Metamorfoses da consciência de si	206
6.1.2.1 Um ser imperfeito: Efeitos da violência simbólica	206
6.1.2.2 Biografias emancipatórias	210
6.1.3 Da (hetero)sexualidade compulsória, ao desafio da conciliação com a ambivalência	212
6.1.3.1 Peregrinações quotidianas em direcção à ordem	212
6.1.3.2 Performatividades líquidas	214
Reflexões e perspectivas	216
6.2 Sexualidades masculinas e domesticação emocional e afectiva	222
6.2.1 Da socialização das identidades, à realização dramática	223
6.2.1.1 Comportar-se como um homem	223
6.2.2 (Im)possibilidades construídas, silêncios e cumplicidades	226
6.2.2.1 À espera de licenciamento	226

Reflexões e perspectivas	230
6.3 Da experiência da opressão, ao desejo de libertação: Identidades e poder no ciberespaço	236
6.3.1 A natureza paradoxal de um palco <i>wireless</i>	237
6.3.1.1 Sem fios, sem rasto	237
6.3.1.2 A criação de um perfil	241
6.3.2 Privacidade, proximidade emocional e abertura no ciberespaço	244
6.3.2.1 Menor vulnerabilidade percebida, maior conforto	244
Reflexões e perspectivas	249
Síntese	255
CONCLUSÃO	257
Binarismos e hierarquizações: Fragilidades conceptuais e potencialidades reguladoras de si	
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	269
ANEXOS	321

INTRODUÇÃO

Tornar-se homem: Dramaturgias em torno das apresentações de si, das emoções e dos afectos em palcos offline e online. Eis o título e, simultaneamente, o objecto de uma investigação emergente de uma pluralidade de motivações de índole pessoal, social e, indispensavelmente, científica. Ainda que a motivação pessoal para a realização deste trabalho seja anterior a qualquer motivação social ou científica, queremos admiti-lo, é precisamente por esta última que escolhemos começar esta introdução. Tal significa que escolhemos partir do geral e, à medida que formos avançando, e sem descurar as (im)possibilidades contextuais em que (ainda) nos movemos, dar visibilidade ao particular. Este particular a que nos referimos tem um rosto e um nome, os nossos. É precisamente com eles que assinamos e nos responsabilizamos pelo trabalho que agora se apresenta.

Feito este esclarecimento, agrada-nos começar por (re)lembrar que “epistemologia é toda a noção ou ideia, reflectida ou não, sobre as condições do que conta como conhecimento válido” (Santos & Meneses, 2009, p.9). Entendemos, a este propósito, justificar dizer-se, seguindo os mesmos autores, que é por via desse conhecimento que uma determinada experiência social (e, já agora, pessoal) se torna intencional e compreensível.

Considerando ainda que a ausência de práticas e actores sociais inviabiliza qualquer forma de conhecimento, e dado que umas e outros apenas existem no interior de relações sociais (nem sempre pacíficas), fará sentido dizer-se que relações sociais diferenciadas podem promover epistemologias igualmente diferenciadas. Considerando, por fim, que as relações sociais são forçosamente culturais e políticas, as mesmas traduzem, inevitavelmente, distribuições desiguais de poder (Santos & Meneses, 2009).

Assume-se, portanto, em linha com os mesmos autores, que qualquer conhecimento considerado válido é sempre contextual, quer em termos de diferença cultural, quer em termos de diferença política, motivando experiências sociais (e pessoais) diversas e, no contexto da modernidade ocidental, raramente dialogantes.

Face a este contexto, a investigação que neste momento se apresenta inscreve-se nos estudos de género e nas masculinidades e tem por objectivo principal retirar da invisibilidade, problematizando, di-

ferentes dramaturgias em torno das apresentações de si, das emoções e dos afectos em palcos *offline* (e.g., família, amigos, colegas, local de trabalho, escola, intimidade) e *online* (e.g., páginas pessoais, blogs, salas de conversação, mensagens instantâneas, redes sociais). Trata-se de uma investigação qualitativa mediada por computador, com recurso à entrevista *online* em profundidade, envolvendo 34 participantes, distribuídos por dois estudos autónomos, cujos resultados acabam por se encontrar num diálogo reflectido entre si, e situa-se em pressupostos construcionistas sociais e na teoria *queer*.

É uma investigação influenciada por pressupostos veiculados por estudos e leituras desenvolvidos no âmbito das ciências sociais e que afirmam que as formas de dizer e pensar os sexos, bem como as normas que regem os comportamentos de homens e mulheres, têm sofrido alterações ao longo da história e continuam a ser diversas consoante os contextos (Amâncio, 1994, 2004). Nesse sentido, é uma investigação que reconhece, graças aos contributos provenientes de uma pluralidade de disciplinas científicas, que estudar o género não será o mesmo que estudar o sexo e que do conhecimento aliado ao sexo não decorre, necessariamente, o conhecimento sobre homens e mulheres (Nogueira, 2001).

É, por isso, uma investigação que subscreve o facto do género constituir uma dimensão fundamental nas relações sociais e na cultura, ainda que as imagens comuns à volta deste conceito continuem, em geral, embrulhadas numa mistura de preconceitos, mitos e falsidades (Connell, 2009). Vejamos alguns exemplos: muitas pessoas continuam iludidas quanto à ideia de que os homens e as mulheres possam ser, por natureza, psicologicamente diferentes. Muitas pessoas acreditam até que os homens possam ser, também por natureza, mais inteligentes e mais fortes do que as mulheres, menos emotivos e afectivos, mais promíscuos nas suas relações e mais violentos também. Outras ainda acreditam que “ser” homem é “ser” heterossexual, robusto e auto-suficiente.

Pois bem! Afirmámos que esta investigação se inscreve em pressupostos construcionistas sociais e na teoria *queer*. Mas o que quer, afinal, isso dizer? Quer dizer, para já, de uma forma simples e sumária, que é uma investigação que anuncia leituras pós-modernas, ou seja, desligadas de um “pensamento abissal” (Santos, 2009, p.23), ainda que sobre a contextualização da sua emergência e seus efeitos nas relações sociais e pessoais se (pre)ocupe.

É, por isso, uma investigação que privilegia um pensamento e um discurso mais fluidos e que interroga as perversidades de um discurso moderno ocidental organizador de “linhas radicais que dividem a realidade social [e também os homens e as mulheres, as mulheres entre si e os homens entre si] em dois universos distintos” (Santos, 2009, p.23), hierarquizando-os e punindo os transgressores.

É, pois, em face deste contexto que chegamos às primeiras motivações que conduziram à presente investigação, leia-se, as pessoais. A este respeito, cumpre-nos dizer que cedo percebemos, sentindo na pele, os significados de estar, de acordo com o discurso dominante, “do outro lado da linha” (Santos, 2009, p.23). Desde cedo que incorporámos aquilo que, anos mais tarde, viríamos a conhecer sob a designação de “masculinidade hegemónica” (Connell, 1995; Vale de Almeida, 1995). Desde cedo que incorporámos também as ameaças de punição dirigidas ao socialmente construído como não normativo e, conseqüentemente, quais os ditos e os interditos, quais as máscaras certas, os desempenhos e as encenações mais adequados (esperados) às (pelas) audiências (Goffman, 1959 [1993]).

Desde cedo que incorporámos os silêncios implicitamente exigidos (embora por nós progressivamente interrompidos) por parte de uma sociedade (ainda) avessa à diferença. Assim fomos aprendendo a (sobre)viver no teatro da vida (Goffman, 1959 [1993]). Por razões fundamentais, mas que (ainda) não cabem aqui referir, os efeitos desta violência simbólica (Bourdieu, 1998 [1999]) foram confortavelmente suavizados pelo respeito e aceitação que sempre sentimos à nossa volta. Tal contribuiu fortemente para uma outra incorporação pessoal: a de que a “(...) identidade social [é] instituída por (...) linhas místicas de demarcação” (Bourdieu, 1998 [1999, p.42-43]). Foi em nome dessa incorporação que sempre olhámos para essas mesmas linhas com mais suspeita do que com certeza.

Contudo, a constatação de que os actos de (re)conhecimento, nem sempre conscientes, desta “fronteira mágica [construída] entre os dominantes e os dominados” (Bourdieu, 1998 [1999, p.33]), entendida aqui como entre os homens socialmente percebidos como inscritos na ideia de masculinidade hegemónica (Connell, 1995; Vale de Almeida, 1995) e os “outros”, inscritos nas masculinidades subordinadas (Connell, 1995), provocam “muitas vezes a forma de emoções corporais [tais como] vergonha, humilhação, timidez, ansiedade, culpabilidade” (Bourdieu, 1998 [1999, p.33]), motivou-nos para a concepção e desenvolvimento de uma investigação nos moldes anteriormente apresentados.

Assim sendo, o primeiro capítulo deste trabalho, intitulado *Tornar-se homem: símbolos, expectativas e punições*, pretende constituir-se numa reflexão sobre os homens e as masculinidades e considera um conjunto de símbolos, expectativas e punições (re)produzidos pelo discurso dominante, no geral, desfavoráveis à construção e vivência de diferentes identidades características da existência humana. Partindo de uma leitura da masculinidade hegemónica (Connell, 1995; Vale de Almeida, 1995) como um produto de uma construção social historicamente situada (Berger & Luckmann, 1966 [2004]), desafiam-se, assim, as construções discursivas da modernidade, pela rejeição de explicações essencialistas, favoráveis à crença de um mundo naturalmente ordenado.

O capítulo II, intitulado *Sexualidades masculinas, expressão emocional e afectiva e intimidade*, coloca em evidência concepções alternativas a um modelo sexológico dominante (Quartilho, 2003), descrito por Plummer (2005) como um modelo centrado na ideia de uma sexualidade masculina natural e instintiva e, como refere Vaz (2003) na heterossexualidade como sinónimo de normalidade. Discute-se ainda a ideia de regulação de expressão emocional e afectiva (Gross & Thompson, 2007) por referência à incorporação desenvolvida pelos homens de um modelo dominante que associa a razão à masculinidade e a emoção à feminilidade (Vale de Almeida, 1995).

No capítulo III, intitulado *Ciberespaço e suporte social e emocional*, afirma-se a ciberpsicologia (Barak & Suler, 2008a, 2008b) como um território emergente na área da psicologia e reconhece-se o ciberespaço como um palco favorável à expressão de múltiplas apresentações de si (Schouten, 2007), fruto de uma menor vulnerabilidade percebida por parte dos seus utilizadores (Ben-Ze'ev, 2003, 2004; Joinson, 2001; Schouten, Valkenburg, & Peter, 2007). Anuncia-se, assim, um papel do ciberespaço numa perspectiva de *empowerment* associado às identidades (Zhao, Grasmuck, & Martin, 2008), ao mesmo tempo que se desafiam as consolidações heteronormativas do sexo, do género e da sexualidade (Vale de Almeida, 2004).

Chegados ao capítulo IV, intitulado *Metodologia*, apresentam-se os pressupostos teóricos e epistemológicos que nortearam a presente investigação, bem como a identificação e justificação das opções metodológicas adoptadas. Apresentam-se e explicam-se ainda diferentes questões associadas aos estudos interpretativos.

O capítulo V, intitulado *Estudo 1 – Sexualidades normativas: Resultados, reflexões e perspectivas*, apresenta e discute os resultados provenientes da realização do Estudo 1, ou seja, das entrevistas *online* realizadas a pessoas que se apresentaram como homens com uma orientação sexual socialmente entendida como normativa, o que quer dizer, heterossexual. Por sua vez, o capítulo VI, intitulado *Estudo 2 – Sexualidades não normativas: Resultados, reflexões e perspectivas*, apresenta e discute os resultados provenientes da realização do Estudo 2, ou seja, das entrevistas *online* realizadas a pessoas que se apresentaram como homens com uma orientação sexual socialmente entendida como não normativa, entenda-se, não heterossexual. Este capítulo registou ainda os contributos de quem recusou identificar-se por referência a uma categoria fixa, identificadora de uma orientação sexual (e.g., heterossexual, homossexual, bissexual), anunciando um posicionamento próximo da teoria *queer*.

Quer o capítulo V, quer o capítulo VI, organizados em três eixos, apresentaram e discutiram os três temas que emergiram da leitura do *corpus* de análise entretanto constituído, a saber: 1) homens e masculinidades; 2) sexualidades masculinas e domesticação emocional e afectiva; e 3) da experiência da opressão, ao desejo de libertação: Identidades e poder no ciberespaço.

Por fim, na conclusão, intitulada *Binarismos e hierarquizações: Fragilidades conceptuais e potencialidades reguladoras de si*, relembramos o percurso da investigação apresentada, organizando as suas principais linhas condutoras de pensamento teórico, epistemológico e metodológico. Destacam-se ainda os principais pontos de chegada de um percurso com cerca de quatro anos de investigação e reconhecem-se algumas limitações. Terminamos com a sugestão de pistas de investigação futura.

Uma ressalva, antes de colocarmos um ponto final nesta introdução. Ao longo das próximas páginas não serão encontradas quaisquer prescrições sobre o que é, afinal, “ser” homem. Encontrar-se-á, isso sim, a partilha de uma estrutura de pensamento, sempre questionável, discutível e, nesse sentido sujeita à crítica. Esperamos, por isso, que os argumentos apresentados suscitem debate e controvérsia, pois só assim poderemos avançar em ciência.

Agora sim, boa leitura!

CAPÍTULO I

**TORNAR-SE HOMEM:
SÍMBOLOS, EXPECTATIVAS E PUNIÇÕES**

Sinopse

Nas últimas décadas, o estudo do género conheceu uma expansão significativa e, dentro deste, os estudos sobre questões relacionadas com os homens e as masculinidades (Connell, Hearn, & Kimmel, 2005; Kaufman, 1994; Vale de Almeida, 1995), sendo que o conhecimento que tem vindo a ser produzido em torno desta problemática tem sido alimentado por dois tipos de debate, cujos posicionamentos teóricos e epistemológicos evidenciam, de um lado, uma perspectiva essencialista, marcadamente moderna (Silverstein & Auerbach, 1999), e de um outro, posições marcadas pelo construcionismo social e pela teoria *queer*, anunciando leituras pós-modernas (Brandth & Kvande, 1998; De Lauretis, 1991; Haraway, 1991; Marsiglio, 1995; Vale de Almeida, 1995).

O presente capítulo parte do reconhecimento da institucionalização da masculinidade hegemónica (Connell, 1995; Vale de Almeida, 1995) como produto de uma construção social historicamente situada (Berger & Luckmann, 1966 [2004]), desafiando, deste modo, as construções discursivas da modernidade, pela rejeição de explicações essencialistas, favoráveis à crença de um mundo naturalmente ordenado. Tal reconhecimento exige interpretar a ordem social como resultado da criação humana ao serviço de uma orientação política e social (Bauman, 1991 [2007]; Nogueira, 2001).

É neste contexto teórico e epistemológico que a construção e incorporação colectivas (Bourdieu, 1998 [1999]) de um conjunto de símbolos de prestígio e de estigma (Goffman, 1963 [1982]; Herek, 1991, 2000, 2007), expectativas e punições (Foucault, 1975 [2006]; Herek, 1991, 2009), destinados a legitimar a masculinidade hegemónica (Connell, 1995; Vale de Almeida, 1995) como único modelo de masculinidade, são analisados, retirando da invisibilidade um conjunto de obstáculos à construção e vivência de diferentes identidades características da existência humana (Talbert & Steinberg, 2000 [2007]), não raras vezes, responsáveis por diversos danos ao nível da saúde dos homens (Courtenay, 2000a, 2000b; Herek, 2007; Sabo, 2005).

1.1 Homens e masculinidades: Do peregrino ao *cyborg*

Universidade de Londres, Março de 2009. Raewyn Connell (que em tempos lemos como Robert William Connell) brinda os presentes com a prelecção *Clearer Skies: The difficult realignment of education equality policy and gender research as we think (and try to act) on a world scale*. Tal iniciativa, enquadrada na VII Conferência Internacional promovida pela *Gender and Education Association*, desta vez, subordinada ao tema *Gender: Regulation and Resistance in Education*, consistiu num notável momento de esclarecimento e diálogo entre uma vasta plateia de investigadores dedicados aos estudos de género, provenientes dos cinco continentes, e aquela que se tornou numa figura mundialmente incontornável, entre outros domínios, nos estudos de género, em geral, e nas masculinidades, em particular.

Durante a sua prelecção, Connell começa por recordar que o género é uma dimensão central nas relações sociais e na cultura, mas também na vida de cada um, deixando ainda claro que se trata de uma área na qual todos enfrentamos questões práticas difíceis, destacando, a título de exemplo, as construções identitárias que, em múltiplas situações, e por razões diversas, se traduzem em histórias de genuína sobrevivência, quer se esteja, diríamos nós, “deste lado da linha” (Santos, 2009, p.23) ou “do outro lado da linha” (Santos, 2009, p.23).

Os dois lados da linha fazem parte, na lógica do pensamento moderno ocidental, isto é, aquele que se pretende imune às transformações do mundo (Santos, 2003) e que marginaliza o conhecimento produzido pela periferia (Connell, 2007), de uma classificação binária, desde logo redutora, porém autoritária, que produz como estranho (Bauman, 1991 [2007]) ou mesmo inexistente (Santos, 2009) todo aquele que se afasta de uma concepção normativa do género (Butler, 2004).

A análise crítica desta classificação dicotómica, observável, por exemplo, nos binómios homem/mulher, activo/passivo, racional/emotivo, heterossexual/homossexual, entre outros, convida-nos, porém, a questionar a aparente clareza monossémica de uma uniformidade que se traduz num poder simbólico (Bourdieu, 1989 [2007]) que actua enquanto elemento de organização das práticas sociais e que encoraja, legitima e favorece importantes desigualdades estruturantes (Neves, 2008),

tornando, a partir daqui, possível identificar diversos constrangimentos alimentados por aquilo que Bourdieu (1998 [1999]) designa por violência simbólica.

Por outro lado, a mesma análise crítica permite-nos reconhecer a diversidade e o respeito pelas diferenças individuais, facilitando o desenvolvimento de novas definições de autonomia e autenticidade, bem como de comunidade e solidariedade humana (Weeks, 1995 [2005]).

Connell (2009) denuncia, assim, as limitações das leituras do género ancoradas exclusivamente nas epistemologias do norte global, (re)conhecidas como dominantes, ainda que ancoradas em visões locais, porém, presumíveis como prescritíveis e universalizáveis, cuja ambição consiste, numa perspectiva moderna, em ordenar o mundo, controlando qualquer forma de ambiguidade (Bauman, 1991 [2007]).

É precisamente neste contexto que Santos (2009) chama a atenção para a pertinência da construção de uma ecologia de saberes, capaz de reconhecer e legitimar diferentes ordens de género (Connell, 2009), aqui representadas pelas figuras do peregrino (Bauman, 1995 [2007]), como representante das construções modernas das masculinidades, e do *cyborg* (Haraway, 1990), como representante das construções pós-modernas das mesmas.

É, pois, a partir desta ideia de cruzamento das visões da metrópole (Connell, 2009) com a teoria do sul (Connell, 2007) ou epistemologias do sul (Santos & Meneses, 2009), nas quais englobamos o pensamento *queer* (Talbot & Steinberg, 2000 [2007]), que procuraremos abordar diferentes entendimentos sobre os homens e as masculinidades.

Assim, e reconhecendo a importância da história, pela possibilidade de recortarmos no tempo diferentes perspectivas construídas a propósito da análise de uma pluralidade de objectos, escolhemos recordar a imagem ideal do soldado do século XVII descrita por Foucault na sua obra *Vigiar e Punir* (1975) [2006] como um exemplo, em nosso entender, exímio, para uma compreensão possível da evolução daqueles que, três séculos mais tarde, viriam designar-se por estudos sobre os homens e as masculinidades (Kimmel, Hearn, & Connell, 2005).

Ora vejamos: de uma concepção da imagem do soldado como alguém que se reconhece ao longe, pelos sinais “naturais do seu vigor e coragem” (Foucault, 1975 [2006, p.117]), cujo corpo representa o “brasão da sua força e da sua valentia” (Foucault, 1975 [2006, p.117]), passamos, na segunda metade do século XVIII, para uma concepção da imagem do soldado como algo que se constrói.

Não sendo possível calcular com precisão a idade da modernidade, por ausência de acordo quanto a datas, bem como de consenso sobre o que deve ser datado (Bauman, 1991 [2007]), estima-se, contudo, que esta se reporte a modos de vida e de organização social que surgiram na Europa por volta do século XVII, tendo conquistado uma influência mais ou menos universal (Giddens, 1990 [2005]).

Em termos globais, é possível admitir que os debates entre modernidade e pós-modernidade assentam em questões, essencialmente, filosóficas e epistemológicas. Na verdade, dada a crise em que a ciência moderna se encontra imersa, o período a que assistimos tem testemunhado uma transição paradigmática, consubstanciada numa crítica sistemática às correntes dominantes da reflexão epistemológica acerca da ciência moderna (Santos, 1989 [2002]), fragilizando a dureza das fronteiras com que esta tem vindo a construir o mundo, as pessoas e as coisas, bem como as leituras que dele e delas vai fazendo.

As teorias do sul (Connell, 2007) surgem, deste modo, não necessariamente como leituras provenientes de um sul geográfico, mas como alternativas reais a um entendimento científico, pretensamente hegemónico, porém, intencionalmente cego e surdo face às vozes da periferia (Connell, 2007) que nos remetem para olhares menos absolutos, contudo, bem mais profundos em termos das responsabilidades de cada actor, tornando-as, por vezes, ainda mais duras (Bauman, 1995 [2007]).

Na nossa análise sobre os homens e as masculinidades procuraremos, assim, conciliar a co-presença de ambos os lados da linha, caracterizando a “modernidade ocidental como um paradigma fundado na tensão entre a regulação e a emancipação social” (Santos, 2009, p.24), no que concerne às formas como se constroem os homens, as suas sexualidades e expressão emocional e afectiva, numa intersecção constante com o que Weinberg (1972) designou por homofobia.

Deste modo, e se prestarmos atenção às palavras proferidas por Sam Nujoma, primeiro Presidente da Namíbia, em exercício entre 1990 e 2005, referindo-se à homossexualidade como “o demónio a trabalhar” (Dijk & Driel, 2007, p.xiii), ou então às palavras do Presidente do Zimbabué, Robert Mugabe, referindo-se às lésbicas e aos homossexuais como “pior do que cães e porcos, pois, pelo menos os animais sabem como comportar-se dentro do seu grupo” (Dijk & Driel, 2007, p.xiii), talvez fiquemos devidamente esclarecidos quanto à forma como, em pleno século XXI, a heteronormatividade continua a ser socialmente promovida (Epstein, O’Flynn, & Telford, 2003), por um lado, mas também à necessidade de retirar da invisibilidade certas epistemologias que, estando também presentes na Europa dita civilizada, continuam a verificar-se.

Veja-se, por exemplo, o caso tornado público em Março de 2009, que envolve Jamie Durant, um *designer* gráfico britânico de 38 anos, homossexual, e a *Microsoft*, em que o primeiro acusa a segunda de homofobia. Vejamos ainda as configurações dos papéis de género na América Latina, extremamente pronunciadas, numa dinâmica que encara o homem como macho e a mulher como fêmea (Dankmeijer, 2007).

Nesta linha de raciocínio, uma perspectiva relacional do género exige uma especial atenção não a um, mas a diferentes contextos, nomeadamente marcados por: relações de poder capazes de formatar a acção individual; coerções subtis presentes no quotidiano, limitadoras da autonomia; e, por fim, diferentes e fortes pressões sociais responsáveis pela criação de limites, bem como de oportunidades para a acção social e a agência individual (Giddens, 1979 [2000]; Weeks, 1995 [2005]).

É neste contexto que os exemplos discursivos, em jeito de mensagem, de Sam Nujoma e de Robert Mugabe, sugerem uma intenção de regular as construções da identidade, acusando, implicitamente, o que um homem não é, cuja finalidade última consiste em prevenir qualquer forma de ambivalência (Bauman, 1991 [2007]).

Tais discursos funcionam, pois, como uma poderosa máquina simbólica (Bourdieu, 1998 [1999]), capaz de disciplinar os homens (Foucault, 1975 [2006]), produzindo ainda um silêncio (Bauman, 1991 [2007]), alimentado pela incorporação da dita ordem natural das coisas (Bourdieu, 1998 [1999]), mas também pelo medo da desacreditação (Goffman, 1959 [1982]) e conseqüente discriminação.

Face a este entendimento, as construções da identidade, entendidas como peregrinação (Bauman, 1995 [2007]), justificam-se, antes de mais, pela necessidade de identificação, pertença e aceitação. São facilitadas por um mapa identitário heteronormativo, imposto socialmente, onde são visíveis diferentes modos de estar e etapas a cumprir ao longo do percurso (e.g., regulação da expressão emocional e afectiva, casamento com um elemento do sexo oposto).

O peregrino surge, assim, não propriamente como uma invenção moderna, pois a sua imagem é tão antiga como o cristianismo, mas como uma figura a quem a modernidade conferiu um novo interesse e uma nova entoação.

Nesse sentido, tornar-se homem, na perspectiva do peregrino, quer dizer movimentar-se em direcção a uma meta que se conhece à partida, identificando os desvios, de forma a deles se distanciar, e a solidificar uma determinada categoria identitária associada a um conjunto de papéis de género disfarçados com o rótulo da natureza (Bourdieu, 1998 [1999]).

Com a emergência do pós-modernismo e do pós-estruturalismo nas ciências sociais e humanas durante os anos 80 e 90 do século XX (Petersen, 2003) assistimos, todavia, a um extraordinário desenvolvimento teórico, oferecendo, por um lado, novas ferramentas de análise e inaugurando, por outro, novas linhas para exploração e crítica.

Em particular, as ideias pós-estruturalistas de Foucault influenciaram muitas áreas de investigação crítica, incluindo o feminismo, a teoria *queer* e os estudos anti-racistas e pós-coloniais, incitando os investigadores a reavaliar conceitos fundamentais e os focos de pesquisa. As feministas, por sua vez, interrogaram conceitos tão fundamentais, como os de mulher, género, patriarcado, feminilidade e a experiência das mulheres, colocando uma ênfase especial na diversidade e na pluralidade (Barrett & Phillips, 1992; Grant 1993).

Para além disso, as feministas chamaram ainda a atenção para os perigos de uma visão essencialista da identidade e da universalização da experiência, bem como para as exclusões decorrentes do desenvolvimento de categorias particulares.

Assim, a divisão sexo/género, considerada básica no feminismo de segunda vaga, e na qual é marcada uma separação entre um sexo natural ou biológico e um género socialmente construído, foi igualmente desafiada nas bases dos seus determinismos biológico, essencialista e heterossexismo implícito (Petersen, 2003).

Deste modo, a imagem do deserto proposta por Bauman (1995 [2007]) surge como uma alternativa à da peregrinação e o *cyborg* (Haraway, 1991), ou o eremita (Bauman, 1995 [2007]) como exemplos dos sucessores do peregrino. Na perspectiva pós-moderna, a ideia de mapa identitário desaparece, dando lugar à ideia de deserto, apresentado como território de autocriação, sendo que tornar-se homem traduz-se, afinal, num processo de construção identitária livremente escolhido, uma espécie de apresentação teatral do si-próprio (Kellner, 1992).

O deserto representa, assim, o arquétipo e o viveiro da liberdade crua, nua e primitiva, que não é senão a ausência de limites. O que fazia com que os eremitas medievais se sentissem no deserto tão próximos de Deus era, refere Bauman (1995 [2007]) o sentimento de serem eles próprios como deuses; desembaraçados do hábito e da convenção, das carências dos seus próprios corpos e das almas dos outros, dos seus actos passados e das suas acções presentes.

Nos termos teóricos do presente, poderíamos afirmar que os eremitas terão sido os primeiros a experienciar um eu “desincorporado” e “não preenchido”. A sua peregrinação em busca de Deus era um exercício de autoconstrução. Nesse sentido, não terá sido em vão que a Igreja, que almejava ser a única concessionária da via de ligação a Deus, suspeitou dos eremitas desde o início, tendo desde muito cedo começado a intervir para os obrigar a entrar em ordens monásticas, sob a estreita supervisão das regras de rotina (Bauman, 1995 [2007]).

Entretanto, estamos no século XXI, e acreditamos que um mundo melhor, como nos lembra Popper (1994), continua a carecer de uma busca responsável e útil, não confundida, porém, com a procura de certezas. O que se propõe será uma busca que ambicione, conforme esclarece Santos (2003), a construção de um conhecimento prudente para uma vida efectivamente e não apenas política e discursivamente decente.

Com base nestes pressupostos, compreender os homens e as masculinidades exige o reconhecimento de que o conhecimento, como tão oportunamente, de resto, nos lembrou Bachelard (1971 [2001]), para além de nunca ser imediato, muito menos pleno, convida a problematizações várias, construídas à luz de enquadramentos teóricos e epistemológicos complementares e menos centrados ou em si mesmos ou em combates entre si.

Contudo, tais problematizações têm sido historicamente dificultadas, em diferentes domínios, por dispositivos de um pensamento científico de aplicação pretensamente universal (Bourdieu, 1998 [1999]), coadjuvados, como convém à perpetuação das lógicas de regulação social, por uma “negligenciada narrativa do *self*” (Giddens, 1992 [2001, p.91]).

1.2 Dos símbolos

Na análise que nos propomos, a partir deste momento, desenvolver em torno dos símbolos, em articulação com diferentes entendimentos sobre as masculinidades, partimos do pressuposto, tal como Butler (2004), que uma concepção normativa do género pode, em diferentes situações e contextos, perturbar a individualidade de uma pessoa, podendo mesmo, em casos mais complexos, silenciá-la por completo (Epstein et al., 2003).

Entendidos como instrumentos de conhecimento e comunicação, mas também, e por excelência, sinónimos de inclusão ou exclusão social, os símbolos (Goffman, 1963 [1982]), sua hierarquização e consequente assimetria de poder a eles associada (Bourdieu, 1989 [2007]), tornam possível uma aparente unanimidade, socialmente partilhada, acerca do sentido do mundo social que, por sua vez, contribui para a (re)produção de uma ordem social muito pouco favorável à ideia de diversidade, em geral, e sexual, em particular.

No quadro específico dos homens e das masculinidades, a concepção de masculinidade hegemónica, ensinada desde cedo pelas diferentes instâncias socializadoras (Connell, 1995; Vale de Almeida, 1995) e incorporada (Bourdieu, 1998 [1999]) por todos os homens ao longo do seu

processo desenvolvimental, independentemente da pluralidade das suas variáveis sócio-demográficas, entre elas, a orientação sexual, é considerada um elemento-chave para a forma como estes homens irão, ao longo das suas vidas, gerir, para além das suas construções identitárias, a expressão das suas emoções e dos seus afectos em diferentes palcos do quotidiano.

1.2.1 A masculinidade hegemónica como símbolo de prestígio

De acordo com Sheff (2006), a problematização da masculinidade conheceu o seu início em meados dos anos 80 do século XX, sendo que já em 1987 uma onda de investigadores (e.g., Brod, 1987; Connell, 1987; Kaufman, 1987; Kimmel, 1987) veio esclarecer que a masculinidade, não sendo uma categoria estática, resulta de um processo de construção social.

Tal entendimento, sustenta Kimmel (2001), implica uma análise da masculinidade num quadro que contempla uma diversidade de construções históricas, ideológicas, sociais, políticas e discursivas (Nogueira, 2001), produtoras de distintos sistemas simbólicos (Bourdieu, 1989 [2007]) estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento, no cumprimento de uma função política. No âmbito dos homens e das masculinidades, sustentamos que tal realidade contribui, em última análise, para perpetuar a dominação de uma classe sobre a outra, o que, por outras palavras, e no caso que presentemente nos ocupa, quer dizer de uns homens sobre os outros.

De resto, e tal como refere Brittan (2001), diferentes discussões sobre o tema parecem não abdicar de uma análise da masculinidade como algo estático e mensurável o que, a ser verdade, em nosso entender, significaria que existem homens mais homens do que outros ou, no limite do absurdo, homens mais reais, ou verdadeiros, do que outros.

Se, à partida, a fragilidade desta visão nos parece óbvia, a realidade é que a incorporação (Bourdieu, 1998 [1999]) do modelo cultural dominante da masculinidade parece regular as construções identitárias (Talburt & Steinberg, 2000 [2007]) dos homens, assombrando, arriscaríamos

dizer, todos os homens, independentemente, sublinhe-se uma vez mais, da sua orientação sexual e desde tenra idade.

Refira-se, a título de exemplo, a celebração de rituais distintivos marcadores da passagem de uma existência relativamente assexuada dos meninos para a condição de adulto como símbolo, em diferentes culturas, da integração destes na comunidade do seu sexo, sendo que tornar-se homem significa tornar-se um guerreiro (Donald, 2001).

É justamente com base nesta ideia, e nos múltiplos significados e consequências a ela associados, que justificamos a opção em focalizar a nossa análise numa desconstrução possível de diferentes experiências contraditórias de poder (Kaufman, 1994), herdado (Bourdieu, 1998 [1999]) pelos homens, admitindo, por um lado, o sexo e o género como realidades não confundidas entre si, e a existência de várias masculinidades, por outro, bem como as assimetrias de poder, nem sempre visíveis, porém, marcadamente vividas e sentidas, que as caracterizam.

Começamos pelo princípio, ou melhor, por um princípio, isto é, aquele que nos mereceu maior atenção. De acordo com Kaufman (1994), não é raro pensar-se que o mundo dos homens é, por definição, um mundo de poder. Esta não constitui, pensará quem nos lê, uma afirmação totalmente surpreendente. É verdade, concordamos! Porém, e reconhecendo os privilégios colhidos pelo facto de se pertencer ao sexo masculino, o autor denuncia o estado contaminado desse poder. Na verdade, defende a tese, a qual partilhamos, que a vida dos homens é, em geral, uma combinação de poder e privilégio, dor e dificuldades mais ou menos manifestas.

Não se trata, esclareça-se, de comparar, equiparando, o sofrimento dos homens com as formas de opressão sistémica e sistemática experienciadas pelas mulheres. Um pensamento assim seria, no mínimo, ilusório, profundamente redutor ou mesmo inútil. Trata-se, isso sim, de identificar uma realidade social pouco problematizada devido à força de uma biologização do social (Bourdieu, 1998 [1999]) assente numa concepção turva e, por isso, enganadora, que rotula (Naphy, 2004 [2006]) os homens como naturalmente fortes, resistentes e emocionalmente controlados.

Vejamos, pois, como se pode desenrolar tal processo. De acordo com Kane (2006), em geral, os pais, biológicos ou não, começam a genderizar os seus filhos, muitas vezes, mesmo antes destes nascerem e, no caso dos pais adoptivos, durante o período de espera pela sua chegada, não raras vezes, correspondente, em Portugal, a meses ou mesmo anos.

Quer num caso, quer noutro, o indivíduo não nasce membro da sociedade. Nasce, sim, com uma predisposição para a sociabilidade, tornando-se membro da sociedade. Por conseguinte, na vida de cada pessoa existe uma sequência temporal no decurso da qual a mesma é induzida a tomar parte na dialéctica da sociedade (Berger & Luckmann, 1966 [2004]), observando e cumprindo, sob pena de vir a ser punida, todo um dispositivo de normas e regras sociais de acordo com o seu sexo (Foucault, 1975 [2006]; Herek, 1991, 2009).

Presumir que os homens se tornam homens significa, deste modo, negar uma configuração da masculinidade no singular, estática, intemporal, a-histórica e a-política (Kerfoot, 2001). É neste contexto que Connell (1995) e Vale de Almeida (1995) se referem, desta forma, a um modelo socialmente idealizado e exaltado de masculinidade, designando-a por masculinidade hegemónica. Esta, por sua vez, servirá de contraste face a uma hierarquia de outras masculinidades, as quais, como mais à frente teremos oportunidade de constatar, designará por masculinidades subordinadas.

Connell (1995) defende, assim, a existência de uma multiplicidade de masculinidades, dentro das quais as masculinidades heterossexuais marginalizam e subordinam outras masculinidades, nomeadamente as não heterossexuais. Tal processo de construção das masculinidades é dinâmico e tem lugar em espaços que vão desde as famílias, à intimidade, à escola, ao local de trabalho ou ainda aos cenários desportivos (Robertson, 2006).

No entanto, e conforme sublinha Connell (1987), a masculinidade hegemónica não corresponde a um retrato dos verdadeiros homens nem sequer a um tipo de personalidade ou a uma característica masculina, mas antes a um ideal ou a um conjunto de prescrições normativas, simbolicamente representadas, e que norteiam, disciplinando, as mais diversas formas de estruturação do pensamento colectivo e individual, bem como as respectivas rotinas.

É precisamente nesta linha de pensamento que, e de acordo com Wetherell e Edley (1999), a masculinidade hegemónica se revela fortemente associada a uma ideia de homem macho, exemplificado na ficção cinematográfica em películas que vão desde o célebre Rambo, passando pelo Rocky ou o Exterminador. No entanto, de acordo com Robertson (2006), reificar o conceito de masculinidade hegemónica, por si só, poderia constituir um perigo caso não fossem devidamente examinadas as experiências dos homens em tornarem-se homens.

Assim, importa destacar que a masculinidade hegemónica é apresentada no trabalho de Connell como uma aspiração e não propriamente como uma realidade quotidiana da vida dos homens (Wetherell & Edley, 1999). Aliás, esta é uma ideia corroborada por Frosh (1994) ao reconhecer a impossibilidade ou mesmo a natureza fantasmática da masculinidade hegemónica, conferindo-lhe antes um estatuto de força reguladora.

Contudo, e independentemente da forma, ou formas, como cada homem se pensa a si mesmo no plano da sua sexualidade, a verdade parece ser que, longe do acaso, a homofobia, ou seja, o conjunto de preconceitos e atitudes negativas dirigidas aos não heterossexuais (Weinberg, 1972), exerce um papel decisivo na construção das masculinidades (Connell, 1987; Corbett, 2001; Kimmel, 2001; Pascoe, 2005).

Na verdade, Corbett (2001) adianta que os termos “maricas” ou “bicha”, ou “paneleiro”, no caso português, mais do que insultos, traduzem uma conotação associada a uma crença, que a ciência em tempos não muito remotos se encarregou de mascarar de facto, relacionada com uma falha no cumprimento integral da masculinidade. Tais termos servem, em nosso entender, e à semelhança dos exemplos das mensagens de Sam Nujoma e Robert Mugabe, os quais tivemos já oportunidade de mencionar no texto que produzimos sobre os homens e as masculinidades: Do peregrino ao *cyborg*, como tentativas de configurar a masculinidade hegemónica como um símbolo de prestígio (Goffman, 1963 [1982]).

Não será, por isso, de estranhar que os homens quando se apresentam diante dos seus pares, mas também das mulheres, movimentem os seus actos de forma a veicular perante as mais diferentes

audiências (Goffman, 1959 [1993]) a imagem que melhor os colocará face ao ideal da dita masculinidade hegemónica.

Assim se compreendem os esforços dos homens em tornar visível, quanto mais não seja, discursivamente, o seu repúdio pelo que os possa aproximar do socialmente percebido como feminino e, nesse sentido, de acordo a ordem social ocidental, entendido como fraco e inferior (Kimmel, 2001). Nesse contexto, estamos perante gestos claramente performativos (Butler, 1990), motivados pela força dos constrangimentos socialmente construídos (Vale de Almeida, 1995).

Assim se depreende que a ideia de masculinidade hegemónica apoia o domínio dos homens sobre as mulheres, bem como sobre os outros homens em posições subordinadas, devido, acrescente-se, a factores como a etnia, a classe social ou a sua sexualidade (Connell, 1995). De acordo com a mesma autora, enquanto as práticas políticas, culturais e económicas beneficiam a masculinidade hegemónica, subordinam as masculinidades que se afastam da heteronormatividade.

Contudo, e conforme refere Hamilton (2007), embora as estratégias de género sejam de carácter cultural, cognitivo e comportamental, as mesmas nem sempre se traduzem em práticas reflexivas, facto que significa que no processo de interação social, muitas das decisões e acções ocorrem de forma momentânea e mecanizada, frequentemente interpretadas como a “ordem [natural] das coisas” (Bourdieu, 1998 [1999, p.6]).

1.2.2 As masculinidades subordinadas como símbolo de estigma

As influências do conceito de masculinidade hegemónica relativas ao pensamento mais recente sobre os homens, o género e a hierarquia social são inegáveis (Connell & Messerschmidt, 2005). De facto, pese embora todas as transformações sociais que a história sempre gera, essa forma de comportamento idealizado parece habitar perenemente o pensamento dos homens, mas também das mulheres, sugerindo funcionar como uma espécie de barómetro segundo o qual estes se vão autoavaliando, no sentido de confirmar até que ponto estão mais ou menos afastados do

heteronormativamente espectável, não raras vezes, abusiva e absurdamente entendido como o normal (Miller, 1979).

Assim, e corroborando Swain (2006), a ideia de masculinidade hegemónica parece continuar a exercer uma vasta influência nas formas como os homens se vêem e se sentem, funcionando como algo que define o que é a norma dentro da qual devem estar, sendo que a heterossexualidade e os atributos à mesma socialmente associados se reveste, neste contexto, de particular importância. Tal entendimento, e de acordo com o mesmo autor, revela a sobrevivência da hegemonia pelo consentimento implícito, reforçada ainda pela cumplicidade de masculinidades social e discursivamente produzidas como subordinadas.

É neste contexto que diversos constructos sócio-culturais associados, a título de exemplo, a um físico atlético e forte, ao controlo da expressão emocional e afectiva, à competitividade, à auto-confiança e ao espírito de aventura (Swain, 2006) motivam, no contexto da modernidade ocidental (Bauman, 1991 [2007]), a fabricação de homens cujo sentimento de auto-identidade é organizado “em circunstâncias nas quais a tendência para a auto-suficiência existe a par de um *handicap* emocional potencialmente mutilador” (Giddens, 1992 [2001, p.81]), contribuindo para uma dificuldade em falarem sobre as suas emoções (Lilleaas, 2007), ou em assumir que algo possa não estar bem consigo (Helgeson, 1995).

Neste contexto, e no âmbito de um estudo realizado sobre masculinidades e educação, Swain (2005) sustenta que ser diferente da maioria constitui, na maior parte das situações, uma condição pouco cobiçada pelos rapazes. Na verdade, as poderosas pressões para a conformidade que caracterizam a cultura do grupo de pares vão no sentido dos rapazes pouco se distinguirem das normas socialmente acordadas.

Contudo, e paradoxalmente, os mesmos não deverão, por exemplo, cumprir escrupulosamente o regime escolar, tal como trabalhar afincadamente, manifestar muitos elogios, mostrarem-se demasiadamente delicados, falarem de forma demasiado formal ou correcta ou ainda revelarem-se demasiado elegantes ou quererem parecer demasiado diferentes, dado que a diferença é habitualmente comentada de forma mordaz.

Resta-lhes, então, sublinha o autor, trabalhar arduamente no sentido de aprenderem as normas do seu grupo de pares, sendo que para serem incluídos deverão ser capazes de falar sobre os assuntos certos, recorrendo aos discursos certos, com o mesmo estilo de vocabulário, vestir as roupas adequadas, jogar devidamente os jogos do grupo, movimentarem-se correctamente (e.g. forma de sentar, andar, correr, apanhar e lançar objectos, dar pontapés e bater), ou seja, da forma como, de acordo com a ideia de masculinidade hegemónica, um homem deve, naturalmente, fazer.

Assim se distinguem os que fazem parte “deste lado da linha” (Santos, 2009, p.23), leia-se, os “normais” (Goffman, 1963 [1982, p.8]) e os que fazem parte do “outro lado da linha” (Santos, 2009, p.23), isto é, os estranhos (Bauman, 1991 [2007]) ou os inexistentes (Santos, 2009). Nesta linha de raciocínio, estes últimos serão os produzidos social e discursivamente como inferiores ou subordinados (Morrow, 1996).

Esta breve abordagem aos resultados encontrados por Swain (2005) vem, em nosso entender, reforçar a legitimidade das leituras de Eribon (1999 [2008]), ao sugerir a linguagem quotidiana como algo que é trespassado por diversas relações sociais e de força (e.g., de classe, sexo, idade, orientação sexual).

Compreendemos que é na e pela linguagem, imagética incluída, que ocorre todo um processo de violência simbólica (Bourdieu, 1998 [1999]), fomentando o estigma, ou seja, essa condição ou atributo que desacredita a pessoa que o manifesta (Goffman, 1963 [1982]), como um fenómeno cultural com manifestações de carácter estrutural e individual (Herek, 2007).

Não será, pois, difícil de compreender que, na generalidade, os homens se revelem cúmplices face à ideia de masculinidade hegemónica, beneficiando, assim, de uma certa gratificação pessoal conquistada pelo facto de darem visibilidade a uma recusa por tudo o que possa ser percebido como feminino (Giddens, 1992 [2001]; Wetherell & Edley, 1999), sendo que a expressão emocional e afectiva não constitui qualquer excepção (Vale de Almeida, 1995).

Face a este entendimento, as masculinidades subordinadas (Connell, 1995), surgem em directo contraste com a ideia de masculinidade hegemónica, encontrando-se as primeiras posicionadas à

margem das formas socialmente legitimadas de masculinidade. Assim se justifica que estas sejam profundamente controladas, oprimidas e subjugadas (Swain, 2005).

Porém, esta ilusão moderna de que o sexo masculino constitui a essência daquilo que se entende por ser homem ignora a natureza histórica e transformadora de um conceito, no mínimo, instável (Butler, 1990), sendo necessário interrogar a relação entre sexo, heterossexualidade e a produção das masculinidades (Garlick, 2003).

Na realidade, diversos investigadores (e.g., Connell, 1992; Epstein, 1996; Epstein & Johnson, 1998; Gilbert & Gilbert, 1998; Johnson, 1996; Mason, 1996; Redman, 1996) defendem que o modelo dominante de masculinidade encara a homossexualidade como uma ameaça e, nesse sentido, tenta distanciar-se, ostracizando-a e oprimindo-a através da homofobia. De facto, Herek, Choop e Strohl (2007) conceptualizam o estigma sexual como um sistema de crenças socialmente partilhado através do qual as pessoas não heterossexuais são denegridas e desacreditadas por referência à heterossexualidade.

A este propósito, Eribon (1999) [2008], sugere que o homossexual é colocado numa situação de inferioridade, uma vez que pode ser objecto do discurso dos outros, acontecendo o mesmo, arriscamos afirmar, com outras pessoas que se entendam e se apresentem a si mesmas com uma sexualidade socialmente não normativa.

De acordo com o mesmo autor, a carga negativa do estigma é tal que conduz a pessoa a fazer tudo o que está ao seu alcance para não ser considerada um dos membros da categoria visada pela injúria, num esforço constante pela manutenção da condição de desacreditável (Goffman, 1963 [1982]), isto é, aquele de quem ninguém suspeita que possa, por algum motivo, ser “menos homem”.

É precisamente na linha desse esforço que os rapazes do estudo de Swain (2005) são subordinados pela percepção de serem menos capazes em determinadas actividades físicas, isto é, por exibirem menos força física, velocidade ou aptidão ou ainda por pertencerem a turmas de educação especial.

A subordinação, prossegue o autor, pode ainda resultar do facto de ser percebida alguma inconsistência quanto ao domínio dos temas do momento, tais como, e a título de exemplo, um determinado programa televisivo, ou o jogo de computador mais em voga, ou os termos técnicos do futebol.

A mesma subordinação é visível através de uma valorização, nem sempre intimamente sentida, porém discursivamente exigida face à desejada aceitação social, de diversas expressões mais insultuosas associadas à sexualidade, pelo que os rapazes mais determinados em escapar à discriminação deverão ser capazes de conhecer e de pronunciar.

Nesta linha de raciocínio, parece-nos inegável o facto de que a homofobia exerce um papel fundamental na construção das masculinidades (Connell 1987; Corbett 2001; Kimmel 2001; Pascoe 2005). Na verdade, tal como refere Corbett (2001), o termo maricas, mais do que um insulto, significa uma espécie de falha do homem, no sentido deste não ser totalmente masculino. Aos homens “verdadeiros” exige-se, portanto, que repudiem o feminino ou o que estes possam ter incorporado como sendo fraco, sem poder e inconsequente (Kimmel, 2001).

É neste contexto que Epstein (1996) sugere que a masculinidade hegemónica e a heterossexualidade estão definitivamente entrelaçadas, permitindo antever que um homem para ser considerado verdadeiro deverá respeitar o percurso e as regras da peregrinação (Bauman, 1991 [2007]), deixando as marcas da mesma (Bauman, 1995 [2007]), não apenas nas acções que desenvolve, mas também nos discursos que profere.

1.3 Das expectativas

Sempre que se pensa ou fala de um homem ou de uma mulher fazemo-lo por referência a um determinado sistema de compreensão com diferentes implicações, entoações e alusões acumuladas ao longo da história (Connell, 2009).

Por essa razão, e porque na vida quotidiana a importância das primeiras impressões é muito clara, sempre que uma pessoa se apresenta perante diferentes audiências (e.g., família, amigos, colegas, local de trabalho, escola), não é rara a sua preocupação em controlar, através do seu desempenho, as impressões que estas possam a seu respeito construir. Tais esforços visam, em última análise, evitar a sua desacreditação e, conseqüentemente, eventuais sentimentos de hostilidade (Goffman, 1959 [1993]).

Neste contexto, a análise que nos propomos desenvolver em torno das expectativas parte do pressuposto de que a incorporação, nem sempre consciente, de diferentes esquemas de percepção e avaliação das estruturas históricas da ordem masculina (Bourdieu, 1998 [1999]), inscritos em papéis sociais bem definidos, associados a direitos e deveres (Goffman, 1959 [1993]) limitam as condições de possibilidade das práticas (Dosse, 1992 [2007]), contrariando a ideia de atitude natural.

1.3.1 O legado estruturalista e as práticas dos agentes

Se subjacente à ideia de classificar corresponde a intenção de dar ao mundo uma estrutura, uma classificação do tipo binário corresponderá, conforme nos propõe Bauman (1991 [2007]), a uma espécie de oposição entre amigos e inimigos, cuja relação sugere uma lógica que oscila entre “*fazer e sofrer, entre ser sujeito ou objecto da acção. [Bem como] uma posição entre avançar e recuar, entre a iniciativa e a vigilância, entre dominar e ser dominado, entre agir e reagir*” (p.65).

Esta classificação binária, aqui entendida como um exercício de poder associado à modernidade ocidental, ainda que escudado por uma fundamentação alicerçada numa ordem disfarçada com o rótulo da natureza, visa consagrar essa mesma “ordem (...), trazendo-a à existência conhecida e reconhecida” (Bourdieu, 1998 [1999, p.8]). Desta cartografia epistemológica (Santos, 2009) resulta a co-existência de uma tensão entre regulação e emancipação e uma tensão entre apropriação e violência.

De facto, à luz deste legado estruturalista, assente num conjunto de requisitos culturais fortemente inscritos simbolicamente em termos de prestígio e de estigma (Goffman, 1963 [1982]) é transmitida uma mensagem que pretende clarificar desde cedo o que uma pessoa do sexo masculino deve reunir, a fim de que possa ser considerada um homem (Vale de Almeida, 1995).

É precisamente a incorporação desta ordem de género (Connell, 2005) que, em nosso entender, condiciona as práticas dos agentes, motivando-os para a concepção, ensaio e aperfeiçoamento de múltiplos desempenhos, exibidos em jeito de fachada, quando em presença das mais diversas audiências e nos mais variados palcos (Goffman, 1959 [1993]).

É justamente nesta linha de pensamento que a fachada, entendida como “o equipamento expressivo de tipo padronizado, empregue intencional ou inconscientemente pelo indivíduo durante o seu desempenho” (Goffman, 1959 [1993, p.34]), se torna uma espécie de via verde para a integração no mundo dos homens (Kaufman, 1994), caducando, por um lado, na nossa perspectiva, a validade de um pensamento abissal (Santos, 2009) que distingue o (homem) verdadeiro do (homem) falso, embora ratifique, por outro, essa mesma ordem social.

1.3.2 Problematizações éticas feitas a partir das práticas de si

Considerando que a sociedade moderna ocidental atravessa, ainda que de forma discutível, uma fase de transformação das visões do mundo, o desejo de outrora (que na verdade não desapareceu) de interpretar os fenómenos em termos de relações lineares, de ordem causal e de redução estatística, passou a estar acompanhado de uma outra percepção defensora da tese que sustenta que grande parte do que experimentamos no universo, senão mesmo a totalidade, é mais entendido em termos de noções fluidas (Davis & Sumara, 2000 [2007]). Tal movimento reflecte, poderemos afirmar, um distanciamento do projecto redutor do modernismo e uma aproximação do movimento expansivo do pós-modernismo.

Tomando por referência as contribuições de Boaventura de Sousa Santos para o debate epistemológico no Norte (Santos, 1987, 1989, 2000, 2003, 2007a, 2007b), isto é, ancorado num

pensamento abissal, caracterizadas pela “identificação de um conjunto de processos e de manifestações de crise que são interpretados no quadro de uma crise mais geral do projecto da modernidade” (Nunes, 2009, p. 231), a designação “pós-modernidade” tem sido utilizada para, de forma abreviada, caracterizar um processo de transformação que interroga o projecto da ciência moderna e a sua viabilidade.

Ora, se, conforme salienta Vale de Almeida (1995, p.128) – “ser” homem, no plano das construções ideológicas e das interacções sociais quotidianas está longe de se constituir uma realidade reduzida aos caracteres sexuais, a verdade é que há todo um “conjunto de atributos morais de comportamento, socialmente sancionados e constantemente reavaliados, negociados [e] lembrados” –, a fim de reforçar um ideal socialmente valorizado de masculinidade, de resto, anteriormente representado pela masculinidade hegemónica (Connell, 1995; Vale de Almeida, 1995) como símbolo de prestígio (Goffman, 1963 [1982]), deslegitimando outras formas de “ser” homem.

Por outro lado, e de acordo com Butler (2004), se eu for alguém que não pode *ser* sem *agir*, então as condições dos meus actos são, ainda que parcialmente, as condições da minha existência. Se os meus actos dependerem daquilo que me é feito, ou melhor, as maneiras em que sou formado pelas normas, então a possibilidade da minha persistência como um “eu” depende da minha capacidade de fazer algo com o que me é feito a mim. Isto não significa que possa refazer um mundo de tal modo que me torne o seu criador.

Tais considerações remetem-nos, em nosso entender, para a necessidade de questionar certas generalizações, tão acarinhadas pelo modernismo, que abrangem tudo e todos, excepto uma pluralidade de outros (Vaz, 2003). Remetem-nos ainda para a necessidade de denunciar a opressão com que os homens se constroem, numa demonstração clara e inequívoca de rompimento face a princípios éticos supostamente fundamentais.

Importa ainda, tal como refere Prazeres (2008), a propósito das encenações da trama amorosa, esclarecer que a dramaturgia e a performatividade, longe de constituírem “dotes naturais” (p.30) traduzem o impacto de exigências que ultrapassam a responsabilidade individual.

1.4 Das punições

Na análise que nos propomos, a partir deste momento, desenvolver em torno das punições, assumimos o pressuposto de que a liberdade se constrói de forma assimétrica no quadro de interação social (Bauman, 1988 [1989]), sendo responsável pela criação de normas e pressões externas, incorporadas pelos homens e reguladoras do pensamento e acção individuais.

Assim, e do mesmo modo que “não é necessário recorrer à força para obrigar o condenado ao bom comportamento, o louco à calma, o operário ao trabalho, o escolar à aplicação, o doente à observância das receitas” (Foucault, 1975 [2006, p.167]), também não é imperativo recorrer à força para disciplinar os homens. Na verdade, advogamos aqui a ideia de que as punições, ou injúrias, não sendo apenas uma fala que descreve, mas antes enunciados performativos (Eribon, 1999 [2008]), visam, em última análise, demarcar a fronteira entre os normais e os estigmatizados (Goffman, 1963 [1982]).

É nesta linha de pensamento que, no quadro específico dos homens e das masculinidades, justificamos a produção cultural do estranho, ou seja, daquele que é social e discursivamente construído como afastado do ideal de masculinidade hegemónica, como um interesse moderno em conservar uma ordem de género avessa à diversidade. Tal facto remete-nos para uma problematização das condições de fabricação social e política do desacreditado e do desacreditável (Goffman, 1963 [1982]), em articulação com a noção de direitos humanos.

1.4.1 A produção cultural do estranho e sua domesticação

Atendendo a que “a estrutura central tanto do intelecto como da prática modernos [no Ocidente] é a oposição – mais precisamente, a dicotomia” (Bauman, 1991 [2007, p.25]), tal não poderia deixar de ter implicações, de resto, conforme tivemos ocasião de apresentar, na forma como os homens e as masculinidades são social e discursivamente fabricados. Assim, se a masculinidade hegemónica (Connell, 1995; Vale de Almeida, 1995) corresponde a uma espécie de ideologia que é experien-

ciada quanto à forma como um homem deve “ser” e “parecer”, as masculinidades subordinadas correspondem, como se disse, precisamente ao inverso.

Começemos pelas construções discursivas. Tornar-se homem heterossexual, homossexual, bissexual ou, como alguns se definem, à luz de pressupostos pós-estruturalistas associados à identidade (Butler, 1990; Moita, 2001; Vale de Almeida, 2004), simplesmente pessoas, implica, desde logo, falarmos de realidades distintas, por sua vez associadas a uma assimetria de poderes.

Na realidade, as classificações binárias, como dissemos, características da modernidade ocidental, assentam numa peremptória motivação em tornar o mundo governável (Bauman, 1991 [2007]) mostrando-se alheias a uma cidadania diferenciada (Young, 1990, 1995), isto é, a uma “estrutura social através da qual os diferentes grupos identitários [são autorizados a exprimir] a especificidade da sua história e dos seus valores” (Carneiro, 2009, p. 52).

Tal ausência motiva, em vez disso, uma sujeição real dos homens, sobretudo em palcos *offline* (e.g., família, amigos, colegas, local de trabalho, escola) por referência à tão propagandeada ordem natural das coisas (Bourdieu, 1998 [1999]), que produz como estranho (Bauman, 1991 [2007]) todo aquele que se revele afastado dos cânones da dita normalidade.

Para além disso, e face a este encadeamento, o facto dos homens, independentemente da sua orientação sexual, perceberem que podem tornar-se alguém de “quem se pode dizer isto ou aquilo, alguém a quem se pode dizer isto ou aquilo, [ou ainda] alguém que é objecto dos olhares, dos discursos e que é estigmatizado por esses olhares e esses discursos” (Eribon, 1999 [2008, p. 28]), conduz a uma domesticação das diferenças face ao ideal da masculinidade e, em última análise, do próprio estranho, isto é, todo aquele que não se revê no quadro das prescrições normativas associadas à masculinidade hegemónica.

Por outro lado, e se considerarmos a masculinidade hegemónica um ideal e não um retrato dos verdadeiros homens (Connell, 1995, 2009), o estranho parece estar, afinal, em toda a parte, permitindo-nos não só desmascarar a fragilidade conceptual das oposições binárias, mas ao mesmo tempo

destacar as suas potencialidades reguladoras das identidades e das apresentações de si, uma vez mais, particularmente nos palcos *offline* (e.g. família, amigos, colegas, local de trabalho, escola).

Concluindo, se, por um lado, a expressão “ser” homem, sugere, em nosso entender, um determinismo biológico, desde logo, contrário à ideia intrinsecamente polissémica e controversa da pós-modernidade, por outro, contribui para reforçar um conceito de identidade social masculina (Goffman, 1963 [1982]) que exige por parte dos homens o cumprimento diligente de um conjunto de expectativas socialmente construídas, dadas as ameaças de punição em caso de incumprimento.

1.4.2 A desacreditação do estranho: Discriminação e direitos humanos

Consideramos que a cidadania, conforme propõe Carneiro (2009, p. 59), “não se esgota no reconhecimento formal de direitos e deveres, mas que é também nos sentimentos de pertença e de participação que reside o seu exercício”. No entanto, reconhecemos, a par de Weeks (1995 [2005]), que essa mesma cidadania envolve uma versão particular de comportamento sexual e vida privada, alimentada pelo discurso, facto que promove, em nosso entender, uma discriminação dos homens mais ou menos afastados do ideal de masculinidade hegemónica (Connell, 1995; Vale de Almeida, 1995) e, conseqüentemente, uma fragilização dos direitos humanos.

O medo da desacreditação (Goffman, 1963 [1982]), isto é, de se ser descoberto como afastado aqui ou ali relativamente ao ideal da masculinidade hegemónica (Connell, 1995; Vale de Almeida, 1995), contribui para uma atitude geral de reserva, consubstanciada, não raras as vezes, num afastamento da vida social (Eribon, 1999 [2008]), de forma a evitar a injúria.

Tal facto permite-nos considerar, corroborando Young (1990, 1995), que as democracias neoliberais se pautam, sistematicamente, por “uma homogeneização dos processos e dos resultados da actuação política com evidentes desvantagens para os grupos sociais oprimidos” (Carneiro & Menezes, 2004, p.2). Todavia, importa não ignorarmos o facto de, no contexto da presente investigação, incluirmos aqui todos os homens, independentemente da sua orientação sexual e não apenas os não heterossexuais.

1.5 Masculinidades e saúde

Estudar os homens como uma categoria estável constitui, como tivemos já oportunidade de afirmar, uma ilusão, podendo mesmo conduzir a resultados profundamente enganadores (Connell, 1987). De facto, os homens não são todos iguais e diferentes grupos de homens enfrentam condições distintas dentro da ordem de género (Sabo, 2005). Como vimos também, em cada momento histórico coexistem diferentes masculinidades, umas dominantes, outras marginalizadas, outras estigmatizadas, cada uma com os seus respectivos laços estruturais, psicossociais e culturais que, por sua vez, provocam variações na saúde dos homens (Sabo, 2005).

De uma forma geral, é possível afirmar que a produção teórica desenvolvida neste âmbito seguiu a trajectória conceptual dos estudos de género e, mais especificamente, do estudo dos homens e das diferentes masculinidades e, dentro destas, respectivas hierarquias (Connell, 2000; Sabo, 1998). Entretanto, o recurso às perspectivas feministas críticas com vista a analisar os homens, as masculinidades e a saúde deu origem ao que se convencionou designar por estudos da saúde dos homens (Sabo & Gordon, 1995). De acordo com estas perspectivas, a saúde dos homens é profundamente afectada pelas diferenças de poder que moldam as relações entre homens e mulheres, mulheres e mulheres e homens e homens (Courtenay, 2000a, 2000b).

Assim, diversos investigadores têm vindo a interessar-se pelo estudo das influências do género na saúde e doença dos homens (e.g., Courtenay & Keeling, 2000; Sabo, 2005; Sabo & Gordon, 1995; Schofield, Connell, Walker, Wood, & Butland, 2000) em questões tão diversas como o abuso de álcool (e.g., Breen, 2002; Isenhardt & Silversmith, 1994; Roberts & Mohan, 2002), o uso de esteróides anabolizantes (e.g., Glassner, 1989; Messner & Sabo, 1994), HIV/SIDA (e.g., Garrett, 1994; Ron & Rogers, 1989), dor e negação do sintoma (e.g., Hoffmann & Tarzian, 2001; Robinson, Riley & Myers, 2000), cancro da próstata (e.g., Gray, 2003; Greco & Blank, 1993; Martin, 1990), suicídio (e.g., Moscicky, 1994; Portner, 2001; Stillion, 1995), cancro testicular (e.g., Blesch, 1986; Devesa et al., 1999; Kinkade, 1999), violência (e.g., Connell, 2000; Kaufman, 1998; Kuypers, 1992; Pellegrini & Long, 2002), homens gays e bissexuais (e.g., Fox et al., 2001; Kimmel & Levine, 1989; Stall & Wiley, 1998), homens atletas (e.g., Freeman & Villarosa, 2002; Messner & Sabo, 1994),

homens cuidadores (e.g., Kaye & Applegate, 1995; Kramer, 1997), homens detidos (e.g., Kupers, 1999; Levit, 2001; Newton, 1994; Sabo, Kupers, & London, 2001) e homens inférteis (Webb & Daniluk, 1999).

No que concerne, por exemplo, ao uso de esteróides anabolizantes (e.g., Glassner, 1989; Messner & Sabo, 1994), a investigação tem dado conta que diversos homens, em nome de um ideal de masculinidade hegemónica, recorrem a estes produtos como forma de maximizar a sua massa muscular, aumentando a sua força física e melhorando a sua performance ainda que, dessa forma, coloquem frequentemente em risco a sua saúde.

Relativamente à dor e negação do sintoma (e.g., Hoffmann & Tarzian, 2001; Robinson et al., 2000), estudos conduzidos nos Estados Unidos da América revelaram diferenças entre os homens e as mulheres no que concerne à experiência e percepção da dor. Concretamente, os autores referem o facto dos rapazes e dos homens, à luz do ideal da masculinidade hegemónica, serem ensinados a não expressar a dor, negando-a.

Por outro lado, no que diz respeito à violência (e.g., Connell, 2000; Kaufman, 1998; Kuypers, 1992; Pellegrini & Long, 2002), a investigação tem revelado que os rapazes que manifestam comportamentos de agressividade entre o seu grupo de pares são mais populares, constituindo, assim, a agressividade um símbolo de distanciamento face às mulheres e à feminilidade.

Um outro exemplo, desta vez relacionado com os homens inférteis (Webb & Daniluk, 1999), a investigação, ainda que escassa nesta matéria, tem revelado que a infertilidade masculina é percebida pelos homens como um violento golpe nas suas identidades masculinas.

Face a estas realidades, e não ignorando o forte denominador comum chamado masculinidade hegemónica, nos mais diversos estudos relacionados com as masculinidades e a saúde, os resultados têm evidenciado uma menor procura de ajuda profissional por parte dos homens, incluindo as situações de depressão e ansiedade (Kessler, Brown, & Broman, 1981; Tudiver & Talbot, 1999).

É neste encadeamento que Courtenay (2000a, 2000b) refere que, em comparação com as mulheres, os homens sofrem em maior número de doenças crónicas severas, liderando, no contexto norte-americano, 15 diferentes causas de morte e morrendo mais cedo cerca de 7 anos do que as mulheres. O mesmo autor justifica estas diferenças à luz de um conjunto de crenças e comportamentos relacionados com a saúde, sendo que os homens revelam adoptar um menor número de comportamentos promotores de saúde e longevidade.

Courtenay (2000a, 2000b) acrescenta ainda que os homens e os rapazes experienciam uma enorme pressão social dadas as expectativas socialmente construídas em torno das masculinidades, a si dirigidas, bem como as respectivas ameaças de punição em caso de incumprimento das mesmas. Tais expectativas remetem para conceitos como forte, independente, robusto, auto-confiante e duro (Golombok & Fivush, 1994; Martin, 1995; Williams & Best, 1990).

Síntese

Reflectir sobre os homens e as masculinidades por referência a um conjunto de símbolos, expectativas e punições socialmente produzidos constituiu o objectivo central do presente capítulo. Identificados, neste contexto, os debates entre modernidade e pós-modernidade, recorreremos à metáfora utilizada por Santos (2009) relativa aos dois lados da linha, a fim de representar “deste lado da linha” (p.23) o ideal de masculinidade, designado por Connell (1995) e Vale de Almeida (1995) por masculinidade hegemónica e “do outro lado da linha” (p.23) as masculinidades, de acordo com Connell (1995), subordinadas.

Estabeleceu-se ainda uma leitura da construção social das masculinidades em função de diferentes símbolos de prestígio e símbolos de estigma (Goffman, 1963 [1982]), facto que nos permitiu esclarecer um conjunto de expectativas e punições, por sua vez responsáveis por um conjunto de implicações para a saúde dos homens.

CAPÍTULO II

**SEXUALIDADES MASCULINAS,
EXPRESSÃO EMOCIONAL E AFECTIVA E INTIMIDADE**

Sinopse

As actuais concepções alternativas a um modelo sexológico dominante (Quartilho, 2003), descrito por Plummer (2005) como alicerçado na ideia de uma sexualidade masculina natural, instintiva, poderosa, incontrolável, centrada no pénis e numa procura incessante pelo orgasmo, associada à procriação, logo, conforme refere Vaz (2003), à heterossexualidade como sinónimo de normalidade, estabelecem que as sexualidades humanas são marcadas por questões simbólicas ligadas a questões de poder (Vale de Almeida, 2004). Na verdade, na maior parte das culturas, o género encontra-se associado a um conjunto de normas e prescrições sobre uma diversidade de aspectos da vida das pessoas, incluindo as experiências e formas de expressão emocional e afectiva (Zammuner, 2000).

O presente capítulo parte do pressuposto de que, no caso específico dos homens e das masculinidades, e conforme refere Seidler (2007), muitos homens, sobretudo no contexto da modernidade ocidental, aprenderam, em diferentes palcos *offline* (e.g., família, amigos, escola, local de trabalho, intimidade), a regular a expressão emocional e afectiva, dada a incorporação de um modelo dominante que associa a razão à masculinidade e a emoção à feminilidade (Vale de Almeida, 1995).

2.1 Sexo, sexualidades e poder

A breve “excursão por outras sociedades com perspectivas diversas e menos obsessivas sobre a *coisa sexual*” proposta por Vaz (2003, p.18), a fim de explicar a sua concordância com Weeks (1985) [2005] quando este se refere à sexualidade como algo que diz respeito a palavras, imagens, rituais, fantasias e corpo, parece-nos uma boa forma de iniciarmos uma compreensão possível em torno da combinação entre sexo, sexualidades e poder.

Deste modo, e considerando, de acordo com uma perspectiva feminista, que as questões de poder são habitualmente silenciadas nos modelos de investigação convencional (Quartilho, 2003), importar-nos-á, por um lado, dar uma certa inteligibilidade ao facto dos homens, em geral, se ocuparem e preocuparem em corresponder ao que tantas vezes abusivamente se designa por “normalidade” e, por outro, identificar algumas questões colocadas por uma cultura falocêntrica (Plummer, 2005), em particular as que nos permitirão uma melhor compreensão de diversas ansiedades masculinas relacionadas com as sexualidades (Giddens, 1992 [2001]).

2.1.1 A construção histórica e discursiva das sexualidades masculinas

Para um pensamento mais obediente face aos desígnios da ordem moderna ocidental, reflectir sobre a construção histórica e discursiva das sexualidades masculinas, tal como propomos, poderá parecer estranho ou, no limite, desnecessário. Afinal, haverá mais do que uma sexualidade? A resposta é sim, ainda que nos inquiete o facto da tão prestigiada Organização Mundial de Saúde, na sua definição de sexualidade, permeável ao discurso de alguns técnicos elevados ao “estatuto de gurus” (Vaz, 2003, p.38), aparentemente, não o reconhecer.

De facto, tal como Connell (1995) identifica diferentes masculinidades, associando às mesmas diferentes níveis de poder, assim Plummer (2005) reconhece múltiplas sexualidades masculinas, ainda que, sublinha, ensombradas e reguladas por um modelo hegemónico, heteronormativo, centrado na genitalização e na desvalorização da expressão emocional e afectiva, por considerá-la feminina.

Todavia, ainda que fundamental, pensar exclusivamente no modelo hegemónico da sexualidade não é suficiente, adverte Connell (1995), dada, por um lado, a diversidade como característica da existência humana, e não como excepção, e o facto dos seres humanos se constituírem agentes e actores com capacidades de resistência e transformação das hegemónias, por outro.

Na verdade, não poderíamos estar mais de acordo. Aliás, se acrescentarmos a necessidade, como tão oportunamente reivindica Naphy (2004 [2006]), de analisarmos as histórias não ocidentais associadas às homossexualidades, ou de estudar as sexualidades (im)possíveis problematizadas por Moita (2003), ou as influências da religião sobre estas (Pacheco, 2003), ou ainda as leituras da antropologia a propósito das mesmas (Vale de Almeida, 2003), rapidamente compreendemos, por um lado, o quão complexa poderá ser a construção histórica e discursiva das sexualidades em geral e, por outro, que a história ocidental não corresponde, afinal, à História, até porque “importantes civilizações se desenvolveram e continuam a existir à margem dos padrões das culturas cristãs do Ocidente” (Naphy (2004 [2006, p.16])).

De resto, foi com base no reconhecimento e legitimação da pluralidade sexual que emergiram os estudos das novas sexualidades, configuradas por leituras associadas ao pós-modernismo (Plummer, 2005). Estas novas teorias das sexualidades (Plummer, 2002) têm em conta uma organização social que enquadra as sexualidades de acordo com diferentes *scripts*, discursos e histórias, distanciando-se, deste modo, das clássicas visões puramente essencialistas (e.g., Foucault, 1976 [1994]; Gagnon & Simon, 1973; Jackson, 1999; Plummer, 1995).

Inscritas nas novas teorias das sexualidades, destacamos, a par de Johnson (2002), a importância que os estudos feministas, lésbicos, *gay* e *queer* representaram, e continuam a representar, para a quebra de um silêncio que, de acordo com as leituras hegemónicas, nega a existência da diferença, apoiando a falsa ideia de que a cultura dominante seria a única cultura.

O facto do pensamento hegemónico privilegiar a associação entre heteronormatividade e cidadania (Johnson, 2002) confere às sexualidades não heterossexuais uma espécie de cidadania de segunda classe (Steinberg, 2000 [2007]). Além disso, e à luz dos pressupostos

pós-modernos, constitui ainda uma violação de direitos humanos fundamentais, pela negação do direito à diferença.

Tal pensamento promove políticas de “*passing*” (Johnson, 2002, p.320), o que, por outras palavras, significa que o facto de se promover oficialmente a heterossexualidade, como se de uma categoria estanque se tratasse, em detrimento das homossexualidades, constitui um forte incentivo com vista a que todas as pessoas se façam passar por heterossexuais. Por outro lado ainda, tal pensamento hegemónico ignora o facto de que as fronteiras das identidades sexuais, não sendo estanques, convidam a uma exploração, reconhecimento e aceitação da diversidade dentro de cada categoria.

Todavia, e na impossibilidade de mapear aqui (ou em qualquer outro lugar) a construção histórica e discursiva das sexualidades masculinas, até porque o próprio entendimento de história é complexo (Vaz, 2003), regressamos por agora ao nosso “quintal” presente para, a propósito do enunciado pelo modelo hegemónico da sexualidade, como descrevemos, centrado na genitalização, argumentar que o pénis adquire um poderoso estatuto simbólico capaz de promover o melhor e o pior na vida dos homens (Zilbergeld, 1999).

Se não vejamos: de acordo com a cultura ocidental moderna, um pénis erecto transforma-se num símbolo de poder e de realização e um pénis flácido num símbolo de fraqueza, ausência de vigor e controlo (Plummer, 2005), afastando-se, deste modo, do ideal de masculinidade hegemónica (Connell, 1995).

É neste contexto que Tiefer (1995) aponta diversas críticas, entre elas, feministas, ao modelo de resposta sexual humana proveniente dos trabalhos de Masters e Johnson, nos anos 60 do século XX (Quartilho, 2003). Na impossibilidade de desenvolvermos neste espaço todas as críticas sugeridas por Tiefer (1995), optámos por dar visibilidade às que, em nosso entender, melhor nos poderão auxiliar, num primeiro momento, numa compreensão possível da relação entre sexo, sexualidades e poder e, num outro, nas implicações desta mesma relação relativamente às formas de vivenciar e expressar as emoções e os afectos por parte dos homens.

Assim, e de acordo com Tiefer (1995), o modelo hegemónico da sexualidade humana promove, por um lado, a ideia dos homens como sendo centrados nas experiências sexuais múltiplas e na gratificação física e, por outro, a das mulheres como mais interessadas na intimidade e na comunhão emocional.

Nesse sentido, não será por acaso que os homens se encontram mais imunes do que as mulheres, ou totalmente imunes, à censura relativa à actividade masturbatória, por exemplo. Por outro lado, a autora critica a medicalização da sexualidade, ao inscrevê-la ao serviço de um modelo centrado na genitalização da sexualidade e numa valorização excessiva do coito.

Não serão, pois, de acordo com tais críticas, de estranhar as promessas dirigidas aos homens, no sentido de melhorar a sua performance sexual. Falamos da medicalização da sexualidade, de acordo com a autora, uma indústria destinada a controlar importantes aspectos do comportamento humano, entre eles, os sexuais. Falamos também dos mais variados anúncios, tantas vezes divulgados de forma massiva por correio electrónico, de produtos que prometem aumentos consideráveis do tamanho do pénis e da melhoria da performance sexual.

Importa referir, no entanto, que subjacente à adesão por parte dos homens à medicalização da sexualidade se encontra uma realidade largamente ocultada, não raras vezes consubstanciada em histórias de ansiedade e sofrimento (Courtenay, 2000a, 2000b; Stibbe, 2004).

No entanto, e dado o estoicismo a que os homens estão votados, a ansiedade e o sofrimento a que nos referimos serão, quase sempre, vividos de forma silenciosa e solitária, resultando as mesmas em consequências negativas para a sua saúde (Sabo, 2005). Recordamos, a este propósito, a pertinência do último ponto do capítulo anterior, referente às masculinidades e saúde.

Chamamos ainda a atenção, a fim de exemplificar esta realidade, para pequenos excertos de algumas cartas escritas por homens a Marie Stopes, uma mulher inglesa conhecida pelo seu trabalho pioneiro no âmbito do planeamento familiar, sobretudo na primeira metade do século XX, e que ilustram algumas dessas preocupações masculinas: “Impotência, emissões nocturnas, ejaculação precoce, preocupações com o tamanho e a função do pénis” Giddens (1992 [2001, p.82]).

Não deixa de ser curioso, porém não surpreendente, que muitos dos homens que entraram em contacto com Stopes, conforme prossegue Giddens (1992 [2001, p.82]) “tiveram o cuidado de assinalar que não eram pessoas fracas, mas um homem alto e forte, fisicamente acima da média, bem constituído, atlético [e] fisicamente muito forte”.

É justamente de acordo com este raciocínio que Tiefer (1995) identifica também a emergência de um conjunto de medos construídos pelos homens, contextualizando-os à luz da incorporação do modelo hegemónico da sexualidade ou, o mesmo será dizer, da heterossexualidade. Referimos alguns desses exemplos: o medo do pénis não se tornar erecto na ocasião certa e no tempo certo; o medo deste não ficar erecto o tempo suficiente; e o medo que este não fique erecto, de todo. Curiosamente, ou não, os afectos parecem não habitar o modelo hegemónico da (hetero)sexualidade masculina.

Na verdade, é o facto das pessoas manifestarem um raciocínio fundamentalmente biológico em torno da sexualidade que mais facilmente as faz aderir a um discurso pretensamente científico e universal, contribuindo para alimentar o modelo dominante (Tiefer, 2001).

Contudo, esta linha de pensamento associada a uma sexualidade que, entendemos, alheia à ideia de sexualidades enquanto modo de satisfação de uma diversidade de motivações, revela uma desvalorização inequívoca da influência da cultura e da sociedade, bem como dos significados e das relações de poder entre as pessoas (Quartilho, 2003).

Todavia, e tal como referimos no início, a História faz-se de várias histórias e de leituras diversas. Daí que, e contrariando o modelo hegemónico da sexualidade, para desassossego da ordem social ocidental, Segal (1997) sustente o argumento de que a sexualidade masculina não é certamente uma qualquer experiência única partilhada pelos homens. Não é de todo uma qualquer coisa única e simples – mas sim o local onde reside um qualquer número de emoções de fraqueza e força, prazer e dor, ansiedade, conflito, tensão e luta.

Nesse sentido, e de acordo com o mesmo entendimento, a sexualidade masculina não pode ser reduzida aos significados mais populares dos actos sexuais, e muito menos aos próprios actos se-

xuais por si só. Apenas se torna inteligível no contexto de verdadeiros relatos de relações íntimas de homens com outros – ou a sua falta.

A corroborar este entendimento, Whitehead (2002) sustenta que as sexualidades humanas correspondem a acções históricas complexas, relações e práticas performativas desenvolvidas através de metáforas e linguagens, moldadas por divisões sociais, pela classe e pelo género. Plummer (2005) acrescenta ainda que as mesmas se encontram ancoradas em processos políticos e constantemente expostas à mudança.

Nesse sentido, entendemos que as sexualidades humanas não correspondem apenas a simples factos biológicos, mas também, e sobretudo, a questões simbólicas associadas a (di)visões de poder. Aliás, diversos autores vão mais longe ao denunciar o facto da investigação sobre sexualidade humana ter sido construída, e em muitos casos continuar a sê-lo, dentro de uma cultura homofóbica (e.g., Connell, 1992; Herek, 1987; Patterson, 1995). Contudo, defender esta visão hegemónica (e homofóbica) da sexualidade significa cair na armadilha do essencialismo e, igualmente grave, na ideia de que a sexualidade é previamente determinada (Plummer, 2005).

Face a este entendimento, Weeks (1995) [2005] indica os sistemas de família e parentesco, as mudanças sociais e económicas, os meios de regulação social formais (e.g., lei, moral pública) e informais (e.g., grupos de pares, relação entre parceiros), os cenários políticos e as culturas de resistência como exemplos de determinantes históricas com responsabilidades nas (re)configurações das sexualidades humanas.

Nesse sentido, e como sugere Vilar (2003), os contextos sociais e históricos e as vivências individuais actuam sobre a própria base biológica da sexualidade, dando lugar à construção de realidades emocionais, cognitivas, comportamentais e relacionais diferenciadas.

Considerando, deste modo, que a construção histórica e discursiva da sexualidade não pode resumir-se a um conjunto de aceitações de certos padrões morais, mas que deve incluir diversas reacções e transgressões desses mesmos padrões e normas (Vilar, 2003), as sexualidades masculinas

não normativas surgem como um exemplo que coloca uma série de questões ao modelo hegemónico da sexualidade, dado que este se define através da heterossexualidade (Plummer, 2005).

De facto, e contrariando um discurso generalizador, os homens não são todos iguais. Muitos homens, de resto, não se revêem, independentemente da sua orientação sexual, no modelo hegemónico de sexualidade cultural e discursivamente veiculado por diferentes instituições, como a família, a escola ou a Igreja.

Nesse sentido, e conforme esclarece Moita (2003), a ideia de minoria sexual não equivale à ideia de sexualidade minoritária, sendo que o conceito de identidade poderá contribuir para um esclarecimento mais rigoroso de tais ideias. O conceito de minoria sexual, esclarece a autora, assenta numa assimetria denunciadora de uma percepção social, mas também pessoal, de um grupo com menos direitos, pelo facto de não corresponder, em algum factor, aos conteúdos impingidos pelo modelo dominante.

Em síntese, de acordo com os estudos dedicados às novas sexualidades humanas, estas são entendidas como interactivas, relacionais, estruturais, incorporadas e organizadas num quadro de relações de poder. Estão associadas a diferentes identidades, interações e instituições. São trabalhadas pelas relações de patriarcado, pela homofobia e o heterossexismo, bem como por uma contínua violência sexual (Plummer, 2005).

Face a este entendimento, e conforme sustenta Whitehead (2002), as sexualidades humanas são tão diversas, confusas e culturalmente informadas, que o seu entendimento está muito provavelmente para lá de qualquer compreensão una.

2.2 *Scripts* sexuais e regulação da expressão emocional e afectiva

A teoria dos *scripts* sexuais inscreve-se na corrente do interaccionismo simbólico (Simon & Gagnon, 1986). Os mesmos autores introduziram o termo *script* sexual, a fim de darem conta do

carácter construído da sexualidade, distanciando-se, desta forma, do postulado biológico tradicionalmente associado à mesma.

Conforme refere Alferes (1997), os *scripts* sexuais constituem um caso específico de *scripts* sociais e podem ser entendidos como esquemas socialmente construídos de atribuição de significação e de orientação da acção. Nesse sentido, importa retermos a noção de *script* como correspondendo “essencialmente [a] uma metáfora para conceptualizar a produção de comportamentos no interior da vida social” (Simon & Gagnon, 1986, p.98), entre eles, os dedicados à expressão emocional e afectiva.

Deste modo, e partindo de uma conceptualização da expressão emocional e afectiva como resultado de um processo de construção psicossocial, procuraremos, em três momentos distintos (que apesar de apresentados separadamente se interligam entre si), abordar a expressão emocional e afectiva como produto de uma regulação cultural assente em *scripts* que oprimem os homens, independentemente da sua orientação sexual. Após focarmos a atenção no contributo específico da família ao longo deste processo, concluímos com uma análise da emergência e das consequências da construção do desempenho e da fachada pessoal neste domínio.

2.2.1 A regulação cultural das emoções e do afecto

Definir as emoções não é uma tarefa linear. Assumindo as limitações de uma definição da emoção centrada na experiência de um tipo distintivo de estado mental, habitualmente acompanhado ou seguido de alterações físicas (Oatley & Jenkins, 2002), pareceu-nos, face às leituras realizadas, o conceito que mais se aproxima da orientação dada à presente investigação.

Tradicionalmente considerada como um assunto da expressão e da experiência individuais, o estudo das emoções tem captado o interesse científico não só por parte da psicologia, mas também de outras disciplinas (e.g., filosofia, história, sociologia, antropologia). Tal interesse tem sido justificado, e bem, em nosso entender, através do facto da emoção, para além de

ser um tema individual, constituir também um tema histórico, sociológico e cultural (Oatley & Jenkins, 2002).

Não será, pois, por acaso, que quando Strongman (1996) [2004] aborda no capítulo final do seu livro *Psicologia da Emoção*, os “Temas da Emoção”, com vista a identificar temas actuais e significativos para a psicologia da emoção (considerados pela literatura mais recente), retirando daí as conclusões possíveis a partir de uma prévia revisão geral das teorias da emoção, destaque a teoria feminista como uma teoria de impacto crescente na teoria e investigação da emoção, em particular no que respeita à inequívoca importância do reconhecimento do género nesta matéria.

De igual forma, não deixa de ser curioso, porém nada surpreendente, o facto do autor referir que, em termos teóricos populares, a emoção seja considerada mais do domínio das mulheres e menos do dos homens. Em particular, as culturas ocidentais modernas partilham a convicção de que as mulheres são mais emotivas do que os homens (Fischer & Manstead, 2000), resultando daqui uma oposição binária entre emoção e razão, fortemente associada, respectivamente, à feminilidade e à masculinidade (Lloyd, 1984; Shields, 1984).

A acompanhar esta tese, Lutz (1990) acrescenta que alguma literatura especializada atribui à mulher maior emocionalidade e ao homem maior racionalidade. Lupton (1998), por seu lado, ao analisar a dicotomia existente entre racional e emocional, em associação com a identidade de género, destaca que a expressão de certas emoções, tais como o receio, a vulnerabilidade, a inveja e o ciúme, tem sido mais associada à mulher. Pelo contrário, emoções como a raiva, a fúria ou a agressividade, têm sido associadas ao homem.

Lutz (1990) concretiza, especificando, que estas crenças (assim as classifica) são alimentadas, como anteriormente mencionámos, por uma certa literatura clínica que reproduz um modelo cultural segundo o qual o homem é menos emocional do que a mulher. Do ponto de vista de uma possível tipologia da emoção associada ao género, espera-se, então, que as mulheres experimentem um vasto leque de emoções consideradas mais positivas, ao passo que aos homens são atribuídos apenas alguns tipos, particularmente negativos.

Contrariando a ideia de ordem natural das coisas (Bourdieu, 1998 [1999]), as teorias que derivam do construcionismo social, nas quais nos situamos (ainda que não reclamemos para as mesmas qualquer estatuto de superioridade), consideram o facto das emoções serem socialmente construídas (e.g., Averill, 1989; Fisher & Chon, 1989; Greenwood, 1992; Harré, 1986; Kemper, 1987; Oatley, 1993; Ratner, 1989).

De acordo com a perspectiva construcionista social, considera-se que nas pessoas adultas ocorrem estímulos internos e externos, cuja interpretação é responsável pela mediação entre os estímulos e qualquer resposta emocional que se lhes possa seguir. Excluem-se aqui as crianças recém nascidas, dado que nessa fase do ciclo vital as emoções consistem em reacções imediata e biologicamente determinadas. O mesmo quer dizer que qualquer cultura tem os seus próprios padrões distintivos de emoções que emergem das práticas sociais, conferindo à expressão emocional uma certa fluidez (Strongman, 1996 [2004]).

Neste contexto, a emoção, progressivamente afastada da esfera do individual e do essencialismo biológico, tem sido representada, pelo construcionismo social, como um constructo cultural e discursivo. Esta abordagem, destacam Oatley & Jenkins (2002), pressupõe a tentativa de descrever a forma como as emoções são socialmente construídas nos adultos, bem como aquilo que as emoções cumprem em termos de papéis e deveres sociais.

De acordo com tal entendimento, os diferentes conceitos de emoção devem ser encarados como elementos de práticas ideológicas locais, que envolvem diferentes negociações sobre o significado dos eventos, sobre direitos e moralidade, sobre o controle dos recursos e, em última análise, sobre todas as esferas da vida social (Lutz, 1988). Assim, as emoções são encaradas como uma espécie de idioma que define e estabelece as relações sociais (Lutz & White, 1986).

Neste campo do discurso das emoções, conforme referem Lutz e Abu-Lughod (1990), a sociabilidade e as relações de poder são, como se compreende, dois aspectos centrais. Deste modo, a união entre discurso e realidade social, cultural, política ou de outra ordem, não se localiza nem no sujeito psicológico que fala, nem nas suas intenções, nem na sua pertença a grupos ou ideologias bem definidas, mas antes nas condições de produção desse discurso (Nogueira, 2001).

Devido ao seu carácter construtivo da realidade social, o discurso manifesta, assim, um efeito decisivo no modo como o mundo social se configura. As práticas discursivas são, afinal, práticas sociais, produzidas através de relações de poder concretas, num determinado contexto espaço-temporal. Tais relações, por seu lado, remetem para certos efeitos que regulam e controlam a ordem social.

Esta tese de que as emoções são predominantemente sociais é igualmente corroborada por Goffman (Oatley & Jenkins, 2002), de resto, um autor central no âmbito da presente investigação e no qual nos inspirámos quando nos referimos à dramaturgia das emoções. Interessou-nos (e continua a interessar) o seu esclarecimento, nomeadamente o que refere que qualquer ser humano poderá, ao longo da sua vida, vivenciar um conflito interior sempre que o papel social a si reservado (e.g., enquanto homem) não coincide com aquilo que o mesmo interiormente possa sentir em determinada ocasião ou fase da vida.

A este propósito, Goffman (1959) [1993] refere que construímos apresentações dramáticas de nós mesmos aos outros, (re)criando, desse modo, a realidade social em que vivemos como uma espécie de representação. Nessa altura, esclarece o sociólogo, poderão ter lugar alguns aspectos dolorosos e insatisfatórios para a vida pessoal, os quais, no contexto da nossa investigação empírica, nos interessaram particularmente estudar.

Este autocontrolo a que nos referimos funciona, assim, como um comportamento que é construído e aprendido, a fim de evitar a vergonha e o julgamento, associando, deste modo, a apresentação de si de acordo com as expectativas heteronormativas da sociedade (Oatley & Jenkins, 2002).

Deste modo, e reforçando o que tivemos oportunidade de abordar no capítulo I do presente trabalho, os homens aprenderam a ser homens, esforçando-se por tornar visível a sua virilidade, através dos gestos, dos discursos e dos temas das conversas, amplamente vincadas pelo erotismo heterossexual, num comportamento claramente performativo, não vão estes sentir a sua masculinidade questionada (Vale de Almeida, 1995).

Em síntese, é justamente com base nesta linha de raciocínio que Gross e Thompson (2007) identificam três aspectos associados ao conceito de regulação da expressão emocional que, por si só, justificam uma atenção particular. Desde logo, a aceitação explícita quanto à possibilidade das pessoas poderem regular a expressão das suas emoções, quer pela diminuição da intensidade com que o fazem, quer pela sua intensificação; por outro lado, os autores sugerem que a regulação da expressão emocional pode revestir-se de um carácter consciente, mas nem sempre, destacando como exemplo o facto de, regra geral, procurarmos esconder o medo que possamos experimentar quando nos sentimos rejeitados; por fim, e na generalidade das ocasiões, não são elaboradas suposições prévias sobre se uma particular forma de regulação da expressão emocional é necessariamente boa ou má, melhor ou pior que a outra.

Neste contexto, e relembando o facto da masculinidade dominante, leia-se, hegemónica, se encontrar associada à ideia de independência e autonomia, tornam-se, acreditamos, claras as razões quanto às dificuldades geralmente sentidas pelos homens em admitirem as suas necessidades emocionais, em particular as relacionadas com a tristeza ou vulnerabilidade (Seidler, 2007). Nesse sentido, urge compreendermos a expressão emocional dos homens num quadro mais vasto no qual estes aprenderam a afirmar publicamente a sua masculinidade.

2.2.2 A socialização da regulação emocional na família

Aceite como a mais antiga das instituições sociais humanas, a família apresenta-se com um carácter universal, embora com variações de sociedade para sociedade e de geração em geração, quanto às suas formas de organização e funcionamento.

De acordo com Saraceno e Naldini (1992) [2003], a família revela-se como um dos lugares privilegiados de construção social da realidade, mediante a construção social dos acontecimentos e relações aparentemente mais naturais. Sendo da ordem do social, a existência da família não é imune a um conjunto de regras que emanam da sociedade, não sendo por isso correcto encerrá-la numa única definição conceptual e muito menos estática (Leandro, 2001).

Nesse sentido, falar hoje de família, ou, de forma mais rigorosa, de famílias, exige um alargamento das ideias científicas, fruto de uma época onde a diversidade assume maior relevo na cena pública, traduzindo-se naquilo que, a este propósito, se convencionou designar de novas formas de família (Alarcão & Relvas, 2002). Tal facto remete-nos para a necessidade de pensarmos em contextos familiares que mais não serão do que variantes ao ciclo vital que nos habituámos a estudar (Alarcão & Relvas, 2002).

Por outro lado, o aumento da esperança média de vida, a percentagem crescente de pessoas mais velhas e as inovações biológicas no domínio da procriação são apenas alguns exemplos que conferem a esta instituição um rejuvenescimento responsável por uma maior complexidade face ao seu conhecimento (Segalen, 1996 [1999]).

No quadro que presentemente nos ocupa, o da socialização da expressão emocional e afectiva, Brody (1999) destaca a família como um dos agentes com responsabilidades nesta área, ainda que refira outros agentes, tais como a escola, o meio laboral ou a comunicação social. Braconnier (1996) [1998], por seu lado, afirma que para a compreensão das diferentes formas de expressão emocional e afectiva, a análise do contexto familiar é fundamental.

Contudo, Brody (1999) não deixa de mencionar que os pais, salvo raríssimas excepções, educam os seus filhos no sentido destes se conformarem com as regras sociais. Tal significa, adianta, uma tendência para enfatizar o controlo da expressão emocional e afectiva no caso dos filhos e, no caso das filhas, o controlo da agressão. Estas últimas são, sugere o autor, mais encorajadas do que os rapazes a falar dos seus problemas.

Braconnier (1996) [1998] refere, a este propósito, uma experiência curiosa e, no mínimo, esclarecedora a este respeito. Procuraremos, de seguida, ainda que de forma breve, apresentá-la.

Foram exibidas duas fotografias de dois bebés a chorar (um menino e uma menina) de nove meses a um grupo de adultos. Após visualizarem as imagens, foram auscultadas as opiniões dos adultos acerca dos motivos pelos quais cada um dos bebés estaria a chorar. Assim, à pergunta: “Porque

chora esta menina?”, seguiu-se a resposta: “Porque está triste”, e à pergunta: “Porque chora este menino?”, a resposta foi: “Porque está furioso”.

Não será, pois, por acaso que diferentes autores (e.g., Saarni, 1988; Zeman & Garber, 1996) revelem que as crianças estejam, desde cedo, conscientes da expectativa social quanto à regulação da sua expressão emocional em frente aos seus pares, antecipando a rejeição, o ridículo ou advertências caso não estejam em conformidade com as regras de exibição.

Por outro lado, reportando-se ao estudo da expressão emocional na fase adulta, e a apoiar este argumento, Fabes e Martin (1991) encontraram nas suas pesquisas resultados que sugeriram que os adultos são capazes de distinguir entre expressões emocionais masculinas e femininas, sendo que as diferenças documentadas reportam-se apenas às formas de expressão.

2.2.3 Desempenho e fachada pessoal

Entendendo o desempenho como uma acção desenvolvida por uma pessoa num determinado momento com vista a influenciar de alguma forma uma determinada audiência (Goffman, 1959 [1993]), a fachada consiste, de acordo com o mesmo autor, na “parte do desempenho (...) que funciona regularmente de maneira genérica e fixa” (p.34), a fim de esclarecer a situação perante os que observam o desempenho. Desta forma, a fachada pode ser entendida como uma espécie de equipamento expressivo de tipo padronizado e que é empregue, de forma consciente ou não, pela pessoa durante o seu desempenho.

No seguimento das abordagens à regulação cultural das emoções e do afecto e à socialização da regulação emocional e afectiva na família, e uma vez introduzidos os conceitos de desempenho e fachada (Goffman, 1959 [1993]), o que propomos, a partir deste momento, consiste numa análise aplicada desses mesmos conceitos, à luz dos constrangimentos associados à expressão emocional e afectiva gerados pela incorporação da ideia de masculinidade hegemónica (Connell, 1995; Vale de Almeida, 1995).

Deste modo, e considerando que os homens aprenderam, desde cedo, que a tristeza não é um tópico apropriado para partilhar, ou mesmo a vergonha (Ferguson & Eyre, 2000), ou ainda o medo (Madden, Barrett, & Pietromonaco, 2000), dado tal partilha significar uma espécie de perda de auto-controlo (Fivush & Buckner, 2000), facilmente se compreenderá que quando os mesmos, sobretudo os mais disciplinados, se apresentem diante dos outros, em particular nos palcos *offline*, isto é, face-a-face, mobilizem esforços para veicular a imagem de homens emocionalmente controlados e seguros de si.

É precisamente devido à concordância entre as expectativas abstractas e estereotipadas (Goffman, 1959 [1993]) em torno da masculinidade hegemónica (Connell, 1995; Vale de Almeida, 1995) e o desempenho dramatizado, através da fachada, que podemos afirmar, recorrendo a Bourdieu (1998) [1999, p.9] que “a ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica tendendo a ratificar a dominação masculina”.

É neste encadeamento que Leaper (1991) e Sheldon (1990) referem, fruto das suas investigações dedicadas ao estudo dos aspectos psicossociais associados ao género e emoções, que os rapazes exibem publicamente mais facilmente a sua agressividade e menos a sua tristeza. Por outro lado, os rapazes na casa dos oito anos envolvem-se mais facilmente com os seus pares, de acordo com os resultados encontrados por Lever (1976), em actividades que incluam trabalhos de equipa com regras conformadas com a ordem social.

Outros estudos (e.g., Camerena, Sarigiani, & Petersen, 1990; Tannen, 1990) mencionam que mesmo quando se encontram com o seu melhor amigo, os rapazes em idade escolar tendem a conversar sobre assuntos como desporto ou programas televisivos, facto que contrasta, de acordo com os mesmos resultados, com a mais habitual partilha de problemas e de emoções entre as raparigas também em idade escolar.

Face a este contexto, e conforme referem Fivush e Buckner (2000), as crianças mostram-se já muito atentas às possíveis interpretações públicas a que as diferentes formas de expressão emocional estão sujeitas, cuidando assim de salvaguardar as suas imagens. Na mesma linha, Zeman

e Shipman (1996) descrevem nos seus estudos sobre género e expressão emocional, envolvendo crianças do sexo masculino e feminino, que as primeiras são mais contidas na forma como reportam a tristeza. Mais especificamente, as meninas expressam a tristeza através da verbalização ou do choro, ao passo que os meninos expressam a tristeza através da agressão.

Deste modo, e tal como refere Jansz (2000), a restrição da emocionalidade encerra uma condição paradoxal: se por um lado a inibição dos sentimentos é uma das características cruciais da masculinidade hegemónica, por outro, a mesma é nociva no que concerne ao seu impacto na saúde e interação social. Este paradoxo não é passível de ser resolvido facilmente, dado que a restrição da emocionalidade está intimamente ligada à construção da masculinidade hegemónica.

Nesse sentido, a natureza genderizada da comunicação emocional cria um contexto de interação no qual os rapazes e os homens não aprendem a falar de emoções que impliquem vulnerabilidade. Como resultado, os homens tendem a negar a experiência de determinadas emoções, ocultando a sua expressão. Em situações em que a desilusão, a vergonha, a tristeza, o medo ou a culpa não possam ser negados, ou disfarçados convenientemente pela fachada, estes são, regra geral, percebidos como ameaças à identidade masculina.

Em síntese, se aos homens é exigido um estoicismo, ou seja, que não expressem a sua vulnerabilidade, restringindo as suas emoções, tal será, como se compreenderá, problemático no que diz respeito à construção de relações íntimas em que, supostamente, os sentimentos serão partilhados (Janz, 2000). É precisamente esse tópico que nos propomos desenvolver no ponto que se segue.

2.3 Transformações da intimidade

Diversos investigadores parecem concordar com o facto da intimidade constituir uma dimensão fundamental nas relações interpessoais (e.g., Bartholomew, 1990; Bauman, 2003 [2006], 2008; Clark & Reis, 1988; Giddens, 1992 [2001]; McAdams & Constantian, 1983; Prager, 1995; Reis, 1990; Sullivan, 1953; Waring, 1984).

Partindo da ideia de vida pessoal como um projecto aberto (Giddens, 1992 [2001]), o ponto que se segue procura reflectir, ainda que de forma não exaustiva, sobre os riscos e as ansiedades emergentes da regulação da expressão emocional e afectiva dirigida aos homens e as oportunidades criadas por uma sociedade da conectividade (Bauman, 2003 [2006]).

2.3.1 Riscos, ansiedades e oportunidades

Conforme tivemos já oportunidade de esclarecer até aqui, os homens são socialmente induzidos à incorporação de um modelo dominante que associa a razão à masculinidade e, em geral, a expressão emocional e afectiva à feminilidade (Vale de Almeida, 1995).

O facto dos homens serem estereotipados pelos seus pares, pais e outros adultos como sendo mais orientados para resultados, activos, agressivos, autónomos, competitivos e mais fortes do que as mulheres (e.g., Antill, 1987; Blank, 1993; Block, 1983; Hoffman, 1975; Williams & Best, 1990), para além de interferir nas interacções sociais em geral, coloca também em risco a espontaneidade das relações de intimidade, por definição, mais protegidas dos olhares e avaliações sociais. Importa, assim, não confundir a expressão emocional e afectiva com a vivência das emoções e dos afectos (Jansz, 2000).

Na realidade, o facto do comportamento não verbal dos homens ser, regra geral, menos expressivo do que o das mulheres (Brody & Hall, 1993), excepção feita à ira (e.g., Averill, 1983; Fischer, 1993; McConatha, Leone, & Armstrong, 1997), para além de evidenciar “um abismo emocional entre os sexos” (Giddens, 1992 [2001, p.2]), sobretudo em palcos *offline* (e.g., família, amigos, colegas, local de trabalho, escola), parece salvaguardar os riscos de um eventual questionamento da virilidade, inclusive, no seio da própria intimidade.

Todavia, e considerando, conforme propõe Giddens (1992) [2001, p.90] que “a intimidade é antes de tudo uma questão de comunicação emocional, com os outros e com o próprio”, importa lembrar que as dificuldades desenvolvidas pelos homens relativamente à intimidade resultam,

em larga medida, numa “negligenciada narrativa do *self*” (p.91), uma vez mais, em particular nos palcos *offline*, e não de uma incapacidade natural de qualquer espécie.

Face a este contexto, e pese embora o facto dos homens serem fortemente encorajados a competir com sucesso no domínio económico, esperando-se, por um lado, que cumpram com o seu papel de angariadores de recursos (Bakan, 1966), conduzindo-os, por outro, a trocas mais competitivas e desafiantes (Lewis, 1971, 1978), não deve ser encarado como uma impossibilidade dos homens para amar (Giddens, 1992 [2001]). O mesmo autor destaca, inclusivamente, a importância de não associarmos os constrangimentos dos homens com a intimidade à ideia falsa destes não saberem amar.

Aliás, é precisamente a partir da ideia de que “muita sexualidade masculina adquire energia com a procura frustrada de amor, o qual é, contudo, tão temido como desejado” (Giddens, 1992 [2001, p.91]) que partimos agora para uma brevíssima descrição possível dos (de)méritos da linguagem da conectividade proposta por Bauman (2003) [2006].

Considerando “o peso da responsabilidade do desempenho” (Prazeres, 2008, p.32) dos homens em cumprir com as expectativas (hetero)normativas associadas à masculinidade, em geral, e à expressão emocional e afectiva, em particular, não será difícil vislumbrarmos, por um lado, as ansiedades de quem possa desejar corresponder a uma espécie de dois senhores, isto é, às normas ou ao desejo individual, e à dificuldade em desenvolver laços de intimidade mais sólidos, por outro.

Neste contexto, a linguagem da conectividade, construída à imagem do mundo líquido moderno, se preferirmos, pós-moderno, parece facilitar uma série de “tentativas e erros, viagens exploratórias arriscadas e descobertas ocasionais” (Bauman, 2003 [2006, p.79]) motivadas, como termos oportunidade de desenvolver no próximo capítulo, por novas tecnologias associadas à comunicação, entre elas, a *internet*.

Síntese

Um olhar pela construção histórica e discursiva das sexualidades masculinas permitiu-nos, neste capítulo, considerar problemático pensar o sexo e as sexualidades como um fenómeno meramente natural, desligado da sociedade e da cultura. Através da teoria dos *scripts* sexuais encontramos uma moldura teórica para desafiar as leituras mais convencionais, porém dominantes, em torno do sexo, das sexualidades e da expressão emocional e afectiva.

Nesta perspectiva, questionámos a noção de que a vida sexual, emocional e afectiva equivale a um determinismo biológico de carácter universal, independente dos contextos em que os homens se inscrevem, pela demonstração de um conjunto de configurações opressivas que regulam o desempenho dos homens em função de uma fachada social.

Por fim, e motivados pela linguagem da conectividade proposta por Bauman (2003) [2006], identificámos riscos, ansiedades e oportunidades emergentes dos paradoxos associados às transformações da intimidade.

CAPÍTULO III

CIBERESPAÇO E SUPORTE SOCIAL E EMOCIONAL

Sinopse

Diariamente, centenas de milhões de pessoas acedem à *internet*, um pouco por todo o mundo. Estabelecem diferentes ligações, com ou sem imagem, de maior ou menor velocidade, gratuitas ou não, com ou sem fios, recorrendo a computadores fixos ou portáteis, a telemóveis e iPhones 3G ou PDAPhones 3G, a partir de casa, do carro, do trabalho, da escola, da universidade, de um centro comercial, da rua, ou de qualquer outro lugar com sinal de rede (Barak & Suler, 2008a, 2008b).

A facilidade de acesso, sem precedentes, a uma diversidade de informação disponibilizada *online* constitui, sem dúvida, uma das maiores contribuições da *internet*, sendo que em 2001 o número de páginas exibidas pelo motor de pesquisa *Google* rondava os 1,3 biliões (Amichai-Hamburger, Kaynar, & Fine, 2007). A par desta realidade, a possibilidade de comunicar através da *internet* introduziu um novo tipo de discurso e, conseqüentemente, novas formas de relacionamento, anunciando uma nova realidade psicológica e social (Barak & Suler, 2008a, 2008b; Ben-Ze'ev, 2004).

Face a este cenário, o presente capítulo afirma a ciberpsicologia (Barak & Suler, 2008a, 2008b) como um território emergente na área da psicologia e reconhece o ciberespaço como um palco favorável à expressão de múltiplas apresentações de si (Schouten, 2007), graças a uma menor vulnerabilidade percebida por parte dos seus utilizadores (Ben-Ze'ev, 2003, 2004; Joinson, 2001; Schouten, Valkenburg, & Peter, 2007), desafiando, deste modo, as consolidações heteronormativas do sexo, do género e da sexualidade (Vale de Almeida, 2004).

Sugere-se ainda que o ciberespaço constitui um palco privilegiado para o *self-disclosure online* (Barak & Bloch, 2006; Beck, 2005; McCoyd & Schwaber Kerson, 2006), desempenhando, assim, um importante papel numa perspectiva de *empowerment* associado às identidades (Zhao et al., 2008), pela possibilidade de se constituir num importante espaço de suporte social e emocional (Amichai-Hamburger & Furham, 2007; Joinson & Paine, 2007; Barak & Hen, 2008).

3.1 A emergência de um território científico: A ciberpsicologia

Diversos estudos revelam que em países desenvolvidos, tais como os Estados Unidos da América, a Grã-Bretanha, a Alemanha, a Austrália, o Japão e o Canadá, a *internet* marca presença em mais de 75% dos lares domésticos, sendo que os países em vias de desenvolvimento têm igualmente testemunhado um aumento importante (Barak & Suler, 2008a, 2008b).

Será útil, porém, antes de avançarmos, esclarecer que o termo ciberespaço, hoje tão massivamente utilizado e para fins tão diversos, surgiu pela primeira vez em 1984, pela mão de William Gibson, essencialmente para descrever o espaço no contexto das redes informáticas como um constructo intelectual e não físico (Chester, 2004). Hoje, o termo é regularmente utilizado para referir as ligações estabelecidas através de computador, que tornam possível a comunicação entre pessoas sem a necessidade destas partilharem um espaço físico ou a mesma hora local (Chester, 2004).

Na realidade, o ciberespaço tornou possível a concretização de um número notável de actividades em ambientes *online*, alterando, radicalmente, uma diversidade de hábitos culturais, que vão desde novas formas de aceder à informação, agora possíveis em tempo real, a formas desmaterializadas de interacção social e, nesse sentido, mais libertas dos constrangimentos que habitualmente envolvem as relações face-a-face (Amichai-Hamburger, 2005), passando por novas modalidades de diversão e lazer (Chen, 2006) ou até mesmo pela criação de uma nova modalidade de terapia: a ciberterapia (Suler, 2008).

No que respeita à investigação nesta área, porém, as publicações, em particular na área da psicologia, são relativamente recentes. Na verdade, o interesse científico pelo estudo do ciberespaço, ultrapassado um período em que os projectos a si dedicados chegaram a ser considerados frívolos ou mesmo esotéricos, passou a constituir motivo crescente de interesse científico, partilhado por uma pluralidade de investigadores e disciplinas, tais como a psicologia, a comunicação, a medicina, a psiquiatria, a antropologia, o serviço social, a educação, a enfermagem, a sociologia, a gestão, entre outros (Barak & Suler, 2008a, 2008b).

De facto, no decurso da última década do século XX e, em particular, os primeiros anos do século XXI, a variedade de estudos ciberpsicológicos tem vindo a acompanhar a complexidade crescente do ciberespaço. Reflectindo, no entanto, as ansiedades sociais referentes a um fenómeno tão contagiante, os primeiros estudos a atrair maior atenção foram os que se concentraram numa utilização rotulada de patológica do ciberespaço, rapidamente enquadrada por diversos cientistas sociais como uma nova adição (e.g., Greenfield, 1999; Kraut et al., 1998; Young, 1998).

Na realidade, e de acordo com estudos realizados por Anderson (1999) e Wang (2001), 15% de estudantes universitários norte-americanos e europeus e 26% de estudantes universitários australianos referiram conhecer alguém dependente da *internet*. Cerca de 10% de utilizadores adultos da *internet* auto-apresentaram-se num estudo *online* como sendo dependentes da mesma (Cooper, Morahan-Martin, Mathy, & Maheu, 2002), subindo para 31% no que diz respeito aos utilizadores do *MySpace* (Vanden Boogart, 2004) e 42% no que concerne aos participantes em jogos *online* (Yee, 2002).

São, pois, estes números que justificaram o facto de, nos últimos anos, esta realidade passar a constituir motivo de interesse e preocupação para diferentes governos, designadamente na Ásia, tendo tais preocupações dado origem à criação de clínicas específicas na intervenção com vista a reduzir o uso da *internet*. A título de exemplo, refira-se a primeira clínica chinesa, sediada em Pequim, especializada no tratamento da adição da *internet*, que aumentou de uma capacidade de 40 para 300 camas, sendo que novas clínicas começaram a ser criadas noutras cidades chinesas (Griffiths, 2005; Ling-Liu, 2006).

O governo da Coreia do Sul, por sua vez, criou o Centro Coreano para a Prevenção da Adição da *Internet* e Aconselhamento, estando a planear o aumento do número de centros de tratamento de 40 para 100 até 2010 (Morahan-Martin, 2008).

Contudo, esta ideia de adição face à *internet* não reúne particular consenso (Suler, 2004a, 2004b). Aliás, conforme refere Morahan-Martin (2008), uma diversidade de termos em torno desta ideia mais geral de adição da *internet* tem surgido nos últimos anos, como, de resto, podemos constatar: adição face à *internet* (e.g., Bai, Lin, & Chen, 2001; Chak & Leung, 2004; Li & Chung, 2006; Nalwa

& Anand, 2003; Nichols & Nicki, 2004; Pratarelli & Browne, 2002; Simkova & Cincera, 2004; Wei, Zijie, & Daxi, 2004; Yang & Tung, 2007; Yoo et al., 2004; Young, 1998); dependência face à *internet* (Chen, Chen, & Paul, 2001; Lin & Tsai, 2002; Scherer, 1997; Wang, 2001; Whang, Lee, & Chang, 2003); abuso face à *internet* (Morahan-Martin, 1999, 2001, 2005); uso compulsivo da *internet* (Greenfield, 1999; Meerkerk, Van Den Eijnden, & Garretsen, 2006); utilização patológica da *internet* (Davis, 2001; Morahan-Martin & Schumacher, 2000; Niemz, Griffiths, & Banyard, 2005); e utilização problemática da *internet* (Beard, 2005; Caplan, 2002; Shapira, Goldsmith, Keck, Khosla, & McElroy, 2000; Shapira et al., 2003; Thatcher & Goolam, 2005a, 2005b).

No geral, importa referir que a diversidade destes termos reflecte diferentes conceptualizações em torno de uma utilização excessiva da *internet*, diferenças essas sobre as quais, no entanto, não nos iremos aqui ocupar. Cumpre-nos, porém, sublinhar que, a par das diferentes designações, existe um consenso quanto ao facto desta utilização mais excessiva ser lida em termos dos seus efeitos negativos, isto é, qualquer um dos termos identificados no parágrafo anterior reflecte, em maior ou menor grau, uma perturbação na vida de cada utilizador relacionada com a forma como este utiliza a *internet* (Morahan-Martin, 2008).

De qualquer forma, as referências ao ciberespaço contemplam aspectos e aplicações mais positivos, sendo que Voiskounsky (2008), por exemplo, refere-se ao ciberespaço como um contexto no qual é possível, no quadro da psicologia positiva, vivenciar experiências óptimas, igualmente designadas por *flow*. Barak e King (2000) referem mesmo que este palco pode contribuir para um enriquecimento e melhoria do funcionamento humano em diversas áreas, entre elas, a saúde.

É nesta linha de pensamento que Barak (2007b) defende que o ciberespaço pode constituir-se num palco de suporte social e emocional a pessoas que estejam a vivenciar momentos de grande stresse emocional, inclusive, com pensamentos suicidas. É justamente nesta mesma linha de pensamento que Suler (2001), um dos mentores, juntamente com Fenichel, da *International Society for Mental Health Online* (ISMHO), recorda que alguns clientes poderão sentir-se inicialmente mais confortáveis (ou não apenas inicialmente, sem que isso, porém, constitua, em si, um problema) mantendo uma comunicação *online* com um terapeuta, conservando algum anonimato.

Nesse sentido, o mesmo autor identifica, legitimando, diferentes métodos de comunicação, a fim de conduzir uma avaliação inicial de cada cliente, nomeadamente: pessoalmente, através de vídeo-conferência, por telefone, por correio electrónico, por mensagens instantâneas (e.g., MSN) ou em salas de conversação. Afirma, no entanto, que os clientes interessados em realizar terapia *online* podem preferir, num primeiro contacto, uma interacção com o terapeuta baseada exclusivamente em texto.

Não sendo propriamente recente, esta ideia de que o ciberespaço pode constituir-se num palco de ajuda psicológica surgiu, na verdade, em meados dos anos 90 do século XX (Binik, Cantor, Ochs, & Meana, 1997; Colòn, 1996; Huang & Alessi, 1996; Murphy & Mitchell, 1998; Sampson, Kolodinsky, & Greeno, 1997; Shapiro & Schulman, 1996). Desde essa altura foram criados e disponibilizados aos utilizadores da *internet* diversos serviços de apoio psicológico *online*, designadamente através de sítios, grupos de suporte social e emocional, testes de avaliação e aconselhamento e, como vimos, terapia (Barak, 1999, 2007a, 2007b; Grohol, 1998, 2004; Manhal-Baugus, 2001; Rochlen, Zack, & Speyer, 2004).

É, pois, esta última perspectiva associada ao ciberespaço que gostaríamos de, a partir daqui, desenvolver, recorrendo, para tal, ao conceito de ciberterapia proposto por Suler (2001, 2008). Diversos autores referem que, em diferentes palcos do ciberespaço (e.g. salas de conversação, blogs, MSN), muitas pessoas tendem a expressar mais facilmente o seu desconforto, a sua dor, aflição ou desespero, fundamentalmente, em resultado de um efeito de desinibição *online* (Joinson, 1998, 2001; Suler, 2008), por sua vez, favorecido por factores como a possibilidade de conservar o anonimato ou a ausência de contacto ocular.

De resto, e conforme referem McKenna e Seidman (2005), a revelação de informação mais pessoal ou íntima parece estar relacionada com o facto de muitas pessoas, ao comunicar *online*, tenderem a partilhar informação habitualmente não partilhada no contexto face-a-face, relacionada com o(s) seu(s) eu(s) mais escondido(s), o que, em nosso entender, pode estar relacionado com as diferentes identidades, em geral, e os símbolos e expectativas às mesmas associados, em particular.

A este propósito, Barak (2007b) refere um projecto na área da psicologia, desenvolvido em Israel, designado por SAHAR, em que a ideia consistiu precisamente em desenvolver um ambiente *online*, de carácter anónimo e confidencial, capaz de atrair utilizadores do ciberespaço em situação de crise, disponibilizando-lhes uma escuta activa, suporte social e emocional, recorrendo, para tal, a profissionais competentes para o efeito.

Tal projecto, explica o autor, disponibiliza suporte em tempos síncrono e assíncrono, nomeadamente, através de salas de conversação ou mensagens instantâneas (e.g., MSN), para o primeiro caso, e fóruns onde é possível deixar mensagens, para o segundo. Em termos de impacto deste projecto, e de acordo com os dados de 2005, o autor refere que o mesmo foi visitado mais de 10 000 vezes num mês, ou mais de 350 vezes por dia, tendo o fórum recebido mais de 200 mensagens por dia, números considerados expressivos atendendo ao universo da população israelita.

Esta visão do ciberespaço, particularmente cara no âmbito da nossa investigação, porém, actualmente pouco ou nada estudada em Portugal, emergiu, como dissemos, nos anos 90 do século XX (Barak, Boniel-Nissim, & Suler, 2008). Ainda que nem sempre tão bem aceite por diferentes sociedades de profissionais (na verdade, o novo raramente começa por ser encarado como oportunidade), esta forma de ajuda tem vindo, porém, a conhecer uma progressiva, diversa e sólida conquista de terreno, bem como de clientes.

Acreditamos, pois, estar perante uma realidade com novos e desafiantes contornos, merecedores de uma análise científica criteriosa por parte da psicologia, envolvendo uma diversidade de objectos tão ampla quanto a própria disciplina. Na realidade, investigadores de diferentes ramos da psicologia têm já manifestado o seu interesse no estudo do ciberespaço, designadamente das áreas: cognitiva, educacional, organizacional, clínica, experimental e da personalidade (Barak & Suler, 2008a, 2008b). Afinal, perguntar o que é a psicologia do ciberespaço é como perguntar o que é a psicologia na vida real.

Contudo, a emergência da ciberpsicologia, ou da psicologia do ciberespaço (e.g., Barak, 1999; Sassenberg, Boos, Postmes, & Reips, 2003; Suler, 1996) como um novo território científico coloca, de acordo com os autores, inúmeras interrogações, exigindo ainda outras tantas reflexões.

Bastarão, por exemplo, os tradicionais conceitos e teorias desenvolvidos pela psicologia para compreender o comportamento *online*? Será necessário modificar tais teorias? Ou, por outro lado, será necessário desenvolver novas teorias?

Como sabemos, o ciberespaço acolhe uma multiplicidade de ambientes, os quais se encontram em alteração constante, num ritmo sem precedentes, sendo que a psicologia necessita, a fim de os compreender, de ser igualmente rápida e flexível nos seus métodos de pesquisa, bem como nos seus enquadramentos teóricos. Não podemos ignorar que o ciberespaço transcende as fronteiras geográficas, sendo quase tudo passível de ser gravado, quer estejamos perante formas de comunicação síncronas ou assíncronas, mais ou menos anónimas. Nesse sentido, as fronteiras da privacidade são hoje ainda mais complexas.

Face a este contexto, a fim de compreender os mundos de hoje e os de amanhã do ciberespaço, a psicologia terá de estar preparada para abraçar o inesperado, sendo capaz de identificar as potencialidades, mas também as limitações dos seus métodos e teorias (Barak & Suler, 2008a, 2008b). O ciberespaço não constitui apenas um novo tema a investigar para a psicologia, mas antes um novo domínio da experiência humana, capaz de transformar a psicologia em si.

3.2 O ciberespaço como um espaço psicológico

De acordo com Barak e Hen (2008), quando as pessoas acedem a um computador com ligação à *internet*, iniciando um programa, ou escrevendo uma mensagem electrónica, ou pesquisando um sítio, sentem, na generalidade, de forma mais ou menos consciente, estar a entrar num espaço preenchido com uma diversidade de conteúdos, significados e propósitos. Ao abrigo desta razão, a experiência *online* envolve numerosas expressões que transmitem a sensação de dimensão e de lugar, perceptível em expressões como: domínios, sítios, janelas ou salas.

De facto, nos últimos anos, através de diferentes ligações, tornou-se viável, e até vulgar, enviar e receber mensagens electrónicas, pesquisar informação, notícias, investigar (Reips, 2008), efectuar

compras, jogar jogos individualmente ou em equipa, independentemente do lugar em que cada jogador se encontre, realizar consultas psicológicas (Suler, 2008), estabelecer relacionamentos amorosos, de amizade ou sexuais (Baker, 2008; Ben-Ze'ev, 2004; McKenna, 2008), contribuir para o conhecimento através da *Wikipedia* (Rafaeli & Ariel, 2008), ou simplesmente conversar com pessoas conhecidas ou desconhecidas, com ou sem imagem (Chester, 2004).

Na verdade, e conforme referem Barak e Suler (2008a), a expansão da *internet* contribuiu para numerosas e importantes mudanças à escala global, quer ao nível da organização e funcionamento das instituições, quer ao nível da vida privada de um número cada vez mais expressivo de pessoas, sendo que a disponibilidade e fácil acesso a uma diversidade de informação, acompanhada de uma notável inovação no âmbito da comunicação interpessoal, surgem como os exemplos mais destacados.

Nesse sentido, com a massificação da utilização dos computadores ligados à *internet*, bem como das imensas possibilidades de comunicação *online* por estes facilitadas, o ciberespaço surge como uma nova dimensão da experiência humana (Barak & Suler, 2008a, 2008b). Contudo, e embora seja hoje um lugar quase comum falar deste novo espaço, a verdade é que este se tornou, em múltiplos sentidos, num espaço psicológico único (Barak & Suler, 2008a, 2008b), ainda que os estudos associados às apresentações de si neste palco não sejam ainda, no presente, particularmente abundantes (Miller & Arnold, 2001; Schouten, 2007).

Porém, a diversidade de manifestações do comportamento humano no palco do ciberespaço pode ser constatada em diferentes contextos, conforme referem Barak e Hen (2008), designadamente em fóruns *online*, salas de conversação ou em formas de comunicação pessoal mediante mensagens instantâneas (e.g., MSN). Tais manifestações, sublinha Chester (2004), longe de serem estáticas, variam em função do estado de pensamento partilhado pelos diferentes utilizadores que comunicam de forma síncrona ou assíncrona, através de representações digitais de linguagem e experiência sensorial.

Não deixa de ser curioso, contudo não surpreendente, o facto de não ser raro suspeitar-se que os que se encontram no ciberespaço para conversar, inclusive aqueles que possam ter um perfil, têm

por motivação principal enganar os outros utilizadores. Tal como Miller e Arnold (2001), entendemos que tal raciocínio resulta de uma construção assente numa visão empobrecida do ciberespaço, que o encerra numa realidade diferente do chamado mundo real.

Importa deixar claro, todavia, que não ignoramos o facto de diferentes utilizadores poderem, conforme referem Barak e King (2000), recorrer ao ciberespaço com propósitos mais negativos, tais como, e a título de exemplo, influenciar alguém a fazer algo de errado ou até mesmo punível por lei, encorajar alguém a trair outrem ou até cometer suicídio, disseminar imagens ou ideias perversas. Aliás, é graças a cenários como este que, corroborando Amichai-Hamburger e Furnham (2007), não é rara uma certa, por vezes forte, desconfiança sobre a honestidade dos utilizadores entre si, sobretudo numa fase mais inicial.

Não assumindo, no entanto, estes cenários mais negativos como regra, mas como excepção, a investigação tem sugerido que após investirem algum tempo na interacção com outros utilizadores anónimos, em espaços públicos ou privados, muitos dos utilizadores inicialmente mais cépticos, começam progressivamente a compreender que o seu comportamento no contexto do ciberespaço reflecte as suas actuais formas de estar, de pensar e de sentir (Barak & Suler, 2008a, 2008b).

É nesta linha de pensamento que Liu e Kuo (2007), apoiados nas suas investigações, declaram que as pessoas podem beneficiar de efeitos positivos através da utilização da *internet*, concretamente através do preenchimento de diferentes necessidades interpessoais sem que para tal sofram qualquer tipo de prejuízo. Os mesmos autores advogam ainda que uma utilização adequada da *internet* pode melhorar a qualidade de vida e o bem-estar dos seus utilizadores.

Esta é, de resto, uma ideia corroborada por Miller e Arnold (2001), ao considerarem o ciberespaço como um palco de oportunidades disponibilizadas aos seus utilizadores, a fim de que estes possam desenvolver múltiplas apresentações de si (Schouten, 2007), partilhando as suas histórias com diferentes audiências (Goffman, 1959 [1993]) *online*, por vezes, de forma mais sincera que as apresentações e partilhas efectuadas com diferentes audiências em palcos *offline* (e.g., família, amigos, colegas de trabalho, intimidade).

Na verdade, há mais de uma década que o impacto da *internet* na construção de identidades tem sido estudado, em particular em ambientes que permitem manter o anonimato dos seus utilizadores, dos quais as salas de conversação são apenas um exemplo (Zhao et al., 2008). Mais recentemente, porém, outros ambientes existentes no ciberespaço, menos anónimos, tais como os sítios de encontro, despertaram a curiosidade científica de diversos investigadores (e.g., Ellison, Heino, & Gibbs, 2006; Gibbs, Ellison, & Heino, 2006; Yurchisin, Watchravesringkan, & McCabe, 2005), sendo que os resultados destas últimas investigações têm vindo a sugerir que as pessoas tendem a ser mais honestas nestes contextos.

Tais resultados são considerados bastante importantes, por reforçarem o carácter não linear e não monolítico do ciberespaço, acentuando ainda a ideia de que a apresentação de si *online* varia em função da natureza dos palcos (Zhao et al., 2008).

É precisamente neste quadro que Ben-Ze'ev (2004) reforça a ideia de que a possibilidade de desenvolver interacções sociais em diferentes palcos do ciberespaço, não sujeitas às limitações e constrangimentos da realidade corpórea, veio possibilitar novas formas de relacionamento capazes de, nas palavras de Amichai-Hamburger e Furnham (2007), promoverem numerosos benefícios na vida dos seus utilizadores, melhorando a sua qualidade de vida e o bem-estar, inclusive, de grupos social e discursivamente marginalizados (e.g., pessoas com deficiência, GLBT).

É justamente com base neste enquadramento que, acrescentamos nós, no caso dos homens e das masculinidades, dos símbolos, expectativas e punições aos mesmos e às mesmas socialmente associados, encaramos o ciberespaço, por um lado, como um palco revelador de diferentes experiências contraditórias de poder (Kaufman, 1994) e, por outro, um palco de exercício de poder (Miller & Arnold, 2001).

3.3 Potencialidades da comunicação mediada por computador: anonimato e *self-disclosure*

Os números referentes às pessoas que utilizam a *internet* não param de crescer e são, no mínimo, impressionantes. Para ficarmos com uma ideia, a população que, a nível mundial,

utiliza a *internet* passou de 16 milhões de utilizadores em 1995, para 680 milhões em 2003 (Mileham, 2007), elevando, assim, à escala global o fenómeno da interacção social *online* (Schouten, 2007).

Se é verdade que para as gerações mais novas, nascidas em plena era digital, o ambiente tecnológico é, em geral, visto como uma espécie de *habitat* natural, não raras vezes, e em certas condições, preferível aos contactos face-a-face (Barak & Sadovsky, 2008), não menos verdadeiro será o facto de, cada vez mais, a comunicação mediada por computador fazer já parte das rotinas de um número considerável de adultos.

De facto, mais de 80% das pessoas adultas norte-americanas com idade inferior a 40 anos acedem regularmente à *internet*, sendo que a comunicação entre utilizadores (e.g., através de correio electrónico, salas de conversação, fóruns, páginas pessoais, blogues, mensagens instantâneas) surge como a actividade *online* mais relevante (Fox & Madden, 2005).

De acordo com Barak e Sadovsky (2008), as diversas características da *internet*, tais como o anonimato, a invisibilidade, ou a possibilidade de comunicar sem ser visto, a possibilidade de comunicar de forma síncrona ou assíncrona, através de texto e/ou voz, a disponibilidade, a fácil acessibilidade, a possibilidade de aceder a múltiplos canais, tornam este tipo de comunicação uma experiência única (e.g., Paul & Bryant, 2005; Valkenburg, Schouten, & Peter, 2005).

Por outro lado, os mais jovens, mas não apenas estes, e de acordo com diferentes estudos (e.g., Boase, Horrigan, Wellman, & Rainie, 2006; Gibbs et al., 2006; McKenna & Bargh, 2000) têm vindo a estabelecer diversos relacionamentos afectivos em ambientes *online*. No caso dos adultos que recorrem à *internet*, e de acordo com Parks e Floyd (1996), há ainda registo de diversos casos que, após um período mais ou menos longo de interacção *online*, culminaram em relações afectivas, consubstanciadas em uniões de facto ou casamentos.

Na realidade, as diferentes características da comunicação mediada por computador, tais como a possibilidade de conservar o anonimato, a ausência de contacto ocular, de comunicar de forma

síncrona ou assíncrona, recorrendo ao texto, ao som e/ou à imagem, de forma relativamente fácil e segura, conferem a este meio de comunicação uma experiência muito atractiva e estimulante (Paul & Bryant, 2005; Valkenburg et al., 2005) num palco extremamente sedutor (Ben-Ze'ev, 2004) e recheado de potencialidades.

Em particular, a possibilidade de manter o anonimato, para além de permitir fantasiar a apresentação de si, favorece a revelação de detalhes mais íntimos por parte dos utilizadores, dado que estes percebem uma menor vulnerabilidade e, desse modo, sentem-se mais livres para se expressarem (Ben-Ze'ev, 2004).

Tal facto parece explicar, conforme refere Mileham (2007), que muitos dos utilizadores, inclusive casados, recorrem à *internet* para conhecer outras pessoas, para terem um *flirt* ou para desenvolver conversas com um teor explicitamente sexual, mas também para partilharem as suas preocupações ou angústias, inclusive, relacionadas com a sua intimidade.

Uma consequência importante da comunicação mediada por computador que tem recebido particular atenção por parte de alguns investigadores tem sido o seu efeito no *self-disclosure* (Schouten, 2007). Na verdade, o efeito de desinibição *online* (Joinson, 1998) e, em particular, a tendência para o *self-disclosure online* (Joinson & Paine, 2007) podem, de acordo com Ben-Ze'ev (2004), conduzir a uma intensa sensação de intimidade *online*, tornando possível o desenvolvimento de experiências emocionais intensas e gratificantes.

Concretamente, a investigação relacionada com o *self-disclosure online* é consensual ao considerar que a possibilidade conferida pela comunicação mediada por computador de conservar a privacidade de cada utilizador, isto é, de “não ser observado [minimizando, deste modo, o] medo de reprovação” (Bauman, 1988 [1989, p.84-85]) permite uma maior abertura no ciberespaço comparativamente com a comunicação face-a-face (Bargh et al., 2002; Joinson, 1998). Walther (1996) estabelece, inclusive, que a interacção social mediada por computador pode ser menos influenciada pelos estereótipos habitualmente presentes nos palcos *offline* (e.g., família, amigos, colegas, local de trabalho, escola), ainda que não os anule totalmente.

Por fim, desta combinação entre desincorporação e anonimato, possível através de um ambiente tecnologicamente mediado, destaca-se a possibilidade de dar visibilidade a uma diversidade de identidades (Bargh, McKenna, & Fitzsimons, 2002; McKenna, Green, & Gleason, 2002), constituindo este aspecto uma dimensão assaz importante no contexto da nossa investigação. É ainda neste contexto que Joinson (1998) justifica que a comunicação mediada por computador e, mais genericamente, a *internet*, se tornou num foco de interesse de pesquisa no âmbito da psicologia social.

3.4 Espaços de interação dentro do ciberespaço

De acordo com Sheeks e Birchmeier (2007), os computadores e a *internet* oferecem um contexto particularmente vantajoso para o desenvolvimento de relações sociais, sendo que muitas pessoas aderem a esta forma de comunicar, inclusivamente, como vimos, para o desenvolvimento de relações interpessoais.

De facto, o advento da *internet* alterou de forma radical as condições convencionais de (re)produção identitária, ao introduzir a possibilidade de desenvolver interações sociais desmaterializadas e, nesse sentido, não sujeitas aos constrangimentos que uma interação face-a-face habitualmente está sujeita (Bargh et al., 2002; McKenna et al., 2002).

Além disso, mesmo nas situações em que a interação se desenvolve com o recurso ao som e à imagem, ou seja, naquelas em que um ou ambos os utilizadores comunicam através da uma *webcam*, o anonimato pode ser preservado pela retenção de informações como o nome, o local de residência ou a filiação institucional (Zhao et al., 2008).

Face a esta realidade, apresentaremos, de seguida, diferentes espaços de interação dentro do ciberespaço, designadamente: páginas pessoais e blogues, salas de conversação e mensagens instantâneas e redes sociais.

3.4.1 Páginas pessoais e blogues

As páginas pessoais constituem um recurso informático que torna possível a publicação de informação na *internet* por parte de pessoas, grupos e organizações, cabendo ao gestor da página a responsabilidade da sua manutenção. O conteúdo das páginas pessoais varia do pessoal ao profissional, sendo que a informação pode surgir na(s) forma(s) de texto gráfica e/ou animada, exibindo desde simples pacotes de informação, a convites para uma interacção com o/a autor/a da página e com fins que, também eles, vão do pessoal, ao profissional, concretizados face-a-face ou no contexto do ciberespaço (Chester, 2004). De acordo com Döring (2002), estima-se que cerca de 10% dos utilizadores da *internet* tenham a sua própria página pessoal.

Os blogues, ou *weblogs*, conforme são também conhecidos, constituem, à semelhança das páginas pessoais, um tipo de comunicação unilateral, cuja forma se assemelha à de um jornal *online*, podendo, no entanto, vir a assumir uma forma interactiva. Os blogues permitem registar informações, pensamentos, opiniões, imagens e sentimentos, sons e vídeos, bem como hiperligações, arquivando-os por ordem cronológica (Chester, 2004). Uma das vantagens distintivas desta modalidade assíncrona de comunicação consiste na oportunidade de publicar diferentes mensagens, muitas vezes, em jeito de reflexão pessoal sobre os mais diversos temas, entre eles a construção identitária (Suler, 2000).

3.4.2 Salas de conversação

Uma sala de conversação, vulgarmente conhecida por *chat room*, consiste numa tecnologia de comunicação sincronizada *online*, baseada em texto, em que múltiplos utilizadores podem conversar em simultâneo, sendo que, na maior parte das situações, as conversações decorrem entre pessoas que não se conhecem (Schouten, 2007).

Comunicar através de uma sala de conversação significa partir de um menu constituído por uma lista de servidores, sendo que a viabilidade desta interacção síncrona se deve à utilização de *software* específico, constituindo o *Internet Relay Chat* (IRC) um dos mais conhecidos desses *softwares* (Chester, 2004).

Criado em Agosto de 1988 por Jarkko Oikarinen, para substituir um programa chamado MultiUser Talk (MUT), o IRC foi pensado para comunicações em grupo, realizadas em fóruns de discussão, entretanto, designados por salas de conversação ou canais (Mann & Stewart, 2000). No entanto, importa referir que o IRC permite também a comunicação realizada apenas entre dois utilizadores através de mensagens privadas.

Quando um utilizador entra numa sala de conversação, entra com uma identificação no ecrã, ou seja, um *nickname*, podendo este corresponder ao nome verdadeiro ou a outra designação qualquer (Mann & Stewart, 2000). O objectivo desta identificação, também conhecida por *screen name*, pode servir para, conforme refere Bechar-Israeli (1996), informar algo acerca da identidade do utilizador e/ou dos propósitos da sua presença na sala de conversação e, dessa forma, induzir os outros utilizadores para o início de uma comunicação. Importa, neste contexto, esclarecer que a comunicação poderá encerrar diferentes formas, tais como: meramente escrita, com som ou com imagem (Ben-Ze'ev, 2004).

Apesar desta forma de comunicação ser hoje cada vez mais utilizada para fins profissionais e académicos, de resto, presente em diversas plataformas de *e-learning* de várias empresas, escolas ou universidades, a mesma é também utilizada como uma forma de ocupação e lazer (Rheingold, 1995). Todavia, sobretudo nos últimos anos, e de acordo com Schouten (2007), a sua utilização baseada exclusivamente em texto registou algum decréscimo. A justificar esta diminuição, o autor sugere a massificação das mensagens instantâneas, ocorridas, por exemplo, no programa *Messenger* (MSN), bem como a emergência das redes sociais, as quais, mais à frente, iremos abordar.

Na verdade, as mensagens instantâneas são uma forma relativamente recente de conversação. Em termos de funcionamento, cada utilizador adiciona um programa de mensagens instantâneas ao seu computador, dos quais o *Messenger* (MSN) é um exemplo, de resto fundamental no contexto da nossa investigação, construindo progressivamente a sua lista de contactos com quem de forma mais ou menos regular vai estabelecendo comunicação.

Este sistema permite ainda, salvo bloqueio intencional de uma ou ambas as partes, que cada utilizador seja informado sobre a presença do outro, bem como do seu estado (e.g., *online*, ocupado,

ausente, volto já, ausente para almoço, numa chamada). Para além disso, é possível a cada utilizador omitir a sua presença perante os outros contactos com mensagens instantâneas, por exemplo, no MSN, fazendo exibir o estado *offline*.

De acordo com Mileham (2007), as salas de conversação e as mensagens instantâneas introduziram uma dinâmica sem precedentes no quadro das relações maritais e afectivas. Na verdade, nunca foi tão fácil beneficiar da (aparente) estabilidade de uma relação conjugal, por exemplo, e as fortes emoções despertadas por um encontro extraconjugal, sendo este, de resto, um fenómeno bastante comum na actualidade (Adamse & Motta, 2000; Gwinnell, 1998; Maheu & Subotnik, 2001; Young, Griffin-Shelley, Cooper, O'Mara, & Buchanan, 2000).

Na verdade, a qualquer hora do dia ou da noite, é hoje possível encontrar, nas mais diversas salas de conversação, pessoas, homens e mulheres, jovens e menos jovens, de todos os estados civis, com e sem filhos, mais ou menos qualificados academicamente, com diferentes profissões e situações na profissão, a residir em meio urbano ou rural e com as mais variadas finalidades.

Por fim, e reportando-nos especificamente aos dois sítios aos quais recorreremos no contexto da nossa investigação empírica, o **www.terravista.pt** e o **www.gaydar.co.uk**, damos agora conta da pluralidade de espaços disponíveis, bem como da forma como os mesmos se encontram organizados.

Assim, e começando pelas salas de conversação disponibilizadas pelo **www.terravista.pt**, a sua organização vai desde as salas mais generalistas (e.g., Aveiro, Bragança, Coimbra, Évora, Faro, Guarda, Leiria, Lisboa, Porto), às salas mais específicas, tais como relações (e.g., Amizade, Amor, Cibersexo, Gays, Bissexual, Lésbicas, Gira@s, Adolescentes, De 20 a 25, Mais de 25, Mais de 35 e Mais de 45), lazer (e.g., Música, Noite, Arte, Desporto, Encontros, Viagens, Jogos, Cinema e Humor) ou sociedade (e.g., Economia, Computadores, Ambiente, Comunicação, Filosofia, Letras, Política, Saúde e Astrologia).

No caso do **www.gaydar.co.uk**, a organização das salas de conversação é mais complexa, conforme se demonstra: Áreas (e.g., Açores, Lisboa – Central, Centro, Madeira, Norte – Porto, Norte

– Restante, Sul – Faro, Sul – Restante); Salas de Trabalho Comunitário (e.g., Informação sobre saúde sexual, Aconselhamento, Hepatite C, Grupo de Trabalho HIV+); Salas comerciais (e.g., massagistas, acompanhantes, fotógrafos); 166 salas temáticas (e.g., À procura de relação, Pais Gay, Viajar, Espiritualidade, Dependentes em Recuperação, *Skinhead Gay*, Pessoas com Deficiência, Homens Surdos Mudos, Homens Cegos, Amizade, Homens Casados, Monogamia, Homens Activos, Homens Passivos, Homens Versáteis, Homens Altos, Homens Baixos, HIV+, Castidade, Sexo ao Telefone, *Webcam*, Pénis Grandes, Pénis Medianos, Pénis Pequenos, Militares, Ursos, Utilizadores de *Macintosh*, Musculados, Betos, *Punk*, Fato e Gravata).

3.4.3 Redes sociais

Conforme referem Fogel e Nehmad (2009), no contexto do ciberespaço, as pessoas comunicam e estabelecem relações através de diferentes redes sociais, tais como o *Facebook* e o *MySpace*. Nessas redes sociais, as pessoas habitualmente apresentam-se através de um perfil criado pelas próprias, contendo informação diversa (e.g., sexo, idade, profissão, estado civil, orientação sexual, interesses, o que procuram com a criação do perfil) e, em alguns casos, uma ou várias fotografias pessoais (Schouten, 2007). Falando em percentagens, e de acordo com Ipsos Insight (2007), nos Estados Unidos da América, 24% dos adultos já visitaram uma rede social nos últimos 30 dias.

Criado em 2004 por um estudante de Harvard, com vista a possibilitar uma socialização dentro do campus universitário, o *Facebook* rapidamente acabou por expandir-se extra muros (Zhao et al., 2008), tendo começado a popularizar-se entre outros alunos norte-americanos do ensino superior (Cassidy, 2006). Para além disso, o *Facebook* expandiu-se igualmente no contexto das escolas secundárias, em 2005, e de organizações comerciais, em 2006 (Zhao et al., 2008).

De acordo com os mesmos autores, as redes sociais permitem aos seus utilizadores apresentarem-se de formas diversificadas. Os utilizadores podem exibir fotografias pessoais em álbuns especificamente criados, descrever os seus interesses pessoais, bem como os seus passatempos favoritos e

listar os seus amigos e respectivas redes. Para além disso, estas redes sociais permitem aos seus utilizadores interagir mutuamente através da partilha de comentários ou mensagens.

Se recordarmos as diferentes possibilidades de punição ou ridicularização no contexto dos palcos *offline* (e.g., família, local de trabalho, colegas, amigos, escola) sempre que alguém manifesta um desvio face às expectativas heteronormativas, social e discursivamente veiculadas, tal como tivemos oportunidade de desenvolver no primeiro capítulo, as pessoas acabam por se tornar mais conhecidas em função das máscaras utilizadas no seu quotidiano, do que propriamente em função do que, muitas vezes, de acordo com o seu auto-conceito, as caracteriza.

Na verdade, por detrás das suas identidades conhecidas (Goffman, 1959 [1993]), escondem-se, muitas vezes, para não dizer sempre, outros “eus” (Bargh et al., 2002), devidamente domesticados pela sociedade e pela cultura dominantes.

Contrariamente a esta realidade, nos palcos *online* (e.g., salas de conversação, páginas pessoais, redes sociais, MSN), a responsabilidade de conservar uma determinada imagem não é necessariamente a mesma, facto que favorece aos seus utilizadores outras formas de se auto-apresentarem e de se mostrarem (Schouten, 2007). As redes sociais constituem, neste sentido, um dos múltiplos palcos *online* particularmente favoráveis à visibilidade de múltiplos “eus”, possíveis e desejados (Yurchisin et al., 2005). Trata-se, se quisermos, de (mais) uma clara demonstração da inviabilidade de um projecto moderno assente em binarismos e rigidificações (Bauman, 1991 [2007]).

3.5 Ciberespaço e suporte social e emocional

A importância do suporte social na promoção da saúde tem sido reconhecida por diferentes investigadores (e.g., Cohen, 2004; Sarason, Sarason, & Gurung, 2001; Schwarzer & Leppin, 1991). A percepção de poder, por exemplo, contar com o suporte social e emocional de amigos tem sido associada à obtenção de resultados positivos relacionados com a saúde física e mental (Cutrona, Suhr, & MacFarlane, 1990).

De facto, poder contar com o apoio construtivo dos amigos, um apoio que envolva a capacidade de escuta e de ausência de julgamento, parece favorecer a prevenção de problemas de saúde como, por exemplo, o stresse, bem como contribuir para controlar a escalada de diversos efeitos relacionados com a vivência de problemas particulares ou crises (e.g. Cohen & Wills, 1985; Cutrona & Russell, 1987).

De acordo com Cohen (2004), o suporte social pode ser entendido como uma espécie de rede social que fornece, basicamente, três tipos diferentes de recursos psicológicos e materiais, destinados a melhorar as capacidades das pessoas a adaptarem-se ao stresse, a saber: a) instrumentais; b) informacionais; c) emocionais. Vejamos, pois, ainda que de forma sumária, cada um deles:

a) Instrumentais: trata-se de fornecer ajuda material (e.g., bens alimentares, dinheiro) ou um acto comportamental específico (e.g., oferecer uma boleia, ajudar na concretização de uma tarefa);

b) Informacionais: a assistência informacional consiste em, por exemplo, disponibilizar conhecimentos, uma orientação ou conselho;

c) Emocionais: o suporte emocional está relacionado com expressões de empatia, cuidado e confiança, num gesto facilitador da expressão emocional, pelo grau de conforto que promove.

Importa, no entanto, reconhecer que o suporte social pode também produzir resultados menos positivos, incluindo a vivência de experiências de sensação de anulação ou controlo, passíveis de, na forma continuada, conduzir a situações de depressão e baixa de auto-estima (La Gaipa, 1990).

Na perspectiva de Badr e Acitelli (2001), o processo de suporte social pressupõe ainda três componentes diferentes, nomeadamente: a procura de suporte, a sua prestação e, por fim, a sua obtenção. Robertson (2006) acrescenta ainda um outro componente fundamental, que nos parece essencial para que o processo de suporte se desenvolva, que é a consciência da necessidade de suporte.

Face a este entendimento, é possível vislumbrar uma relação entre suporte social e suporte emocional, revelando-se a mesma importante para o desenvolvimento e manutenção de relações de proximidade (Clark & Reis, 1988; Weiss, 1973; Xu & Burleson, 2001). Mais especificamente, importa destacar a importância de um conjunto de expressões verbais e não verbais que, por sua vez, sugerem interesse pelo outro e pelo seu bem-estar, em particular em situações de dificuldade, perda, dor, sofrimento, desorientação ou solidão (Burleson, 2003). É neste contexto que Leatham e Duck (1990) referem as interações quotidianas entre amigos como exemplos de possíveis formas de suporte social e emocional.

Apesar de, como vimos, as primeiras investigações dedicadas ao estudo da *internet* contemplarem quase em exclusivo uma análise quanto aos seus impactos mais negativos (e.g., a adição), a verdade é que, conforme referem Amichai-Hamburger e Furham (2007), a *internet* pode oferecer aos seus utilizadores um ambiente extremamente diversificado, capaz de contribuir para uma melhoria significativa da qualidade de vida dos mesmos, inclusive, vantagens reais do ponto de vista do seu bem-estar psicológico. Não será, pois, por acaso, conforme se disse anteriormente, que diferentes profissionais, fundamentalmente da área da saúde mental, começaram a explorar o ambiente *online* como um novo método de intervenção terapêutica.

No que concerne ao *self-disclosure*, em particular, as investigações desenvolvidas em diferentes palcos do ciberespaço revelaram que o *self-disclosure online* é maior nas interações anónimas do que nas interações desenvolvidas face-a-face (Joinson, 2001; Schouten, Valkenburg, & Peter, 2007), sendo que investigações mais recentes apontam, de igual forma, para o caso das interações *online* não necessariamente anónimas poderem estimular o *self-disclosure* (Schouten et. al, 2007).

De acordo com Chelune (1979), as conceptualizações acerca do *self-disclosure* habitualmente incluem diversos tipos e graus de exposição pessoal. Assim, e no contexto da nossa investigação, parece-nos ser particularmente útil considerarmos a partilha de informações pessoal (e.g., sexo, idade, estado civil, habilitações académicas, orientação sexual) de experiências (e.g., configurações das masculinidades), de opiniões pessoais (e.g., sobre as diferentes masculinidades) e de sentimentos (e.g., associados à apresentação de si e à regulação da expressão emocional).

À luz destes últimos exemplos, e se atendermos à definição de *self-disclosure* proposta por Colins e Miller (1994), referindo-se a este como um acto de revelar informação pessoal sobre alguém a terceiros, facilmente compreenderemos que tal acto pode sempre envolver alguma surpresa. Na verdade, é mesmo possível que tal acto inclua informações socialmente puníveis ou estigmatizadas, relacionadas, a título de exemplo, com alguma actividade criminal, infidelidade conjugal ou elementos sobre a orientação sexual de alguém (Derlega, Metts, Petronio, & Margulis, 1993; Griffith & Hebl, 2002; Ludwig, Franco, & Malloy, 1986).

Importa, contudo, distinguir *self-disclosure* de apresentação de si. Na verdade são dois processos semelhantes, mas não se substituem mutuamente (Schlenker, 1986). Fundamentalmente, o conceito de *self-disclosure* diz respeito ao desenvolvimento de relações e constitui um processo crucial na formação e manutenção dos relacionamentos (Altman & Taylor, 1973). A apresentação de si, por seu lado, tem uma aplicação mais ampla, dizendo respeito a uma apresentação estratégica de si próprio, num contexto não necessariamente associado a um relacionamento.

A este propósito, e no contexto do seu estudo sobre *self-disclosure* e auto-apresentação *online* em adolescentes, Schouten (2007), refere que a comunicação *online* oferece oportunidades únicas para o *self-disclosure*, mas também para a auto-apresentação. Alguns dos atributos da comunicação *online*, tais como a possibilidade de conservar o anonimato, de desenvolver uma comunicação na forma escrita num dia e hora quaisquer, parecem, de facto, influenciar, de acordo também com os estudos referidos pelo autor, o *self-disclosure* (e.g., McKenna & Bargh, 2000; Suler, 2004a, 2004b; Walther, 1996).

Todavia, e de acordo com Barak e Hen (2008), a comunicação mediada por computador produz um efeito de desinibição capaz de encerrar consequências negativas e positivas. As consequências negativas, também designadas por desinibição tóxica (Suler, 2004a, 2004b), referem-se a expressões de, e a título de exemplo, agressão, difamação ou chantagem emocional.

Por outro lado, as consequências positivas, conhecidas por desinibição benigna (Suler, 2004a, 2004b), incluem expressões de, e a título de exemplo, auto-conhecimento, auto-compreensão, ac-

tividades proactivas (tais como informar e ser informado), comportamentos filantrópicos e, importante para o contexto da nossa investigação, expressão emocional e *self-disclosure* (Barak, 2007a, 2007b; Barak & Bloch, 2006; Barak & Dolev-Cohen, 2006; Joinson, 2001, 2003; Joinson & Paine, 2007; McKenna et al., 2002; Meier, 2004; Sillence & Briggs, 2007; Tichon & Shapiro, 2003).

Barak e Hen (2008) referem, a propósito dos efeitos mais positivos da comunicação mediada por computador, que as pessoas, em diferentes palcos do ciberespaço, se expressam mais livremente, transmitindo com maior liberdade e, frequentemente, de forma mais próxima do que no momento sentem e desejam, as suas formas de estar, de pensar, as suas dúvidas, os seus medos e os seus desejos. Nesse sentido, é possível admitir a realização de algumas das suas necessidades psicológicas e sociais.

Ainda de acordo com os mesmos autores, esta maior expressividade justifica-se pelo facto do ciberespaço não estar condenado aos constrangimentos dos diversos palcos *offline* (e.g., família, local de trabalho, colegas, amigos, intimidade), em que as pessoas se sentem mais obrigadas a filtrar, censurar e fabricar as suas acções, em resultado das normas sociais e das ameaças, mais ou menos explícitas, de punições ou ridicularização, caso estas não sejam cabalmente cumpridas.

Esta posição dos autores remete, em nosso entender, para uma visão alternativa a formas de pensamento mais comuns, dado que reconhece, para além das possibilidades mais divulgadas (e.g., enganar os utilizadores, mentir sobre si próprio), a possibilidade de manifestação de comportamentos profundamente honestos e transparentes.

Face a este entendimento, sustentamos que a desmaterialização e o anonimato tornados possíveis pelo ambiente *online* permitem aos seus utilizadores a reinvenção e, em casos específicos, a aceitação de si, mediante uma maior liberdade relacionada com a expressão de identidades particularmente encobertas e estigmatizadas (Goffman, 1963 [1982]) em diferentes palcos *offline* (e.g., família, local de trabalho, colegas, amigos, intimidade). Sustentamos ainda, nesta base de entendimento, que o ciberespaço reúne importantes condições para poder considerar-se um palco de suporte social e emocional.

É neste contexto que, concluímos, a apresentação *online* de si, em geral, e a expressão emocional, em particular, podem constituir um processo de *empowerment* (Zhao et al., 2008), na medida em que o anonimato possibilitado pelo ambiente *online* promove a expressão de “eus” oprimidos (Suler, 2002), bem como a expressão de diversas identidades não normativas (Rosenmann & Safir, 2006).

Síntese

Pensar o ciberespaço como um espaço de suporte social e emocional foi o desafio a que nos propusemos ao longo deste capítulo. A pluralidade de perspectivas conceituais construídas no âmbito de um território científico emergente, a ciberpsicologia, permitiu-nos constatar diferentes (des)vantagens relativas à utilização de um espaço virtual onde decorrem interações reais, em diferentes palcos, em tempos síncrono e/ou assíncrono, com ou sem imagem.

Constatámos que após um período fortemente influenciado por um interesse científico motivado fundamentalmente pela exploração dos aspectos considerados nocivos da utilização do ciberespaço (e.g., adição, dependência face à *internet*, abuso face à *internet*, utilização patológica da *internet*, utilização problemática da *internet*), associados a uma desinibição tóxica (Suler, 2008), seguem-se perspectivas que apontam para a possibilidade do ciberespaço funcionar como um palco de suporte social e emocional, desta vez, em associação a uma desinibição benigna (Suler, 2008).

Nesse sentido, foram identificados e caracterizados diferentes espaços de interação dentro do ciberespaço (e.g., páginas pessoais, blogues, salas de conversação, mensagens instantâneas, redes sociais) favoráveis a múltiplas apresentações de si e ao *self-disclosure*.

CAPÍTULO IV

METODOLOGIA

Sinopse

Conforme referem Nogueira, Neves e Barbosa (2005), os estudos de gênero têm sido assumidos por discursos distintos no seio da psicologia, bem como das ciências sociais em geral, espelhando assim o desenvolvimento e os debates epistemológicos internos na disciplina. Nesse sentido, as perspectivas teórica, epistemológica e metodológica adotadas para estudar o gênero bem como diferentes questões com este relacionadas deixam de ser indiferentes.

Face a esta realidade, o presente capítulo apresenta, justificando, o nosso posicionamento crítico face a uma ciência positivista (e.g., psicologia), em nosso entender, opressora para as mulheres, tal como denunciado por diferentes investigadoras e investigadores (Nogueira et al., 2005) e, simultaneamente, no quadro das masculinidades (Connell, 2009; Vale de Almeida, 1995), responsável pela criação de diferentes experiências contraditórias de poder (Kaufman, 1994).

Serão ainda apresentadas e justificadas as diferentes opções metodológicas que, guiadas pela intenção de trabalhar questões de poder e participação nos processos de pesquisa (Nelson & Prilleltensky, 2005), retirando da invisibilidade diferentes formas históricas de opressão, consistiram em dar voz (Guba & Lincoln, 2005), através da entrevista *online* (Stieger & Göritz, 2006) a 34 pessoas que se apresentaram como homens.

Por fim, e tendo procurado observar os cuidados sugeridos por Rice e Ezzy (1999) e Robertson (2006) no âmbito dos estudos interpretativos, serão identificados e explicados os diferentes procedimentos adoptados, relacionados com questões de rigor teórico, metodológico e interpretativo.

4.1 Pressupostos teóricos e epistemológicos

Tal como tivemos oportunidade de apresentar na parte teórica do nosso trabalho, o estudo dos homens e das masculinidades compreende uma diversidade de paradigmas de investigação (Connell, Hearn, & Kimmel, 2005; Edwards, 2005; Gardiner, 2005; Holter, 2005; Vale de Almeida, 1995).

Nesse sentido, importa explicar de forma clara e minimamente detalhada, ainda que sempre incompleta e questionável, a forma como a presente investigação foi desenvolvida, designadamente no que concerne aos pressupostos teóricos e epistemológicos que lhe serviram de base. Os dois pontos que se seguem apresentam, assim, o construcionismo social e a teoria *queer*.

4.1.1 Construcionismo social

Conforme refere Nogueira (2001), os desafios colocados actualmente à psicologia, em geral, e à psicologia social, em particular, emergiram dos debates inaugurados pelo pós-modernismo, como corrente geral, ainda que na psicologia social os mesmos se tenham organizado em torno da escola do construcionismo social (Gergen, 1994a, 1994b; Shotter, 1993, 1995), ou mesmo da psicologia discursiva (Harré, 1995; Harré & Gillett, 1994; Parker, 1992; Potter & Wetherell, 1987).

Na verdade, refere Gergen (2001), a investigação e a intervenção psicológicas pautaram-se, durante décadas, por uma insistente busca de leis universais que pudessem prever comportamentos e esclarecer o que se admitia ser a verdadeira essência do ser humano. Refém de princípios enquadramentos da (dita) verdadeira ciência (e.g., objectividade, racionalidade, imparcialidade), a psicologia foi sendo alicerçada e ajustada em função de uma lógica positivista (Bem & Looren de Jong, 1997), a qual, de acordo com Neves e Nogueira (2004), se inclinava para afastar e rejeitar outras formas que se vislumbraassem dissonantes.

Por outro lado, o discurso positivista dominante (Gergen, 1973; Miller, 1999) envolveu uma construção da psicologia como uma disciplina assente no pressuposto de que existe sempre uma lei

externa por detrás da ocorrência de qualquer fenómeno, admitindo que a sua medição é sempre susceptível de ser realizada de forma absolutamente rigorosa (Nogueira et al., 2005).

De facto, e de acordo com Ibañez (1994), o construcionismo social representa, na psicologia, a escola que melhor se ajusta ao pensamento pós-moderno. Na realidade, e conforme refere Nogueira (2001), os construcionistas sociais tecem críticas à ideologia da representação, marcadamente moderna, argumentando que tal ideologia sustenta quatro mitos, a saber: a) o mito de um conhecimento válido que possa representar fielmente a realidade; b) o mito do objecto como elemento constitutivo do mundo; c) o mito da realidade como independente dos indivíduos; e, finalmente, d) o mito da verdade como critério decisório.

Referindo-se de igual forma ao construcionismo social, Burr (1995) [1997] refere que o que o distingue da abordagem da psicologia mais tradicional é, fundamentalmente, o seu carácter anti-essencialista, anti-realista, a pressuposição da linguagem como pré-condição para o pensamento e como forma de acção social, e o seu foco na interacção e nas práticas sociais, aliada à perspectiva do conhecimento como especificamente histórico e cultural. Ao questionar os pressupostos do essencialismo e do humanismo, a teoria construcionista social deslocou, assim, o foco da atenção da pessoa para a esfera social.

Nesta perspectiva, e ainda no seguimento de Nogueira (2001), a psicologia passa a constituir-se no estudo do ser socialmente construído, o produto de discursos contingentes do ponto de vista histórico e cultural, por sua vez, imbuídos de uma complexa teia de relações de poder. De acordo com esta linha de pensamento, a pessoa fica como que engavetada num sistema histórico, social e político, do qual não pode ser afastada e estudada de forma independente.

Todavia, definir o construcionismo social não é uma tarefa que reúna particular consenso entre investigadores (Burr, 1995 [1997]). Importa, por isso, esclarecer que a nossa investigação segue a proposta de Gergen e Davis (1997), de resto corroborada por Nogueira (2001) e Quartilho (2003), a qual passamos a apresentar.

É possível classificarmos de construcionista social qualquer abordagem orientada por um, ou mais, dos pressupostos seguidamente identificados e explicados:

a) Posição crítica face ao conhecimento fornecido como verdade

O construcionismo social advoga um posicionamento crítico relativamente ao conhecimento disponível, nomeadamente no que concerne às observações (ditas) objectivas do mundo, explicadas à luz da natureza individual. Discorda, deste modo, das leituras positivistas e empiricistas características das ciências sociais tradicionais, concretamente no que respeita à suposição de que a natureza do mundo pode ser revelada através da observação, sendo que aquilo que existe corresponde àquilo que se percebe que existe.

O mesmo pressuposto sugere ainda que as categorias com as quais se apreende o mundo não correspondem forçosamente a divisões reais, constituindo o género um notável exemplo desta questão (Nogueira, 2001). Pese embora as observações do mundo indicarem a existência de duas categorias de seres humanos (homens e mulheres), Gergen (1992) alerta para a pertinência da distinção entre masculinidade(s) e feminilidade(s).

Reconhecendo as diferenças óbvias nos órgãos de reprodução, presentes em muitas espécies, importa, todavia, questionar as motivações de tal distinção ter sido sempre tão importante, a fim de que o conjunto das categorias da personalidade se baseasse nela (homem e mulher) (Burr, 1995 [1997]; Nogueira, 2001).

b) As formas e os termos pelos quais o mundo é compreendido e cada um individualmente correspondem a derivações das (inter)relações entre as pessoas, permeáveis às especificidades históricas e culturais, correspondendo assim a artefactos sociais

Conforme sustenta Nogueira (2001), para os construcionistas sociais, as descrições e explicações resultam de uma acção humana devidamente coordenada, sendo que as palavras somente adqui-

rem significado no âmbito de um contexto relacional. A expressão homossexual é disso um bom exemplo, dado constituir uma categoria criada por culturas e sociedades (Naphy, 2004), já que homossexual será alguém que entende que o é, porque vive numa sociedade que assim classifica o seu comportamento.

Nesta linha de pensamento, as formas como se compreende o mundo, bem como as categorias e os conceitos utilizados são característicos de um tempo histórico e cultural (Burr, 1995 [1997]; Gergen, 1985; Nogueira, 2001). O conhecimento é, assim, assumido como relativo e dependente do tempo e do espaço, o que quer dizer que não é apenas específico a culturas e momentos particulares, mas também produto dessa cultura e dessa história.

Burr (1995) [1997] acrescenta, a este propósito, que as formas particulares relacionadas com uma dada cultura correspondem a artefactos da mesma, esclarecendo que não faz sentido distinguir as formas que estarão mais próximas da verdade.

c) As descrições do mundo ou do *self* são sustentadas ao longo do tempo devido às variações do processo social e não por uma validade objectiva

De acordo com Burr (1995) [1997], este pressuposto sugere que o conhecimento é sustentado pelo processo social e que o conhecimento do mundo e as formas comuns de o compreender não resultam da natureza do mundo em si mesmo, mas de versões de conhecimento construídas através das interacções quotidianas entre as pessoas. Assim se justifica que todo o tipo de interacção social, particularmente a linguagem, constitua grande interesse para os construcionistas sociais (Nogueira, 2001).

Ainda de acordo com a mesma autora, as ocorrências entre as pessoas no decurso da sua vida de todos os dias são encaradas como práticas durante as quais as versões partilhadas de conhecimento são construídas. Deste modo, o que se assume como verdade é apenas um produto, não propriamente da observação objectiva do mundo, mas do processo social e das interacções nas quais as pessoas estão constantemente envolvidas.

Por fim, e considerando a permeabilidade entre conhecimento e acção social, as compreensões negociadas do mundo assumem uma grande diversidade. Neste contexto, torna-se, assim, possível falar de numerosas e possíveis construções sociais, onde cada construção pode convidar a uma determinada acção (Nogueira, 2001).

d) O significado da linguagem deriva do seu modo de funcionamento inscrito nos padrões de relacionamento

Na perspectiva do construcionismo social, o papel que a linguagem desempenha é radicalmente distinto do que é assumido pela psicologia tradicional, dado que esta sustenta que a linguagem representa uma expressão fácil de compreensão do pensamento e não uma pré-condição deste. O construcionismo social, por seu lado, não considera a linguagem um meio transparente e puro, mediante o qual os pensamentos e sentimentos se podem tornar acessíveis aos outros. De acordo com este pressuposto, o uso da linguagem corresponde a uma forma de acção tendo, por isso, um carácter performativo (Nogueira, 2001).

Em síntese, sempre que as pessoas falam entre si, o mundo constrói-se e, nesse sentido, a linguagem não é apenas um veículo passivo para os pensamentos e emoções (Burr, 1995 [1997]). O cerne do construcionismo social corresponde, assim, à insistência sobre a natureza partilhada dos códigos da linguagem, em constante mudança, e variando nos seus significados em função dos contextos.

4.1.2 A teoria *queer*

O final dos anos 80 e, em particular, o início dos anos 90 do século XX marcaram a emergência de um movimento crítico que colocou em causa a noção de identidade *gay* e *lésbica* e que se organizou sob a designação de Teoria *Queer* (Cascais, 2004; Jagose, 1997; Moita, 2001; Morris, 2000 [2007]; Plummer, 2005; Vale de Almeida, 2004). Cunhado por Teresa de Laurentis conforme refere, Morris, (2000) [2007], o termo *queer* surge como uma forma não alinhada com qualquer

categoria específica de identidade e “problematiza as consolidações normativas do sexo, género e sexualidade” (Vale de Almeida, 2004, p.97).

Tal entendimento, epistemologicamente pós-estruturalista da identidade (Vale de Almeida, 2004), abraçado, entre outros, por Derrida e Foucault (Garlick, 2003; Morris, 2000 [2007]), subverte a aparente relação entre sexo e género, num claro enfraquecimento das divisões binárias características do pensamento moderno ocidental – fortemente apostado na sua actividade classificatória (Bauman, 1991 [2007]; 1995 [2007]) – ao propor uma noção assumidamente provocatória de identidades fluidas e dispersas (Morris, 2000 [2007]; Vale de Almeida, 2004).

Nesta linha de pensamento, esta proposta representa um alargamento do espaço do possível (Davis & Sumara, 2000 [2007]), podendo mesmo ser entendida como a antítese do ideal moderno de progresso, na medida em que as suas preocupações não visam uma razão legislativa responsável pela distinção entre ordem e caos (Bauman, 1991 [2007]), normal e anormal (Goffman, 1963 [1982]), mas antes, como refere Sedgwick (1990) [2003], a análise dos detalhes relativos às diferenças entre as pessoas e não exclusivamente entre as categorias destas.

É justamente aqui que as preocupações de Butler (1990), concentradas na desconstrução do binarismo sexo/género e não do binarismo homossexual/heterossexual, apoiadas por um posicionamento anti-essencialista, favorável à ideia de performatividade, a colocam como uma das autoras de referência no âmbito da teoria *queer* (Plummer, 2005). Tal visão constitui, em nosso entender, um desafio à desconstrução dos nossos próprios discursos e uma exigência de abertura, ainda rara no seio da academia (Warner, 1993), relativamente à forma como pensamos através das diferentes categorias.

Nesse sentido, e de acordo com Plummer (2005), a teoria *queer* desafia os binarismos heterossexual/homossexual e sexo/género, recusando a ideia de identidades fixas, por um lado, e estratégias de normalização, por outro. Abandona o paradigma do desvio, interessando-se pela análise das lógicas de poder, de submissão e transgressão, recusando os métodos de investigação mais ortodoxos (Halberstam, 1998).

Ainda que a teoria *queer* não tenha constituído um avanço fundamental face às ideias mais recentes no campo da investigação qualitativa, reconhece-se-lhe a sua forte preocupação em demonstrar a instabilidade das categorias, bem como do sexo e da sexualidade (Morris, 2000 [2007]; Plummer, 2005), legitimando a ambiguidade e a incerteza (Bauman, 1991 [2007]) e ainda a “diversidade de experiências, culturas, interesses, valores e formas de vida” (Moita, 2001, p.167).

É, pois, neste quadro de problematização pós-moderna no âmbito dos estudos sexuais e de género que, reconhecendo o facto de, em pleno século XXI, as pessoas continuarem a morrer, a vivenciarem diferentes formas de ataque e discriminação, sofrendo (des)necessariamente de variadíssimas formas, públicas e privadas (Pinar, 2000 [2007]), que a teoria *queer* assume um compromisso de resistência face a práticas discursivas insidiosas responsáveis pela opressão e marginalização das pessoas (Morris, 2000 [2007]).

4.2 Opções metodológicas e sua justificação

À semelhança do que acontece com os pressupostos teóricos e epistemológicos, a ausência de uma explicação clara e detalhada, ainda que, uma vez mais, sempre discutível, relativa à forma como os dados foram recolhidos e posteriormente analisados, dificulta a avaliação da mesma, bem como a possibilidade de a comparar com outros estudos relacionados com a mesma problemática, colocando ainda em causa a possibilidade de a replicar (Attride-Stirling, 2001). Nesse sentido, explicitaremos, a partir daqui, e com o detalhe possível, as nossas opções metodológicas e sua justificação.

4.2.1 Pesquisa qualitativa mediada por computador

Tal como os laboratórios de investigação científica conheceram uma revolução com a chegada dos computadores na década de 70 do século XX (e.g., Connes, 1972; Hoggatt, 1977), assistimos, actualmente, a uma nova revolução, desta vez, protagonizada pela investigação

baseada e conduzida através da *internet* (Barak & Hen, 2008; Dochartaigh & Sleeman, 2007; Mann & Stuart, 2000; Markham & Baym, 2009; Mush & Reips, 2000; Reips, 2008).

Na realidade, o advento da *internet* provocou alterações substanciais na ciência e na actividade quotidiana dos investigadores, entre elas, a comunicação, a recolha de informação, a compilação dos dados, a publicação e o ensino (Reips, 2008).

Em relação à comunicação, por exemplo, são de registar as alterações profundas na forma como os diferentes investigadores e universitários de universidades do mundo inteiro podem hoje comunicar, sendo que Nie e Erbring (2002) referem a utilização do correio electrónico como uma das actividades mais comuns.

Por outro lado, a proliferação da banda larga deu lugar à possibilidade de comunicar através do *Skype*, hoje utilizado por milhões de pessoas e para fins que vão desde o pessoal ao profissional. Matzat (2002) destaca ainda os grupos e fóruns de discussão *online*, tão frequentes hoje nas plataformas utilizadas nas mais diversas universidades, facilitadoras não só do diálogo entre investigadores, professores e alunos, mas também da transferência de informação, intensificação de contactos e até mesmo produção de novos conhecimentos.

No que concerne à compilação de dados, por exemplo, assistimos também a uma mudança histórica sem precedentes (Reips, 1997, 2000). Recordamos, a título de exemplo, as facilidades hoje concedidas pelas mais diversas publicações internacionais *online* (e.g., jornais, revistas, boletins) no que diz respeito à consulta gratuita de resumos e aquisição, mediante *download*, de textos integrais, em forma de artigo.

Harnad (1995, 2001) destaca ainda as facilidades concedidas periodicamente por diferentes publicações, concretamente no que respeita à filosofia de livre acesso. Por outro lado ainda, em relação ao ensino, o *e-learning* surge como apenas um outro exemplo das alterações provocadas pela *internet* (Reips & Matzat, 2006).

No que concerne à recolha de informação, e porque a presente investigação se inscreve no contexto da psicologia, esclarecemos que o primeiro questionário psicológico a surgir na *internet*, ainda na versão HTML, teve lugar em 1997 (Reips, 2008), sendo que Krantz, Ballard e Scher (1997) e Reips (1997) conduzem as primeiras experiências neste palco em 1995.

Nesta linha de pensamento, e corroborando Baym e Markham (2009), consideramos a *internet* como uma das marcas da época em que vivemos, encontrando-se a mesma directamente implicada em diferentes transformações observáveis na contemporaneidade, entre elas, a convergência dos media, as identidades mediadas, e a redefinição das fronteiras sociais e geográficas. Por sua vez, cada um destes contextos culturalmente entrelaçados afecta, inevitavelmente, a identificação dos objectos a estudar, o envolvimento em áreas de pesquisa, e o desenho e condução da pesquisa qualitativa na vida social contemporânea.

A este propósito, Kendall (2009) refere que as fronteiras dos projectos de investigação desenhados para decorrer na *internet* não podem ser encerrados numa localização pensada nos mesmos termos das localizações equacionadas para os estudos desenhados para decorrer de forma convencional.

Assumindo por pesquisa mediada por computador o estudo de múltiplos significados e experiências que emergem num contexto particular da *internet* (Mann & Stewart, 2000), privilegiámos, no contexto da presente investigação, a recolha de dados *online*, de forma síncrona, nomeadamente através da entrevista qualitativa em profundidade. Elaborámos ainda uma pesquisa de dados disponíveis em forma assíncrona, designadamente em diferentes blogues onde diferentes homens falam de si e, em particular, dos constrangimentos por si percebidos e vivenciados pelo facto de não se identificarem como heterossexuais. Apresentaremos, a título complementar e meramente ilustrativo, sem pretensões de análise detalhada, alguns desses excertos na conclusão da presente investigação.

Importa esclarecer, todavia, que a condução de uma investigação através da *internet*, à semelhança de outras formas mais convencionais, encerra vantagens e desvantagens. No que diz respeito às vantagens, Booth-Kewley, Edwards e Rosenfeld (1992), apontam a redução da tendência para os participantes dos diferentes estudos responderem de acordo com a desejabilidade social, sendo

que Reips (2000) destaca a facilidade de acesso a um número de participantes sócio-demográfica e culturalmente diverso, bem como a populações específicas às quais nem sempre é fácil aceder.

O evitar certos constrangimentos motivados por ter de dar a cara perante um investigador, a fim de falar de assuntos ou histórias de vida mais complexos para o/a participante de um estudo, a maior facilidade de questões logísticas associadas aos encontros entre investigador e participante (e.g., dia, hora e local de encontro), a economia de recursos (e.g., espaço, tempo, dinheiro) e o fácil acesso a um número expressivo de potenciais participantes num estudo são algumas das vantagens associadas aos estudos realizados *online* (Reips, 2002).

No entanto, o abandono (Reips, 2002) por parte dos participantes é sempre uma possibilidade presente nos estudos realizados *online*, de resto também possível de ocorrer em qualquer outra forma mais convencional de realização de pesquisa científica. Por outro lado ainda, e se pensarmos à escala global, o acesso a um computador com ligação à *internet* está longe de fazer parte do quotidiano da maior parte das populações, pelo que os eventuais participantes em estudos *online* compõem, regra geral, uma população diferenciada em termos culturais.

Reips (2002) aponta ainda, sobretudo para os estudos *online* quantitativos, a impossibilidade de controlar o número de vezes que o mesmo utilizador preencheu, por exemplo, um inquérito. O autor recorda que mesmo solicitando um endereço electrónico válido, é possível cada utilizador ter mais do que um endereço e, dessa forma, responder mais do que uma vez a um mesmo inquérito.

4.2.1.1 Entrevista *online*

Data dos finais dos anos 90 do século XX, a ideia de conduzir entrevistas *online*, de modo síncrono, isto é, recorrendo, por exemplo, às salas de conversação e às mensagens instantâneas (e.g. MSN). Data também da mesma época a possibilidade de conduzir entrevistas *online*, de modo assíncrono, quer através de uma criação prévia de perfis a divulgar os estudos, tal como fizemos no contexto da nossa investigação, quer, por exemplo, através do correio electrónico (Barak & Hen, 2008).

Stieger e Göritz (2006) investigaram a exequibilidade, bem como a credibilidade de entrevistar pessoas recorrendo a um *software* de mensagens instantâneas (e.g. MSN) e constataram que a maior parte das pessoas estava disponível para ser entrevistada desta forma.

Referindo-se concretamente à realização de entrevistas com pessoas portadoras de deficiência(s), Bowker e Tuffin (2002, 2003, 2004) salientam que o formato *online* é particularmente eficaz, sugerindo, inclusive, que este possa ser mais apropriado do que as realizadas face-a-face. O mesmo posicionamento foi adoptado por David, Bolding, Hart, Sherr e Elford (2004) ao terem conduzido entrevistas *online* no âmbito de uma investigação dedicada à problemática da HIV/SIDA.

De facto, são várias as vantagens da realização de entrevistas *online*, sendo que Stieger e Göritz (2006) e Barak e Hen (2008) destacam: a) a facilidade de aceder mais facilmente a uma diversidade de participantes provenientes das mais variadas regiões geográficas, inclusive, populações às quais é mais difícil aceder; b) baixos custos, dado que o investigador não tem de se deslocar fisicamente; c) uma maior liberdade e conforto ao participante, motivada pela sensação de protecção e privacidade e, por fim, d) sendo que a informação relativa ao diálogo entre entrevistador e participante fica registada no próprio computador, o risco de uma transcrição menos fiel não se coloca.

Contudo, a realização de uma entrevista *online* implica mais do que uma simples conversação construída sob a forma de texto, a partir de uma sala de conversação ou correio electrónico. A sua condução requer competências específicas e um treino por parte do entrevistador, no sentido deste ser capaz de reagir profissional e eticamente a uma pluralidade de circunstâncias. Para além disso, exige-se um bom domínio das ferramentas informáticas.

De acordo com Joinson (2001), a entrevista *online* requer ainda diferentes abordagens, em função do fim a que a mesma se destina. Assim, uma entrevista de emprego ou de diagnóstico clínico requerem, como se perceberá, abordagens distintas. Todavia, e sem subestimar a importância dos factores não verbais da comunicação, o formato *online* sublinha a importância de dois elementos-chave, a saber: a) as expressões verbais; e b) a invisibilidade.

Quanto às expressões verbais, importa referir que, de acordo com este formato, as mesmas não são necessariamente audíveis, pelo que são perceptíveis na forma escrita. As mesmas poderão, contudo, ser audíveis quando se recorre ao uso do microfone ou de uma *webcam*. Em relação à invisibilidade, importa salientar, de acordo com o mesmo autor, a possibilidade desta facilitar um menor número de respostas concordantes com a desejabilidade social, dado o efeito desinibitório que o formato *online* promove.

Na verdade, para muitas pessoas, escrever, mais do que falar oralmente, consiste numa oportunidade especial de se expressarem de forma mais precisa e honesta, sendo que diferentes autores (e.g., Anthony, 2004; Suler, 2004a, 2004b) sugerem seis razões possíveis para explicar este fenómeno. Iremos, seguidamente, e de forma sumária, apresentar cada uma delas.

Em primeiro lugar, quando uma pessoa escreve tende a concentrar-se mais na expressão de pensamentos e sentimentos mais íntimos do que quando fala. Escrever frequentemente significa dar voz a falas mais íntimas.

Em segundo lugar, mesmo que a entrevista *online* decorra de modo síncrono, a pessoa entrevistada tem a oportunidade de reflectir e de ir editando as suas respostas de forma a ir precisando o que, de facto, pensa e sente acerca do que lhe está a ser perguntado. Falamos, no primeiro caso, em factores de ordem psicológica, tais como a sensação de menor pressão sentida pelo facto de não ter alguém (e.g., o entrevistador) a olhar directamente para si e, no segundo caso, de factores de ordem técnica, tais como a possibilidade de escrever e de reescrever o texto, diferentemente do que aconteceria na forma oral.

Em terceiro lugar, uma componente relacionada com a conveniência, e que não deverá ser menosprezada. De facto, quando entrevistador e participante se encontram (podendo ser em dias e horas diferentes das de um horário habitual de trabalho), sendo possível cada um estar num local diferente e fisicamente mais conveniente para cada uma das partes, é razoável aceitar que a tensão, o stresse e a ansiedade frequentemente causada neste tipo de situações (e que interfere na qualidade da relação, enfraquecendo a validade dos resultados) seja menor, permitindo à pessoa entrevistada uma outra suavidade e, nesse sentido, uma maior autenticidade.

Em quarto lugar, as entrevistas *online* permitem a sua utilização futura para reanálise e reavaliação, supervisão ou outra utilização distinta (e.g. prática, pesquisa) com grande precisão, bem como a possibilidade da pessoa entrevistada ficar imediatamente com uma cópia para si do texto entretanto co-construído pelas partes.

Em quinto lugar, as entrevistas *online* têm a especial vantagem de neutralizar interferências irrelevantes da parte de quem entrevista, tais como a sua aparência física, a forma de vestir, a cor da pele, o sotaque (Shahani, Dipboye, & Gehrlein, 1993), favorecendo uma maior concentração no essencial.

Por fim, em sexto lugar, as entrevistas *online* podem ser consideradas especialmente apropriadas para uma primeira conversa preliminar, onde o efeito desinibitório motivado pela possibilidade do anonimato que esta encerra (Joinson, 2001) pode favorecer o colocar questões importantes para quem é entrevistado e que, nas entrevistas face-a-face, nem sempre consegue colocar com a mesma facilidade.

Por outro lado, Stieger e Göriz (2006) e Barak e Hen (2008) admitem que as entrevistas *online* possam encerrar diferentes desvantagens. É sobre essas que seguidamente iremos tecer algumas considerações.

O facto de nem todas as pessoas dominarem convenientemente a escrita pode originar equívocos ou entendimentos pouco claros. Nesse caso, e sempre que tal se verifique, importa proceder a reformulações de conteúdo e de sentimentos, a fim de que quem entrevista se assegure de ter compreendido bem a mensagem que a pessoa que está a ser entrevistada pretendeu efectivamente transmitir. Por outro lado, também é possível encontrar pessoas que têm maior dificuldade em conversar com alguém que não estão a ver. Nesse caso, existe sempre a possibilidade de recorrer à utilização de uma *webcam*, cuja definição de imagem consegue ser hoje de grande qualidade.

Por outro lado ainda, não podemos ignorar que existem situações em que os utilizadores revelam algumas dificuldades técnicas no manuseamento do computador ou escrevem de forma mais lenta.

Por fim, para as situações em que a aparência seja importante, nomeadamente a forma como a pessoa se apresenta, o seu comportamento não verbal ou outros aspectos considerados importantes, a entrevista *online* poderá não ser a modalidade mais adequada, facto que nos leva a sublinhar que a opção pelo formato *online* não pode ser dissociada dos propósitos da entrevista em si.

No caso da nossa investigação, as vantagens da entrevista *online* afiguraram-se-nos inequívocas, dadas as especificidades não apenas do nosso objecto de estudo, mas também do facto dos homens estarem, em geral, pouco familiarizados com uma apresentação de si e das suas formas de expressão emocional e afectiva em contextos face-a-face (Lilleaas, 2007; Seidler, 1997).

Para finalizar, e de acordo com Barak e Hen (2008), não é raro profissionais e investigadores menos informados referirem que os resultados provenientes de entrevistas *online* são menos verdadeiros e/ou, em alguns casos, manipulados e falseados. Esta ideia pré-concebida parece estar, no entanto, associada a uma visão da *internet* que exclui a possibilidade das pessoas se expressarem de forma mais livre, menos prisioneira das normas e expectativas socialmente construídas e, nesse sentido, mais autêntica. Parece igualmente estar iludida pelo mito de que, no contexto face-a-face, os olhos não mentem.

4.2.1.2 Instrumento e procedimentos

A fim de recolhermos a informação empírica para os nossos estudos 1 e 2, concebemos um guião de entrevista em profundidade, semi-estruturado e de questões abertas (Anexo A), destinado a ser aplicado a pessoas que se apresentassem como homens em diferentes palcos *online* (e.g., salas de conversação, páginas pessoais, redes sociais, blogues e correio electrónico).

O guião compreende quatro tópicos associados às nossas questões investigativas, designadamente: a) Caracterização sócio-demográfica do participante; b) Configurações da(s) masculinidade(s); c) Configurações da expressão emocional e afectiva em palcos *online* e *offline*; e d) Ciberespaço e *self-disclosure*.

Mais especificamente, no primeiro tópico, recolhemos informações como a idade, o estado civil, as habilitações académicas, a profissão, a situação na profissão, o número de filhos e a orientação sexual, ainda que nem todos os participantes se tivessem posicionado numa categoria fixa da identidade sexual.

Através do segundo tópico pretendemos aferir as configurações da(s) masculinidade(s), para o que foram previamente pensadas as categorias *Perspectiva pessoal da(s) masculinidade(s)* e *Perspectiva social da(s) masculinidade(s)*, ambas operacionalizadas com duas questões de partida, a saber: *O que é para si ser homem?* e *O que é ser homem no contexto da sociedade em que vive?*

Inaugurado, deste modo, o diálogo *online* entre entrevistador e participante, cedo compreendemos, pelas mais diversas manifestações dos participantes (e.g., perplexidade, interrogação, silêncio), algumas expressas na forma escrita, outras simbolicamente representadas através de *emoticons*¹, o novo, complexo e exigente desafio em que havíamos lançado cada participante.

Deste modo, a dificuldade em romper com uma circularidade discursiva marcada por respostas do estilo *“Ser homem é ser masculino”* ou *“Ser homem é comportar-se de forma masculina”* sugeriu-nos, desde logo, uma possibilidade de estarmos perante homens mais disciplinados (Foucault, 1975 [2006]), habituados a “aprender imitando” (Vale de Almeida, 1996, p.1) os outros homens, estando, por isso, menos familiarizados com uma narrativa do *self* (Giddens, 1992 [2001]).

Perante o confronto com tal realidade, e como tática de superação desta debilidade discursiva, optámos por convidar cada participante a pensar numa escala imaginária, de 1 a 10, em que o 1 corresponderia ao “menos homem” e o 10 ao homem mais valorizado. Seguidamente, solicitámos a cada participante que se posicionasse nessa mesma escala.

¹ De acordo com Mann e Stewart (2000), *emoticons* correspondem a grupos de caracteres que produzem ícones representativos de uma emoção. Tais ícones emergiram da necessidade de representar as emoções no mundo escrito *online*.

O recurso a esta tática, não pensada previamente (daí não recorrermos à expressão estratégia), permitiu-nos, através da exploração posterior das causas do posicionamento de cada participante na referida escala, aprofundar as propriedades que iam sendo atribuídas aos homens, bem como a sua avaliação e respectivas causas (e.g., essencialistas, construcionistas, *queer*).

Durante esta fase da entrevista, confirmámos a ideia com a qual havíamos partido para a nossa recolha empírica, ou seja, a de que a entrevista *online* poderia constituir-se numa rara oportunidade de falar “desassombradamente” da (in)visibilidade e respectivos custos de algumas diferenças, ainda hoje, revestidas de um conjunto de pluralidades semânticas construídas na base do preconceito e do estigma sexual (Goffman, 1963 [1982]; Herek, 1991, 2000, 2007), com sérias e complexas implicações na construção e reconstrução das masculinidades.

Assim, e se os silêncios, as pausas e as reticências foram pontuando uma certa debilidade discursiva inicial, justificada maioritariamente pelos participantes com a sua perplexidade face às questões colocadas, por outro lado, a “vontade de momentos assim”, referindo-se à oportunidade de conversar sobre as temáticas desenvolvidas pela entrevista *online*, foi apontada como “muito grande” e adjectivado tal momento de “muito bom”, “libertador”, “pacificador”, “esclarecedor” e “importante”.

Gostaríamos de destacar aqui que tais reacções foram, na generalidade, comuns aos participantes dos estudos 1 e 2. Tal esclarecimento parece-nos especialmente importante, a fim de evitarmos o reforço de uma outra hegemonia que é a de considerar, não raras vezes, a existência de uma especificidade inerente à homossexualidade ou à bissexualidade. Não ignoramos, contudo, que a mesma até possa existir. Admitimos, porém, que a mesma se deve a questões de circunstância, contexto ou adaptação, devendo surgir, por isso, em linha com a comparação com outras posições sociais.

Chegados ao terceiro tópico do guião, o foco da entrevista deslocou-se para uma exploração da articulação entre as construções da(s) masculinidade(s), aferidas no tópico anterior, e a expressão emocional e afectiva em diferentes contextos, os quais designamos por palcos *offline* (e.g., família, local de trabalho, colegas, amigos, intimidade) e *online* (e.g., salas de conversação, páginas pessoais, redes sociais, mensagens instantâneas), para o que foram previamente pensadas as categorias *As emoções*

na vida quotidiana e Regulação da expressão emocional e afectiva, ambas operacionalizadas através de duas questões de partida, a saber: *Em seu entender, qual o lugar das emoções na vida quotidiana?* e *Como é que habitualmente lida com as suas emoções, em particular quando se sente mais triste?*

Mais especificamente, e dado o nosso posicionamento teórico e epistemológico, quisemos, por um lado, compreender, através das experiências e dos discursos relatados, de que forma a institucionalização da masculinidade hegemónica (Connell, 1995; Vale de Almeida, 1995) promove a construção de esquemas de pensamento e práticas de submissão e, por outro, apreender interpretações antagónicas que confirmem a “possibilidade de resistência contra o efeito de imposição simbólica” (Bourdieu, 1998 [1999, p.12]).

Auscultámos, assim, uma pluralidade de vozes e experiências, algumas das quais recortadas dos tempos da meninice, outras da juventude e outras ainda já da fase adulta. A liberdade concedida a cada participante para, no âmbito dos objectivos da entrevista, desenvolver o que para si fosse considerado mais significativo, possibilitou visitar e, noutros casos, visitar diferentes momentos, alguns dos quais gravados como que a fogo na memória e no corpo de cada participante.

Da partilha de alguns desses momentos resultou, para nós, o reconhecimento inequívoco de diferentes e possíveis significados daquilo que Vale de Almeida (1995) poderá querer dizer quando refere que os homens são também vítimas da dominação masculina. Tornou-se ainda mais claro o pensamento de Kaufman (1994) quando este expõe diferentes experiências contraditórias de poder no campo das masculinidades.

Assim, e se as emoções foram referidas como sendo “*a nossa centralidade*”, ficou igualmente claro que “*ainda há muito uma sociedade que castra demasiado a parte emotiva do homem [daí estes] tentarem esconder as emoções, na generalidade. (...) Porque não é próprio dos homens ter determinado tipo de emoções, especialmente em público (...) especialmente emoções como chorar*”.

Eis que chegámos ao quarto tópico do nosso guião de entrevista. Conciliando o reconhecimento do constrangimento como pré-requisito da performatividade (Vale de Almeida, 1995), do cibe-

respaço como um espaço psicológico (Barak & Hen, 2008) e dos efeitos positivos da *internet* (Amichai-Hamburger & Furnham, 2007), concluímos a entrevista desafiando os participantes a reflectir criticamente sobre as suas experiências no contexto da sua utilização do ciberespaço, em particular das salas de conversação, das páginas pessoais, das redes sociais e das mensagens instantâneas (e.g., MSN).

Justificamos, desta forma, a concepção do tópico *Ciberespaço e self-disclosure*, operacionalizado mediante as seguintes questões de partida: *Sente que o ciberespaço lhe permite revelar-se de forma diferente e mais honesta do que em outros palcos? Por quê?* e *Sente que consegue expressar-se emocionalmente de forma mais espontânea no ciberespaço? Por quê?*

Passando agora a explicar os procedimentos de recrutamento e selecção dos participantes, importa dizer que os mesmos foram recrutados *online*, mediante os perfis que criámos nos sítios **www.terravista.pt** e **www.gaydar.co.uk**, em vigor durante um ano, e da nossa entrada regular e em diferentes horas do dia e da noite em diferentes salas de conversação (e.g., Aveiro, Bragança, Coimbra, Évora, Faro, Guarda, Leiria, Porto, Lisboa, *Gays*, *Bissexuais*, *Cibersexo*, *Amizade*, *Amor*, *Mais de 25*, *Mais de 35* e *Mais de 45*, *chat*), disponíveis nos dois sítios, a fim de apresentar o nosso estudo e de auscultar as disponibilidades dos utilizadores em participar no mesmo na qualidade de entrevistados. Criámos ainda um endereço electrónico especificamente para o contexto da entrevista, adicionando o mesmo a uma conta MSN, local onde decorreram as entrevistas, com e sem imagem, em função das disponibilidades dos participantes.

Importa ainda mencionar duas iniciativas que, entretanto, não tiveram desenvolvimento, mas que fizeram parte, numa fase inicial, de um conjunto de diligências com vista à recolha de informação empírica. Uma primeira esteve relacionada com a criação do blogue *Masculinidades e Emoções*, em vigor durante dois meses, e uma segunda que contou com a nossa inscrição como membro em dois grupos do MSN: *Casamentos em crise e Separação e homens separados com filhos/as*.

No primeiro caso, a ideia seria a de promover a troca de opiniões, aberta ao público em geral, em torno das masculinidades e da expressão emocional e afectiva e, no segundo, a de contactar com

homens que estivessem a vivenciar ou tivessem vivido uma ruptura afectiva e recorressem ao ciberespaço, a fim de conversar sobre as suas vivências a esse nível.

Acabámos por abandonar estas iniciativas, por nos parecer mais útil, por um lado, enveredar pela publicação, conforme já referimos, de dois perfis em dois sítios diferentes, convencidos pela expressão dos números de utilizadores registados e, por outro, navegar em diferentes salas de conversação. Na verdade, tal decisão cedo se revelou numa boa decisão, uma vez que obtivemos uma adesão muito estimulante por parte dos utilizadores.

Deste modo, sempre que entrávamos numa sala de conversação, começávamos por nos apresentar publicamente e clarificar as nossas motivações. Habitualmente, introduzíamos o seguinte texto na sala pública:

“Bom dia [Boa tarde ou boa noite, consoante o momento do dia] O meu nome é Luís Santos, tenho 35 anos e encontro-me a realizar uma investigação sobre masculinidades e expressão emocional. Gostaria de perguntar se se encontra alguém na sala disponível para conversar comigo sobre esta temática, em condições que poderei explicar em privado e de forma mais detalhada. Muito obrigado”.

Na verdade, a possibilidade de contactar directamente com este ou aquele utilizador, a par ou em alternativa ao contacto através da sala pública, teria sido uma outra opção. Entendemos, no entanto, que a nossa apresentação na sala pública, a fim de que todos os utilizadores naquele momento presentes na sala pudessem ler a nossa entrada e os nossos objectivos seria a melhor opção. Seria também uma forma, em nosso entender, de evitarmos algum enviesamento da nossa parte eventualmente provocado por este ou aquele *nickname*.

Uma vez contactados pelos diferentes utilizadores, o início do diálogo desenvolveu-se em torno de uma explicação mais detalhada da nossa investigação, facto que envolveu, em diferentes casos, a necessidade de começarmos por fornecer elementos identificativos da nossa parte. Na verdade, encontrar investigadores em salas de conversação, a fim de desafiar os utilizadores para uma entrevista *online* não é propriamente vulgar.

Assim, sempre que se justificou, e após o fornecimento do nosso endereço electrónico adicionado ao MSN, exibimos, via *webcam*, o nosso cartão de aluno de doutoramento da Universidade do Minho, bem como o respectivo *link* onde era possível aos utilizadores confirmarem o nosso registo, bem como da nossa tese, no Centro de Investigação em Psicologia da mesma Universidade.

Ultrapassada esta fase, avançámos para a realização da entrevista *online*, não sem antes salvar-guardar as devidas questões éticas, em particular as relacionadas com a garantia do anonimato e da confidencialidade. Foi ainda deixado ao critério de cada participante o recurso à imagem, via *webcam*, durante a entrevista. Neste aspecto, as experiências foram diversas, ainda que a maior parte dos participantes tenha optado por não recorrer ao uso da imagem. Contudo, outros houve que, durante a realização da entrevista, optaram por ligar a *webcam*.

Em relação à duração das entrevistas, a mesma foi bastante variável, tendo oscilado entre as 2 e as 7 horas. Esclarece-se, no entanto, que as entrevistas mais longas, aqui consideradas como as de duração igual ou superior a 4 horas, foram gravadas em diferentes momentos, devidamente acordados entre ambas as partes.

Terminada a entrevista, assumimos o compromisso de manter cada participante adicionado à nossa conta de MSN, manifestando toda a nossa receptividade em esclarecer quaisquer questões que pudessem surgir relacionadas com a investigação em geral e o conteúdo da entrevista em particular. Cada participante ficou imediatamente com uma cópia da sua entrevista, graças à possibilidade de gravá-la num ficheiro autónomo.

4.2.1.3 Participantes

No total, participaram na nossa investigação 34 pessoas: 17 no Estudo 1 (Sexualidades Normativas) e 17 no Estudo 2 (Sexualidades não Normativas) e que se apresentaram como homens de diferentes idades, estados civis, habilitações académicas, profissões, situações na profissão, orientações sexuais, com ou sem filhos e residentes em meios rural e urbano.

Todos os participantes vivenciaram até ao momento da entrevista *online*, pelo menos, uma ruptura amorosa por si considerada importante. Esse constituiu um dos nossos critérios de selecção. Tal opção prendeu-se com o facto desta ruptura nos oferecer maiores probabilidades de cada participante poder reflectir sobre a gestão de emoções próximas da vulnerabilidade não apenas no abstracto, mas apoiados nas suas próprias experiências.

Quanto às características sócio-demográficas dos participantes, as idades oscilam entre os 26 e os 55 anos. Em termos de estado civil, 3 são casados, 7 são divorciados, 22 são solteiros e 2 vivem em união de facto. Em termos de escolaridade, 3 têm a escolaridade mínima obrigatória, 10 o ensino secundário e 21 o ensino superior. Em termos de orientação sexual, 15 apresentaram-se como homossexuais, sendo que 14 não têm filhos e 1 é pai adoptivo de uma criança; 13 apresentaram-se como heterossexuais, sendo que 6 têm filhos e 7 não têm; 3 apresentaram-se como bissexuais, sendo que 1 tem filhos e os restantes não; por fim, 3 participantes referiram não se rever em qualquer categoria estável relativa à orientação sexual e nenhum destes tem filhos. Em termos de emprego, 28 estão empregados, 3 estão desempregados, 2 são estudantes e 1 é bolseiro de investigação.

4.2.2 Análise temática

As abordagens qualitativas são incrivelmente diversas, complexas e cheias de nuances (Holloway & Torres, 2003). De acordo com Braun e Clarke (2006), a análise temática deverá ser compreendida como um método fundamental no âmbito da análise qualitativa, na medida em que proporciona um conjunto de competências fundamentais, úteis para a condução de outras formas de análise qualitativa.

De acordo com as mesmas autoras, a análise temática consiste num método para identificar, relatar e analisar temas emergentes dos dados, sendo que Boyatzis (1998) adianta que esta pode implicar também uma interpretação de vários aspectos relacionados com o tema da pesquisa. Ainda que não exista propriamente consenso quanto à sua definição e à forma de a realizar, a análise temática é frequentemente utilizada pelos investigadores que realizam pesquisas qualitativas (Attride-Stirling, 2001; Boyatzis, 1998; Tuckett, 2005).

Tal como outros métodos, a análise temática pode ser conduzida de acordo com diferentes paradigmas, nomeadamente, essencialistas ou construcionistas (Braun & Clarke, 2006). Numa perspectiva construcionista, na qual nos situamos, os significados e as experiências são entendidos como socialmente produzidos e reproduzidos e não como inerentes aos indivíduos (Burr, 1995 [1997]). Assim, a análise temática conduzida numa perspectiva construcionista não se focaliza na motivação ou psicologia individual, mas antes na compreensão dos contextos sociais, culturais e políticos, bem como das condições estruturais.

Nesse sentido, e sempre que realizamos uma dada investigação, o reconhecimento dos nossos posicionamentos teóricos e epistemológicos é, como tivemos já oportunidade de constatar, um imperativo, cuja violação constitui uma falha grave. Assim, e tal como Braun e Clarke (2006), também nós assumimos as subjectividades das nossas análises, sem que tal deva ser interpretado como qualquer negligência dos critérios de rigor exigidos a qualquer investigação.

Na verdade, o que pretendemos afirmar é que, corroborando Fine (2002), não nos assumimos como meros porta vozes dos discursos que escutámos em sede de entrevista *online*. Aliás, o “simple” acto de dar voz nunca é um acto isolado ou neutro, pois envolve sempre uma decisão de quem investiga, nomeadamente, a selecção de unidades discursivas, isolando-as de um *corpus* de análise mais vasto, editando-as e reposicionando-as no texto (Fine, 2002).

Para além disso, também não advogamos, como já dissemos, um enquadramento teórico ideal para a condução de pesquisas qualitativas, ou até mesmo um método ideal. O que nos parece importante, isso sim, é uma certa harmonia entre enquadramento teórico e métodos utilizados, em função dos objectivos da pesquisa, e que tal seja pensado de forma estratégica e não avulsa. A este respeito, tivemos já oportunidade de esclarecer e justificar, cremos, devidamente, as nossas opções.

A análise temática envolve diferentes processos de tomada de decisão (Braun & Clarke, 2006), cuja explicação aqui é imprescindível. Na prática, tais questões devem ser ponderadas mesmo antes do início da análise dos dados, num exercício de diálogo permanente e reflexivo por parte do investigador em relação às questões centrais relacionadas com a investigação em curso.

A fim de clarificarmos os nossos procedimentos ao longo dos diferentes momentos da investigação empírica, procuraremos, a partir daqui, dar conta de algumas dessas decisões. Assim sendo, e logo que se constituiu o nosso *corpus* de análise, uma das primeiras decisões a tomar prendeu-se com a definição do que contaria como tema. Questão aparentemente simples, poderíamos assumir que a emergência do mesmo estaria dependente da quantidade de informação.

Não foi esse, porém, o nosso critério. Preocupou-nos, antes, captar os aspectos discursivos por nós considerados simbolicamente mais relevantes, em função das questões a investigar (e.g., configurações da(s) masculinidade(s); configurações da expressão emocional e afectiva em palcos *online* e *offline*; ciberespaço e *self-disclosure*), e menos o número de vezes ou de pessoas entrevistadas que aos mesmos se referissem.

Por outro lado, havia a possibilidade de proceder a uma descrição mais rica do conjunto dos dados empíricos, ou então a uma explanação mais detalhada de um ou vários aspectos presentes nos mesmos. Tal constituiu uma outra decisão a tomar. Na verdade, optámos por uma explanação mais detalhada dos dados e das suas nuances dentro de cada tema seleccionado e por nós entendido como mais expressivo, assumindo aqui as inevitáveis subjectividades das nossas opções.

Considerando as possibilidades de identificar os temas de forma dedutiva (Boyatzis, 1998; Hayes, 1997) ou indutiva (Frith & Gleeson, 2004), optámos por uma decisão mista, especificamente no que diz respeito à forma como os temas foram por nós nomeados. Esta foi, poderemos dizer, a terceira decisão, a qual passamos a explicar, embora não sem antes procedermos a uma distinção de cada uma das abordagens.

A abordagem indutiva reporta-se a temas fortemente associados aos dados (Patton, 1990), aproximando a análise temática da *grounded theory*. De acordo com esta abordagem, se os dados foram recolhidos especificamente para a pesquisa, por exemplo, através da entrevista, os temas identificados podem não ter especial relação com as questões colocadas pelo investigador aos participantes, mas emergido durante o processo de recolha de informação. Poderão mesmo não estar relacionados com os interesses específicos do investigador no âmbito da pesquisa que conduz naquele

momento. Nesse sentido, a abordagem indutiva consiste num processo que não visa encaixar a informação recolhida em categorias pré-existentes ou nas pré-suposições do investigador.

Por outro lado, a abordagem dedutiva tende a derivar do quadro teórico de base do investigador ou dos seus interesses em analisar questões particulares. Esta forma de análise poderá oferecer uma menor quantidade relativa à descrição de dados em geral, mas antes uma análise mais aprofundada de diferentes aspectos presentes nos dados.

Na verdade, assumimos aqui uma posição mista, na medida em que não partimos para o terreno totalmente desprovidos de intenções, até porque, como já tivemos oportunidade de mencionar, pretendíamos explorar três questões específicas (e.g., configurações da(s) masculinidade(s); configurações da expressão emocional e afectiva em palcos *online* e *offline*; ciberespaço e *self-disclosure*).

Contudo, partimos com toda a disponibilidade para, no processo de diálogo *online* com cada participante, explorarmos outras dimensões que se impusessem como especialmente importantes. Por outro lado ainda, e conforme teremos oportunidade de clarificar no ponto relativo à análise foucaultiana de discurso, a nomeação dos temas, inscrita num paradigma pós-estruturalista, esteve fortemente associada aos significados emergentes dos discursos e não de designações previamente concebidas.

Uma outra decisão a tomar prendia-se com o nível em que os temas poderiam ser identificados. Concretamente, havia que optar por uma identificação baseada em significados explícitos ou a um nível mais interpretativo (Boyatzis, 1998). Numa perspectiva mais convencional, a análise temática centra-se exclusivamente numa identificação baseada em significados explícitos, sem que o investigador debruce a sua atenção, e intuição, na leitura das entrelinhas. Contudo, idealmente, o processo de análise temática convida a uma interpretação dos dados, fundamentada teoricamente em função de um quadro conceptual prévio de referência (Patton, 1990).

Tal convite remete-nos para uma outra perspectiva da análise temática que começa por examinar as entrelinhas, as suposições, as conceptualizações e as ideologias que possam estar na base dos discursos. Esta é, de resto, uma perspectiva que aproxima a análise temática do construcionismo

social (Burr, 1995 [1997]; Nogueira, 2001). Esta foi, de resto, a nossa opção primeira, ainda que, fruto de algumas respostas mais contundentes por parte dos participantes a determinadas questões, nos pareça legítimo assumir, uma vez mais, uma posição mista nesta matéria.

Tal como tivemos oportunidade de mencionar, a análise temática pode inscrever-se nos paradigmas essencialista ou construcionista, sendo que os resultados da análise serão diferentes consoante os posicionamentos (Braun & Clarke, 2006). Nesta matéria, e conforme também já mencionámos, o nosso posicionamento recai sobre o segundo paradigma, ou seja, o construcionista.

A clarificação dos posicionamentos é importante, dado que a teorização dos dados deles dependem. Nesse sentido, procurámos nas nossas leituras e interpretações colocar a tónica nos contextos sócio-culturais e nas condições estruturais que informam e enformam as diferentes construções discursivas.

Em síntese, da conciliação entre as nossas inquietações científicas no âmbito da presente pesquisa e a leitura do nosso *corpus* de análise, emergiram, através da análise temática, os seguintes temas, cuja análise em profundidade foi posteriormente coadjuvada pelo método da análise foucaultiana de discurso:

1) Homens e masculinidades;

2) Sexualidades masculinas e domesticação emocional e afectiva;

3) Da experiência da opressão ao desejo de libertação: Identidades e poder no ciberespaço.

4.2.3 Análise foucaultiana de discurso

O conceito de discurso, bem como de análise do discurso têm assumido um papel crescente nas ciências sociais contemporâneas (Howarth, 2000). Tal crescimento, visível quer através da multipli-

cação de estudos que recorrem aos seus conceitos e métodos, quer pela extensão do seu desenvolvimento, pode ser justificado de duas formas (Nogueira, 2001).

Por um lado, o descontentamento com as abordagens positivistas e convencionais nas ciências sociais e conseqüente fragilização da sua influência hegemónica. Por outro, será resultado da viragem linguística nas ciências sociais, aliada a um interesse despertado por perspectivas teóricas críticas, nomeadamente a teoria crítica, o pós-estruturalismo, a crítica social e o pós-modernismo.

De acordo com Willig (2003), a versão foucaultiana de análise de discurso foi introduzida na psicologia anglo-americana nos finais dos anos 70 do século XX, nomeadamente através do trabalho de um grupo de psicólogos influenciados pelas ideias pós-estruturalistas, em particular pelo trabalho de Foucault. Em concreto, começou-se a explorar a relação entre linguagem e subjectividade, bem como as suas implicações no âmbito da investigação psicológica.

Nesse sentido, a análise foucaultiana de discurso preocupa-se com a linguagem e o seu papel na constituição das vidas social e psicológica. De acordo com a perspectiva de Foucault, dentro da sua complexidade, os discursos podem facilitar, limitar, capacitar ou ainda constranger o que pode ser dito, nomeadamente por quem, onde e quando (Parker, 1992). Importa, por isso, no contexto da investigação orientada por este método, focar a atenção nas (i)legitimidades dos recursos discursivos dentro de uma cultura e as suas implicações para aqueles que nela vivem.

Face a este entendimento, os discursos podem ser definidos como conjuntos de afirmações que constroem os objectos, ou temas, mobilizando um conjunto de posições subjectivas (Parker, 1992). Tais construções, prossegue Willig (2003), tornam possíveis certas formas de ver e estar no mundo.

Nesta ordem de ideias, a análise foucaultiana de discurso reflecte uma preocupação com o papel do discurso em processos sociais mais amplos referentes a formas de legitimação e poder. Dado que os discursos (in)viabilizam diferentes formas de ver o mundo e de nele estar, os mesmos envolvem sempre diferentes exercícios de poder. Assim, os discursos dominantes privilegiam aquelas versões

da realidade social que legitimam as relações de poder existentes e as estruturas sociais (Willig, 2003). Importa, porém, contemplarmos uma perspectiva histórica e a forma como os discursos se vão alterando no tempo (Rose, 1999).

A análise foucaultiana de discurso presta, deste modo, uma atenção especial à relação entre os discursos e as instituições. Nesse sentido, os discursos deixam de ser simplesmente conceptualizados como formas de falar ou escrever, mas antes como formas de organização, regulação e administração da vida social.

Corroborando Bauman (1991) [2007, p.14], diríamos que, numa perspectiva moderna, esta “função nomeadora/classificadora da linguagem tem, de modo ostensivo, a prevenção da ambivalência como seu propósito”. Trata-se, de acordo com tal perspectiva, de promover “clareza das divisões entre classes, pela precisão das suas fronteiras definidoras e a exactidão com que os objectos podem ser divididos em classes” (Bauman, 1991 [2007, p.14]).

O peso desta função nomeadora/classificadora é particularmente relevante, de resto, demonstrado no contexto da nossa investigação, se recordarmos que escutámos, em sede de entrevista *online*, diferentes vozes das quais emergiram configurações diversas em torno das masculinidades, da expressão emocional e afectiva em palcos *online* e *offline* e do ciberespaço e *self-disclosure*.

Com isto pretendemos afirmar que, na prática, foi possível desvendarmos, pelo discursos dos participantes, diferentes classificações de si, do tornar-se e do mostrar-se homem em diferentes palcos do quotidiano (e.g., *offline*, *online*), com iguais variações de entendimento quanto às (i)legitimidades das diferenças, bem como às formas como e onde cada um se apresenta e se expressa emocionalmente.

Passando agora a explicitar a forma como fomos operacionalizando a nossa própria análise foucaultiana de discurso, e pese embora reconheçamos outras possibilidades de conduzir uma análise deste género (e.g., Kendall & Wickham, 1999), a nossa análise segue a proposta de Willig (2003).

Assim, e de acordo com a proposta desta autora, sobressaem seis fases distintas, as quais passamos a identificar: a) Construções discursivas; b) Discursos; c) Orientação da acção; d) Posicionamentos; e) Prática; e, por fim, f) Subjectividade.

De seguida, explicaremos cada uma destas fases, contextualizando a sua operacionalização à luz dos procedimentos concretos da nossa investigação empírica:

a) Construções discursivas

Uma vez identificados os três temas através da análise temática (explicada no ponto anterior), recordados em função do carácter simbólico dos diferentes discursos em torno das questões a investigar (e.g., configurações da(s) masculinidade(s); configurações da expressão emocional e afectiva em palcos *online* e *offline*; ciberespaço e *self-disclosure*), a nossa preocupação consistiu, numa primeira fase, em seleccionar todas as partes do texto co-produzido por cada participante e pelo investigador, a fim de, posteriormente, focarmos a nossa atenção nas diferenças entre as várias construções.

b) Discursos

De acordo com Willig (2003), um tema pode ser construído de formas diversas. No contexto da nossa investigação, da emergência dos três temas sobressairam diferentes configurações, cujo denominador comum é marcado por uma tensão entre resistência e regulação (Parker, 1997), por sua vez influenciada por uma clara assimetria de poderes.

c) Orientação da acção

Identificada a tensão entre resistência e regulação (Parker, 1997), a nossa análise deslocou-se para os diversos contextos em que as várias construções de cada tema foram surgindo, procurando identificar ganhos e perdas, cedências e desistências, bem como respectivas funções.

d) Posicionamentos

Depois de identificadas as várias construções discursivas do objecto do discurso (os vários temas e respectivas formas de acerca deles falar) e de os ter localizado num contexto mais amplo, enveredámos pela identificação de diferentes posições subjectivas tornadas visíveis pelo discurso. Desta forma,

tornou-se possível localizar cada participante numa estrutura de deveres e obrigações, distinguindo-se estas dos papéis por estes assumidos. Na verdade, o discurso constrói tanto os temas como quem lhes dá voz, facto que se articula com as questões de subjectividade, aferidas na última fase da análise.

e) Prática

A execução desta fase relacionou o discurso com a prática. Concretamente, explorámos de que forma as construções discursivas (modos de falar sobre os temas) e as posições do sujeito contidas nesses discursos abriam, ou não, possibilidades de acção. Na realidade, ao construirmos determinadas versões do mundo e ao posicionarmo-nos ou posicionarmos os outros dentro (ou fora) desse mundo, deste ou daquele lado da linha (Santos, 2009), estamos, através do discurso, a limitar o que pode e deve ser dito e feito.

Deste modo, “certas práticas tornam-se formas legítimas de comportamento dentro de certos discursos” (Willig, 2003, p. 175), sendo que o falar e o fazer suportam-se mutuamente na construção de objectos e sujeitos. Em síntese, esta fase procurou mapear as possibilidades de acção contidas nos discursos identificados no texto.

f) Subjectividade

Nesta fase, procurámos aprofundar a análise da relação entre discurso e subjectividade. “Os discursos tornam possíveis certas formas de ver o mundo e de estar no mundo, construindo realidades sociais e psicológicas” (Willig, 2003, p. 175). Assim, e depois de nos termos perguntado o que pode ser dito e feito com diferentes discursos (fase anterior), nesta fase preocupámo-nos com o que pudesse ser sentido, pensado e experienciado através das várias posições subjectivas ocupadas pelos diferentes participantes.

4.3 Questões associadas aos estudos interpretativos

A fim de maximizar a qualidade, o rigor e a confiança na análise e discussão dos resultados obtidos mediante a constituição do nosso *corpus*, procurámos seguir de perto diversos cuidados e

procedimentos sugeridos por Guba e Lincoln (2005), os quais explicitamos nos três sub-pontos que se seguem.

4.3.1 Rigor teórico

Rice e Ezzy (1999) afirmam que um estudo evidencia rigor teórico e conceptual quando a teoria e os conceitos são apropriadamente seleccionados, ou seja, quando a estratégia de investigação é consistente com os objectivos da mesma. Nesse sentido, e dado o nosso posicionamento pós-estruturalista, o construcionismo social e a teoria *queer* constituíram, em nosso entender, duas opções equilibradas e alinhadas com o quadro conceptual apresentado nos diferentes capítulos.

4.3.2 Rigor metodológico

As questões relativas ao rigor metodológico constituíram uma preocupação ao longo de todo o processo de investigação, bem como da redacção do presente texto. Tivemos, por isso, sempre presente a necessidade de não deixarmos equívocos quanto aos nossos posicionamentos, assumindo o seu carácter relativo. Nesse sentido, procurámos dirigir o conceito de verdade à esfera da ética, pautando o seu interesse não como verdade em si, mas antes como relativo a pessoas, grupos e relações (Spink & Freeza, 1999).

4.3.3 Rigor interpretativo

No que concerne ao rigor interpretativo, as interpretações dos resultados das entrevistas *online* por nós concebidas são assumidamente encaradas no plano do possível. Nesse sentido, e à semelhança de Scheurich e McKenzie (2005), não almejámos (continuamos a não almejar) a obtenção de consensos, mas contribuir, através da nossa abordagem, para o alargamento das discussões em torno das nossas questões investigativas.

Esperamos, por isso, que as mesmas continuem a suscitar um debate entretanto iniciado através das nossas apresentações públicas quer em congressos nacionais e internacionais, quer ainda em diferentes equipas de investigação pós-graduada nas áreas dos estudos de género e das metodologias qualitativas.

Assim, e dado o nosso posicionamento epistemológico, procurámos que cada passo e cada decisão tomados fossem uma derivação de todo um processo de co-construção reflexiva, a fim de maximizar a fiabilidade dos resultados e sua discussão. Como tal, fomos submetendo, de forma sistemática, as nossas interpretações à crítica.

Desta forma, apresentámos, em diferentes fases, o nosso trabalho em diferentes encontros científicos, nacionais e internacionais, mantivemos um diálogo estreito com a orientadora científica da presente investigação, trocámos ideias com diferentes especialistas, de forma individual e em equipas de investigação sediadas em diferentes universidades nacionais e internacionais.

CAPÍTULO V

**ESTUDO 1 - SEXUALIDADES NORMATIVAS:
RESULTADOS, REFLEXÕES E PERSPECTIVAS**

Sinopse

O presente capítulo visa apresentar e discutir os resultados provenientes da realização do Estudo 1, ou seja, das entrevistas *online* realizadas a pessoas que se apresentaram como homens com uma orientação sexual socialmente entendida como normativa, leia-se, heterossexual. A apresentação e discussão dos resultados serão precedidas de uma representação do itinerário das entrevistas *online*, pensada de forma a facilitar a leitura, e encontram-se organizadas em três eixos, reflectindo, deste modo, os três temas que emergiram da leitura do nosso *corpus* de análise, a saber: 1) homens e masculinidades; 2) sexualidades masculinas e domesticação emocional e afectiva; e 3) da experiência da opressão, ao desejo de libertação: Identidades e poder no ciberespaço.

1) O tema Homens e masculinidades apresenta e discute os resultados provenientes de uma problematização de diferentes construções identitárias, colocando em evidência múltiplas potencialidades e fragilidades de um projecto moderno ocidental obstinado em classificar o mundo numa perspectiva binária, iludido por uma crença quanto à possibilidade de controlar qualquer forma de ambiguidade.

2) O tema Sexualidades masculinas e domesticação emocional e afectiva apresenta e discute os resultados provenientes de uma problematização entre as diferentes construções identitárias analisadas no tema anterior, a partir daqui, em articulação com as diferentes estratégias de regulação da expressão emocional e afectiva em diferentes contextos, os quais designamos por palcos *offline*, contextualizando-as na complexidade das suas origens, propósitos e consequências.

3) O tema Da experiência da opressão, ao desejo de libertação: Identidades e poder no ciberespaço apresenta e discute os resultados provenientes de uma problematização da natureza paradoxal do ciberespaço, enquanto palco facilitador da interacção de uma diversidade de identidades, motivada por uma menor coercibilidade social percebida e, nesse sentido, uma maior liberdade e conforto para a agência individual.

● **Capítulo V - Estudo 1 - Sexualidades normativas: Resultados, reflexões e perspectivas**

● **Sinopse**

5.1 ● **Homens e masculinidades**

5.1.1 ● **A Imagem de Adão**

5.1.1.1 ● Vozes (in)submissas de uma categoria hegemónica

5.1.1.2 ● Desconfortos de uma herança instituída

5.1.2 ● **O Armário heterossexual**

5.1.2.1 ● Cúmplices oprimidos e silenciosos

5.1.2.2 ● Do medo do desvio, ao medo da insuficiência

5.1.3 ● **A Reprodução interdita**

5.1.3.1 ● Os actores, as práticas de rotina e as audiências

5.1.3.2 ● Os figurantes e as audiências

● **Reflexões e perspectivas**

5.2 ● **Sexualidades masculinas e domesticação emocional e afectiva**

5.2.1 ● **Máscara para homem**

5.2.1.1 ● Entre os ditos e os interditos

5.2.2 ● **Homens por detrás da máscara**

5.2.2.1 ● (In)seguranças justificadas

● **Reflexões e perspectivas**

5.3 ● **Da experiência da opressão ao desejo de libertação: identidades e poder no ciberespaço**

5.3.1 ● **Entre o cepticismo e a abertura**

5.3.1.1 ● Quando os incómodos da dominação masculina falam mais alto

5.3.2 ● **A tecnologia ao serviço da humanização**

5.3.2.1 ● Ciberespaço: amigo fiel e libertador

● **Reflexões e perspectivas**

● **Síntese**

5.1 Homens e masculinidades

Por *Homens e masculinidades* assume-se o cruzamento das configurações pessoais e sociais das masculinidades elaboradas e interpretadas por pessoas que se apresentaram a si mesmas como homens com orientação heterossexual. Assumem-se, de igual forma, diferentes entendimentos e experiências relativamente à apresentação de si em diferentes palcos *offline* (e.g., família, colegas, amigos, local de trabalho, intimidade) e em diferentes fases da vida.

Dos discursos em torno dos homens e das masculinidades emergiram três construções discursivas, as quais apresentamos separadamente, a saber: a) a imagem de Adão; b) o armário heterossexual; e c) a reprodução interdita.

a) *A imagem de Adão* destaca-se das múltiplas configurações e interpretações desenvolvidas pelos participantes aquando das entrevistas *online* à volta das questões de partida: *O que é para si ser homem?* e *O que é ser homem no contexto da sociedade em que vive?* Como teremos oportunidade de esclarecer mais adiante, os discursos admitem epistemologias distintas, daí os nomearmos *Vozes (in)submissas de uma categoria hegemónica*. No âmbito desta construção discursiva sobressaíram ainda diversos *Desconfortos de uma herança instituída*.

b) *O armário heterossexual* resulta dos discursos produzidos em torno de uma articulação entre as diversas posições subjectivas acerca dos homens e das masculinidades e os sentimentos, pensamentos e experiências, desta vez, sempre que os participantes falaram de si. Tais considerações deram visibilidade a posicionamentos de cumplicidade e de medo, mais à frente designados por *Cúmplices oprimidos e silenciosos* e *Do medo do desvio ao medo da insuficiência*.

c) *A reprodução interdita* emerge dos discursos produzidos pelos participantes em torno da apresentação de si como representação teatral. Como teremos ocasião de apresentar mais à frente, tais reflexões deram visibilidade a diferentes dramaturgias, as quais serão apresentadas em *Os actores, as práticas de rotina e as audiências* e *Os figurantes e as audiências*.

5.1.1 A imagem de Adão

A *imagem de Adão* destaca, como se mencionou anteriormente, os entendimentos em torno do “ser” homem, assim como as propriedades que lhe são atribuídas e correspondentes formas de avaliação.

5.1.1.1 Vozes (in)submissas de uma categoria hegemónica

“Ser” homem foi apresentado por diversos participantes como “(...) *ser parte de uma metade do mundo, as mulheres*” E32, sendo que as responsabilidades, nesta matéria, a si consignadas foram igualmente lembradas:

“Ser homem é ser a metade que falta à mulher” E17

Para mim, o ser homem é ser metade de algo mais, sendo que o algo mais será a mulher. Os dois completam-se, formam um só e é esse todo que é mais do que qualquer um deles. Embora isto pareça uma frase feita, eu acredito plenamente nela. E2

Ser homem é ser responsável pelo casal, pela economia doméstica e pela família. É um presente de Deus... um complemento para a criação. É o ser dominante, designadamente da mulher. Numa cultura machista como a nossa, se tiver mais do que uma mulher, a sua masculinidade sai reforçada. E31

Esta perspectiva, assumidamente marcada pela heteronormatividade, mas também por uma hierarquização de papéis, aceite como natural, foi ainda associada a um conjunto de características físicas, comportamentais e de personalidade:

Ser homem é assumir as suas responsabilidades. É ser forte, masculino, independente e responsável, sem tiques de feminilidade. E1

Eu acho que o que faz ser homem tem a ver com as nossas tendências animais e que vêm dos primórdios.

As mulheres são mais requintadas e vêem coisas que nós [homens] não ligamos e olham para nós [homens] mais para o aspecto da força e da segurança que lhes podemos dar. Por outro lado, nós homens somos mais machistas (...) estou a pensar nas raparigas que passam na rua e fazemos comentários maldosos [do tipo] dava-te uma foda². Isso é uma característica típica dos homens. E17

Acho que nós homens temos uma maneira diferente de ver as coisas. Uma das diferenças é que as mulheres levam tudo para o lado sentimental, agindo mais pelo lado emocional. Nós homens, funcionamos ao contrário, embora tal não seja necessariamente a regra. Com a evolução, certas ideias e atitudes machistas tendem a desaparecer, felizmente. E26

Paralelamente a uma visão da natureza, foram apresentadas versões do “ser” homem marcadas por influências culturais:

Ser homem é ter uma postura segundo um padrão de acção definido pela maioria da comunidade. E32

Eu penso que ainda hoje se espera que seja o homem a garantir a situação económica do seu agregado familiar. Espera-se ainda que este participe na educação dos filhos, mas de uma forma distinta da mulher. Aliás, talvez seja o pai o encarregado de educação do(s) seu(s) filho(s), como figura, sem, no entanto, ter ido uma única vez à escola ou conhecido os professores. Outro exemplo curioso é o das declarações do IRS. Se repararmos, independentemente da situação profissional dos cônjuges, o homem é quem aparece sempre como sujeito activo. E4

Apesar de estar em transformação, quer queiramos quer não, a sociedade ainda vê o homem como alguém que tem uma responsabilidade acrescida. Alguém que deve ser o chefe de família, que obrigatoriamente tem de ter um emprego e uma estabilidade económica... até porque um homem desempregado tem um significado diferente do que uma mulher desempregada. O homem continua a ser visto como o cuidador da família e o responsável por ela. E7

² Optámos por conservar a expressão, dada a pertinência da sua força simbólica e da importância que a mesma se reveste no contexto em que foi proferida.

Ser homem é, para além da parte física óbvia e aparente, uma maneira de ser. O que quero dizer é que ser homem é um papel. Quando penso no que é ser masculino, só consigo uma definição através da comparação com o feminino. E ser masculino é ser forte, sem ser necessariamente insensível, é ter um papel mais dominante, embora tudo isso sejam influências de uma imagem cultural. Essas imagens culturais afectam aquilo que eu digo socialmente no dia-a-dia para não destoar muito. E33

No seguimento das definições de homem explicáveis à luz da cultura, foi igualmente manifestado por parte de alguns participantes um distanciamento progressivo face a algumas imagens mais associadas à ideia de masculinidade hegemónica, ainda que sobre elas não seja habitual conversarem com outras pessoas:

É difícil de definir, pelo menos para mim é muito difícil de definir o que é ser homem. Há um conceito que é um bocadinho induzido ainda pelos pais, numa educação tradicional, mas que se vai desmontando aos poucos, ou eu, pelo menos, vou desmontando aos bocadinhos. Cada vez mais, para mim, ser homem não é muito diferente do outro sexo, neste momento, ao passo que há uns anos atrás, para mim, se calhar ser homem obedecia a um determinado padrão, a um determinado tipo de comportamentos. Hoje já não consigo ver as coisas dessa forma e se calhar tenho mais dificuldade em definir o que é ser homem. No entanto, não é coisa sobre a qual costume falar com outras pessoas. E7

Alguns participantes mostraram-se favoráveis a entendimentos socialmente não normativos, ainda que deles tivessem a preocupação de se distanciar:

Ser homem é ser um ser humano, racional, capaz. É alguém que necessita de outro ser humano, podendo este ser do mesmo sexo ou do sexo oposto, no meu caso, do sexo oposto. Precisamos desse outro para nos sentirmos um todo e desenvolver este grande projecto que é a vida e, mais especificamente, uma relação afectiva. E3

É muito difícil para mim definir masculinidade. Para mim não é coisa que se defina. Vive-se, experimenta-se... é como deixar fluir o que sou, e por acaso o que sou é maioritariamente masculino e gosta de fazer amor com mulheres. E33

Outros participantes assumiram posições de maior flexibilidade, ainda que, interessantemente, tenham manifestado um certo descontentamento face a um eventual incumprimento de uma expectativa social específica dirigida ao sexo oposto:

(...) eu acho que é mais importante o ser pessoa, do que ser homem ou mulher. (...) posso dar inconscientemente valor a isso, mas (...) há determinados papéis que a mim tanto me faz. Por exemplo, a mim tanto me faz se for eu a guiar, ou se for a minha mulher, ou a minha namorada e há homens que se importam. Eu gosto de cozinhar, por isso tanto faz, mas, por exemplo, isso de cozinhar custava-me imenso ter uma mulher que não soubesse cozinhar. Como eu compreendo que uma mulher lhe custasse que eu não soubesse. (...) Custava-me imenso por exemplo só cozinhar eu! E não sei se isso tem algum preconceito aí integrado. E2

5.1.1.2 Desconfortos de uma herança instituída

Paralelamente às configurações pessoais e sociais das masculinidades, foram referidos alguns constrangimentos pessoais, ocasionados pela ideia de masculinidade hegemónica:

Quando penso no que é ser homem vêm-me à cabeça os estereótipos todos, mas na verdade não me identifico com eles. Aliás, certos papéis que me são impostos pelo facto de eu ser homem são-me até desconfortáveis. Por exemplo, a ideia de chefe de família, aquele que sustenta, o facto de ter de ser sempre dinâmico, activo e empreendedor. E33

Outros participantes referiram mesmo alguns desconfortos gerados pelo facto de, na fase da meninice, não se reverem em alguns dos entretenimentos culturalmente associados aos rapazes:

Na primária não tinha jeito para jogar futebol nem para andar à bulha e por isso chamavam-me menina e mariquinhas. Deve ser por isso que odeio futebol agora. E35

5.1.2 O armário heterossexual

Assumidamente provocatório, *O armário heterossexual* resultou de um “importante desafio” E1, e de uma “rara, mas importante oportunidade” E29 para falar de si, em particular dos pensamentos, sentimentos e experiências pessoais aliados à ideia do “ser” homem.

5.1.2.1 Cúmplices oprimidos e silenciosos

A possibilidade de falarem de si no contexto da entrevista *online*, designadamente por referência a um ideal percebido de masculinidade, revelou-se, para alguns dos participantes, num “momento de reflexão, sem dúvida, muito importante” E31, ainda que “raramente possível” E26.

A propósito da escassez de oportunidades para falarem livremente de si, sobretudo, das distâncias sentidas face às imagens de homem socialmente valorizado, foi referido:

São realmente escassas as oportunidades para desenvolver com alguém uma conversa mais íntima a meu respeito, como esta que agora estamos a ter. Eu reconheço-me como uma pessoa sensível, no entanto, por ser homem, eu não posso mostrar isso aos outros, é curioso. E isso provoca-me um sofrimento muito interno (...) o que depois se torna num problema maior (...). A partilha também não acontece pelo facto de ter sempre este receio de que só sou eu que sou assim, só sou eu que penso assim, só sou eu que sinto desta maneira, portanto também não pode haver partilha. Ora, quando nestas questões tão importantes não há partilha, há uma grande solidão e sofrimento. E1

Pode-se dizer que desde os 13 anos até aos 20 vivi um período de sofrimento. Tive de aprender a sarar tudo o que era ferida emocional sozinho. Sempre tive de ser forte por dentro, apesar de não ser capaz de vencer uma bulha. Sentia-me completamente desajustado. E33

5.1.2.2 Do medo do desvio, ao medo da insuficiência

Durante a visita ao armário heterossexual, concretamente através da entrevista *online*, alguns participantes aproveitaram o “*momento há muito desejado*” E7 para visitar e partilhar alguns dos medos e dilemas vivenciados pelo facto de se sentirem menos próximos de um ideal incorporado de masculinidade:

Durante a minha adolescência eu já me colocava em causa, questionando-me se o problema estaria em mim ou nos outros. Perguntava-me: Quem está bem? Tenho de me adaptar? Tenho que castrar esta minha ideia para me adaptar aos outros? Ou será que eu é que estou certo e os outros estão todos errados e eles é que têm de se adaptar a mim? Um dilema! Não foi fácil. Fez-me pensar muitas vezes, fez-me ter medo, fez-me sofrer, fez-me chorar, fez-me pensar o que é que, efectivamente, se estaria a passar de mal comigo e que diferença é que eu tinha em relação aos outros rapazes. Eu sentia que tinha determinados comportamentos diferentes dos outros e isso, efectivamente, levou-me a um grande questionamento, acarretando algum sofrimento. E1

Alguns participantes rentabilizaram o momento da entrevista *online* para escapelizar algumas das suas inquietações relacionadas com o facto de se sentirem mais “efeminados”, bem como determinadas estratégias em tempos encontradas para contornar algum desse desconforto:

Eu sentia-me algo inferiorizado dado as minhas características físicas de não ser tão masculino fisicamente como os outros. Sempre me julguei uma pessoa algo efeminada, quer pela voz, quer pela falta de pêlo, bastante pêlo no corpo como tinham outros colegas meus. Eu achava sempre que era uma pessoa efeminada e nunca me dei assim muita importância... Eu tinha pêlo no peito e outros tinham menos do que eu e cheguei a ver pessoas que ainda tinham menos cabelo nas pernas do que eu... e os braços... eram uns braços angélicos, branquinhos, eu sou branquinho de pele. Os braços... eram uns braços sem pêlo nenhum. Vou dar um exemplo: eu trazia manga curta, mas procurava que a manga fosse comprida e dobrava-a. Isto vem um pouco sempre de eu me sentir algo inferiorizado e isto aconteceu desde jovem onde de alguma forma procurava compensações, nomeadamente ou nas notas ou no estudo. E6

O facto de termos encontrado participantes que se nos apresentaram durante a entrevista *online* como homens mais atípicos, fez-nos tomar conhecimento, pelos seus discursos, de que os mesmos, em tempos, sentiram que terceiros terão tido dúvidas, ainda que não verbalizadas, relativamente à sua heterossexualidade:

Afectivamente sentia-me muito melhor com os meus amigos [homens] mais próximos, alguns até posso dizer sem qualquer embaraço que cheguei a gostar “mesmo” deles, só que queria ter sexo com raparigas, o que era difícil se não conseguia ser íntimo com elas. Era aquela fase nem é carne nem é peixe pelo qual a maior parte dos homens não admite ter passado. Lembro-me que o meu pai andava preocupado que eu pudesse ser “desviado”... ele nunca o disse mas eu percebia. E33

5.1.3 A Reprodução Interdita

A reprodução interdita resulta das implicações de um princípio assumido por diferentes participantes em sede de entrevista *online*, a propósito das vivências identitárias:

Todos ligamos ao que os outros dizem de nós. E32

5.1.3.1 Os actores, as práticas de rotina e as audiências

Sobre as diversas rotinas desenvolvidas entre pares, designadamente os temas de conversa, diversos participantes esclareceram que:

Entre amigos costumamos falar de mulheres e de relações sexuais. E29

Interessantemente, e a propósito das ideias socialmente associadas ao “ser” homem, um dos participantes mencionou um exemplo, de resto, partilhado por outros participantes, ainda que de forma mais abstracta:

Nos dias de hoje há ainda imensos complexos e preconceitos relacionados com o ser homem e que se verificam na transmissão de pais para filho. Ainda hoje de manhã ouvia uma mãe a dizer a um menino, que não devia ter mais de 5 anos, que os meninos não choram. Eu assisti àquilo, deu-me uma vontade imensa de interferir, mas é óbvio que não interfeiri. E5

Referindo-se à sua relação com as filhas, nomeadamente “de grande cumplicidade” E5, este mesmo entrevistado, divorciado, referiu estar consciente que:

“(...) sei que posso ser criticado por outras pessoas. Admito que a proximidade que tenho com as minhas filhas possa parecer invulgar. Embora as coisas estejam a mudar, a verdade é que as pessoas ainda estão muito coladas a uma imagem do homem como garante da família e menos de homem cuidador. Nesse sentido, acho que sou um homem corajoso, pois não me importo com o que possam achar.” E5

Apesar do próximo entrevistado ter apresentado um entendimento do “ser” homem distante do convencional, o facto é que o mesmo manifestou alguma preocupação com as impressões que possa causar nas diferentes audiências, bem como uma incorporação de um conjunto de estereótipos associados às masculinidades subordinadas, especificamente aos homens com orientação homossexual:

Às vezes leio na linguagem não verbal certos gestos, olhares que me levam a supor a orientação sexual das pessoas. Mesmo na linguagem verbal há uma maneira de utilizar as palavras, as pausas, o próprio vocabulário que é diferente. Por exemplo, as mãos: a forma como usam as mãos quando falam, por vezes desenhando as palavras, a forma como pegam e manuseiam os objectos. Um homem macho pega nas coisas tomando-as, possuindo-as; um homem gay pega nos objectos de uma forma pensada. [Questionado sobre se se auto-regula, responde sim] mas fazia-o mais no passado, era muito “self-conscious”. Agora é mais como se já tivesse cristalizado, como se estivesse a chegar a um ponto de conforto na maneira como lido com o espaço, mas ainda olho para o meu reflexo nas montras para ver se estou a andar com os pés para fora, admito. E33

5.1.3.2 Os figurantes e as audiências

Os figurantes e as audiências resultam de copiosos empenhos partilhados por diferentes participantes em encobrir perante diferentes audiências aspectos de si, mas também formas de ver o mundo em geral e os homens em particular, por serem considerados menos próximos do homem socialmente valorizado:

Habitualmente, quando estou num grupo de pessoas que não conheço, embora o mesmo também possa acontecer com pessoas que conheço, designadamente familiares, recorro à minha máscara! É uma máscara que socialmente funciona muito bem, mas que depois no íntimo é complicado. Eu sei quando a coloco e quando a tiro. Coloco-a quando entro e tenho de estar nesse grupo e retiro-a rapidamente, com algum sofrimento e alguma ânsia, quando estou comigo próprio. Isto porque tenho plena consciência de que quando se mostra o que os outros não esperam de nós, neste caso, esta ou aquela característica não associada directamente aos homens, o preço são os rótulos. Quem não mostra as suas diferenças está aceite na sociedade". E1

Outros participantes referiram o contexto de trabalho, a fim de, à semelhança do participante anterior, mencionarem estratégias de cumplicidade face às expectativas normativas associadas à masculinidade hegemónica:

Com os colegas de trabalho, à excepção de 2 ou 3, tenho de fingir muito. Ultimamente tenho tido tendência a afastar-me para não ter de fingir que sou um adulto sério e responsável. Não sendo infantil e irresponsável, não me identifico com esse papel atribuído aos homens. Impressiona-me o teatro que as pessoas fazem... aquela postura do senhor... só por ter a idade x e vestir fato e gravata e não ter feito nada por merecer o respeito. Anseio pelo tempo em que se respeita o rapaz de brinco e calças rasgadas porque provou que é um ser humano de qualidade. E33

Reflexões e perspectivas

Uma vez apresentados os discursos proferidos a propósito das questões inicialmente colocadas: *O que é para si ser homem?* e *O que é ser homem no contexto da sociedade em que vive?*,

despontaram diferentes configurações de pensamento, dando visibilidade a uma multiplicação de masculinidades dentro da categoria heterossexual e, conseqüentemente, a uma fragilização da noção de identidades fixas e estáveis, conforme proposto pelo pensamento pós-moderno em geral e pela teoria *queer*, em particular.

Foram escalpelizadas diferentes características atribuídas aos homens em geral e a si em particular, bem como as diferentes formas de avaliação e justificação das mesmas. Desta exploração resultaram, conforme tivemos oportunidade de ilustrar, três construções discursivas basilares, as quais intitulámos: a) a imagem de Adão; b) o armário heterossexual; e c) a reprodução interdita. De seguida, propomos complementar a apresentação dos dados efectuada até ao momento, com uma reflexão mais detalhada sobre a pluralidade discursiva em torno do tema homens e masculinidades.

Começamos pela *Imagem de Adão*. Os discursos encontrados sintetizam um ícone do “mito fundador, o génesis” (Vale de Almeida, 1995, p.72), que traduz a visão de um homem lutador, forte, trabalhador e responsável por uma mulher, numa relação hierarquicamente diferenciada, em que a mulher é ideológica e discursivamente produzida como sendo inferior ao homem.

Nesse sentido, as *Vozes (in)submissas de uma categoria hegemónica*, e aqui recordamos o facto da heterossexualidade ser socialmente percebida como um símbolo de prestígio (Goffman, 1959 [1993]), de resto, articulado com a ideia de masculinidade hegemónica (Connell, 1995; Vale de Almeida, 1995), apontaram, no geral, duas posições distintas.

Assim, as vozes submissas, entendidas como estando “deste lado da linha” (Santos, 2009, p.23), são vozes ancoradas em perspectivas essencialistas e que admitem uma ordem natural das coisas (Bourdieu, 1998 [1999]). Representam, por isso, a ordem e a razão modernas (Bauman, 1991 [2007]). São vozes que classificamos de reguladas (Santos, 2009), cúmplices, porém nem sempre conscientes (Bourdieu, 1998 [1999]), da construção de um projecto histórico, social e político, obstinado em manipular, administrar e planear a existência humana (Bauman, 1991 [2006]).

Contrariamente, as vozes insubmissas chegam-nos do “outro lado da linha” (Santos, 2009, p.23). São as vozes, na perspectiva moderna ocidental, do caos e da ambivalência (Bauman, 1991 [2006]). Simbolizam, por isso, a quebra do silêncio socialmente construído e participado, sobretudo em palcos *offline* (e.g., família, colegas, amigos, local de trabalho), e que falsificam a ideia de um mundo natural e divinamente ordenado (Morris, 2000 [2007]).

Face a este contexto, são as vozes do outro (Santos, 2009), do estranho (Bauman, 1991 [2006]) e do desacreditável (Goffman, 1963 [1982]) que, durante a entrevista *online*, se permitiu desacreditar, num breve exercício de emancipação social (Nogueira, 2001; Santos, 2009), facilitado por um ambiente percebido como seguro, aqui entendido como a entrevista *online*.

Destas variações de entendimentos quanto aos homens e às masculinidades, que aqui poderíamos designar entre a natureza e o desempenho dramatizado, resultaram imagens de um homem que para o “ser” deverá mostrar-se forte, robusto, empreendedor e emocionalmente controlado. Destas imagens emergiram também, em diferentes situações, *Desconfortos de uma herança instituída*, consubstanciados em diferentes constrangimentos gerados pela incorporação de uma ordem social binária (Bauman, 1991 [2007]; Cascais, 2004; Levy, 2004; Vaz, 2003; Vale de Almeida, 1995) que impõe aos homens marcas identitárias específicas.

Tais marcas são aqui problematizadas como um poder simbólico (Bourdieu, 1989 [2007]). São marcas que devem ser socialmente visíveis, de forma a perpetuar, por um lado, a apregoada ordem natural das coisas e a validar socialmente a virilidade masculina, por outro. A conjugalidade heterossexual e a paternidade são apenas dois exemplos dessas marcas, sendo que a forma como os homens se apresentam perante as mais diversas audiências (e.g., família, colegas, amigos, local de trabalho) ou se movimentam, constituem igualmente, de acordo com os discursos, sinais distintivos importantes ao longo de uma vida vivida em forma de peregrinação (Bauman, 1995 [2007]).

É precisamente neste encadeamento que os discursos encontrados em *O armário heterossexual* vêm, para além de questionar a universalidade da verdade e dos juízos sustentados em categorias dicotómicas e rígidas, impingidas pela modernidade ocidental, aqui entendida por associa-

ção ao ideal da masculinidade hegemónica (Connell, 1995; Vale de Almeida, 1995), denunciar a sua função opressora, capaz de silenciar, porém não anular, uma pluralidade de perspectivas e vivências características da existência humana, fabricando o que designámos por *Cúmplices oprimidos e silenciosos*.

As imagens socialmente construídas dos homens duros, fortes, racionais e emocionalmente controlados, não esqueçamos, sempre em associação a um ideal chamado masculinidade hegemónica (Connell, 1995; Vale de Almeida, 1995) resultam, afinal, em aparências que sempre que alguém se apresenta em público se ocupa e preocupa em transmitir. Tal realidade vai, obviamente, de encontro à ideia de masculinidades cúmplices, proposta por Connell (1995). Nesse sentido, ficou ainda evidente a escassez de oportunidades em falar de si, sobretudo quando os assuntos divergem da dita (hetero)normatividade, mas também o sofrimento causado por tal silenciamento.

Por outro lado, os resultados obtidos em *Do medo do desvio, ao medo da insuficiência* permitiram desenvolver duas ideias fundamentais. É sobre elas que seguidamente falaremos.

Em primeiro lugar, apresentar as características e implicações de uma insígnia moderna relativa à construção da identidade assente num percurso com uma espécie de destino prévio, socialmente assinalado em função do género e que se exige cumprido de forma ordeira e determinada. De acordo com esta linha de pensamento fica a ideia de que os homens se tornam, afinal, em algo que já serão, por natureza.

Fica ainda a ideia da diferença como desvio face a um percurso que se aprende ser o normal. Por fim, fica o medo do desvio e das punições subsequentes. O mostrar-se mais emotivo ou afectivo surge, nesta perspectiva, como sinal de um maior distanciamento face a um tipo de homem socialmente valorizado. No limite, poderá, de acordo com os discursos, conduzir a uma suspeita social de se “ser” menos homem.

Em segundo lugar, denunciar o medo da insuficiência, de acordo com os discursos de alguns participantes, motivado por um sentir-se “menos homem”, quer por uma compleição física mais distante

de um corpo epistemologicamente idealizado, quer ainda pela suspeita de terceiros face a uma proximidade emocional e afectiva face a elementos do mesmo sexo. No fundo, fica a ideia, como tão bem nos lembra Vale de Almeida (1995, p.66), que “a masculinidade tem de estar sempre a estar construída e confirmada”, sobretudo pelo cumprimento dos símbolos e das expectativas sociais.

Nesta linha da confirmação da masculinidade na cena pública, o mesmo autor refere um exemplo, de resto próximo de tantos outros partilhados pelos participantes em sede de entrevista *online*: “Os rapazes aprendem que lhes é permitido sujarem-se e estragarem a roupa. As mães repreendem-nos pelo facto, é certo, mas essa repreensão é prestigiante no seio de grupo de rapazes que se vai formando, e não é raro ver-se um pai vangloriar-se (ainda que sob a figura de retórica da queixa, mas denunciando o orgulho pela expressão facial) da «selvajaria» do filho” (Vale de Almeida, 1995, p.62).

Tais encenações, como a de um participante que para encobrir os seus “*braços angélicos, branquinhos [e] sem pêlo nenhum*” E6, por considerá-los menos masculinos, referiu as suas estratégias para não exibir semelhantes sinais de pessoa “*efeminada*” E6, revelam, como menciona Alferes (1997) a eficácia das estratégias de socialização e educação que asseguram a reprodução e manutenção através das gerações, diríamos, de um certo ideal de homem.

Por fim, inspirados na *Reprodução Interdita*, nome do retrato pintado por René Magritte, em 1937, a pedido do aristocrata e poeta surrealista inglês Edward James (obra patente no Museu Boijmans Van Beuningen, em Roterdão), em que é possível observar Edward James posicionado de frente para o espelho, no qual todos os restantes objectos se encontram reflectidos como habitualmente, menos a sua figura, assim nomeámos a construção discursiva referente à apresentação de si em diferentes palcos do quotidiano.

Assim, os discursos apresentados em *Os actores, as práticas de rotina e as audiências* destacaram aqueles que se revelaram copiosos empenhos dos homens em tornar visível, através de um comportamento manifestamente performativo (Butler, 1990; Cascais, 2004; Moita, 2001; Nogueira, 2001; Vale de Almeida, 1995; Vaz, 2003), a sua virilidade, de forma a corresponder às expectativas

sociais, afastando, assim, qualquer eventual questionamento acerca da sua masculinidade e, em última análise, o perigo da homossexualidade.

Os figurantes e as audiências, por seu lado, remetem para discursos que evidenciam alinhamentos discursivos e comportamentais de quem (sobre)vive nas suas diferenças, percebidas como socialmente inaceitáveis, sacrificando a sua autodeterminação em nome da aceitação por parte de uma sociedade que, ironicamente, se autoproclama defensora dos direitos humanos.

5.2 Sexualidades masculinas e domesticação emocional e afectiva

Por *Sexualidades masculinas e domesticação emocional e afectiva* assumem-se as configurações e interpretações em torno da expressão emocional e afectiva em palcos *offline* (e.g., família, colegas, amigos, local de trabalho, intimidade).

Dos discursos relacionados com o tema sobressairam duas construções discursivas, as quais apresentamos separadamente, a saber: a) *Máscara para homens*; e b) *Homens por detrás da máscara*.

a) *Máscara para homem* resulta das várias configurações e interpretações construídas pelos participantes em sede de entrevista *online*, a respeito da expressão emocional e afectiva em palcos *offline*, em geral, e à expressão emocional e afectiva socialmente (des)autorizada aos homens, em particular. Tais configurações, mais à frente apresentadas em *Entre os ditos e os interditos*, desenvolveram-se em torno da pergunta de partida: *Em seu entender, qual o lugar das emoções e dos afectos na vida quotidiana?*

b) *Homens por detrás da máscara* emerge dos discursos dos participantes habitualmente silenciados em palcos *offline* e referem-se às dificuldades ocasionadas por uma hegemonia que associa, em geral, a expressão emocional e afectiva às mulheres. Incluem ainda as estratégias de superação ensaiadas pelos participantes, de forma a encontrar espaços de expressão mais protegidos.

Tais configurações, adiante apresentadas em *(In)seguranças justificadas*, desenvolveram-se à propósito da questão de partida *Como é que habitualmente lida com as suas emoções, em particular quando se sente mais triste?*

5.2.1 Máscara para homem

Como se referiu, *Máscara para homens* refere-se à expressão emocional e afectiva em contextos que vão desde a família, aos colegas, aos amigos e à intimidade. Contemplam ainda a visão social que, na perspectiva dos participantes, existe a este respeito.

5.2.1.1 Entre os ditos e os interditos

A expressão emocional e afectiva foi associada por diversos participantes a um conjunto de ditos e interditos gerados por *“uma sociedade que castra muito a parte emotiva do homem”* E1.

De qualquer forma, e pese embora, como veremos mais à frente, os homens se encontrem, em geral, mais condicionados do que as mulheres no que diz respeito à expressão emocional e afectiva, de acordo com todos os discursos, as mulheres terão outro tipo de condicionamentos, conforme podemos testemunhar pelas passagens discursivas que se seguem:

Se um homem não tem a mesma liberdade que uma mulher para chorar, não é menos verdade que as mulheres se se mostrarem muito irritadas passam a ser chamadas de histéricas. E se forem mais agressivas, então aí correm mesmo o risco de serem vistas como “maluquinhas” e escutarem frases do tipo: “vê se te internas”. E29

Temos as mesmas emoções do que as mulheres, evidentemente. Agora, o que acontece é que não as podemos mostrar da mesma maneira. Acho que as mulheres estão muito mais autorizadas a chorar, por exemplo. Aliás, aí da mulher que não chore no enterro do marido, por exemplo. É logo chamada de viúva-alegre. Mas já ouviu falar em viúvo alegre? Não, pois não? Eu também não. E17

Neste seguimento, e reconhecendo o facto das emoções fazerem “*parte da nossa vida*” E6, alguns participantes referiram que a expressão emocional e afectiva se encontra, na realidade, dependente do contexto social em que cada pessoa, homem ou mulher, se encontra:

As emoções fazem parte da nossa vida. Nós homens recalcamos a maior parte delas e depois podemos demonstrar uma ou outra. Quando estamos zangados, por exemplo. Depende muito da situação, do local e das pessoas. E6

Diria que na sociedade há emoções ditas aceitáveis num homem. A raiva ou a ira serão dois exemplos. O chorar é típico das mulheres, pelo menos é o que nos ensinam. Infelizmente, uns mais outros menos, acabamos por ceder a essas pressões sociais. Acho que todos vamos usando as nossas máscaras. E26

A expressão emocional e afectiva foi ainda apontada como susceptível de interpretações enviesadas, construídas por terceiros sobre aquele ou aquela que protagoniza essa expressão:

As formas como expressamos as nossas emoções são muitas vezes usadas pelos outros para nos caracterizarem. Daí que se um homem chora em público pode ser um problema. Quero com isto dizer que podem achar, e às vezes até dizem, que não nos estamos a ter um comportamento de homem. E3

Face a este contexto, os participantes, e uma vez mais unanimemente, associaram a expressão emocional e afectiva a demonstrações socialmente percebidas como sinais de fraqueza, em particular as que impliquem vulnerabilidade e quando protagonizadas por homens. Nesse sentido, os mesmos participantes justificaram a necessidade de controlar, como forma de protecção da imagem de si, a expressão emocional e afectiva, sobretudo, quando na presença de terceiros:

É considerado sinal de fraqueza ser emotivo, em particular no nosso caso [dos homens]. Foi isso que nos ensinaram e continuam a ensinar. A nossa cultura ou a nossa educação, como lhe queira chamar, privilegia a racionalidade. Por exemplo, as empresas só recentemente é que pensam no capital emocional, mas é curioso porque a forma como o pensam é a de ensinar os colaboradores a controlarem as suas emoções, não a expressá-las e a compreendê-las. Ensinam-nos a controlar a pressão, não a descomprimi-la. E31

Face a este encadeamento, os participantes foram, uma vez mais, unânimes ao considerarem que, em geral, o ser humano não lida bem com a expressão emocional e afectiva e menos ainda com a sua partilha com terceiros, ainda que a mesma tenha sido considerada importante:

Acho que não lidamos muito bem com a expressão das nossas emoções. Eu, por exemplo, tenho uma tendência cada vez maior em guardá-las para mim, escondendo-as dos outros. Especialmente da sociedade. De uma forma geral, todas as pessoas apregoam que devemos ser sinceros, honestos, devendo dizer o que pensamos e o que sentimos, mas isso nem sempre traz bons resultados. Em termos de partilhar as emoções, a coisa complica-se, daí optar por, em geral, reprimir. Já tenho calos desses. E7

A minha família não fala de afectos. Comunicamos se estamos com alguém ou não e falamos se temos dúvidas sobre algum assunto. E1

É muito difícil partilharmos as nossas emoções, mas far-nos-ia muito bem se o pudéssemos fazer mais livremente. E26

Interessantemente, alguns participantes mostraram ser da opinião de que a sociedade actual em que vivem é uma sociedade de “pura emoção” E2. No entanto, os mesmos concordaram que a expressão emocional e afectiva não está isenta de repressões. Face a este aparente paradoxo, quisemos, uma vez mais, apurar as explicações possíveis.

Eu creio que, na realidade, vivemos numa sociedade de pura emoção. O que me parece é que se vai buscar outras emoções para colmatar, digamos que as principais, sobretudo, por não nos ser fácil expressá-las face-a-face. Dou um exemplo: vê-se muitas pessoas sozinhas que depois têm muitos animais de estimação. Também há emoção em ter animais de estimação, mas eu acho que é um bocado por substituição, por isso eu acho que é uma sociedade de emoções substitutas. As pessoas, em geral, não lidam bem com a expressão emocional umas diante das outras. Mais facilmente dizem a um gato ou a um cão o quão gostam dele, do que a um amigo, por exemplo. E2

A nossa sociedade valoriza excessivamente a parte mais racional. Portanto, do ponto de vista social, um ho-

mem que chore, resvala para um aspecto feminino, um homem que seja racional é que é um homem forte, um homem como a sociedade acha que este deve ser; um homem que racionaliza as suas emoções e que não fraqueja. Isto de se ser um homem emotivo é um sinal de fraqueza nesta sociedade em que vivemos. E1

Os homens demonstram muito menos as suas emoções do que as mulheres. Acho que há uma pressão social muito maior sobre nós nesse aspecto. E3

Face a este contexto, a “crença de que os homens são, por natureza, mais contidos em relação à expressão emocional e afectiva” E29, foi contestada por posições pessoais que reforçam a ideia da expressão emocional e afectiva como um produto de uma certa ordem social que, em geral, associa a expressão emocional e afectiva às mulheres, domesticando, dessa forma, os homens:

Muitas vezes pensa-se que um homem é insensível. O que acontece é que, culturalmente, nos impedem de expressar livremente as nossas emoções, obrigando-nos a suportar uma vida de pressão. E3

Nos homens é muito difícil lidar com as emoções, muito, muito difícil. Eu penso que os homens, na generalidade, tentam esconder as emoções (...) porque não é próprio dos homens ter determinado tipo de emoções, especialmente em público (...) especialmente emoções como chorar ou situações desse género. E4

Em geral, os homens reprimem muito mais a expressão das suas emoções e dos seus afectos. Por exemplo, um homem dificilmente assume que está triste. Quando tal acontece, mais do que tentar trabalhar a sua tristeza, muitas vezes os homens refugiam-se no álcool ou outro vício. Outros vêm para aqui [ciberespaço] na esperança de encontrar alguém para desabafarem mais livremente. E31

Todavia, e mesmo para aqueles participantes que fizeram uma apresentação de si como alguém que valoriza muito as emoções e a sua expressão, o peso da regulação social parece falar mais alto:

Para mim as emoções são o principal da vida. Sem elas passamos a ser máquinas. Por exemplo, eu valorizo muito ir ver um pôr-do-sol ou ler um livro sobre um tema mais profundo. Mas a verdade é que não conheço muitos homens que digam o mesmo. Eu próprio não costumo dizê-lo. E5

5.2.2 Homens por detrás da máscara

Uma vez apresentada a incorporação dos ditos e interditos relativos à expressão emocional e afectiva, em particular no que aos homens diz respeito, *Homens por detrás da máscara* apresenta, como se disse, diferentes vivências protagonizadas pelos participantes, habitualmente silenciadas nos palcos *offline* (e.g., família, amigos, colegas, local de trabalho, intimidade) e relacionadas com momentos sentidos como de especial vulnerabilidade. As *(in)seguranças justificadas* surgem, deste modo, alinhadas com a ideia de expressão emocional e afectiva como forma de domesticação.

5.2.2.1 (In)seguranças justificadas

Os discursos que seguidamente se apresentam traduzem estratégias de orientação da expressão emocional e afectiva, alimentadas por esquemas socialmente construídos que desautorizam os homens de expressarem emoções que impliquem vulnerabilidade:

Quando fico mais triste prefiro resguardar-me e pensar por mim próprio quais as decisões mais acertadas a tomar. Não gosto de preocupar os outros. Contudo, se as coisas não me correm como tenciono, quem está à minha volta que se cuide. [Solicitámos ao participante que explicasse melhor o sentido da sua expressão]
Quando as coisas não me correm de feição expludo com muita facilidade e sou mais agressivo na forma de me expressar. E26

Sou um homem emotivo, mas raramente o demonstro. Quando estou mais triste, não tenho por hábito partilhar esses momentos com ninguém. Nem mesmo com a minha esposa. Só se for algo muito grave e que ela perceba pela minha cara e aí eu não tenha como evitar. E29

Quando me sinto magoado, normalmente guardo para mim; consigo, de alguma forma, controlar-me, embora as emoções possam estar lá. Às vezes, por exemplo, no meu dia-a-dia profissional, há uma ou outra situação mais complicada em que, lá está, dá-me vontade de chorar, mas não o faço. Consigo controlar-me

ao máximo e faço-o se calhar porque... se calhar... porque não sei se a outra pessoa vai achar que é um sinal de fraqueza ou sensibilidade excessiva. Eu tenho um bocado dessa percepção das coisas. Costuma-se dizer que um homem não chora, não é? E7

Eu sou um homem bastante emotivo. Quando estou mais triste, procuro conversar com alguém que, pelo menos, me escute, não forçosamente que me entenda. Contudo, para chorar, procuro o lugar ideal para fazê-lo, um lugar solitário, preferencialmente a minha casa. Há momentos em que é preciso ficar sozinho para poder reflectir nas coisas. E31

A propósito do choro, o próximo participante, pai de dois filhos, refere precisamente o facto de ser pai como factor desinibidor do próprio choro:

É verdade que, em geral, continuamos a calar muito as emoções, em especial a fragilidade. Todos temos fragilidades e isso custa admitir. No meu caso pessoal, não diria que me é fácil chorar, mas quando me emociono e me vêm as lágrimas aos olhos, já não as tento conter e deixo-as sair. E tenho-o feito desde que sou pai. Neste momento, se me apetece chorar, choro e nem penso se vão pensar alguma coisa. Talvez sinta que por ser pai de dois filhos já não tenho nada a provar em termos de masculinidade. E33

Por outro lado, a próxima passagem discursiva, relativa a um homem de 44 anos, casado, pai de dois filhos, em situação de desemprego prolongado, deu visibilidade aos sentires do homem por detrás da máscara:

Sou um homem bastante emotivo, mas não sou uma pessoa de lágrima fácil. Sou particularmente sensível a situações de morte, desemprego prolongado, relacionamentos terminados... são situações que podem provocar-me estados de alma chorosos para desabafar. Senti particularmente vontade de chorar (...) devido a não ter trabalho, sendo eu uma pessoa qualificada... senti-me desaproveitado e desprezado. [Por exemplo] Quando queria ter meios de subsistência para suprir as necessidades da minha família e não tinha forma de o conseguir tinha os meus momentos a solo para procurar gerir as minhas emoções. Sentia-me revoltado com o mundo e com a vida. Nesses momentos refugiei-me sozinho no meu quarto, onde não visse ninguém nem fosse visto por ninguém. E32

Por outro lado, o facto de se desejar uma relação afectiva que ainda não aconteceu, associado ao medo da “idade que não perdoa” E1 e “aos outros que olham para nós e estranham estarmos sós com esta idade” E1 foi apontado como “motivos de um sofrimento atroz, cuja partilha só consigo fazer com a minha terapeuta” E1.

Este refúgio por detrás da máscara surgiu, efectivamente, em diversos discursos, e relativamente a diferentes ocasiões, tal como é possível constatar:

Na altura em que rompi o meu relacionamento, senti uma mistura grande de sentimentos, mas ficaram guardados comigo. E3

Lidar com as minhas emoções, na tropa, foi terrível. Primeiro porque não podemos ter emoções, pelo menos declaradas, porque senão... era impensável sequer. Nem vale a pena dizer... [Convidado a desenvolver uma reflexão sobre a forma como lidava com as emoções nesse período da vida, refere:] O espaço concedido às emoções existia à noite. Outras vezes consistia simplesmente em dormir. A pressão psicológica era tal que por vezes acontecia pedirem para desistir. Houve colegas que chegaram a gritar no meio de uma intervenção e pediram para ir embora. O que lá se esperava era que fossemos duros, robustos, que não chorássemos, que fossemos uma máquina de matar sem emoções. As estratégias eram muito complicadas, por exemplo... eu já não falo da sobrecarga, eu estive numas operações especiais, onde a sobrecarga física e psicológica é muito grande e muito terrível. Normalmente, no final da instrução, quando tinha algum tempo livre, ficava recolhido para mim próprio. Quando muito, mas isso era muito raro, conversava com outro colega e desabafávamos um com o outro. Também tive a facilidade de estar no curso de sargentos e oficiais que nivela de alguma forma o nível cultural e então era mais fácil nós partilharmos uns com os outros, mas eram momentos muito solitários. E4

Uma outra área explorada foi a das relações afectivas e amorosas. O próximo participante apresenta-nos a sua história, sobre a qual “obviamente não tenho por hábito partilhar”. E33:

[A primeira relação afectiva, no sentido conjugal] foi a minha iniciação sexual que na altura [aos 20 anos] considerei tardia. Agora acho que até foi melhor [mas] na altura pensava que ia ser virgem aos 40, mas se

calhar foi melhor eu ter crescido emocionalmente antes de ter tido essa experiência. Tinha saído de casa, estava a estudar em [...] comecei a fazer e experimentar tudo o que não pude na adolescência por causa da minha mãe e da minha incapacidade para a enfrentar. O que é engraçado nessa relação é que essa rapariga com quem me iniciei só queria sexo e eu pensei que me tinha apaixonado. Quer dizer, depois de tanto tempo a querer uma “fuck buddy”, como dizem os americanos, encontro uma e fico triste por não ser uma “namorada” tradicional. É que só estávamos juntos quando íamos para a cama. Por exemplo se nos cruzássemos na universidade ou na rua ela era fria comigo. Por isso quase não chegou a haver afecto, apenas sexo. A parte do sexo estava muito bem, era mesmo o que eu queria, só que depois comecei a querer aquelas coisinhas que nunca tinha tido como ir à praia com ela ou ao cinema, precisamente as coisas que pensava antes que não queria. E33

Reflexões e perspectivas

Antes de avançarmos para uma reflexão em torno dos resultados encontrados no âmbito do tema *Sexualidades masculinas e domesticação emocional e afectiva*, cremos justificar-se um brevíssimo esclarecimento quanto ao termo domesticação, presente no título deste tema. Na verdade, estamos pouco habituados a encarar o animal humano como um ser domesticável, mas antes como susceptível de ser educado. Talvez nos seja mais cómoda a expressão. Porém, e de acordo com os resultados encontrados, a força e a violência da regulação socialmente imposta aos homens, no que respeita à expressão emocional e afectiva, em particular nos palcos *offline* (e.g., família, amigos, colegas, local de trabalho), conduziu-nos a decidir convictamente por um termo, no mínimo, discutível.

Posto isto, e uma vez analisados os discursos proferidos em torno das questões inicialmente colocadas: *Em seu entender, qual o lugar das emoções e dos afectos na vida quotidiana? e Como é que habitualmente lida com as suas emoções, em particular quando se sente mais triste?*, emergiram duas configurações discursivas, tal como tivemos oportunidade de apresentar. Referimo-nos, concretamente, a: a) Máscara para homem; e b) Homens por detrás da máscara. Seguidamente, dedicaremos uma atenção mais detalhada aos resultados, reflectindo sobre os mesmos e colocando em evidência diferentes perspectivas.

Começamos por *Máscara para homem*. Os discursos produzidos pelos participantes deram visibilidade a uma forte configuração social que associa masculinidade ao autocontrolo, facto que parece direccionar os homens para a incorporação da ideia de que relatar determinadas emoções (e.g., choro) constitui um sinónimo de fraqueza e, nesse sentido, uma ameaça à sua masculinidade.

Contudo, os resultados permitem-nos justificar este autocontrolo não à luz da natureza dos homens, como defendido por um discurso moderno que hierarquiza os homens consoante o seu grau de conformidade com as expectativas heteronormativas (de acordo com o nosso posicionamento teórico e epistemológico, socialmente construídas), mas antes à luz de uma exigência social que associa os homens a seres fortes e emocionalmente fortes e controlados.

Face a este contexto, os discursos desenvolvidos pelos participantes em sede de entrevista *online* evidenciam uma oscilação discursiva que intitulámos *Entre os ditos e os interditos*, o que quer dizer entre uma expressão emocional e afectiva socialmente autorizada e uma expressão emocional e afectiva socialmente punível, de acordo com o género.

De facto, e de uma forma geral, os resultados evidenciam que os homens são forçados a uma inibição da expressão das suas emoções e dos seus afectos, embora a irritação ou a agressividade constituam notórias excepções à regra. Não será, pois, por acaso que muitos estudos confirmaram já que os homens expressam a sua irritação mais frequentemente do que as mulheres (Averill, 1983; Fischer, 1993; McConatha, Leone, & Armstrong, 1997; Seidler, 2007), de acordo com o discurso dominante, mais emotivas.

Da mesma forma, e uma vez mais de acordo com os resultados por nós encontrados, não será coincidência o facto dos homens exibirem, por exemplo, maior expressividade facial quando se trata de demonstrar irritação ou cólera, do que quando se trata de medo. Tal facto vai também de encontro aos resultados encontrados por Eisler (1995).

Long (1987) sustenta mesmo que a alta incidência de irritação e cólera por parte dos homens será o resultado do facto destes direccionarem emoções percebidas como menos masculinas, tais como a de-

silusão, a vergonha e o medo para o canal expressivo da irritação, dado que esta estará mais de acordo com a identidade masculina tradicional, leia-se hegemónica (Connell, 1995; Vale de Almeida, 1995).

Nesse sentido, os resultados apresentados em *Máscara para homem* ditam e interditam as imagens (in)desejadas de masculinidade, e reforçam a ideia social que associa os homens a seres emocionalmente controlados, tal como proposto por Jansz (2000), facto que concorre igualmente para a ideia de constrangimento como pré-requisito da performatividade (Butler, 1990; Vale de Almeida, 1995).

Enquadramos, nesta linha de raciocínio, os esforços dos homens em influenciar diferentes audiências (Goffman, 1959 [1993]), através dos seus desempenhos construídos em conformidade com uma fachada social pensada, numa perspectiva moderna e ocidental, para uma identidade fixa associada a uma categoria rígida chamada homem.

Uma vez visitados os *Homens por detrás da máscara*, visita facilitada por uma conversa *online* entre entrevistador e participante, foi possível desvendar, graças a um contexto de entrevista percebido como seguro, diferentes vivências relativas à expressão emocional e afectiva, protagonizadas pelos participantes, sobre as quais habitualmente não se fala nos palcos *offline* (e.g., família, amigos, colegas, local de trabalho, intimidade).

Deste modo, as *(In)seguranças justificadas* revelam posicionamentos distintos que, por sua vez, influenciam diferentes práticas protagonizadas pelos participantes. Assim, foram relatadas experiências pessoais que reforçam o grau de conformidade dos participantes em palcos *offline* (e.g., família, amigos, colegas, local de trabalho), pela manifestação de comportamentos socialmente esperados de acordo com o género, ou seja, homens que não choram em público ou sequer partilham episódios de vulnerabilidade.

Associados a tais experiências, foram relatados episódios de dificuldade e sofrimento vividos quase sempre de forma silenciosa e solitária, facto que, em nosso entender, não dispensa uma problematização das condições em que os homens são socialmente fabricados, por um lado, mas das múltiplas (o)pressões a que se sujeitam e são sujeitos. Tal facto justifica, entendemos ainda, um

questionamento das práticas educativas desenvolvidas desde cedo, não apenas em família, mas nas instituições de educação formal, como é o caso da escola.

Aliás, no contexto das suas investigações em contexto escolar, nomeadamente no que respeita à expressão emocional e afectiva por parte dos rapazes, Brody (2000) revela que os grupos de pares reforçam e mantêm a conformidade com as regras relativas ao processo de expressão emocional, exibindo os comportamentos socialmente esperados, de acordo com o género, tornando-se socialmente mais aceites e vistos como os “fixes” ou “porreiros”. Os rapazes mais populares são, de facto, de acordo com a autora, os que actuam de forma mais dura e agressiva, desafiam a autoridade dos adultos e se gabam de violar algumas das regras estabelecidas.

Também Jansz (2000) sustenta, a este propósito, que a investigação em psicologia tem revelado que os homens dificilmente revelam os seus sentimentos pessoais, tendendo, por isso, a esconder a expressão das suas emoções, em particular o medo, a tristeza, a vergonha e a culpa, de resto, tal como os participantes por nós entrevistados. Tal facto pode ser compreendido como uma estratégia de reforçar uma imagem de masculinidade hegemónica (Connell, 1995; Vale de Almeida, 1995), dado que a expressão de sentimentos mais afectuosos ou de carácter mais íntimo é geralmente interpretada como sinal de vulnerabilidade e fraqueza (Jansz, 2000).

Nesse sentido, a regulação da expressão emocional e afectiva, em particular em casos de fragilidade, lida como não partilha com terceiros, confere, desta vez de acordo com os resultados por nós encontrados, uma segurança quanto à manutenção de uma imagem de si socialmente valorizada e, nesse sentido, distanciada de formas de masculinidade subordinada (Connell, 1995).

Tal facto reforça, em nosso entender, a pertinência de uma análise da expressão emocional e afectiva em função da cultura e menos dependente da natureza, de resto, tal como proposto por diferentes autores (e.g., Averill, 1989; Fisher & Chon, 1989; Greenwood, 1992; Harré, 1986; Kemper, 1987; Lutz, 1990; Oatley, 1993; Ratner, 1989). Reforça ainda, em nosso entender, a noção de regulação da expressão emocional e afectiva (Gross & Thompson, 2007) como estratégia

de pertença a uma classe socialmente valorizada de homens e, conseqüentemente, à noção de masculinidades cúmplices (Connell, 1995).

Em síntese, diríamos que é a partir desta percepção incorporada da ordem das coisas, estruturada em conformidade com as próprias estruturas de dominação imposta aos indivíduos – no caso concreto, aos homens – que podemos afirmar, corroborando Bourdieu (1998) [1999], que os actos de conhecimento dos indivíduos são, por vezes, inequívocos actos de reconhecimento e de submissão. A este propósito, Bourdieu (1998) [1999, p.1] acrescenta: *“E também vi sempre na dominação masculina, e na maneira como é imposta e sofrida, o exemplo por excelência dessa submissão paradoxal, efeito daquilo que chamo a violência simbólica, violência branda, insensível, invisível para as suas próprias vítimas, que se exerce no essencial pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento ou, mais precisamente, pelo desconhecimento, do reconhecimento ou, no limite, do sentimento”*.

5.3 Da experiência da opressão, ao desejo de libertação: Identidades e poder no ciberespaço

Por *Da experiência da opressão, ao desejo de libertação: Identidades e poder no ciberespaço* assumem-se as configurações e interpretações em torno da apresentação de si e do *self-disclosure* em palcos que transcendem as fronteiras físicas, complexificando as da privacidade, aqui identificados como palcos *online* (e.g., salas de conversação, redes sociais, mensagens instantâneas).

Dos discursos construídos à volta do presente tema resultaram duas construções discursivas, a saber: a) entre o cepticismo e a abertura; e b) a tecnologia ao serviço da humanização.

a) Entre o cepticismo e a abertura emerge de um pensamento crítico desenvolvido pelos participantes tendo como ponto de partida a questão *Sente que o ciberespaço lhe permite revelar-se de forma diferente e mais honesta do que em outros palcos? Por quê?* Tal como teremos ocasião de apresentar mais à frente, *Quando os incómodos da dominação masculina falam mais alto* dizem respeito às principais razões da apresentação de si e do *self-disclosure online*;

b) *A tecnologia ao serviço da humanização* emergiu da exploração discursiva em torno da questão de partida *Sente que consegue expressar-se emocionalmente de forma mais espontânea no ciberespaço? Por quê?* e relaciona as experiências dedicadas à apresentação de si em diferentes palcos *online* (e.g., salas de conversação, redes sociais, mensagens instantâneas) e a expressão emocional e afectiva. Tais discursos revelam, como teremos oportunidade de explicar, um *Ciberespaço: amigo fiel e libertador*.

5.3.1 Entre o cepticismo e a abertura

Entre o cepticismo e a abertura marca, tal como se disse no ponto anterior, uma oscilação discursiva entre um posicionamento da ordem da suspeita e um outro da ordem da abertura face às possibilidades de uma autêntica apresentação de si em diferentes palcos do ciberespaço (e.g., salas de conversação, páginas pessoais e blogues, mensagens instantâneas e redes sociais) bem como de expressão emocional e afectiva.

A próxima passagem discursiva, construída por um homem de 29 anos, solteiro, licenciado, marca uma reformulação de pensamento sobre a utilização do ciberespaço como palco para a apresentação de si e para o *self-disclosure*.

É bom salientar uma evolução da minha parte (...). Não sei se é positivo ou negativo. É verdade que tinha um grande preconceito e uma crença negativa relativamente às pessoas que utilizavam essas tecnologias (...) porque não entendia (...) havendo ali algum instrumento tecnológico no meio das emoções, parecia-me que era desvirtualizá-las. Hoje em dia consigo ter uma maior flexibilidade e, portanto, se não usava há pouquíssimo tempo, agora, de facto, uso. Uso para falar de mim, de coisas que por vezes... tantas vezes, não consigo partilhar em relações face-a-face. E1

Todavia, entre os diversos participantes entrevistados *online*, houve quem afirmasse que uma verdadeira comunicação não prescinde da presença física, considerando, por isso, a comunicação mediada por computador menos rica em termos de informação.

Considero que o contacto físico é primordial para uma verdadeira comunicação. É no frente a frente que podemos confirmar a sinceridade de uma pessoa, dado que o que expressamos fisicamente não pode ser expresso através do teclado de um computador. No entanto, devo admitir que a comunicação através do ciberespaço facilita conhecer pessoas novas. E31

Para além de menos rica, houve também quem adoptasse, sobretudo numa fase inicial da entrevista *online*, uma posição mais rígida quanto a esta forma de comunicação, designadamente pela exclusão da possibilidade de falar verdade nos palcos *online*. Valerá a pena, no entanto, dedicarmos uma especial atenção às reconfigurações das posições do participante que se segue alusivas às (im)possibilidades atribuídas à comunicação mediada por computador.

(...) sou um grande crítico em relação à utilização de novas tecnologias para se chegar às emoções. Não vamos lá chegar. Isso é tudo falseado ou seja é muito fácil enviarmos uma mensagem e depois termos um comportamento completamente diferente. Porque aquilo que eu digito no teclado, não corresponde àquilo que eu sinto. Porque a distância permite que eu possa enganar com mais facilidade, que eu possa até ser mais profundo sem o sentir. E5

O facto de estarmos perante um participante divorciado permitiu-nos desafiar o mesmo para uma viagem a um passado não muito remoto (cerca de um ano, para sermos rigorosos), com vista a relembrar, em jeito de passagem, o tipo de estratégias encontradas na fase da sua separação conjugal e do divórcio, descrita como “extremamente difícil”, designadamente em termos de expressão emocional e afectiva. Tratando-se de um participante que se auto apresentou no início da entrevista *online* como um homem “profundamente afectivo”, quisemos compreender se o mesmo havia conversado com alguém das suas relações pessoais sobre o que na altura foi sentindo.

Consegui desabafar com duas amigas minhas. E5

Quisemos ainda perceber se o facto de ter na altura conversado com duas amigas tinha sido por acaso ou se, pelo contrário, tinha sido estratégico.

Foi absolutamente estratégico! Sabia que com elas, não apenas por serem minhas amigas, mas acima de tudo

por serem mulheres, eu iria ter um outro feedback. Conversar com outros homens não iria dar em nada, ou melhor, a maior parte deles não chega lá. Tentei uma vez falar com um amigo e a coisa não resultou. Aconselhou-me a não pensar no assunto. Ora, se o assunto estava relacionado precisamente com os meus afectos, eu ia falar de quê? De flores? De brócolos? De arroz doce? E5

Esta breve incursão pelo período de maior fragilidade emocional do participante em causa, propositalmente realizada, permitiu-nos incitar o mesmo para uma outra reflexão, desta vez, a propósito da situação relativa a outros homens teoricamente menos competentes em matéria de expressão emocional e afectiva, porque mais dependentes de uma ideia de masculinidade dissociada, precisamente, de emoções que impliquem vulnerabilidade. Face a tal hipótese teórica, o participante posicionou-se da seguinte forma:

Embora tenha considerado há pouco que as pessoas são mais frontais na relação face-a-face, por outro lado, se calhar até para esses homens, que na verdade correspondem à maioria, a internet e as salas de conversação são uma boa ferramenta. Aliás, para quem tem medo de verbalizar, no face a face, é fantástico. Não sentimos [note-se que neste momento o participante já se inclui neste plural] a avaliação de quem está à nossa frente. O outro está lá mas não está. Nunca me tinha lembrado que para quem tem dificuldade em expor-se, se calhar, é um bom caminho. Se calhar torna-se mais fácil dizer as coisas que realmente se estão a sentir. Até numa fase inicial, para se trabalhar emoções, até deve ser interessante. Agora... quem gosta da frontalidade e quem gosta do contacto físico é que ficará um vazio. E5

Denote-se, porém, que a frontalidade surge aqui apresentada pelo participante ao abrigo do gostar e não do poder, facto que, em nosso entender, sugere uma não consciencialização dos mecanismos de controle social associados a uma ideologia dominante que pune, em geral, os homens manifestamente mais emotivos, ao considerá-los femininos.

5.3.1.1 Quando os incómodos da dominação masculina falam mais alto

Diversos participantes mencionaram o facto da comunicação mediada por computador facilitar uma maior

libertação e exposição de si motivada por uma menor percepção quanto às possibilidades de punição:

É evidente que me sinto mais liberto e, por isso, represento menos na internet, sem dúvida. E1

Admito que no ciberespaço, o facto de não nos conhecermos, isto é, de eu não conhecer necessariamente a outra pessoa com quem estou a falar, mas sobretudo o facto da mesma não me conhecer de nenhum outro contexto, como os amigos ou os colegas de trabalho, me facilita. Posso falar à vontade porque não posso ser repreendido, não vêem as minhas emoções, não vêem as minhas reacções, isto é, se eu reajo bem, se eu reajo mal. E4

Considero que a internet poderá ser um meio de comunicação facilitador de uma conversa que se calhar as pessoas às vezes podem não ter coragem de encarar na relação face-a-face, sobretudo quando toca a falar mais intimamente de nós. E7

No que toca a falar de mim ou dos meus sentimentos, acho mais fácil falar pela internet porque a situação de falar com alguém sobre assuntos da nossa, vá lá, da minha, intimidade é constrangedora se for face a face. Aliás, se esta entrevista fosse face a face seria bastante mais difícil para mim e, sobretudo, bem mais constrangedora. E26

Encontrámos ainda alguns discursos proferidos por participantes que se revelaram menos assíduos nas salas de conversação síncrona, mas que opinaram da seguinte forma quando convidados a reflectir sobre as eventuais razões da maior assiduidade doutros homens nessas salas:

Creio que pode muito bem ser uma forma de escape, ou seja, um meio para desabafarem ou até mesmo para comunicarem algo a outros sem terem que os encarar... talvez por vergonha, talvez o medo da reacção dos outros e o que possam pensar. Não esqueçamos que nós homens temos a vida bem menos facilitada do que as mulheres, sobretudo no que respeita a falar do que realmente sentimos cá dentro. E29

Esta ideia vai de encontro à experiência concreta de um dos participantes, nomeadamente quando durante a entrevista *online* sentiu necessidade de referir a importância que as salas de conversação e o MSN tiveram na fase em que vivenciou uma ruptura de uma relação amorosa.

Sou muito utilizador da internet, das salas de conversação e do MSN, desde o início (...) quando começou a internet em Portugal foi quando eu tive um corte de uma relação amorosa. Foi uma fase bastante complicada, até porque eu não falava dessas coisas com os meus amigos e nesse sentido a Internet ajudou-me imenso na altura. Aliás, quando me divorciei, a internet voltou a ter uma importância vital para mim. Foi através dela que pude desabafar e, em certa medida, me reencontrar. E2

5.3.2 A tecnologia ao serviço da humanização

A tecnologia ao serviço da humanização surge, como se disse, em linha com os discursos dos participantes em torno de uma articulação entre as experiências relativas à apresentação de si em diferentes palcos online (e.g., salas de conversação, redes sociais, mensagens instantâneas) e a expressão emocional e afectiva.

5.3.2.1 Ciberespaço: Amigo fiel e libertador

A ideia do ciberespaço poder funcionar como um palco privilegiado para o *self-disclosure online*, graças, sobretudo, à diminuição dos constrangimentos associados às múltiplas expressões identitárias e, conseqüentemente, à expressão emocional e afectiva, esteve presente nos discursos de diferentes participantes.

Deste modo, a passagem discursiva que se segue sintetiza uma pluralidade de “vozes” por nós “escutadas” em sede de entrevista *online*, a propósito das potencialidades do ciberespaço relativamente a uma apresentação de si, mas também expressão emocional e afectiva mais ocupada com uma dimensão individual e menos preocupada com uma dimensão social.

Eu creio que, em certa medida, a internet, ou melhor, as salas de conversação, mas também os blogues, nos permitem uma outra humanização. É curioso, não é? Falar de humanização quando o tema aqui se refere aos computadores. Que paradoxo este. Mas não deixa de ser verdade, embora acredite piamente que este não

corresponda ao discurso oficial. O facto de ser homem, e as pessoas muitas vezes não pensam nisso, causam-nos imensas limitações... essa coisa do termos de ser sempre fortes, rijos e não choramingas, como se chorar nos tirasse pedaço ou diminuísse a nossa masculinidade. E3

Aquando da reflexão em torno desta possibilidade do ciberespaço facilitar, através dos seus diferentes palcos, o *self-disclosure online*, um dos participantes estabeleceu a seguinte analogia:

Eu fui educado num colégio católico e acontecia muito aproveitarmos a confissão para irmos falar com o padre, porque sabíamos que, à partida, ele não dizia a ninguém. Usávamos muitas vezes o local da confissão por facilidade de acesso, para esse efeito, embora nós soubéssemos que o padre que lá estava, eventualmente, era um dos nossos professores. Claro que escolhíamos sempre um que não fosse; um que não nos desse aulas porque era mais fácil de dizer a esse. (...) Penso que as motivações que conduzem alguém a desabafar coisas importantes no contexto do ciberespaço podem não andar longe das razões pelas quais nós escolhíamos falar com um padre e, em especial, um que não nos desse aulas. E4

A passagem discursiva que se segue não fala de um padre, porém, assenta em razões idênticas à passagem anterior. Sinais dos tempos, diríamos, a propósito destas novas formas de partilha aliadas a constrangimentos bem mais antigos.

(...) na internet eu não sei quem está do outro lado. Não sei quem é, não sei o que é que pensa, não sei o que sente, o que faz e, portanto, dá-me a sensação de liberdade, de não punição. E mesmo que haja punição é irrelevante, pois eu não conheço a pessoa de lado nenhum e, portanto, o desconhecido, aqui, ajuda à partilha (...). E1

Reflexões e perspectivas

A possibilidade de conversar à distância física com outras pessoas sobre assuntos que vão do banal ao importante, não é de hoje, muito menos exclusiva da multiplicidade de palcos disponibilizados pela *internet* (e.g., páginas pessoais, blogues, salas de conversação, mensagens

instantâneas, redes sociais, correio electrónico), quer seja de forma síncrona ou assíncrona, com ou sem som e/ou transmissão de imagem.

Se hoje é possível falarmos, tal como tivemos oportunidade de abordar no capítulo III, de ciberterapia, ou de aconselhamento *online*, há muito que existem linhas de aconselhamento ao telefone (e.g., linha Saúde 24, APAV, Criança Maltratada, Famílias Anónimas, Sexualidade em Linha, Linha SIDA, SOS – SIDA, SOS – Voz Amiga, Telefone da Amizade).

É verdade que estamos cada vez mais acostumados a falar diariamente com e para máquinas. Seja para a operadora da nossa rede de telefone móvel ou fixa, seja para dar a leitura da electricidade, seja para marcar um número de telefone enquanto conduzimos o nosso automóvel, seja para deixar uma mensagem no *voice mail*, seja quando interagimos com um GPS, seja ainda para activar ou desactivar qualquer outro mecanismo.

Os discursos apresentados referentes às pessoas que se apresentaram em sede de entrevista *online* como homens com orientação sexual normativa, ou seja, heterossexual, expressam os resultados das suas opiniões e vivências em torno das actuais possibilidades de navegação em diferentes palcos *online*, com particular destaque para as salas de conversação e as mensagens instantâneas, designadamente através do MSN.

Assim, e através das questões de partida *Sente que o ciberespaço lhe permite revelar-se de forma diferente e mais honesta do que em outros palcos? Por quê?* e *Sente que consegue expressar-se emocionalmente de forma mais espontânea no ciberespaço? Por quê?*, emergiu uma multiplicidade de experiências, alicerçadas em diferentes posicionamentos, sobre os quais procuraremos, a partir daqui, reflectir, perspectivando uma problematização dos resultados à luz das nossas próprias subjectividades.

Deste modo, os discursos apresentados em *Entre o cepticismo e abertura* marcam um posicionamento situado ao nível da suspeita relativamente à honestidade das conversas desenvolvidas entre utilizadores que nunca se viram entre si em qualquer palco *offline* (e.g., amigos, colegas, local de trabalho, vizinhos), em particular quando o assunto é falar de si. Por outro lado, *Entre o cepticismo*

e a *abertura* inclui ainda a suspeita quanto à possibilidade dos palcos *online* (e.g., páginas pessoais, blogues, salas de conversação, mensagens instantâneas, redes sociais, correio electrónico), possibilitarem a expressão emocional e afectiva.

Nesse sentido, tais construções discursivas congregam as opiniões de quem recorre à *internet* fundamentalmente para fins profissionais, ainda que com experiência regular em comunicação síncrona a título pessoal (e.g., salas de conversação, MSN), mas apenas com pessoas conhecidas de diversos palcos *offline* (e.g., família, amigos, colegas de trabalho).

Ainda assim, a análise foucaultiana dos discursos dos participantes deu visibilidade a um outro posicionamento, e que intitulámos de *abertura*. Os dois posicionamentos (suspeita e *abertura*) sugerem, deste modo, diversas (re)configurações de juízos acerca das possibilidades de interacção social em palcos menos convencionais, como é o caso do ciberespaço.

Tais situações dizem respeito, por um lado, a participantes que, desde o início da entrevista *online*, manifestaram essa evolução de pensamento e de acção, mas também incluem exemplos de participantes que, em sede de entrevista *online*, ao reflectir sobre a possibilidade do ciberespaço funcionar como um palco, chamemos-lhe, de honestidade, passaram a admitir, alguns até de forma entusiasmada, tal possibilidade.

Referimo-nos, sobretudo, às situações em que os participantes foram por nós induzidos a reflectir sobre diferentes aspectos de si e das suas vidas, mas também dos homens em geral, que, de acordo com os símbolos, expectativas e punições associados à masculinidade hegemónica e expressão emocional e afectiva, são ainda influenciados por uma série de constrangimentos sociais, tal como tivemos oportunidade de desenvolver nos capítulos I e II. Tais construções discursivas foram, deste modo, por nós nomeadas de *Quando os incómodos da dominação masculina falam mais alto*.

Face a este encadeamento, *A tecnologia ao serviço da humanização* (associação, à primeira vista, eventualmente estranha), emerge dos discursos dos participantes ao reconhecerem o ciberespaço como um instrumento de libertação face à opressão sentida nos palcos *offline* (e.g., família,

amigos, colegas, intimidade) no que diz respeito às exigências relacionadas com a apresentação de si e também da expressão emocional e afectiva.

Os discursos reforçaram a possibilidade do ciberespaço facilitar uma apresentação de si e uma expressão emocional e afectiva mais liberta de uma pluralidade de constrangimentos associados ao facto de se pertencer a uma categoria hegemónica pretensamente enquadradora de todos os homens e que os afasta de emoções que impliquem vulnerabilidade.

Nesse sentido, o ciberespaço surge, conforme referem Zhao, et al. (2008) como um palco que favorece o *empowerment* associado às identidades, mas também, acrescentamos nós, à confirmação dessas mesmas identidades como algo não estanque, muito menos sólido. Nesta linha de pensamento, o ciberespaço surge como um palco facilitador de um exercício de poder associado às expressões identitárias, emocionais e afectivas, ao auto-conhecimento, à auto-compreensão e ao *self-disclosure*.

Tal significa, conforme foi possível constatar através de diferentes passagens discursivas, que os palcos *offline* (e.g., família, amigos, colegas, local de trabalho, escola, intimidade), de resto, conforme explicitado nos capítulos I e II, constroem o desempenho dos homens, desencorajando-os a uma apresentação de si e/ou a expressarem-se emocional e afectivamente de forma socialmente entendida como anormal por referência ao género, facto que, em nosso entender, nos avisa para a pertinência de visões não essencialistas nesta matéria.

É ainda possível admitir que a ideia presente da possibilidade de punição daqueles que se afastam das expectativas heteronormativas permite alimentar, em particular nos palcos *offline* (e.g., família, colegas, amigos, local de trabalho, intimidade) uma cumplicidade destes homens face a uma classificação social que os rotula como naturalmente racionais ou emocionalmente controlados.

Tal cumplicidade verifica-se através de um conjunto de desempenhos coincidentes com a fachada social, evitando, desta forma, a desacreditação. Dos constrangimentos verbalizados pelos diversos participantes ficou ainda claro o sofrimento vivenciado pelos mesmos.

Síntese

A apresentação e discussão dos resultados provenientes das entrevistas *online* realizadas com pessoas que se apresentaram como homens com uma orientação sexual socialmente entendida como normativa, leia-se, heterossexual, espelharam, como se disse, os três temas emergentes da leitura no nosso *corpus* de análise, os quais relembramos: 1) homens e masculinidades; 2) sexualidades masculinas e domesticação emocional e afectiva; e 3) da experiência da opressão, ao desejo de libertação: Identidades e poder no ciberespaço.

Sintetizamos agora aqueles que se revelaram contributos para uma compreensão possível acerca de diferentes dramaturgias protagonizadas por este grupo de 17 participantes em torno das apresentações de si, das emoções e dos afectos em palcos *offline* (e.g., família, colegas, amigos, local de trabalho, intimidade) e *online* (e.g., salas de conversação, redes sociais, mensagens instantâneas).

Assim, através da visita mediada por computador ao “armário heterossexual” foi possível desvendar um conjunto de experiências contraditórias de poder (Kaufman, 1994) e que combinam uma mescla de privilégio, dor e sofrimento vividos em nome de um ideal chamado masculinidade hegemónica (Connell, 1995; Vale de Almeida, 1995).

Face a este encadeamento, foi possível explorar diferentes práticas de rotina (Goffman, 1959 [1993]), encenadas em função de posicionamentos diversos e que, também estes, combinam submissão e resistência, por referência a uma ordem das coisas proclamada como natural pelo discurso dominante. Por outro lado, a percepção de que o ciberespaço estimula apresentações de si, das emoções e dos afectos mais libertas das (o)pressões experimentadas nos palcos *offline* permitiu contestar a ideia de que os homens são, por natureza, fortes, auto-suficientes e emocionalmente controlados

CAPÍTULO VI

**ESTUDO 2 - SEXUALIDADES NÃO NORMATIVAS:
RESULTADOS, REFLEXÕES E PERSPECTIVAS**

Sinopse

O presente capítulo visa apresentar e discutir os resultados provenientes da realização do Estudo 2, ou seja, das entrevistas *online* realizadas a pessoas que se apresentaram como homens com orientação sexual socialmente entendida como não normativa, leia-se, não heterossexual. Registaram-se ainda os contributos de quem recusou identificar-se por referência a uma categoria fixa, identificadora de uma orientação sexual, anunciando um posicionamento próximo da teoria *queer*.

A apresentação e discussão dos resultados serão precedidas de uma representação do itinerário das entrevistas online, pensada de forma a facilitar a leitura, e encontram-se organizadas em três eixos, reflectindo, deste modo, os três temas que emergiram da leitura no nosso *corpus* de análise, a saber: 1) homens e masculinidades; 2) Sexualidades masculinas e domesticação emocional e afectiva; e 3) da experiência da opressão, ao desejo de libertação: Identidades e poder no ciberespaço.

1) O tema **Homens e masculinidades** apresenta e discute os resultados provenientes de uma problematização de diferentes construções identitárias, colocando em evidência múltiplas potencialidades e fragilidades de um projecto moderno obstinado em classificar o mundo numa perspectiva binária, iludido por uma crença quanto à possibilidade de controlar qualquer forma de ambiguidade.

2) O tema **Sexualidades masculinas e domesticação emocional e afectiva** apresenta e discute os resultados provenientes de uma problematização entre as diferentes construções identitárias analisadas no tema anterior, a partir daqui, em articulação com as diferentes estratégias de regulação da expressão emocional e afectiva em diferentes contextos, os quais designamos por palcos *offline*, contextualizando-as na complexidade das suas origens, propósitos e consequências.

3) O tema **Da experiência da opressão, ao desejo de libertação: Identidades e poder no ciberespaço** apresenta e discute os resultados provenientes de uma problematização da natureza paradoxal do ciberespaço, enquanto palco facilitador da interacção de uma diversidade de identidades, motivada por uma menor coercibilidade percebida e, nesse sentido, uma maior liberdade e conforto para a agência individual.

● **Capítulo VI - Estudo 2 - Sexualidades não normativas: Resultados, reflexões e perspectivas**

● **Sinopse**

6.1 ● **Homens e masculinidades**

6.1.1 ● **A epistemologia da diferença**

6.1.1.1 ● Vozes (in)submissas de uma minoria institucionalizada

6.1.1.2 ● Configurações das homossexualidades

6.1.2 ● **Metamorfoses da consciência de si**

6.1.2.1 ● Um ser imperfeito: efeitos da violência simbólica

6.1.2.2 ● Biografias emancipatórias

6.1.3 ● **Da (hetero)sexualidade compulsória, ao desafio da conciliação com a ambivalência**

6.1.3.1 ● Peregrinações quotidianas em direcção à ordem

6.1.3.2 ● Performatividades líquidas

● **Reflexões e perspectivas**

6.2 ● **Sexualidades masculinas e domesticação emocional e afectiva**

6.2.1 ● **Da socialização das identidades, à realização dramática**

6.2.1.1 ● Comportar-se como um homem

6.2.2 ● **(Im)possibilidades construídas, silêncios e cumplicidades**

6.2.2.1 ● À espera de licenciamento

● **Reflexões e perspectivas**

6.3 ● **Da experiência da opressão ao desejo de libertação: identidades e poder no ciberespaço**

6.3.1 ● **A natureza paradoxal de um palco wireless**

6.3.1.1 ● Sem fios, sem rasto

6.3.1.2 ● A criação de um perfil

6.3.2 ● **Privacidade, proximidade emocional e abertura no ciberespaço**

6.3.2.1 ● Menor vulnerabilidade percebida, maior conforto

● **Reflexões e perspectivas**

● **Síntese**

6.1 Homens e masculinidades

Por *Homens e masculinidades* assume-se o cruzamento das configurações pessoais e sociais das masculinidades elaboradas e interpretadas por pessoas que se apresentaram a si mesmas como homens com orientação homossexual e homens com orientação bissexual. Registámos ainda os contributos de quem recusou identificar-se por referência a uma categoria fixa, identificadora de uma orientação sexual, baralhando e questionando, deste modo, as noções de sexo, género e identidade. Assumem-se, de igual forma, diferentes entendimentos e experiências relativamente à apresentação de si em diferentes palcos *offline* (e.g., família, colegas, amigos, local de trabalho, intimidade) e em diferentes fases da vida.

Dos discursos em torno dos homens e das masculinidades emergiram três construções discursivas, as quais apresentamos separadamente, a saber: a) a epistemologia da diferença; b) metamorfoses da consciência de si; e c) da (hetero)sexualidade compulsória, ao desafio da conciliação com a ambivalência.

a) *A epistemologia da diferença* resulta das múltiplas configurações e interpretações desenvolvidas pelos participantes durante as entrevistas *online* em torno das questões de partida: *O que é para si ser homem* e *O que é ser homem no contexto da sociedade em que vive?* Como teremos ocasião de explicar mais à frente, os discursos pressupõem diferentes epistemologias, pelo que os nomeámos *Vozes (in)submissas de uma minoria institucionalizada*. Neste contexto, emergiram ainda diferentes *Configurações das homossexualidades*, motivo pelo qual as apresentamos separadamente.

b) *As Metamorfoses da consciência de si* emergiram de uma articulação entre as diferentes posições subjectivas em torno dos homens e das masculinidades e os sentimentos, pensamentos e experiências, desta vez, sempre que os participantes falaram de si. Tais reflexões evidenciaram posicionamentos distintos, pelo que os mesmos surgirão enquadrados em *Um ser imperfeito: Efeitos da violência simbólica* e em *Biografias emancipatórias*.

c) *Da (hetero)sexualidade compulsória, ao desafio da conciliação com a ambivalência* emergem duas ideias fundamentais associadas pelos participantes às questões da identidade e

respectivas implicações. Uma primeira ideia que associa a identidade à ordem do dever e da necessidade, mais à frente representada pelas *Peregrinações quotidianas em direcção à ordem* e uma segunda ideia que questiona as práticas de normalização, representada pelas *Performatividades líquidas*.

6.1.1 A epistemologia da diferença

Como se disse, esta construção discursiva emergiu dos entendimentos em torno do “ser” homem, bem como das propriedades que lhes são conferidas e respectivas formas de avaliação.

6.1.1.1 Vozes (in)submissas de uma minoria institucionalizada

“Ser” homem foi apresentado como uma concepção normativa enformada por um conjunto de símbolos socialmente construídos e de expectativas socialmente esperadas:

Para a sociedade é esperado que os homens não chorem, que sejam mais focados no trabalho, que sejam os ganha-pão, que possam encontrar locais para a expressão sexual que não sejam necessariamente os de uma relação legítima, que exerçam força e busquem o poder e que sejam responsáveis pela mudança social e política. É esperado ainda que exerçam profissões marcadamente distintas das das mulheres, que não sejam ambíguos em relação aos sinais da sua masculinidade, ou seja, que não sejam andróginos ou femininos; que sejam capazes de deixar a sua semente e procriar, deixando o trabalho restante para as mulheres; que sejam claros em relação àquilo que fazem, mesmo que isso implique exercer a força, a violência, por sentirem que tudo mais é sua propriedade, o que inclui, por exemplo, as mulheres. Daí que os homens sejam obrigados a tornar-se mais focados nos comportamentos, naquilo que fazem e não tanto naquilo que sentem; a todos os níveis, e especialmente a nível sexual, aonde se espera que estes se expressem de uma forma menos partilhada e romântica na intimidade. E16

No conjunto, não tenho um juízo muito firme sobre o ser homem. É como ser mulher, não passamos de seres humanos, com um conjunto de características. A forma de nos olharmos é que pode diferenciar, o termos de ser fortes, predominantes, racionais, sem manifestarmos o lado emocional. E12

Esta visão socialmente construída em torno dos homens e das masculinidades, fixada pela força, “crueldade e crueza do binarismo” (Levy, 2004, p.183) foi, todavia, contestada por uma perspectiva menos rígida, que concebe e legitima, no que aos homens e masculinidades respeita, uma maior abertura:

Estou convicto de que a nossa sociedade, a portuguesa, ainda tem a ideia de homem como o macho peludo, mal cheiroso, de bigode, que trabalha e toca os genitais na rua e cospe em público. No entanto, eu associo o ser homem ao Homem humano, num sentido mais abrangente do termo. E23

A sociedade tem os tais estereótipos de homem e mulher. Assim, a mulher é vista como mais emotiva, mais sensível e o homem mais frio e mais racional. Nunca concordei com esta generalização. Na minha opinião pessoal, somos muito parecidos, só que não nos é permitido mostrar. Os próprios homens e as mulheres sentem-se condicionados e, por isso, os próprios homens são um bocadinho falsos na maneira de agir. E10

Em Espanha a ideia de homem já é diferente. Talvez me identifique mais com esse conceito de homem, porque é um homem que se cuida, que não é machão gordo e de bigode, nem exerce um papel tão marcadamente de dominador. E não é só em Espanha. Fui construindo esta ideia através das viagens que tenho feito. Falo em Espanha pela proximidade. Em muitas cidades europeias o homem está muito longe do homem das cavernas que ainda se vê em Portugal... devido à mentalidade atrasada, ao peso que ainda se faz sentir da Igreja, à cultura (in)existente, ao telelixo que não ensina nada. E23

Acho que a nossa sociedade ainda é muito machista, não lida bem com a ambiguidade. Não se tolera um homem que tenha maneirismos, sob pena de ver questionada a sua masculinidade. E16

A par destas visões foram, contudo, apresentadas outras que evidenciam a incorporação de diferentes características associadas à masculinidade hegemónica, aqui entendida como resultado da coercibilidade da ordem social:

Para mim ser homem é ser íntegro, ser honesto, saber estar, ter carácter. É ser trabalhador, ter amigos, gostar de desporto. É ainda aquele que lidera o casal, que impõe a autoridade e que toma decisões. E8

Ser homem significa, para mim, assumir as suas responsabilidades. É ser forte, masculino, independente e responsável, sem tiques de feminilidade. Ser homem tem sobretudo a ver com a forma como se age perante todas as situações do dia-a-dia. Não esqueçamos que ainda vigora entre nós o ideal do macho latino, [ou seja], o homem másculo, que não chora, atira piropos às mulheres, anda de camisa aberta para mostrar os pelos do peito, tem sempre razão e é quem manda em casa. E9

Definir o homem remete-me para a ideia do homem masculino, macho, casado e pai de família (...). O macho é aquele que se esconde atrás das emoções... é aquele que manda mais que a mulher. E19

Engraçado, nunca tinha pensado nisso, talvez porque habitualmente nunca ouvimos essa pergunta e porque estamos muito mais habituados a ouvi-la ou a fazê-la, no caso feminino. Para além da óbvia antonímia com a mulher, acho que é, sobretudo, assumir um papel que não sendo tão imposto quanto o do sexo oposto, surge como uma função que devemos cumprir diligentemente. O papel é de uma sociedade profundamente marcada pela ideia de pai-família, na qual cresci e da qual, obviamente, não me posso libertar. Nesse sentido, senti e sinto ainda a necessidade de cumprir determinado papel ou papéis, perante a minha família, ou perante os amigos: como o casar, ter filhos, demonstrar uma apetência sexualmente orientada para o sexo oposto. E24

Alguns participantes referiram-se especificamente a algumas questões físicas, à gestão dos movimentos corporais e à intimidade para explicar melhor o que entendiam por “ser” homem:

Um homem não deve gesticular demasiado; deve usar roupa mais discreta e masculina, ou seja, não deverá usar roupa mais justa nem demasiados acessórios. Enfim, aquelas coisas que olhamos na rua e sabemos que aquela pessoa é gay, porque está vestida ou se comporta de determinada maneira. E10

Ser masculino é fazer uso pleno das marcas da masculinidade. Falar com voz grave, usar gestos naturais, mas contidos, vestir roupa singela e, sobretudo, usar o raciocínio masculino [ou seja], calmo e confiante. E19

Os homens não se importam de ter mais envolvimento. Tal facto não lhes confere qualquer rótulo depreciativo. Já as mulheres têm o peso de serem consideradas putas. Tal padrão social favorece uma maior promiscuidade masculina. E10

Tais posicionamentos, para além de alicerçados numa visão binária e essencialista da masculinidade, caracterizada pela capacidade reprodutiva e pela força física, mas também por uma aparência baseada em estereótipos, porém, entendida como biologicamente determinada, ditam e interditam, no entender de alguns participantes, uma pluralidade de práticas:

Ser homem é ser masculino, ter um comportamento masculino, agir como tal. É não ser efeminado, não ter comportamentos característicos de mulher, mas sim de homem. Um homem, para ser homem, tem que ter uma postura de homem e não ter maneirismos. Há que fazer gestos característicos de homem e não gestos efeminados, ou seja, tem de ter voz de homem. [Adianta ainda que] Se um homem realmente é um homem não necessita de controlar os movimentos, pois fá-los naturalmente. E11

Ser homem é, do ponto de vista biológico, ter a capacidade reprodutiva, no sentido de ser portador de um dos elementos necessários à concepção. E12

Ser homem é ser mais aberto, mais carnal, mais sincero, mais superficial, o que não é impeditivo de se ser sério em relações, de se gostar verdadeiramente de alguém. O que se passa é que um homem tem melhor definidos os seus objectivos sexuais e amorosos; vai mais directo ao assunto; é mais aberto na abordagem, sobretudo quando comparado à mulher. No fundo, o homem é mais sexual, sabendo separar melhor o lado emocional. O homem racionaliza mais. E10

[Quanto às explicações apontadas para as características associadas aos homens, foi referido que] *Bioquimicamente tudo se explicará. Acho que tem a ver basicamente com formas biológicas de reacção cerebral, misturado com uma contribuição dos papéis masculino e feminino impostos socialmente. E10*

Considera-se muitas vezes que o homem é mais forte do que a mulher, no pleno sentido da força, mesmo. Ser capaz de aguentar um peso, uma actividade física, os desportos de maior exigência física, por exemplo.

Racionais, no sentido do pensamento prático, frio, ou seja, não ser levado pelas emoções, conseguir separar as águas. É a antiga história do homem que não chora. Eu venho de uma família tradicional portuguesa, com uma educação rígida e severa nesse campo. E12

Ser homem é gostar de ter um pênis, pêlos, mãos grossas e sentir-me bem nesse corpo. É ser prático, romântico ao mesmo tempo, ir ao cerne das questões, ser decidido, desarrumado, um pouco bruto. Ser homem é a integração do sexo biológico que tenho e as características de personalidade. E16

[Um homem] “normal” é aquele que é aparentemente heterossexual, vagamente desportista e não piroso e efeminado. E19

6.1.1.2 Configurações das homossexualidades

A homossexualidade foi chamada à fala pelos diferentes participantes, numa inevitável reflexão sobre os seus processos de construção identitária, e foi apresentada, por um lado, como uma orientação sexual que coloca os homens numa posição de inferioridade social no quadro das masculinidades, mas também numa posição inferiorizada de si mesmo. Certos discursos acentuam ainda uma hierarquização das homossexualidades, deixando claras certas dificuldades de aceitação da diversidade.

Durante a minha juventude, e apesar da minha atracção ser muito mais por rapazes do que por raparigas, eu tinha muitas dúvidas acerca da minha homossexualidade. Para começar, estava muito preso a preconceitos e estereótipos. Nos anos 70/80, a face visível da homossexualidade eram “bichas” com écharpe e eyeliner nos olhos. E eu pensava: “Não, não posso ser um deles!”. (...) Neste momento, considero que assistimos a um regresso triunfal à hipocrisia e ao conservadorismo que dominou o país até ao final dos anos 70 (em Lisboa) e até aos anos 90 (no resto do país). Regra: é possível ser-se gay, desde que não se seja apanhado com a boca na botija. (...) Fui, de repente, obrigado a trabalhar com uma elevada percentagem de gays no meu trabalho, e a encarar isso

com naturalidade, e a ver que há outras formas de viver a homossexualidade além da “bicha”. E foi também então que aprendi a não evitar o convívio à-vontade com os gays... a não ter pânico de que me atacassem. Mas continuo sempre a fazer o meu filmezinho de heterossexual. E19

Não tenho relações sexuais com mulheres e isso baixa sempre a escala [referindo-se à escala imaginária da masculinidade]. Acho que aos olhos dos outros, saber que alguém é homossexual baixa logo o grau da sua masculinidade, mesmo que a pessoa se comporte da forma como se comportava antes das pessoas saberem. E10

A sociedade, regra geral, não respeita as pessoas como elas são. Daí nunca ter dito a ninguém que sou homossexual. Infelizmente, a mentalidade da sociedade portuguesa é muito retrógrada em relação à homossexualidade. Ainda pensa que é doença, uma vergonha, algo de nojento. E11

Nunca partilhei a minha orientação sexual com ninguém. Por me criar desconforto, um tipo de vergonha. Tenho medo de ser ostracizado, comentado, rotulado. E10

Por outro lado, a homossexualidade foi apresentada por alguns participantes como uma orientação sexual legítima, tendo os mesmos questionado os entendimentos heteronormativos que marginalizam os homens não heterossexuais, por considerá--los “menos homens”:

Ser homossexual não significa que não sejamos homens. A sociedade é que cria esses rótulos, dizendo que os homossexuais não são homens. E11

Identifico-me como um homem homossexual. Importa compreender que uma coisa são os papéis sociais, outra coisa é a orientação sexual. E16

Sou um homem perfeitamente normal, de aspecto, atitude, maneira de vestir, pelo menos eu acho e os que se relacionam comigo, mas não falo de mulheres nem de futebol, não gosto, não me faço de forte porque não sou, sou quando tenho que ser; se me apetecer chorar ou tiver razões para isso choro. Sou normalíssimo. E20

[Relativamente à sua orientação sexual, responde] *neste momento não sei... tudo depende da pessoa que reúna algo que tenha a ver comigo, independentemente de ser mulher ou homem. Acima de tudo hoje não defino o sexo da pessoa, mas a sua maneira de ser os seus sentimentos emoções e maneira de estar.* E8

Eu julgo que as pessoas heterossexuais pensam que os homossexuais são aqueles que são efeminados ou travestis ou aberrações... Agora, as razões pelas quais isto acontece... não sei... talvez tenham medo de o ser também... por outro lado há o factor religioso... Em relação ao meu grupo [bissexuais], ainda é pior pois ninguém fala, é como se não existíssemos. E28

6.1.2 Metamorfoses da consciência de si

Desafiados a falarem de si, esta construção discursiva articula, como se disse, as diferentes posições subjectivas em torno dos homens e das masculinidades e os sentimentos, pensamentos e experiências vivenciados pelos participantes.

6.1.2.1 Um ser (im)perfeito: Efeitos da violência simbólica

O facto de termos desafiado cada participante a posicionar-se numa escala imaginária, de 1 a 10, em que o 1 corresponderia ao “menos homem” e o 10 ao homem mais valorizado, a fim, recorde-se, de ultrapassarmos alguma debilidade discursiva inicial em torno das configurações das masculinidades, desencadeou, em diferentes casos, uma narrativa do *self* marcada por uma visão essencialista.

A convicção de se ser portador de uma orientação sexual não normativa, apresentada em jeito de descoberta numa fase mais ou menos tardia da vida, evidenciou uma percepção de si menos valorizada, testemunhada por um conjunto de dúvidas, (o)pressões, culpas, medos, submissões e sofrimento, conforme podemos constatar:

Eu nasci homem, sinto-me homem na maneira de ser, de me vestir, dos meus gostos: gosto de futebol, de beber umas cervejas com os amigos, mas no fundo não sou masculino devido ao meu ser, à minha homossexualidade. Senti-me sempre frustrado em relação à minha sexualidade. E21

Foi difícil aceitar-me como homossexual, pois enganei-me a mim mesmo e entrei na fase da negação. Dizia que não me sentia atraído por homens, mas sim por mulheres. E11

[Referindo-se ao processo de aceitação de si, esclarece:] *Há 3 fases: a primeira em que eu achava que a minha homossexualidade era uma falha pessoal (...) não digo que fosse culpa minha mas que era uma característica negativa minha, tal como se tivesse os olhos tortos ou uma mão sem dedos. Depois deixei de considerar isso como uma coisa negativa, mas ainda tinha medo que os outros soubessem dessa característica. A terceira fase é quando eu deixei de me importar que saibam que sou homossexual, excepto no ambiente laboral. E18*

Ainda hoje, aos 43 anos, sinto-me como um heterossexual no meio gay, um pouco como a Alice no mundo das maravilhas... Há um fascínio por aquilo tudo, mas uma divergência inultrapassável que me distancia daquilo tudo. Sinto-me como uma carta fora do baralho, como um parafuso perdido entre a máquina heterossexual e a máquina homossexual. Tecnicamente sou homossexual, mas eticamente sou heterossexual mais convencional. E19

Se os discursos da epistemologia da diferença, em particular as configurações das homossexualidades, tornaram visíveis diferentes e inevitáveis questões originadas pelas contradições da identidade (Weeks, 1995 [2005]), a percepção de si foi apresentada à luz de um conjunto de estereótipos, dos quais diferentes participantes fizeram questão de se distanciar.

Não sou um bronco daqueles que estão à porta das tascas, mas se lá entrar passo por heterossexual. [Após pedir que explicasse o que queria dizer, no seu caso, passar por heterossexual, referiu que] Os clientes da tasca não vão reparar tanto em mim como num cabeleireiro que lá entrasse, imediatamente sujeito a uma humilhação. É evidente que tenho uma sensibilidade que me retira alguma dessa masculinidade bruta. Sou uma pessoa educada, carinhosa, tenho um ar mais doce do que um n.º 10 [reportando-se à escala imaginária da masculinidade]. E19

Repare-se, porém, na ausência de uma leitura crítica deste encobrimento. Na verdade, este silenciamento da apresentação de si nos palcos *offline* (e.g., família, colegas, amigos, local de trabalho) não surge aqui percebido como sinónimo de submissão e opressão, mas antes como algo necessário e até normal.

Tenho muitos amigos heterossexuais e sinto que eles gostam de mim e continuam a gostar de estar comigo, pela minha ausência de comportamento efeminado. No meu bairro, por exemplo, depois de eu ter tido uma relação longa, as pessoas do comércio aperceberam-se de que eu era gay. [Isto porque] andávamos muitas vezes juntos, na papelaria, no café, no restaurante, e ele [referindo-se ao companheiro] era mais efeminado do que eu. Mas como eu tenho um comportamento normal, sinto que me respeitam muito mais do que se eu fosse efeminado. E19

No meu caso, eu não sou assumido, logo, a nível comportamental acho-me masculino. No agir eu sou masculino. E10

Associado às diferentes homossexualidades, foram ainda apresentadas diferentes características comportamentais e de personalidade, avaliadas negativamente e apontadas como causa de ostracismo social e sofrimento despoletado em diferentes palcos e fases do quotidiano. Tais características sugerem ainda uma fragilização do sentimento de pertença à ideia de masculinidade socialmente valorizada.

Sou um homem meigo, sensível, inseguro, demasiado preocupado com o que os outros pensam de mim e se gostam de mim. Fisicamente não gosto muito de mim. Acho que tenho características femininas... [tais como] (...) simpatia e sensibilidade, gostos pessoais... adoro música clássica, velas, incenso, decorar o meu quarto. É uma imagem de mim que me distancia da masculinidade total [ou seja] do homem que não demonstra sentimentos, que é bruto, mas também a forma como fala e, se veste. E22

Para este participante de 26 anos, aluno de mestrado na área das ciências sociais e humanas, o momento da entrevista *online* significou “revisitar alguns episódios bastante difi-

ceis” da sua vida, ainda que “*tenha sido extremamente útil fazê-lo*”. Durante essa viagem ao passado, aliás, não muito remoto, este participante recordou algumas circunstâncias menos pacíficas aquando do seu percurso escolar, cujas marcas o próprio refere ainda permanecerem:

Lembro-me de ser muito gozado pela forma como me vestia, principalmente por um colega, e isso manteve-se ao longo do meu curso profissional. Não sou muito de acessórios, mas andava com camisolas feitas pela minha mãe e com calças de bombazina, coisa que alterei. Mudei para jeans e comprei muitas t-shirt’s e camisolas iguais às do pessoal. Era muito gozado e os rapazes da minha turma não falavam comigo porque diziam que eu era gay. Penso que esta passagem me marcou muito e contribui, ainda hoje, para a minha baixa auto-estima actual. E22

Estas marcas mais negativas associadas ao facto de se pertencer, na óptica da modernidade ocidental, a uma minoria, que dizemos institucionalizada, surgiram em massa nos diferentes discursos dos participantes. Quisemos, por isso, compreender que formas ou estratégias foram sendo ensaiadas com vista a ultrapassar o sofrimento que nos foi sendo transmitido.

A origem da minha coragem foi justamente o meu sofrimento... não podia continuar assim, de forma alguma. O meu próprio sofrimento fez-me ver que estava errado e por isso assumi perante mim que era, de facto, gay e segui o caminho certo. E11

Sempre me senti homossexual. [A gestão emocional foi sendo gerida] da seguinte forma: admitindo que me estava a enganar a mim mesmo e às outras pessoas. Pensei que se continuasse a fazê-lo nunca iria ser feliz e fazer as mulheres infelizes. Por volta dos meus 20 anos, salvo erro, foi quando deixei de me enganar a mim próprio, admitindo que, de facto, sou gay. [Contudo], passei por tudo isto sozinho, devido à mentalidade das pessoas. Sabia que não iriam entender. Foi um período de bastante sofrimento, mas desde que me assumi para mim próprio e para as pessoas em quem confio, o sofrimento diminuiu significativamente. Cresci e amadureci com todo o meu sofrimento. Aliás, foi graças a ele que tive de parar e pensar que estava errado. Aquele não era o caminho a seguir. E11

6.1.2.2 Biografias emancipatórias

Por *Biografias emancipatórias* entende-se os discursos dos participantes que, a propósito das diferentes posições subjectivas em relação aos homens e às masculinidades, configuram posições de afirmação e de insubmissão. Tais discursos constituem, por isso, as vozes do “outro lado da linha” (Santos, 2009, p.23), desalinhas face aos binarismos e às hierarquizações da modernidade ocidental, de resto, apresentadas anteriormente. São, por isso, vozes que reclamam uma cidadania plena, não dependente da orientação sexual e, nesse sentido, para todos os homens.

Ainda que o verbo ser quando associado à identidade sexual possa deixar transparecer uma visão essencialista por parte de quem se define a si mesmo, o facto de termos encontrado discursos que colocam a tónica na pessoa e não na sua orientação sexual significa, em nosso entender, um rasgo de visão face às visões típicas da modernidade ocidental:

Eu não me defino enquanto gay, mas sim enquanto pessoa que é gay. Os meus irmãos nunca disseram que são heterossexuais. E20

Por outro lado, a distância percebida face ao ideal da masculinidade hegemónica, designadamente pela não identificação com alguns temas de conversa mais habituais entre homens, ou mesmo com a forma como estes geralmente se relacionam entre si, parece não fragilizar as imagens que alguns homens possam sobre si próprios construir, tal como podemos testemunhar pela seguinte passagem discursiva:

Sou homossexual. Sinto-me assim desde os meus 4/6 anos. Não tenho uma atitude muito masculinizada. Toco nas pessoas de quem gosto, sejam homens ou mulheres. Alguns homens acham estranho. Um colega meu quando lhe toco no ombro reage e diz que não é desses. No entanto, não me considero nem mais nem menos homem por isso. E20

Sinto que não represento o homem típico. Acho que a sociedade queria mais de mim enquanto

homem. Talvez exigisse de mim uma menor demonstração de sensibilidade. Talvez que eu não usasse alguns acessórios, tais como voltas e pulseiras. Talvez esperasse de mim um carácter mais desportivo, mais politizado, mais interventivo e mais autoritário. No entanto, sinto-me muito bem nesta pele. Não sinto qualquer necessidade de me adaptar a esse modelo de homem, pois não aceito que um homem valha por isso. São convenções... valem o que valem. E30

[Na já referenciada escala imaginária da masculinidade, de 1 a 10] Serei um 8,5. Talvez a minha sensibilidade me traia... o que não me leva a chegar ao topo (que também não ambiciono). [Porém] tenho atitudes completamente masculinas... digo palavrões quando conduzo. Por outro lado, nem sequer acredito que alguém chegue a esse 10. Acho, isso sim, que muitos se esforçam por aparentar ser esse 10. Eu não me preocupo nada com isso. Sou uma pessoa, ponto final. E28

A próxima passagem discursiva, elaborada por um participante de 31 anos, investigador na área das ciências humanas e sociais, situa-se ao nível da recusa face a uma identificação quanto a uma categoria estável, fixa ou rígida da identidade. Baralham-se as noções de sexo, género e identidade, questiona-se a ordem social existente, as convenções, as ditaduras heteronormativas, os binarismos e as hierarquizações, saudando-se a diversidade:

Ser homem, enquanto processo consciente, começou numa tarde de verão, depois de montar uma tenda de campismo com os meus pais num parque do Algarve. Mais exactamente, começou quando ouvi uma frase do meu pai que me marcou profundamente e mudou tudo em mim (e isso, ironicamente, e cheio de carinho, hoje lhe agradeço): o meu pai, vendo-me afastar gritou: “pareces uma menina a andar”! Hoje ser homem passa inevitavelmente por um acto constante de questionamento e de auto-confronto com as minhas contradições: como posso ser sempre melhor pessoa, antes de ser “melhor homem”? Eu tento distanciar-me do “homem” e tentar “ser”, constantemente melhor. Muitas das coisas que fujo ou tento desconstruir em mim, são coisas de “homens”, como as que o meu pai quis a certa altura que eu fosse, como grande parte do pequeno-grande mundo à minha volta. “Sou” muito mais pessoa do que homem – Eu não gosto de ser homem, odeio as responsabilidades de o ser. Eu nunca quis comprar tal pacote com instruções. E34

6.1.3. Da (hetero)sexualidade compulsória, ao desafio da conciliação com a ambivalência

Como se referiu, esta construção discursiva dá voz a diferentes vivências identitárias e sexuais dos participantes, explicáveis à luz de entendimentos distintos acerca da identidade.

6.1.3.1 Peregrinações quotidianas em direcção à ordem

No âmbito de tais influências exercidas sobre os processos de construção identitária, as *Peregrinações quotidianas em direcção à ordem* traduzem diversos actos performativos de quem procurou corresponder a um conjunto de símbolos e expectativas associados à ideia de masculinidade hegemónica, colocando em causa a própria orientação sexual:

Cheguei mesmo a namorar mulheres, tentando convencer-me que era de mulheres que gostava. E11

A aceitação da homossexualidade foi, neste contexto, associada a um percurso não apenas marcado por dúvidas, geridas de forma silenciosa e solitária, mas também por diversas tentativas de correspondência face à norma:

A minha homossexualidade nunca foi pacífica para mim. Vivi no meu silêncio. Sempre preferi esconder. Percebi a minha, chamemos-lhe, preferência, cedo e, como tal, passei por momentos de incerteza e de angústia. Envolvi-me com mulheres, porque me sentia perdido. Fi-lo ainda porque achava que tinha de entrar na norma. O grupo de amigos nessa altura funcionava de outro modo; a questão da sexualidade tinha emergido e os elementos do meu grupo de amigos convergiam com a norma. Era complicado para mim. Envolvi-me com mulheres porque não queria ser gay e depois fi-lo porque queria ter a certeza que era gay. Fi-lo por pressões minhas, da minha família e dos meus amigos. Foi um período de grande confusão. Foram tempos complicados, de necessidade de gestão dos outros, gestão pessoal e gestão emocional com as pessoas com quem me envolvia. E12

As tentativas de correspondência face à norma, pese embora o sofrimento daí resultante, sur-

gem em linha com uma ideia inicialmente associada à homossexualidade como orientação sexual transitória:

Comecei a ter interesse por outros rapazes durante a adolescência, mas apenas de forma física. Devo dizer, no entanto, que tal não foi pacífico. Tive o meu primeiro contacto sexual aos 16 anos. Nessa altura e até aos vinte, idealizava o encontro com um rapaz especial, que fosse a minha alma-gémea e que um dia se sentaria ao meu lado num banco de jardim, enfim... mas ao mesmo tempo acreditava que seria passageiro, que ainda iria ter uma namorada, casar, ter filhos... No fundo, o que eu queria era ser heterossexual e ser aceite pela sociedade. Tinha 21 anos nessa altura. Sentia-me mal, com aquilo que hoje sei chamar-se homofobia internalizada. E16

Houve uma altura em que acreditava ser possível curar-me da homossexualidade. Aliás, a opção do meu curso na universidade deveu-se ao facto de eu na altura querer perceber como poderia tornar-me heterossexual. E22

Se até aqui esta peregrinação em direcção à ordem social, isto é, ao cumprimento das prescrições associadas à masculinidade hegemónica, foi associada a um percurso de sofrimento, de acordo com os discursos, vivido de forma silenciosa e solitária, o participante que se segue introduz-nos numa visão distinta:

Nunca me afligiu a ideia de não me poder libertar. Pensando bem não seria uma libertação. Talvez mais um re-adaptação. Mas nunca senti verdadeiramente a necessidade de o fazer. O cumprimento dos papéis sociais é absolutamente necessário, na minha opinião. O de alguém que demonstra uma integridade moral, por exemplo, que cumpre uma série de comportamentos ditados pelo meio social e familiar e por uma carreira profissional e académica; um conjunto de valores que me permitem ser aceite; valores como a honra, o estatuto, a educação, a ligação a certos grupos. E24

De qualquer forma, dizer ou não dizer que se é homossexual parece estar condicionado ao facto da injúria ser constitutiva da subjectividade homossexual, conforme podemos testemunhar mediante a passagem discursiva que se segue:

Até hoje [24 anos de idade] não partilhei com ninguém a minha orientação sexual. Por me criar desconforto, um tipo de vergonha. Tenho medo de ser ostracizado, comentado ou rotulado. E10

Foram precisamente as dificuldades decorrentes de uma construção identitária e sexual “oficialmente” rotuladas de não normativas que justificaram, de acordo com os discursos, a procura de ajuda médica e/ou psicológica, ainda que essa ajuda “especializada” nem sempre se tenha mostrado favorável à ideia de diversidade:

Pedi apoio psicológico. Pedi apoio sozinho. Nunca tinha falado da orientação [homossexual] com ninguém. Acho que na altura desejava mudar, por isso achei que deveria ter apoio psicológico. Achei que iria resultar, que iria ser heterossexual e seria aceite pela sociedade. Era o que eu ambicionava. Deparei-me com um terapeuta que realmente achou que eu devia mudar, tendo-me aconselhado a experimentar o envolvimento com mulheres. Claro está que não resultou nada. Depois fui relativizando as coisas, até que percebi, por volta dos 21/22 anos, que a única via seria aceitar-me. E16

Tive um processo muito complicado quando eu me assumi em casa. Por exigência dos meus pais, tive que andar em psiquiatras, bruxos e médicos. Um dia não aguentei mais e bati com o pé dizendo-lhes que já estava curado. Levei uma amiga minha lá a casa e apresentei-a aos meus pais como sendo a minha namorada. Hoje o meu pai pensa que estou curado. E22

6.1.3.2 Performatividades líquidas

As *Performatividades líquidas* anunciam percursos alternativos à ideia de peregrinação em direcção à ordem socialmente estabelecida, transgredindo, por um lado, a dureza dos símbolos e das expectativas socialmente associados à ideia de masculinidade hegemónica e admitindo, por outro, a ideia de identidades dispersas e fluidas.

Foi nesta linha de pensamento que, durante a entrevista *online*, o próximo participante referiu querer muito distanciar-se “da compulsão de ser qualquer tipo de homem, um tipo qualquer”

E34 e recordou um episódio relatado como importante para o seu percurso de construção identitária:

Numa determinada tarde durante a minha adolescência, uma ironia aconteceu: quando entrava num pequeno supermercado à entrada do parque onde estava a acampar com os meus pais, uma rapariga gritou-me, ao lado de uma amiga: “Que belas pernas!”, e piscou-me o olho quando me virei. Tudo sem querer nessa tarde se cruzou e foi tudo muito revelador para mim, de muitas coisas... Esse meu andar e das minhas pernas, com doze ou treze anos, sem pelos, definidas por vários anos de natação intensa, tão medonhas para o meu pai, como o meu rabo metido naqueles calções curtos de ganga que eu adorava, e tão apetecíveis àquela miúda, um pouquinho mais velha, que nunca mais esquece, sobretudo porque foi a primeira pessoa a quem apalpei as mamas. E34

Referindo-se à ambiguidade, o mesmo participante esclarece de que forma a mesma se foi tornando uma ferramenta na sua vida e não propriamente um constrangimento:

Sobretudo, apesar desse misto confuso e novo de emoções e pensamentos, tomei-lhe um sabor para mim aliciante, quase mordaz, como se percebesse que tinha meu lado esse poder, essa ambiguidade quando aprendi a ambiguidade como ferramenta por mim manipulada e não manipulada pelos outros, como se pudesse antes de mais jogar a meu favor. No fundo, foi a descoberta de um grande paradoxo: em vez de rejeitar alguma coisa em mim que seria punível, logo pelo meu pai, reforcei-o e trabalhei-o impulsivamente. E se me perguntar porque razão não me castrei de algum modo pelo medo, tal se deve ao facto de sempre ter sentido um inegável prazer numa certa provocação. Desde muito cedo senti prazer em deixar os outros entregues às suas próprias ambiguidades. E34

Por outro lado, este participante, de 31 anos, desenvolve uma articulação interessante entre o seu posicionamento de abertura face à ideia de identidades dispersas e fluidas e alguns traços de si:

A minha não normatividade faz todo o sentido no espaço afectivo e no imaginário da relação que construo com a [a minha namorada], desde sempre. O problema - é um problema - é que tal representação de mim entra muito depressa em contradição com alguns traços que definem o meu “carácter” relacional: sou

impulsivo, ciumento e facilmente conflituoso. Eu não quero ser esse homem, que é “muito homem”, e que se eu não fosse um construcionista ferrenho, diria que me está no sangue. E34

Hoje penso nas relações de poder que mantenho com as pessoas que amo, sobretudo com a [refere o nome da namorada]. Procuo concretizar sempre esta possibilidade tão difícil de me desidentificar como “homem” para ser melhor para quem amo concretamente, e não para um ser invisível que se chama “sociedade” mais as suas expectativas. E34

Esta fluidez identitária foi ainda associada a uma rejeição dos papéis sexuais convencionais no plano das relações de intimidade sexual, baralhando ainda as noções de sexo, género e identidade:

Acho que a maioria das pessoas é preconceituosa nessa matéria. Todos conhecemos as categorias do activo, do passivo e do versátil. Há inclusive quem valorize umas e menos outras. Sabemos que alguém que se assuma como passivo é desvalorizado duas vezes, isto é, por não ser heterossexual e por não ser o que penetra no acto sexual. Eu pessoalmente discordo inteiramente dessas visões bacocas. Sou muito homem quando me dou a outro homem. Para mim não há hierarquia, apesar da sociedade se esforçar por impingir a ideia de que há homens mais homens do que outros. E27

Adoramos ser possuídos um pelo outro, como ela também sempre me disse, como algo de muito novo na vida dela. Digo possuir no sentido mais patriarcal, masculino, oprimido do termo... eu adoro ser a mulher dela. Ela é o homem e a mulher da minha vida até - espero que nunca - deixar um dia de ser. Sou um homem profundamente romântico. E34

Reflexões e perspectivas

Das vozes auscultadas em torno das perguntas iniciais *O que é para si ser homem?* e *O que é ser homem no contexto da sociedade em que vive?* emergiram, à semelhança do Estudo 1, configurações distintas de pensamento, confirmando, por um lado, a ideia de masculinidades e, por outro, a sua hierarquização por referência a um ideal designado masculinidade hegemónica.

Tais configurações foram, todavia, reveladas por discursos que pressupõem diferentes epistemologias. Deste modo, e através das vozes insubmissas, foram divulgadas alternativas a uma epistemologia dominante assente na ideia de masculinidade hegemónica (Connell, 1995; Vale de Almeida, 1995).

São vozes que problematizam a ordem social e que acentuam uma perspectiva do género e das masculinidades desligada da natureza. São, por essa razão, vozes que se distanciam de visões essencialistas e de diferenças explicáveis à luz de uma ordem natural. Tal resultado desafia-nos a interrogar, à semelhança de Davis e Sumara (2000) [2007], as fronteiras, os propósitos e a ética de uma classificação moderna avessa à “multiplicação de identidades e atitudes sexuais” (Vaz, 2003, p.39) e favorável a classificações binárias e hierarquizadas.

Por outro lado, as vozes submissas, em nosso entender, orquestradas pela violência, mas também pela ignorância (Steinberg, 2000 [2007]), contribuíram para denunciar os efeitos da incorporação (Bourdieu, 1998 [1999]) e da opressão (Goffman, 1963 [1982]; Herek, 1991, 2000; 2007), nem sempre reflectidas (Vale de Almeida, 1995), veiculadas por uma ordem de género (Connell, 1987) que disciplina e pune (Foucault, 1975 [2006]) os transgressores, ou seja, todos os que se afastam do ideal da masculinidade hegemónica (Connell, 1995; Vale de Almeida, 1995).

Neste contexto, os discursos trouxeram à fala diversas questões relacionadas com a intimidade e o corpo, este último entendido como mais do que uma entidade física (Giddens, 1992 [2001]), um modo de *praxis* (Vale de Almeida, 1996), sujeito a regimes disciplinares associados ao autocontrolo. Enquadramos aqui a imagem dos corpos dóceis proposta por Foucault (1975) [2006], ou seja, dos corpos treinados e obedientes face à norma.

Os discursos sugerem, a este propósito, um conjunto de prescrições normativas, simbolicamente representadas, e que norteiam, disciplinando, não apenas as formas de estruturação do pensamento colectivo e individual, mas também as respectivas rotinas.

Face a este encadeamento, a construção discursiva *Vozes (in)submissas de uma minoria institu-*

cionalizada evidenciou duas posições distintas, sobre as quais propomos, a partir daqui, algumas reflexões e perspectivas.

Foi apresentada uma visão hierarquizada da diferença, que entendemos como um efeito da coercibilidade da ordem social, marcadamente moderna, e que localiza os homens numa estrutura de deveres e obrigações responsáveis por esquemas de acção (Willig, 2003) que contribuem para a reprodução de uma certa ordem social que lhes exige a validação constante, em diversos palcos, da sua virilidade (Vale de Almeida, 1995), ainda que de forma performativa (Butler, 1990).

Por outro lado, foi apresentada uma visão da diversidade e aceitação da diferença, que entendemos desafiar as grelhas de classificação modernas, anunciando, assim, uma perspectiva pós-moderna, marcada pela noção de identidades dispersas e fluidas. São, de acordo com este entendimento, rejeitadas as noções de identidades estanques e de categorias fixas.

Como vimos, as *Configurações das homossexualidades* constituíram, neste Estudo 2, uma dimensão fundamental, de resto, largamente desenvolvida ao longo das entrevistas, para a compreensão do processo de construção das masculinidades numa cultura predominantemente heteronormativa. Neste contexto, dos discursos construídos pelos participantes emergiram diferentes caracterizações e interpretações da homossexualidade, sugerindo, por um lado, diferentes posicionamentos e, por outro, implicações relativas ao processo de construção identitária e da diferença, envolvendo diferentes actores, entre eles, profissionais de saúde.

Foi assumido um posicionamento estigmatizante face à homossexualidade, que explicamos à luz de uma incorporação da relação de dominação, mas também de diferentes constrangimentos motivados pelas descoincidências entre a forma como cada homem se percebe a si próprio e se sente consigo próprio e, de acordo com a ideia de masculinidade hegemónica (Connell, 1995; Vale de Almeida, 1995), devia perceber-se e sentir-se.

Destacaram-se, por outro lado, diferentes implicações que tais descoincidências podem desen-

volver ao nível da saúde dos homens, bem como as estratégias concebidas de forma a tentar resolvê-las e seus resultados.

Os resultados suportam igualmente a masculinidade hegemónica como ideal social, histórica, ideológica e politicamente produzido como um símbolo de prestígio (Goffman, 1959 [1993]), tal como tivemos oportunidade de esclarecer no capítulo I. Tal facto implica, de acordo também com os resultados, uma (des)legitimação dos homens em função da sua orientação sexual.

Face a este contexto, e pese embora reconheçamos a dureza das palavras, diríamos que aos normais (Goffman, 1963 [1982]), entendidos no quadro da modernidade ocidental como homens, naturalmente, heterossexuais, contrapõem-se os outrora doentes, ou ainda hoje por alguns vistos como anormais, ou estigmatizados (Goffman, 1963 [1982]), ou seja, os não heterossexuais, na perspectiva de identidades fixas ou sólidas.

Este é, sem dúvida, o resultado de um pensamento abissal (Santos, 2009), característico da modernidade ocidental que, como vimos no mesmo capítulo I, teima em dividir o mundo entre aqueles que se encontram “deste lado da linha” (Santos, 2009, p.23) e os que se encontram “do outro lado da linha” (Santos, 2009, p.23), numa inequívoca demonstração de poder.

Assim, a heterossexualidade, entendida como norma, frequentemente confundida como normal, inscreve os homens (auto)percebidos como heterossexuais “deste lado da linha” (Santos, 2009, p.23) e as não heterossexualidades “do outro lado da linha” (Santos, 2009, p.23).

Se dúvidas possam existir quanto à actualidade da “crueldade e crueza [deste] binarismo” (Levy, 2004, p.183) pensemos nas tão recentes declarações (de 2 Maio de 2009, para sermos rigorosos) do Presidente da Sociedade Portuguesa de Psiquiatria e de Saúde Mental e do Presidente do Colégio da Especialidade de Psiquiatria da Ordem dos Médicos, em entrevista a uma jornalista do Jornal *Público*.

Para estes dois médicos, e pese embora a homossexualidade tenha deixado de ser considerada

uma doença, ao ser retirada da lista de perturbações psiquiátricas em 1973, pela Associação Americana de Psiquiatria, não apenas é possível condicionar medicamente a orientação sexual e a identidade de género das pessoas, como desejável, sendo a homossexualidade ou a identidade de género das pessoas transgénero, naturalmente, doenças mentais. Deixaremos sossegada a identidade de género das pessoas transgénero, pois não constituíram objecto da nossa análise.

Regressemos, por agora, aos posicionamentos assumidos pelos nossos participantes em torno da homossexualidade. A par do posicionamento estigmatizante, emergiu um posicionamento de resistência que sugere que o facto de se ser social e discursivamente produzido como o outro, não anula sentimentos de pertença nem fragiliza a imagem de si enquanto homem. Este posicionamento, que é também de aceitação face à homossexualidade, legitima a própria diversidade, ainda que em alguns discursos se tenha verificado uma hierarquização dentro das homossexualidades.

Importa, no entanto, dedicarmos alguma atenção às formas como este último posicionamento foi justificado pelos participantes. Foi apresentada uma interpretação da homossexualidade (e em alguns discursos, da bissexualidade) como uma estruturação da sexualidade humana de importância idêntica à heterossexualidade e uma outra interpretação, que enquadrámos na teoria *queer*, por rejeitar a noção de uma identidade estável, substituindo-a pela noção de identidades fluidas.

É neste encadeamento que as *Metamorfoses da consciência de si* evidenciaram discursos assentes em três eixos explicativos distintos e que configuram diferentes interpretações construídas em diferentes fases da vida por estes homens quando falaram de si, numa chamada constante, sublinhe-se, à sua orientação sexual e, mais especificamente, ao preconceito, estigmatização e discriminação a ela associados.

É desses eixos que procuraremos, de forma sumária, dar conta.

Encontrámos construções discursivas que evidenciam a internalização da homofobia institucionalizada, discursos esses que aqui designámos por *Um ser imperfeito: Efeitos da violência simbólica*, e que enquadrámos num modelo patológico. Encontrámos ainda discursos assentes numa óptica

binária e hierarquizada da realidade, sendo que o lado feminino surge como o reflexo devolvido pelo espelho ao homem que se olha a si mesmo e se percebe desalinhado face ao modelo hegemónico da masculinidade, com todas as angústias que daí possam advir.

Em relação às *Biografias emancipatórias*, encontrámos discursos de resistência, porém, fundamentados de formas que indicam posicionamentos teóricos e epistemológicos distintos. Especificamente, encontrámos discursos que sugerem uma vinculação ao modelo afirmativo *gay* e discursos mais próximos da teoria *queer*.

No que diz respeito ao modelo afirmativo *gay*, importa salvaguardar que, mais do que um modelo, este consiste num “(...) conjunto de princípios que deverão orientar a prática terapêutica com clientes homossexuais, particularmente com aqueles que apresentam dificuldades relativas à sua homossexualidade [em que] (...) o objectivo do terapeuta é ajudar os clientes a aceitarem a sua orientação sexual” (Moita, 2001, p.148).

Conforme tivemos oportunidade de constatar, foram vários os participantes que procuraram apoio terapêutico (e não só), uns pela forma como se posicionavam face à orientação sexual em si, outros por constrangimentos exteriores relacionados com a mesma, porém, apresentados a si mesmos como pertencentes a uma categoria específica da identidade, no caso concreto, homossexual ou bissexual.

Outra realidade foi a dos participantes que se distanciaram de qualquer fixação identitária, assumindo-se, desta forma, como pessoas ou, simplesmente, seres humanos, recusando a pertença a qualquer categoria específica da identidade, facto que os torna próximos do entendimento desenvolvido por Jagose (1997), através da teoria *queer*.

Concluimos o presente tema com um objecto discursivo que intitulámos *Da (hetero)sexualidade compulsória, ao desafio da conciliação com a ambivalência*, reforçando um rompimento com a epistemologia essencialista, através do qual reconhecemos, recorrendo aos discursos dos participantes, a apresentação de si em diferentes palcos do quotidiano como uma apresentação teatral de

si próprio (Goffman, 1959 [1993]; Kellner, 1992) justificada, todavia, por dois pressupostos distintos: um primeiro, inscrito na ordem do dever e da necessidade (Bauman, 1995 [2007]) e que aqui designamos por *Peregrinações quotidianas em direcção à ordem*, em que foi possível desvendar, através de um processo de desconstrução, o carácter político das condições através das quais a identidade se articula (Butler, 1990; Carneiro, 2009; Carneiro & Menezes, 2004; Giddens, 1992 [2001]; Moita, 2001; Vale de Almeida, 1995; Vaz, 2004) e um segundo, inscrito no questionamento das práticas de normalização (Morris, 2000 [2007]), elemento-chave do activismo *queer*, cujos discursos aqui intitulamos de *Performatividades líquidas* (Bauman, 1995 [2007]; Butler, 1990; Vale de Almeida, 1995).

6.2 Sexualidades masculinas e domesticação emocional e afectiva

Por *Sexualidades masculinas e domesticação emocional e afectiva* assumem-se as configurações e interpretações em torno da expressão emocional e afectiva em palcos *offline* (e.g., família, colegas, amigos, local de trabalho, intimidade).

Dos discursos em torno do presente tema emergiram duas construções discursivas, as quais apresentamos separadamente, a saber: a) Da socialização das identidades, à realização dramática; e b) (Im)possibilidades construídas, silêncios e cumplicidades.

a) *Da socialização das identidades, à realização dramática* emerge das diferentes configurações e interpretações desenvolvidas pelos participantes durante as entrevistas *online*, a propósito da expressão emocional e afectiva em palcos *offline*, em geral, e à situação específica da expressão emocional e afectiva socialmente (des)autorizada aos homens, em particular. Tais configurações, adiante apresentadas em *Comportar-se como um homem*, desenvolveram-se a partir da questão de partida: *Em seu entender, qual o lugar das emoções e dos afectos na vida quotidiana?*

b) *(Im)possibilidades construídas, silêncios e cumplicidades* resulta do facto de diversos participantes terem pormenorizado vivências que articulam expressão emocional e afectiva e orientação sexual. Tais reflexões, seguidamente apresentadas em *À espera de licenciamento*, iniciaram-se com

base na questão de partida: *Como é que habitualmente lida com as suas emoções e os seus afectos, em particular quando se sente mais triste?*

6.2.1 Da socialização das identidades, à realização dramática

Como se disse, *Da socialização das identidades, à realização dramática* diz respeito à expressão emocional e afectiva em contextos que vão desde a família, aos colegas, aos amigos e à intimidade, mas também à forma como a sociedade, em geral, na qual os participantes se inserem, e de acordo com as percepções destes, entende esta temática.

6.2.1.1 Comportar-se como um homem

A expressão emocional e afectiva foi apresentada por diversos participantes como sendo “(...) a nossa centralidade, mas estão na maior parte das vezes deslocadas.” E19.

Não convivemos bem com elas e não as exprimimos. Aprendemos com a televisão a dizer que estamos muito emocionados com isto e aquilo, mas é uma emoção ou vazia ou circunstancial. As pessoas nesse aspecto ficam muito emocionadas e fazem campanhas, mas descuram os do lado e os de casa. Eu falo mais no sentido pessoal, no sentido de dizer: “Luís, gosto de ti, deixa-me dar-te um beijo”. Se a 1.ª é demais, calcule a 2.ª. Há muito social, vivemos numa época do politicamente correcto e as pessoas usam chavões, e mesmo que sintam as emoções, porque sentem, não sou só eu, não as conseguem exprimir, usam é os chavões. E20

A par desta dificuldade de expressão emocional e afectiva, de acordo com diversos participantes, quase generalizada, foram igualmente apontadas diversas implicações desta realidade no campo das relações amorosas e não só:

Há quem dê muita importância à expressão emocional e sofra por isso e há quem dê pouca e se safe... as emoções não são expressas com facilidade, mas sim através de jogos e enigmas. Francamente, acho que a

maioria das pessoas lida muito mal com elas devido ao medo. Nunca me apercebi de tantos divórcios nem separações como nestes últimos anos...vejo um facilitismo sexual enorme... as pessoas têm medo de se entregarem e sofrerem e, por isso, quecam. Falo do que vejo à minha volta... é um fenómeno que afecta todos: homens, mulheres, gay, heterossexuais... E23

Eu apenas vi o meu pai chorar uma única vez. Foi no momento em que a minha avó expirou. Estávamos lá eu e ele. E, para mim, foi um momento terrífico, por vê-lo chorar. Não consegui dizer-lhe nada nem fazer nada. E24

Embora tenham sido apresentadas posições de resistência discursiva face à regulação da expressão emocional e afectiva, foram manifestadas práticas de submissão face ao socialmente expectável, nomeadamente no que concerne à expressão emocional e afectiva por parte dos homens:

As emoções não devem ser reprimidas, embora as reprimamos por ser de bom-tom. No caso dos homens, a sociedade não lida bem com um homem que chore. [Referindo-se a um episódio vivido na semana anterior ao momento da entrevista online, este participante referiu:] (...) Irritei-me com um colega no local de trabalho e, de seguida, senti vontade de chorar, mas reprimi. E30

Sobre eventuais explicações em torno da expressão emocional e afectiva, em particular, no caso dos homens, foram apresentadas diferentes perspectivas:

Eu julgo que, no caso dos homens, as emoções se encontram num degrau ainda mais baixo do que a preocupação de saber quem fica em 2.º lugar na liga: se o Sporting ou o Benfica. Estou a generalizar, como é óbvio, mas é o que me parece! A maior parte dos homens, por exemplo, já não estava aqui a responder a estas perguntas, entende? No geral, as emoções, para os homens, são de dor quando se cortam a fazer a barba; de prazer quando fazem amor com as mulheres e de realização quando recebem o ordenado no final de cada mês. E28

Contudo, outros participantes, conscientes de uma concepção normativa da expressão emocional e afectiva por referência ao género, apresentaram-na como uma dramatização e não como fruto de qualquer essência:

O facto de eu saber que a sociedade, em geral, espera de mim certos comportamentos e não outros, obviamente que me impede expressar numa forma mais sincera. Como tal, essa situação gera-me angústia. O facto de não falar de mim e às vezes me apetecer partilhar coisas, gera-me alguma angústia. Preocupo-me em expressar-me de forma masculina, o que significa, por vezes, usar mais palavras e ser mais bruto quando falo com homens. E10

Eu sou capaz de apreciar uma música e sentir emoções que provavelmente se perguntar a amigos que estejam comigo, para eles a mesma música não passará de um conjunto de sons organizados. [Nessas alturas], a maior parte das vezes sou calculista o suficiente para me conter e não dizer nada... quando digo... julgo que me acham diferente. Riem-se mas não dizem nada... Devem pensar que sou maluco. [Porém, quando finjo] sinto-me triste... mas como tenho bom sentido de humor, acabo sempre por dar a volta. E28

O entendimento acerca da partilha de emoções e afectos por parte dos homens com terceiros, por exemplo, em palcos como o local de trabalho, revelou diferenças em função do sexo da pessoa com quem tal partilha é realizada:

[Referindo um exemplo relacionado com a expressão emocional vivido no local de trabalho...] (...) *um colega com quem me dou bem, tomamos café todas as manhãs, ele tem 35 anos, dizia que eu gostava muito de agarrar e tocar, que nelas tudo bem, agora neles havia que ter cuidado e eu disse que o problema estava aí, que só vêem no sentido sexual, e não no afectivo, vêem sexo em tudo, porque eu toco nas pessoas que gosto, e afasto-me instintivamente das que não gosto, por isso era bom que se deixassem de história e que seria bom por vezes dar um abraço a um amigo ou amiga porque as pessoas precisam de calor e de amizade. Um colega de educação física, de 43 anos, disse: "(...) pois, ele tem razão, andamos muito afastados uns dos outros". E20*

Da incorporação destes constrangimentos emergiram discursos referentes a situações em que a partilha de situações de vulnerabilidade por parte dos homens se torna quase uma impossibilidade nos palcos *offline*. A passagem discursiva que se segue diz respeito a um participante de 33 anos, a viver uma fase de luto por morte do seu companheiro com quem se relacionou durante 10 anos:

(...) desabafo apenas com a minha mãe. Sinto que não é possível fazê-lo com outras pessoas das minhas

relações. Não sinto essa segurança, pois sei bem o que se espera de um homem. Nada de pieguices. Só que agora, como a minha avó faleceu recentemente, tenho dito à minha mãe que está tudo bem, a fim de não preocupá-la mais. E28

6.2.2 (Im)possibilidades construídas, silêncios e cumplicidades

(Im)possibilidades construídas, silêncios e cumplicidades resulta, como se disse, do facto de diversos participantes haverem rentabilizado o momento da entrevista *online* para particularizar as suas vivências emocionais e afectivas no contexto de uma intimidade habitualmente silenciada por constrangimentos socialmente construídos.

6.2.2.1 À espera de licenciamento

Se o facto de se “ser” homem foi, de acordo com alguns discursos, associado a uma maior dificuldade em expressar-se emocional e afectivamente, o facto de se “ser” homem não heterossexual foi apresentado como uma dificuldade acrescida, dada a estigmatização a que as não heterossexualidades se encontram ainda hoje, de uma forma geral, votadas:

Antes de me ter aceite como homossexual (...) e de finalmente poder partilhar com alguém a minha diferença, a minha vida foi de enorme SOFRIMENTO. Foi muito grande. Tive uma longa caminhada, associada a muito choro, pensamentos suicidas e, como consequência, uma depressão. Rezava muito, mas não me lembro de ter nenhum dia feliz até ao dia em que me aceitei. Pedia para ser igual aos outros, pois queria ter filhos e uma vida feliz. Foi uma caminhada muito dolorosa e profundamente solitária. E22

Não falo de afectos nem de relações afectivas no meu local de trabalho. Acho, por isso, que os meus colegas de trabalho suspeitam já da minha homossexualidade, basicamente pelo facto de eu ter 37 anos e não ter falado nunca com eles sobre namoradas! Trabalho numa empresa de homens, no sector automóvel, e o ambiente das conversas entre colegas vai muitas vezes nesse sentido. Eu sou uma espécie de excepção àquilo tudo. E27

Sei e sinto que se partilhasse a minha tristeza e as minhas fragilidades com os meus colegas de trabalho, esmagar-me-iam. Estou certo disso. Como poderia eu partilhar com eles a minha tristeza, explicando-a à luz da morte do meu companheiro? De uma forma geral, com esses colegas, devo dizer também com os meus amigos, estas emoções ficam bem guardadinhas e na gaveta do fundo. Afinal, homem que é homem não tem medo; isso é para os mariquinhas. Sinto-me tão longe desse homem 100% racional, mas encarno-o todos os dias. E28

Antes de partilhar a minha orientação sexual, estava completamente isolado de todos, não partilhava com quem quer que fosse absolutamente nada relacionado com os meus afectos. Era como se esse lado da minha vida não existisse. E30

Diversos participantes apontaram diferentes implicações relativas à incorporação da regulação da expressão emocional e afectiva em função do género, aplicando-as ao campo das suas próprias relações de intimidade afectiva e sexual:

Só disse a um homem que gostava dele aos 29 anos, altura em que, pela primeira vez, consegui partilhar com alguém a minha orientação sexual... O facto de eu me ter apaixonado deu cabo de toda a “normalidade”. Até aí, eu achava que com homens era sexo, atracção física e nunca nada de afectivo. O facto de me ter apaixonado deu-me força para ser mais eu, sentindo-me bem como sou. Esta força que senti para me expressar com maior autenticidade foi também motivada pelo cansaço e por uma mudança de prioridades na minha vida, relacionada com a morte de familiares. Estava cansado de não estar satisfeito com o que tinha... tinha uma namorada, fui tendo, a mesma por várias fases... ela dava-me estabilidade, nem sei qual. E20

Custou-me imenso dizer ao meu companheiro que o amava... não sabia o que isso era. Ainda hoje, não sei bem por quê. E30

Reportando-se às relações de afectividade e intimidade, diversos participantes distanciaram-se de um modelo sexológico dominante, conforme podemos testemunhar pelas passagens discursivas que se seguem:

Gosto que as pessoas encarem as relações com profundidade. Não gosto de sexo casual. Gosto que as coisas

signifiquem alguma coisa, de gostar da outra pessoa e que ela goste de mim, ou seja, não gosto desse traço mais superficial, tipicamente masculino, do sexo por sexo. Muitas vezes tenho impulsos e apetece-me envolver fisicamente com homens, mas combato esse desejo porque não gosto da ideia de ser uma pessoa promíscua. E10

Bem, começo por confessar que sou um pouco bipolar, nesse aspecto. Oscilo permanentemente entre o desejo animal e a utopia romântica. (acho que isto é uma marca comportamental muito presente na realidade gay). Quando estou sozinho, busco desesperadamente ter um namorado, viver uma relação, dedicar-me a alguém, como qualquer pessoa “normal”. A “normalidade” é uma espécie de obsessão que eu não consigo abandonar, talvez derivada da minha formação católica, que indubitavelmente me deixou marcas, e limites. E19

Eu gosto de carinho de afecto, de falar, de estar bem; por isso tenho de conhecer a pessoa, estar bem com ela... uma coisa normal, tal como quando estava com as minhas namoradas. Para mim é normal, mas sei que nesse meio [homossexual] muitos é só sexo e mais nada... é um mundo especial. E21

A nível emocional, gostava muito de encontrar alguém por quem eu me apaixonasse e vice-versa e venha a ter uma relação. Começo a sentir-me frustrado por ainda não ter encontrado ninguém. E22

Interessantemente, alguns participantes (re)produziram um conjunto de visões estereotipadas relacionadas com as sexualidades socialmente construídas como não normativas, associando-as a uma certa promiscuidade, ainda que delas fizessem questão de se distanciar:

Sendo eu um rapaz do campo, meio castrado, creio, os bares gay eram, para mim, uma curiosidade. Idealizava que nos bares gay estaria O TAL. Hoje, e depois de ter visto, na verdade, não me identifico com bares gay. Bom, depende muito do espaço... quanto às saunas, fui uma vez com amigos e abomino. Considero que são mercados de carne, sexo por sexo, engate por engate, o esvaziar pelo esvaziar. Prefiro locais gay friendly, onde possa dar um beijo ao meu companheiro ou fazer uma festa, com heterossexuais ao meu lado. Para mim os guetos não trazem vantagens. Creio que o ideal está na diversidade. E18

A banalização do sexo é o que menos me faz identificar com a sociedade gay, a pouca valorização da afectividade. O sexo consegue-se demasiado facilmente, não me dá gozo nem me preenche, não exclusivamente. Se

pensarmos na situação dos heterossexuais, não vemos praias de engate heterossexual; não há engate heterossexual em zonas específicas. Por outro lado, há muitos locais de engate gay. E23

Não vejo a necessidade, por exemplo, de um casal gay optar por ir a um bar gay quando decide sair à noite. É quase como um casal heterossexual optar por um bar de alterne para ir beber um copo. E19

Outros participantes revelaram ainda discursos próximos de um modelo heteronormativo que, no plano do relacionamento sexual, rotula o homem de activo e a mulher de passiva. Outros ainda introduziram uma nova categoria, tal como é possível testemunharmos pela passagem discursiva que se segue:

[Questionado sobre o sentido das categorias activo e passivo] Para mim não fazem sentido absolutamente nenhum. Aliás, nesse aspecto também se nota imenso o machismo. Nas relações gay o activo tem que ser o macho. Para mim não há activos nem passivos, há versáteis. Não tem que haver papéis. Numa relação posso e devo ser os dois. Na verdade, só vivi uma assim... nas outras insistiam em definir papéis, mas não me sentia completo, ou seja, sentia que ali o que mais interessava ao outro era o seu prazer, não havendo uma entrega total. Isso só me aconteceu quando houve versatilidade. E23

Durante as reflexões produzidas sobre a expressão emocional e afectiva, particularmente no que concerne às relações de conjugalidade, diversos participantes falaram ainda dos seus projectos nesta área:

[Actualmente com 35 anos, refere:] Desde os 28 anos não tive mais relações com mulheres e com homens só tive aos 34. Era um pouco tímido e tinha medo. (...) só falei da minha orientação sexual com amigos há 1 ano e com a família há 4 meses. Foi uma vida de muito sofrimento, mas sobrevivi. Sobrevivi à custa do pensamento e dos sonhos. Tinha de viver essa vida mesmo sofrendo e pensava na vida que eu queria... poder viver a minha sexualidade. Sonhava em um dia poder viver de forma mais livre e, por isso, mais feliz, em primeiro ser feliz comigo, estar bem comigo, sem medo que se descobrisse quem eu sou e poder falar à vontade disso com quem eu quisesse. Gostava de sentir-me mais liberto para falar dos meus afectos, dos meus sonhos e dos meus projectos de vida, que não apenas os profissionais. E21

Continuo a acreditar que é possível encontrar um companheiro com quem possa sentir-me realizado na área

dos afectos... se não acreditasse, então não valeria a pena viver. Lógico que acredito, mas não vivo iludido como vivi. Sinto que não é fácil. Como disse, há muitos gays (a maioria) que não saíram do armário, que não querem algo estável, que concebem um relação como sendo algo aberto... eu não vejo as coisas assim, mas não estou desacreditado. E23

Outros participantes relembrou relações amorosas já vividas. Falaram dos seus significados, dos contornos, das exigências, mas também das cedências que entretanto se foram impondo:

Via a relação como um projecto. Entendo uma relação afectiva como uma construção a dois, que admite mudanças no projecto ao longo do caminho, mas tem que começar com alicerces seguros, tais como a confiança, a fidelidade e a cooperação, para resistir a certos embates. Hoje tenho uma postura pouco flexível, já o fui menos, aceitando um tipo de relação menos segura, com menos compromissos. Hoje sou um pouco intolerante e talvez esta posição tenha exigido demasiado da relação que vivi. E24

Vivi 8 anos com o Miguel [Nome fictício], todos os dias... até ao momento em que o meu sobrinho veio morar comigo. Aí, para ele não desconfiar de nada, víamo-nos todos os dias, deixámos de morar na mesma casa, mas dormíamos 2 ou 3 vezes por semana. Quando nos conhecemos, cada um de nós já tinha a sua casa. E28

A minha relação com o João [Nome fictício] significou, para mim, (...) protecção, sobretudo, e uma amizade fora de série. Eu sentia-me protegido por ele... ele era muito seguro de si mesmo e isso dava-me segurança também a mim. E30

Inicialmente eu apenas conheci a família dele pois era daqui [Identifica a cidade]; numa fase posterior passou ele também a conhecer a minha. Os amigos eram partilhados, mais da parte dele. E30

Reflexões e perspectivas

Antes de iniciarmos as reflexões e perspectivas em torno do tema Sexualidades masculinas e domesticação emocional e afectiva, importa clarificar que a justificação avançada no capítulo anterior

relativamente à nossa opção pelo termo domesticação, presente no título deste tema, serve igualmente para este Estudo 2.

Deste modo, e uma vez analisados os discursos construídos a propósito das perguntas inicialmente formuladas: *Em seu entender, qual o lugar das emoções e dos afectos na vida quotidiana?* e *Como é que habitualmente lida com as suas emoções, em particular quando se sente mais triste?* destacaram-se, conforme referimos, duas construções discursivas, a saber: a) da socialização das identidades, à realização dramática; e b) (im)possibilidades construídas, silêncios e cumplicidades.

Começamos por *Da socialização das identidades, à realização dramática*. Os discursos produzidos pelos participantes a propósito do lugar das emoções e dos afectos na vida quotidiana configuram a expressão emocional e afectiva como uma construção social e discursiva que indicia diferentes papéis e deveres sociais de acordo com o género.

Assim, e pese embora, de uma forma geral, os participantes tenham sustentado que as emoções humanas fazem parte da linguagem da vida social, a expressão das mesmas, bem como dos afectos está longe de ser um processo natural e exercido em iguais circunstâncias por homens e mulheres. Concretamente, e ainda que a expressão emocional e afectiva tenha sido globalmente caracterizada como “*difícil*” E26 e sujeita a um conjunto de normas sociais, na verdade, *Comportar-se como um homem* emerge de uma concordância de vozes que denunciam uma maior pressão social exercida sobre os homens nesta matéria.

De facto, os participantes são unânimes ao referirem uma espécie de desautorização social dirigida aos homens no que concerne à expressão de emoções mais positivas, tais como o amor ou até mesmo a amizade. Por outro lado, a expressão, por parte dos homens, de emoções que impliquem agressividade são, de acordo com os discursos, socialmente não apenas mais facilmente autorizadas, como até mesmo esperadas. Alguns participantes referiram mesmo, a este propósito:

“ [o] exemplo do namorado que deve defender a sua namorada de piropos alheios, ainda que para tal tenha de dar uma sova em quem se atreve a lançar à sua namorada um olhar ou uma palavra mais ousada” E11

“[e ainda o facto de] *homem que é homem não se fica*” E10

Por outro lado, dizer, por exemplo, que se gosta de alguém, ainda que num registo de amizade ou companheirismo, ou ainda evidenciar um gesto de carinho despretensioso em termos de desejo sexual, como “*o toque no ombro em jeito de cumprimento*” E30, sobretudo para com elementos do mesmo sexo, parecem ser, de acordo com os discursos, actos dificultados por um entendimento social claramente homofóbico.

Nesse sentido, os discursos trouxeram à fala diferentes experiências que poderemos considerar muito próximas das experiências contraditórias de poder descritas por Kaufman (1994), mas também dos trabalhos de Seidler (1997) e ainda de Lilleaas (2007), este último, a propósito das masculinidades, desporto e emoções. Tais resultados desafiam-nos, deste modo, a uma problematização em torno do sexo, do género e da orientação sexual.

Também não deixa de ser interessante verificar a semelhança da posição dos nossos participantes e os homens, atletas de alta competição, entrevistados por Lilleaas (2007), a propósito do tema da expressão emocional. De acordo com a autora, os homens que participaram no seu estudo, através de entrevista em profundidade, apenas falaram mais abertamente quando o gravador se desligou. Mais ainda: foi nessa altura que começaram a falar dos seus problemas e das suas dificuldades. De forma idêntica, também os participantes por nós entrevistados *online* mencionaram “*ser mais fácil falar destes assuntos por aqui [referindo-se à internet]*” E22, referindo ainda o facto de se sentirem “*mais seguro[s]*” E27 pelo facto da entrevista permitir não mostrar o rosto.

Nesse sentido, *Comportar-se como um homem* sugere um conjunto de encenações (Goffman, 1959 [1993]) e performatividades (Butler, 1990; Vale de Almeida, 1995) motivadas por constrangimentos associados a uma ideia socialmente valorizada que afasta os homens de uma expressão emocional e afectiva nos mesmos moldes que as mulheres.

De qualquer forma, e se os discursos dos participantes sugerem uma concordância com uma visão da expressão emocional e afectiva distanciada de explicações essencialistas, os mesmos reco-

nhecem práticas de submissão (Nogueira, 2001) face a normas sociais desencorajadoras para os homens de uma partilha menos convencional.

Tal facto justifica-se, por um lado, e de acordo com os discursos, com um entendimento que concebe a forte probabilidade quanto à ocorrência de uma punição social (Foucault, 1975 [2006]; Herek, 1991, 2009) em caso de incumprimento das expectativas socialmente construídas em torno da expressão emocional e afectiva em função do género e, por outro, um entendimento que antecipa a aceitação social em caso de cumprimento face ao socialmente esperado, como se de um prémio se tratasse.

Por outras palavras, os discursos evidenciam que a incorporação de um modelo dominante que afasta os homens da expressão de emoções mais positivas ou que impliquem vulnerabilidade regula as práticas individuais quotidianas, no sentido da obediência face a tal entendimento.

Na realidade, e a corroborar tais resultados, Johnson (2002) refere que o discurso normalizador encoraja, intensificando, a regulação dos comportamentos ao ponto das pessoas vigiarem os seus sentimentos e emoções mais íntimos, reprimindo as expressões públicas de afecto. Tal situação, de acordo com a autora, torna-se ainda mais complexa quando se fala de pessoas cuja sexualidade é social e discursivamente construída como não normativa.

É neste encadeamento que *(Im)possibilidades construídas, silêncios e cumplicidades* emerge. Na verdade, em geral, os participantes rentabilizaram uma fatia generosa do momento da entrevista *online*, a fim de partilharem, em jeito de *self-disclosure*, vivências pessoais relativas aos constrangimentos sentidos no que diz respeito à partilha das suas emoções e dos seus afectos não apenas por serem homens, mas pela estigmatização associada às não heterossexualidades.

Falar de emoções e de afectos surgiu, através dos discursos dos participantes, como uma “quase impossibilidade” E16 construída por um discurso socialmente avesso não só “ao homem que chora” E25, como também, em larga medida, à diversidade sexual. Os participantes desenvolveram particularmente as suas vivências nos palcos da família, dos amigos e do local de trabalho,

caracterizando as mesmas como dificultadas por um silêncio “*quase obrigatório*” E25, facto que reforça posicionamentos de submissão (Nogueira, 2001) face a uma ideologia instituída e discursivamente legitimada.

Durante esta fase da entrevista *online* falou-se de sofrimento, de ausência de partilha de afectos, porém, de vontade de partilhar; falou-se de medos, de angústias, de silêncios e cumplicidades, mas também de “*normalidade*” E19. Face a esse contexto, *À espera de licenciamento* dará, a partir daqui, voz a uma pluralidade de experiências vividas na primeira pessoa, entretanto, unidas por um denominador comum que interpretamos como uma espécie de licença social, ainda aguardada, e que autorize e legitime formas de agir menos prisioneiras de uma ideologia heteronormativa constrangedora para os homens, independentemente da sua orientação sexual, mas com particularidades para os que se não revêem nas heterossexualidades. Numa expressão breve, e como tão bem nos sugerem Amaral e Moita (2004, p.113), uma espécie de licença para “ser”, embora aqui importe não confundir-se a expressão com qualquer visão naturalista da realidade.

Face ao que se disse, e se pensarmos, como nos propõe Johnson (2002), que ao mesmo tempo que os políticos mais conservadores enaltecem as virtualidades, justificadas como a ordem natural das coisas (Bourdieu, 1998 [1999]), da família nuclear heterossexual, parece-nos legítimo afirmar que estes estão, ao mesmo tempo, a desacreditar os relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo. Ora, é também disso mesmo que os participantes por nós entrevistados *online* nos deram conta, através da partilha das suas vivências.

Na realidade, alguns participantes mencionaram que o facto de se terem apaixonado por um elemento do mesmo sexo rompeu com uma “*normalidade*” E19 na qual os próprios, conforme foi possível testemunhar pelos seus discursos, terão acreditado durante muito tempo. Não deixa de ser curioso, porém não totalmente extraordinário, o facto de tais discursos reforçarem uma ideologia dominante que exclui a possibilidade de pessoas do mesmo sexo poderem, de facto, desenvolver relações de afecto diferentes de uma sexualidade episódica, praticamente anónima e promíscua, pensamento, de resto, apoiado por discursos mais homofóbicos.

É precisamente aqui que Bourdieu (1998) [1999] tão oportunamente nos explica, a propósito da violência simbólica, a forma incorporada da relação de dominação que dominados, neste caso, os nossos participantes que, ao falarem de si e da forma como se apreciam ou avaliam a direcção dos seus afectos, reproduzem o discurso dominante, ao acreditarem na impossibilidade do amor entre pessoas do mesmo sexo.

Na mesma linha de raciocínio, explicamos o facto de diversos participantes terem mencionado que na fase de ruptura conjugal e, num caso específico, ruptura por falecimento do companheiro, e à semelhança do que foi possível constatar no Estudo 1, terem propositadamente decidido partilhar o seu sofrimento com mulheres. As explicações fornecidas pelos participantes situaram-se em lógicas essencialistas: *“sabia que por serem mulheres iriam entender muito melhor o meu sofrimento”* E21. Tais explicações revelam, como é possível constatar, mais um exemplo de incorporação de classificações naturalizadas.

Ainda na senda da incorporação dos discursos dominantes e da assimetria de poderes entre homens e mulheres no campo da intimidade, encontrámos discursos que lemos como uma importação de um modelo heteronormativo, ainda que o mesmo tenha sido questionado por alguns participantes. Falou-se em categorias activo e passivo para referir, respectivamente, papéis associados a um homem que penetra e a uma mulher que é penetrada. Introduziu-se a categoria versátil, a fim de mitigar um binarismo e uma assimetria *“sem sentido”* E23, porém, muito valorizados no seio da própria *“comunidade homossexual”* E23.

Relacionado ainda com este tópico, foi igualmente interessante a forma como um dos participantes, ao falar da sua intimidade com o seu companheiro, com quem vive numa conjugalidade total, sentiu necessidade de, nesta fase da entrevista *online*, se posicionar: *“Obviamente que eu é que penetro. Eu nunca fui penetrado na vida”* E25.

Sobre este aspecto, seria bem mais útil, conforme nos lembra Eribon (1999) [2008] pensar o binarismo activo/passivo inscrito nas suas funções ideológicas como origem estrutural da dominação masculina sobre as mulheres e, por extensão, das pessoas heterossexuais sobre as homossexuais.

Uma outra questão particularmente relevante foi o facto de alguns participantes desvalorizarem, criticando negativamente até, a procura dos bares *gay* como lugares mais permissivos a uma expressão emocional e afectiva entre pessoas do mesmo sexo. A comparação estabelecida com a realidade dos casais heterossexuais sugere, em nosso entender, uma não percepção das assimetrias de poder entre quem pode mostrar, onde e com quem os seus afectos.

Curiosamente, o mesmo entrevistado que procede a esta desvalorização, é o mesmo que no seu bairro e no seu local de trabalho sempre se terá preocupado em, como foi referindo ao longo da entrevista *online*, “fazer o meu filmezinho de heterossexual” E19.

Para terminar, é neste contexto que Johnson (2002) esclarece que, ao privilegiar-se a cidadania heteronormativa, as concepções de direitos e privilégios dos cidadãos envolvem uma política de *passing*, o que quer dizer, neste contexto, fazer-se passar por heterossexual, como se tal não significasse qualquer violação do direito à (in)diferença.

6.3 Da experiência da opressão, ao desejo de libertação: Identidades e poder no ciberespaço

Por *Da experiência da opressão, ao desejo de libertação: Identidades e poder no ciberespaço* assumem-se as configurações e interpretações em torno da apresentação de si e do *self-disclosure* em palcos que transcendem as fronteiras físicas, complexificando as da privacidade, aqui identificados como palcos *online* (e.g., salas de conversação, redes sociais, mensagens instantâneas).

Dos discursos em torno do presente tema emergiram duas construções discursivas, a saber: a) a natureza paradoxal de um palco *wireless*; e b) privacidade, proximidade emocional e abertura no ciberespaço.

a) *A natureza paradoxal de um palco wireless* resulta de uma reflexão crítica desenvolvida pelos participantes a partir da questão *Sente que o ciberespaço lhe permite revelar-se de forma diferente e mais honesta do que em outros palcos? Por quê?* Conforme teremos oportunidade de esclarecer

adiante, os discursos deram visibilidade a uma utilização motivada por diferentes características e potencialidades dos palcos *Sem fios, sem rasto*, facilitadores da *Criação de um perfil*.

b) *Privacidade, proximidade emocional e abertura no ciberespaço* resulta dos discursos produzidos em torno da questão *Sente que consegue expressar-se emocionalmente de forma mais espontânea no ciberespaço? Por quê?* e envolve uma articulação das experiências relacionadas com a apresentação de si em diferentes palcos *online* (e.g., salas de conversação, redes sociais, mensagens instantâneas) e a expressão emocional e afectiva. Tais discursos serão apresentados à luz de uma *Menor vulnerabilidade percebida, maior conforto*.

6.3.1 A natureza paradoxal de um palco *wireless*

A *natureza paradoxal de um palco wireless* revela, de acordo com os discursos, diferentes e contraditórias experiências dos participantes por nós entrevistados *online*, relativamente ao facto de no “nosso líquido mundo moderno” (Bauman, 2003 [2006, p.13]) ser possível estar conectado em rede.

6.3.1.1 Sem fios, sem rasto

A comunicação mediada por computador começou por ser comentada como uma alternativa aos palcos *offline*, isto é, aos lugares onde é possível o encontro face-a-face. Nesse sentido, o ciberespaço foi apresentado como um palco facilitador do encontro e interacção com a diversidade:

A internet é um espaço aberto, e nisso tem possibilidades. Tem todos os gays estereotipados e indesejáveis que também frequentam os bares gay e outros espaços (que eu raramente frequento, e quase que por graça), mas também pode dar-me a conhecer outro tipo de pessoas. No mau: nerds que não saem de casa, tímidos, feios, inseguros, cujo esplendor sexual é uma masturbação via webcam. No bom: pessoas interessantes, de passagem, que nunca conheci - ou porque não saem à noite, ou porque não são do Porto, ou porque

começaram agora na internet. Há ainda as desilusões, que são aquelas pessoas que se conhecem através de extensos teclanços e por quem me posso envolver e quando chega a hora H, me desiludem. Ou porque são mais feias do que nas fotos, ou porque são bichérrimos ao vivo, ou porque vestem mal, ou porque são gordos, ou porque têm a pila pequena e/ou murcha. E19

Nesse sentido, o ciberespaço foi apresentado como um novo palco igualmente facilitador da apresentação de si e das motivações de cada um através dos perfis:

Quando eu era jovem adulto não havia internet. [Hoje] Heterossexuais, gays, bissexuais ou outra coisa qualquer... marcam encontros na internet e fazem o que têm a fazer... a mim surpreende-me que por exemplo no gaydar a malta da minha idade, na sua maioria, não dê a cara nos perfis, nem eu... mas a malta para baixo dos 30 mostra quase tudo. Não se preocupam e fazem bem. E20

Não deixa de ser interessante, contudo, que a par do reconhecimento das alargadas possibilidades de encontro conferidas pela comunicação mediada por computador, bem como do facilitismo proporcionado pelas mesmas, a interacção iniciada em palcos *offline* é a que surge como adjectivada de normal, por parte de alguns participantes.

Dá a opção de nos darmos a conhecer, e se o outro gosta e nós também, só então nos damos a conhecer pessoalmente. É cómodo, mas mau no sentido de se saltarem muitas etapas duma relação dita normal... estabelecida desde o início, cara a cara. É mais rápida... quando se parte para o encontro, este é muitas vezes mais íntimo, mas nem sempre esta fachada de intimidade é real; às vezes é uma questão superficial, que com algumas horas ou dias de convivência se percebe que a pessoa é diferente. E10

Por outro lado, pese embora a diferença surja, como vimos, hierarquizada de acordo com padrões sempre subjectivos, porém, reguladores da interacção social, o facto parece ser o de que estas diferenças de padrão não impedem, pelo menos numa fase inicial, e graças à possibilidade de iniciar e conservar uma comunicação sem rosto, o desenvolvimento de uma interacção social ou até mesmo de uma importante amizade, conforme podemos constatar pela seguinte passagem discursiva:

Todas as pessoas com quem falo na internet começam por ser desconhecidas. As conhecidas falo pessoalmente. Passar para o meu círculo de amigos é muito difícil, mas pode-se dar um caso. Tenho um bellissimo amigo aqui na internet. Já falei muitas vezes com ele ao telefone, vimo-nos através da webcam, mas nunca estivemos presencialmente. Ele é das beiras e quando falámos pela 1.ª vez, há cerca de 4 anos, ele estava a passar por um mau bocado na vida dele, acontece a todos. E começou a falar comigo muito abertamente, da relação dele com o companheiro, com os pais e com toda a gente... foi muito bom para ele e para mim. (...) eu aconselhei-o a arranjar uma pessoa especializada para conversar, por considerar que precisaria de ajuda, e aí ele começou a chorar e disse -me que fazia análise há 3 anos. Nessa altura, perguntei-lhe se ele falava essas coisas com o terapeuta e ele disse que não, porque este já tinha uma imagem de si que não tinha coragem para destruir. E20

Alguns participantes mencionaram que o facto da comunicação em palcos *online* (e.g., salas de conversação, páginas pessoais, redes sociais, mensagens instantâneas), permitir conservar o anonimato, sem deixar rasto, viabiliza um protagonismo social que, por razões associadas a um legado estruturalista avesso à diferença, neste caso, desviante face às expectativas heteronormativas, não se verifica nos palcos *offline*.

As pessoas têm um gozo em criar uma vida diferente daquela que realmente têm ou então, quando não podem assumir a sua essência no dia-a-dia, à luz do dia, aproveitam a internet para ganharem alguma existência, para darem algum significado ao outro lado da vida que escondem diariamente e assim vão sobrevivendo. E16

Aqui [No MSN] dou a cara. À partida não vejo grande problema nisso... não me vêem corar... mas por vezes ainda me sinto ridículo. [Porém] aqui sinto-me menos cerimonioso. Aqui também temos a possibilidade de não dar a cara e poder desistir sem represálias. E30

Por outro lado, outros participantes, referindo-se à mesma possibilidade de conservação do anonimato nos palcos *online*, mencionaram que esta favorece uma invenção de si, entendida como fraude, e uma maior fragilidade dos laços humanos.

A internet serve para as pessoas esconderem a sua personalidade... fingirem ser um ideal, algo que gostariam

de ser... vejo muito isso no MSN. Já me aconteceu alguns gajos dizerem que são uma coisa e são outra... muitos nem aparecem... até marcam encontro e depois ficam de longe a ver e não aparecem, seguramente por medo de enfrentar a realidade ou, noutros casos, por falta de educação. A internet facilita tudo... para o bem e para o mal. É muito mais fácil rejeitar alguém que nos rejeita também e lidar com isso, dado que estamos encobertos. E27

Vale a pena, a este propósito, debruçarmo-nos um pouco sobre uma experiência particular partilhada por um dos participantes. Assumindo, desde o início da entrevista *online*, o facto de representar, há alguns anos, uma personagem num palco *online* específico (e.g., sala de conversação) perante outros utilizadores assíduos desse mesmo palco, durante a sua reflexão, este participante começa por explicar as razões que conduziram e alimentaram tal aventura.

O meu nickname é [...] já há muitos anos... e naquele chat [trata-se de uma sala de conversação com nome de uma cidade portuguesa] todos pensam que sou uma rapariga louca. Começaram a interessar-se por mim ao ponto de criarem um clube de fãs da [...] e agora tenho de assumir esse papel... por isso tenho este endereço de MSN. [Porém] (...) às vezes eu próprio chego a odiar a [Refere-se ao nickname que o identifica como mulher no MSN] (...) é estúpida e oca. E28

Sobre as motivações que o conduziram a criar a personagem, refere:

As motivações foram estranhamente engraçadas... havia há uns anos atrás alguém com o nickname (...) e queria uma noiva, mas ele era muito ordinário... decidi então colocar este nickname e candidatar-me ao lugar. Há poucos meses atrás decidi parar com isto e revelar a verdade a alguns desses homens [apresentados como heterossexuais] com quem costumava falar em nome da [Identifica o nickname] e, para minha surpresa, continuam a querer encontrar-se comigo. E28

A viver o luto pela morte do seu companheiro, em grande parte de forma solitária e silenciosa, em virtude de não ter, até ao momento da entrevista *online*, partilhado com ninguém das suas relações *offline* (e.g., família, amigos, colegas de trabalho) a sua orientação sexual, este participante de 33 anos, licenciado, apresentado como homossexual, para quem ser homem foi definido como “*ter a*

capacidade de conseguir viver o melhor possível consigo e com os outros, e conseguir continuar a respirar mesmo quando nos sentimos asfixiados pelo sofrimento” colocou de parte, ao longo das 4 horas de entrevista online, a sua personagem habitual de um dos palcos online, tendo aceite o desafio para falar de si e desta sua longa experiência.

Deve achar que eu tenho dupla personalidade por causa da [Identifica o nickname feminino] e do [Identifica o nickname masculino]. [Ao perguntar se o próprio considera que tem dupla personalidade, responde:] (...) eu acho que sim, mas no sentido de que encarno a personagem [Identifica o nome verdadeiro] feliz, todos os dias. E28

Face ao exposto, não terá sido por acaso que este participante, no final da entrevista online, a avaliou desta forma:

Fez-me muito bem este bocadinho grande, obrigado. E28

6.3.1.2 A criação de um perfil

A criação de um perfil resulta de um mapeamento possível de diferentes experiências partilhadas pelos participantes no que respeita às (trans)formações das suas expectativas em navegar em diferentes espaços de interacção facilitados pelo ciberespaço, em particular, as salas de conversação, as redes sociais e as mensagens instantâneas (e.g., MSN).

A possibilidade de comunicar no ciberespaço, bem como a de criar um perfil, facilita-me a satisfação da necessidade de ter alguém para amar e partilhar os meus bons e maus momentos. Sei que não é a melhor forma de conhecer alguém, mas nos bares gay também não é a melhor forma, daí ter pensado que mal por mal iria tentar na internet, e tentei. A situação de um homossexual é complicada, pois não posso sair à rua e meter-me com os homens, por isso esta foi uma forma que encontrei. E11

Comecei as minhas incursões pela internet no início de 2000, ainda no armário. Nessa altura, achava que era um meio ideal para conhecer a alma-gêmea e acreditava piamente nisso. Também saio à noite,

e vou conhecendo pessoas à noite, mas há pessoas maravilhosas que não saem à noite. A motivação primeira, confesso honestamente, continua a ser aquela missão impossível de encontrar a alma-gêmea, o príncipe encantado, esse mito. E19

Foram também encontradas motivações descritas como inicialmente aliadas fundamentalmente ao sexo, mais concretamente à procura de um parceiro sexual, mas que entretanto evoluíram para o desejo de uma reciprocidade amorosa.

Quando criei o meu perfil fi-lo principalmente a pensar em sexo, tanto que o meu nickname era outro (...). Com o passar do tempo habituei-me a ir ao chat por diversão e fiz alguns amigos. Claro que não sou santo e estive em algumas coisas mais íntimas com outros utilizadores. Depois cheguei à conclusão que sexo por sexo é bom, mas deixa sempre um vazio bem grande lá no fundo. Preciso de algo mais... preciso de partilhar a vida, amorosa incluída, com alguém. E13

Na internet, a motivação primeira acaba por ser conhecer pessoas, arranjar companhia, mesmo que apenas virtual. Pelo meio, vão-se conhecendo pessoas ao vivo e se houver empatia mútua pode haver sexo. Uma só vez ou repetidas vezes. E19

Criei o meu perfil para assim mais facilmente poder conhecer outros homens. É mais fácil e rápido... eu nunca conseguiria falar e conhecer pessoas tão rápido de outra maneira, nem mesmo num bar. E27

Sou utilizador da internet, mais especificamente dos chats, há um ano, sensivelmente. Inicialmente, para ser sincero, comecei por motivos de engate... agora recorro mais para procurar namoro e acho que já o descobri. E30

Este desejo de partilhar a vida com um outro, de encontrar alguém especial através da *internet*, foi ainda explicado em função de uma débil rede de suporte social e emocional nos palcos *offline* (e.g., família, amigos, colegas de trabalho), tendo sido especialmente destacada a superficialidade das conversas mantidas com a família, com os colegas e a maior parte dos amigos.

Quando inicialmente criei o meu perfil no gaydar, as expectativas não eram muitas, mas é melhor que não ter nada e não fazer nada. Actualmente sinto que já passei a fase de sair na noite. Essa foi uma fase que considero que tinha que acontecer, mas já passou, faz parte da evolução natural. Hoje sou mais maduro, sei mais o que quero e o que não quero, as pessoas que não interessam e as que interessam. Interessam-me pessoas calmas, maduras, inteligentes, cultas, etc. [Actualmente] (...) tenho perfil no bear e no gayromeo. Mas tornei-me mais neutro, em termos de expectativas. Se eu vir que o outro quer apenas sexo e eu estiver a fim, até pode ser... não sou de ferro! Mas isso acontece muito pouco. O que eu procuro mesmo é uma relação ou amizade. E27

Admito que já fiz alguns amigos através da internet. Poucos, mas até a data parecem ser bons. Sei que as pessoas podem muito facilmente colocar fotos que não são suas e fazerem-se passar por outras pessoas. [Por isso] (...) digo sempre que não tenho fotos no computador, apenas webcam para obrigar as pessoas a se mostrarem também, tal como eu. E11

Por fim, foram apontadas algumas desilusões relacionadas com as realidades encontradas durante as experiências de navegação no ciberespaço. Alguns entrevistados colocam-se numa posição de excepção quando comparados com os restantes participantes. No caso que seguidamente apresentamos, a aparente ausência de reflexividade do participante situa-se ao nível deste admitir uma espécie de classe superior de homossexuais e bissexuais, na qual se inclui, que não necessita recorrer à *internet* para encontrar pessoas com quem possam relacionar-se. No entanto, o participante tem uma longa experiência de utilização deste recurso de comunicação, tendo sido, à imagem de todos os outros participantes, nesse palco que o encontrámos numa certa madrugada.

Sentia que andava lá toda a gente. Mas não anda. Digamos que a “nata” dos homossexuais e bissexuais não precisa da internet para nada, tem agilidade, contactos, dinheiro, beleza, estilo, etc. suficientes para levar bem a sua vida sexual sem precisar de se expor tanto. Quando muito, andam pelo hi5, não pelo gaydar. [Mais à frente esclarece o que entende ser a “nata” dos homossexuais] Não é uma visão elitista, relacionada com meio social ou nível económico. É uma visão dos gays compatíveis comigo: masculinos, cultos, educados, honestos, transparentes. E19

Na próxima passagem discursiva, foi apresentada uma visão de que no ciberespaço não se verificam rejeições com base em estereótipos, mas se atentarmos ao conteúdo do discurso facilmente identificamos as suas contradições.

No ciberespaço não há rejeições com base no preconceito; há sim com base nas características de cada um, por isso, por um lado, é mais honesto, mas, ao mesmo tempo, mais cruel. (...) É o anonimato que facilita tudo isso (...). E16

6.3.2 Privacidade, proximidade emocional e abertura no ciberespaço

Privacidade, proximidade emocional e abertura no ciberespaço dá continuidade à apresentação de diferentes e contraditórias experiências dos participantes por nós entrevistados *online*, a partir deste momento, dando visibilidade a múltiplos constrangimentos alimentados por dimensões culturais e familiares relacionados com a apresentação de si e a expressão emocional e afectiva, em particular nos palcos *offline* (e.g., família, amigos, colegas de trabalho).

6.3.2.1 Menor vulnerabilidade percebida, maior conforto

Menor vulnerabilidade percebida, maior conforto, resulta dos discursos que conferem à desmaterialização das relações sociais proporcionada pelo ciberespaço uma maior sensação de protecção:

É mais fácil a exposição no ciberespaço. Não estar a olhar nos olhos de outra pessoa, não a ter em carne e osso à minha frente é muito mais fácil. E12

Na internet tenho sempre a sensação de estar protegido. E13

Esta maior facilidade de exposição nos palcos *online* (e.g., salas de conversação, redes sociais, mensagens instantâneas) foi descrita como uma forma de libertação, favorável a um certo desbloquea-

mento pessoal, no que respeita à vivência de experiências sexuais e afectivas, mas também à partilha de questões relacionadas com o facto de se pertencer a um grupo socialmente estigmatizado.

A internet facilita uma sinceridade que muitas vezes, cara a cara, eu filtro. Noutras coisas, permite-me um desembaraço que ao vivo não tenho. Às vezes por medo ou insegurança, outras vezes por vergonha. E10

No início recorria aos chats, mas não falava de mim. Acho que tentava conhecer novas pessoas, só isso. Não queria ter de pensar no que se passava comigo e então preferia ouvir as histórias das outras, acabando por tentar esquecer os meus problemas ouvindo os dos outros. Neste momento falo bastante mais de mim, sobretudo o que não consigo dizer no contexto face-a-face. E12

A internet ajuda-me porque é outro mundo... ajuda-me a dizer coisas que não posso dizer frente a frente. Comecei a utilizar a internet e a ser menos tímido. Comecei também a falar com homens e hoje falo muito. No início era só para falar, desabafar... mas na internet é quase tudo maluco (eu não digo que também não seja um pouco)... O meu primeiro encontro e relação sexual com um homem foi conseguido através de um contacto via internet. Eu no início tive medo, mas depois estava mais à vontade e então aí marcámos um encontro e tivemos uma relação, mas não gostei... foi só chegar e foi logo dois pedaços de carne... nem alma havia... decidi não fazer mais assim e não fiz mais. E21

Conheci cerca de cinco pessoas via gaydar. A última conversa que tive com alguém através do gaydar, isto é, que obtive o seu MSN, correu muito mal. Era um gajo que só queria queca e gozar. Segundo ele dizia, era heterossexual, mas gostava de ter umas aventuras com rapazes. Falámos algum tempo, tudo no mesmo dia, e de repente ele bloqueou o meu contacto e nunca mais falou comigo. Só veio confirmar que não vale a pena tentar conhecer pessoal pelo gaydar. E22

A ausência de imagem permite-me sentir mais seguro. Caso a conversa não se desenvolva como eu gostaria, o facto da minha imagem não ter sido revelada permite-me controlar melhor o medo do ridículo. E30

A próxima passagem discursiva é alusiva a um homem de 40 anos, divorciado, pai de dois filhos menores de idade, apresentado como bissexual, e mereceu-nos uma especial atenção, ainda que

não tenha sido um caso raro no grupo dos 17 participantes. Questionado se costuma falar de si nos palcos *online* (e.g., salas de conversação, redes sociais, mensagens instantâneas), esclarece:

(...) para isso tenho os amigos de largos anos. E8

Todavia, quando questionado se partilha com esses seus amigos de largos anos aspectos relacionados com a sua vida afectiva, esclarece que ninguém das suas relações *offline* é sabedor da sua orientação bissexual, alegando ainda que:

(...) nesse aspecto sou reservado. Se não falava com eles da minha relação heterossexual, obviamente [e este “obviamente” é bastante importante para a nossa análise neste contexto] que não o faço sobre uma relação não heterossexual. O facto de não ter que dar obrigatoriamente a cara na internet faz com que me sinta mais desinibido ao nível da minha orientação sexual. E8

Outros participantes destacaram um maior conforto em conversar sobre si e sobre algumas questões importantes para si em palcos *online*, facto que retira da invisibilidade a opressão em que vivem nos palcos *offline* (e.g., família, amigos, colegas de trabalho), concretamente no que diz respeito, também, à sua expressão emocional e afectiva:

Aqui [No MSN] (...) sinto-me muito mais à vontade para dizer o que sinto... pessoalmente, jamais teríamos esta conversa. Aqui distraio-me um pouco. Posso estar a chorar que ninguém vê... basta colocar um lol e está tudo bem. Ou então posso fazê-lo, mas sem aquele receio da repreensão ou da troça que sei que poderia ser alvo nas relações cara a cara. E28

Ao vivo sou muito mais tímido, não avanço. Aqui, devido à ausência de imagem, por um lado e pelo facto de recorrermos mais à palavra, por outro, sinto-me mais seguro. Quando estou numa situação face-a-face tenho mais receio do ridículo e tenho mais dúvidas quanto ao saber se sou aceite ou não pelo outro. E30

A ideia de que a maior parte dos utilizadores que navegam por palcos *online*, designadamente em salas de conversação ou outros sítios com mensagens instantâneas, com fins meramente sexuais,

esteve presente no discurso de diferentes participantes, ainda que, na generalidade, estes fizessem questão de se distanciar dessa hipotética maioria:

Ao início era através do gaydar que conhecia as pessoas, mas mudou muita coisa desde que a minha última relação terminou. Ainda cheguei a inscrever-me novamente, mas tirei no dia a seguir o meu perfil. As pessoas que conheci não foram propriamente as melhores experiências que tive. [Por outro lado], parecia que estava a ir ao supermercado. E22

Ora bem, eu como disse não uso com intuítos desses... [fins sexuais]. Tenho dois endereços electrónicos, um profissional e outro para toda a gente (no caso do messenger), com o intuito do conhecimento. São amigos, conhecidos, amigos de amigos, conhecimentos através dos meus trabalhos na internet (fotos, blogue, etc.). Já não passo sem isto, se calhar, infelizmente... Sem querer deixo a internet dominar a minha vida... passo demasiado tempo aqui. E24

Encontro homens que só querem sexo e encontro jovens muito sós que querem uma relação amorosa quase à força. Encontro pessoas com quem posso teclar e partilhar ideias ou pontos de vista, embora muito poucas, a não ser em fóruns temáticos. Às salas gay ou bissexuais vou apenas por vezes, pois deprimem-me ainda mais. E28

[Quando se compara aos outros utilizadores] Sinto-me diferente. Mas também me sinto nos contextos normativos. Não ando à procura de sexo e digo-o abertamente. Não mantenho conversas sexuais, não tenho paciência. Mostro um lado romântico que atrai algumas pessoas, mas acredito que são uma minoria. Talvez uns 90% das pessoas estejam focalizados no sexo. E16

Face a este entendimento, quisemos explorar quem seriam, na óptica deste participante de 34 anos, os restantes 10% das pessoas.

São homens que têm consciência das dificuldades em encontrar gente interessante; esperam encontrar pessoas com quem conversar, amizade e, eventualmente, alguém especial. Procuram coisas melhores para as suas vidas, amizades, relacionamentos, mas também estão a par de que isso é difícil. Contudo, ainda assim, acreditam ser mais fácil do que no dia-a-dia [referindo-se aos palcos offline]. E16

O facto dos diferentes espaços de interacção do ciberespaço multiplicarem as hipóteses de encontrar alguém com quem se possa sentir maiores afinidades identitárias e sexuais, pela fragilização dos constrangimentos habitualmente associados aos palcos *offline* (e.g., medo, vergonha), associado ao avançar da idade, constituiu, no discurso de alguns participantes uma outra ordem de razões para a navegação em diferentes palcos *online* (e.g., salas de conversação, redes sociais, mensagens instantâneas):

Digamos que entrei numa corrida contra o tempo. Preocupa-me o passar da idade, e o vazio que está para trás a esse nível, e que ainda tem de ser cumprido em tempo útil. E19

De qualquer forma, a fragilização de tais constrangimentos não deve ser lida como rompimento absoluto dos mesmos. De acordo com os discursos de diferentes participantes, o ciberespaço apenas permite avançar mais directamente para uma etapa que, não sendo a última, deixa ainda em aberto um conjunto de dificuldades:

[Falando sobre a sua experiência como utilizador de salas de conversação gay, refere:] (...) acho que a maior parte das pessoas se esconde por trás de um computador... é mais fácil... encontram-se pessoas com problemas de todo o género, até sexuais... desejam qualquer coisa que desconhecem, que idealizam, têm medo de enfrentar. Muito poucos são os gajos de cabeça sã, é o que acho! O gaydar desiludiu-me um pouco... não que eu tivesse muita expectativa... é como encontrar uma agulha em palheiro! E27

Não deixa de ser curioso, uma vez mais, a forma como também este participante de 37 anos, solteiro, licenciado, apresentado como homossexual, ao falar dos outros utilizadores dos mesmos palcos *online* frequentados por si, se refere à maior parte desses utilizadores como se estes se escondessem por detrás de um computador. Sobretudo, não deixa de ser curiosa esta posição se a contrastarmos com a descrição da sua própria experiência nos palcos *offline* (e.g., bares):

Por aqui eu consigo ver os perfis dos gajos, perguntar pelo seu endereço de MSN, falar, conversar, marcar um encontro e descartar em pouco tempo... num bar eu normalmente não falo com desconhecidos,

mas apenas com os amigos com quem vou. Posso eventualmente conhecer um amigo comum. Mas não se pense que eu prefiro a internet... quem me dera conhecer em bares... a internet é mesmo por uma questão de tempo, de facilidade. E27

Quisemos aferir, no final de cada entrevista *online* realizada com os participantes, os significados atribuídos pelos próprios ao momento da entrevista. A passagem discursiva que se segue encerra, por isso, o tema em análise e constitui uma espécie de voz representante das dezassete vozes escutadas neste Estudo 2.

Já sabe mais de mim do que muitos dos meus amigos! Se fosse para ter conversas destas [referindo-se à entrevista], talvez viesse cá mais vezes. Achei muito interessante mesmo este estudo e esta entrevista. Acho que foi uma oportunidade para falar, desassombradamente, de assuntos que, como viu, são particularmente pessoais, e sobre os quais, não é tanto o não conseguir enfrentá-los, mas antes explicá-los ou desenvolvê-los. São assuntos “intrínsecos”, estão cá, lido com eles todos os dias... mas uma coisa é falar alto com eles, outra é conviver com o seu silêncio. E24

Reflexões e perspectivas

Uma vez apresentados os discursos proferidos a propósito das questões inicialmente colocadas: *Sente que o ciberespaço lhe permite revelar-se de forma diferente e mais honesta do que em outros palcos? Por quê?* e *Sente que consegue expressar-se emocionalmente de forma mais espontânea no ciberespaço? Por quê?* surgiram diferentes configurações em torno das apresentações de si e do *self-disclosure* em diferentes palcos *online*, com particular destaque para as salas de conversação e as mensagens instantâneas trocadas, fundamentalmente, através do MSN.

Neste contexto, foram exploradas e contextualizadas diferentes experiências de acção e interacção no ciberespaço, desenvolvidas pelos participantes entrevistados *online*, tendo emergido duas construções discursivas, as quais designámos: a) a natureza paradoxal de um palco *wireless*; e b) privacidade, proximidade emocional e abertura no ciberespaço.

A reflexão crítica desenvolvida pelos diversos participantes em torno das suas experiências efectivas de utilização do ciberespaço, em particular da criação de páginas pessoais e respectivos perfis, e do diálogo estabelecido em diferentes salas de conversação com diferentes utilizadores, com ou sem imagem, através de mensagens instantâneas (e.g., MSN), revelou, por um lado, um contexto de opressão vivido nos palcos *offline* (e.g., família, amigos, colegas, local de trabalho), não apenas pelo facto destes pertencerem ao sexo masculino, mas também pelo facto de serem produzidos socialmente como uma minoria sexual estigmatizada.

Deste modo, as construções discursivas *A natureza paradoxal de um palco wireless e Privacidade, proximidade emocional e abertura no ciberespaço* sugerem um posicionamento de aceitação do ciberespaço como um espaço psicológico facilitador de múltiplas apresentações de si, onde se entrecruza uma diversidade de manifestações do comportamento humano. Tal facto vai, de resto, ao encontro do enunciado por Barak e Hen (2008), conforme explicitámos no capítulo III.

Foi neste contexto que a desmaterialização das relações sociais convencionais, tornada possível num palco *Sem fios, sem rasto*, foi associada por diversos participantes, com base nas suas experiências de navegação em múltiplos palcos *online*, ao facto do ciberespaço facilitar a interacção entre uma pluralidade de personagens.

Todavia, e de acordo com os discursos dos participantes, nem todas as interacções verificadas em palcos *online* teriam a mesma condição de verificar-se em palcos *offline* (e.g., família, local de trabalho, colegas, amigos, intimidade), quer por questões de rejeição da própria diversidade, quer por incompatibilidade de preferências, quer ainda por questões de improbabilidade de encontro.

Na verdade, a possibilidade de comunicar exclusivamente através do texto foi adjectivada como facilitadora da interacção social. Concretamente, diferentes participantes explicaram que o facto da comunicação baseada em texto remeter para a invisibilidade diferentes detalhes característicos de cada utilizador (e.g., aparência física, forma de vestir, forma de andar, forma de falar), facilita o desenvolvimento de interacções sociais, cuja viabilidade em palcos *offline* poderia não ser a mesma.

Mais especificamente, o que diferentes participantes sustentaram foi que, por vezes, nos mais diversos palcos *offline* (e.g., locais de lazer, local de trabalho, escola), uma pessoa facilmente não inicia sequer uma interação com outra pelo simples facto de avaliar negativamente essa outra com base nas imagens que esta lhe transmite. Faz-nos sentido chamar aqui a atenção para as questões do estigma, tão bem retratadas por Goffman (1963) [1982] e, em particular, a sua chamada de atenção para o facto de nos prendermos mais facilmente a uma linguagem de atributos e menos de ligações.

De acordo com os discursos, a linguagem utilizada no ciberespaço poderá mais facilmente funcionar, comparativamente com os palcos *offline*, como uma linguagem de ligações, o que não quer dizer que no mesmo não ocorra também uma linguagem de atributos.

Nesse sentido, os discursos apontaram para diferentes exemplos de rejeições sociais com base em critérios como a forma de vestir, a forma de falar ou o aspecto físico, e menos baseadas em formas de pensar. Foi também nesse sentido que diferentes discursos sugeriram que o ciberespaço pode facilitar o desenvolvimento de uma cumplicidade entre utilizadores que, à partida, não surgiria em palcos *offline*.

Sem fios, sem rasto sugere ainda, de acordo com os discursos encontrados, um desejo de libertação dos participantes, desejo esse tornado viável pelo ciberespaço, em boa parte devido ao anonimato que este lhes concede. Sugere ainda, como se disse, novas possibilidades de diálogo e entendimento com base em critérios que se encontram para lá do aparente, ou seja, dos atributos. Tal facto conduziu mesmo um dos participantes a reflectir o seguinte:

O facto das pessoas não terem necessariamente de dar a cara [no ciberespaço] pode facilitar até uma maior profundidade no conhecimento que ambas podem fazer uma da outra, já que o aspecto exterior, ao qual somos sempre tão sensíveis, aqui pode não colocar-se. (...) Assim, e se às vezes deixamos de conhecer alguém simplesmente pelo facto dessa pessoa não nos atrair fisicamente, aqui podemos conhecer outras dimensões dessa pessoa e permitirmo-nos encantar por isso. Depois, o físico pode até deixar de ser tão importante. E27

Face a este encadeamento, *A criação de um perfil* emerge de uma visibilidade discursiva associada ainda ao facto da maioria dos participantes ter desejado (e continuar a desejar) encontrar alguém “especial” E19. A maioria dos participantes manifestou o seu desejo em encontrar alguém com vista ao desenvolvimento de uma relação afectiva idealizada à luz de um modelo de amor romântico (Bourdieu, 1998 [1999]), ainda que tenhamos lido discursos que acrescentaram motivações, em tempos, relacionadas com “encontrar alguém com quem ter sexo” E13.

Ainda assim, estes últimos discursos sugeriram que a criação de um perfil pensada com e para fins sexuais se prendeu, fundamentalmente, com uma assimetria de poder entre os homens que podem demonstrar publicamente (e.g., local de trabalho, cinema, esplanada, transportes públicos, restaurante, centro comercial) o seu afecto e o seu desejo sexual por mulheres e aqueles que não o podem demonstrar (e.g., homossexuais), dado os mesmos se dirigirem a pessoas do mesmo sexo.

Basicamente, foram apontadas dificuldades, geradas socialmente, ao estabelecimento de relações afectivas por parte dos participantes em palcos *offline*, devido ao facto dos homens não heterossexuais continuarem a ser socialmente fabricados como não normativos e, dessa forma, serem induzidos a silenciar a sua vida afectiva quer em palcos como a família, os amigos ou o local de trabalho. Nesse sentido, e uma vez mais, o ciberespaço surge como um palco favorável ao desenvolvimento de interacções sociais e, desta forma, associado a uma experiência de opressão vivenciada em palcos *offline*. Consequentemente, é possível ainda vislumbrar-se aqui um desejo de libertação.

Ainda assim, importa esclarecer que na mesma linha dos resultados encontrados por Ben-Ze'ev (2004), a propósito das relações românticas desenvolvidas em palcos *online*, as experiências relatadas pelos nossos participantes permitem-nos assinalar, como veremos a partir daqui, e em articulação com os efeitos de desinibição, diferentes paradoxos.

Assim, e se, por um lado, os discursos dos participantes sugerem que a interacção social mediada por computador permite uma maior sinceridade, aguçada pela possibilidade de anonimato, o que quer dizer, neste caso, por uma desinibição benigna (Joinson, 2001), os mesmos reconhecem a

possibilidade de maior fraude, em alguns casos apresentada como se de uma “*invenção de si*” E16 se tratasse.

Todavia, e ainda que durante a realização da entrevista *online* tenha sido partilhada a experiência de um participante que confessou vestir a pele de uma mulher nas suas interações com outros utilizadores, a mesma não nos permite enquadrá-la numa desinibição tóxica (Joinson, 2001), dado tal situação não constituir algo de ilícito ou punível por lei.

Aliás, e tal como tivemos oportunidade de explicitar a experiência deste participante, o mesmo teve não só oportunidade de contextualizar a emergência desta fraude, como de explicar que a mesma havia já sido desmontada por iniciativa do próprio. Facto interessante denotado foi o próprio ter minimizado esta fraude por referência a uma outra fraude (auto)percebida como maior. Falamos, designadamente, deste participante ter mencionado encarnar um personagem nos palcos *offline* (e.g., família, amigos, local de trabalho) que pouco corresponde à forma como o próprio se vê e se sente.

Na verdade, em geral, as situações de fraude relatadas prenderam-se, fundamentalmente, com a possibilidade de apresentações de si com base em critérios de desejabilidade social e não propriamente descritivos da realidade de quem, na verdade, se apresenta. Alguns exemplos foram apontados no sentido de apresentações de acordo com aspectos físicos diferentes da realidade, porém, mais próximos de ideais de beleza específicos (e.g., homem alto, corpo definido, olhos claros). Tais situações foram, porém, trazidas à fala pelos participantes, a fim destes mencionarem possibilidades e não propriamente experiências pessoais nesse sentido.

Por outro lado, se é verdade que a generalidade dos discursos aponta para uma comunicação *online*, não raras vezes, pautada por fortes ligações entre utilizadores, por outro lado, não é menos verdade que os mesmos reflectem, em diferentes casos, situações em que os utilizadores nunca se apresentaram entre si em qualquer palco *offline*, facto que nos leva a repensar a noção de fronteiras (Ben-Ze'ev, 2004). De resto, a mesma necessidade que há para repensar tal noção quando falamos de pesquisa mediada por computador (Markham & Baym, 2009).

Por outro lado ainda, se é verdade que a comunicação mediada por computador encerra uma distância física, não menos verdade é também o facto da mesma não poder ser lida em termos de ausência de proximidade, neste caso, emocional.

É neste contexto que emerge a construção discursiva *Privacidade, proximidade emocional e abertura no ciberespaço*, a fim, como dissemos anteriormente, relatar diferentes experiências partilhadas pelos participantes em torno da apresentação de si em diferentes palcos *online* (e.g., salas de conversação, redes sociais, mensagens instantâneas). Na verdade, esta construção discursiva remete para situações em que os participantes falaram de si e das suas experiências concretas, colocando em evidência uma utilização das salas de conversação alicerçada numa maior sinceridade, avaliada pelos mesmos como uma forma de libertação das amarras organizadas por convenções sociais.

Em boa verdade, as diferentes experiências de interacção no ciberespaço partilhadas pelos participantes e a forma como as mesmas foram sendo justificadas, desafiaram-nos a uma problematização que articula os obstáculos à construção e vivência de diferentes identidades características da existência humana (Talburt & Steinberg, 2000 [2007]), de resto, abordados no capítulo I, e os contributos do ciberespaço para a melhoria da qualidade de vida dos seus utilizadores (Amichai-Hamburger & Furnham, 2007), explicitados no capítulo III.

Assim, e se, por um lado, as possibilidades de punição (e.g., verbal, física, ostracismo, indiferença) sempre que alguém se distancia das expectativas heteronormativas, aqui entendidas como próximas da ideia de masculinidade hegemónica (explicitada no capítulo I) foram, de acordo com os discursos dos participantes, incorporadas por estes, dando lugar a uma regulação do desempenho social dos mesmos, por outro lado, o anonimato possibilitado pelo ciberespaço facilita, uma vez mais, de acordo com os discursos, uma maior e autêntica exposição de si e, nesse sentido, um exercício de poder associado às identidades.

Tais resultados vão de encontro às posições defendidas por Zhao et al., (2008), na medida em que estes sustentam que o ciberespaço pode funcionar como um palco de *empowerment* associado às identidades e também um espaço de suporte social e emocional.

Na verdade, foram vários os participantes que se referiram ao ciberespaço como um lugar de possibilidades para uma apresentação de si menos constrangida e uma interação entre utilizadores igualmente facilitada pela fragilização de barreiras habitualmente presentes nas interações face-a-face. Tais experiências vêm corroborar, uma vez mais, os efeitos de desinibição benigna mencionados por Joinson (2001).

Não deixa de ser interessante, porém, ter-se verificado uma posição de suspeita face à sinceridade dos outros utilizadores. Aliás, uma suspeita idêntica à que, em parte, justificou a direcção dos primeiros estudos dedicados ao tema do ciberespaço (e.g., Greenfield, 1999; Kraut et al., 2002; Young, 1998). Contudo, quando falam de si e das suas experiências pessoais, a generalidade dos participantes sustenta que o ciberespaço, mais concretamente as salas de conversação, funcionam como uma espécie de *“balão de oxigénio onde sei que posso colocar de lado a máscara que carrego no meu dia-a-dia”* E10.

Síntese

A apresentação e discussão dos resultados provenientes das entrevistas *online* realizadas com pessoas que se apresentaram como homens com uma orientação sexual socialmente entendida como não normativa, leia-se, não heterossexual, bem como de pessoas que se apresentaram como homens desligados de uma categoria estável e identificadora de uma orientação sexual reflectiram, como se disse, os três temas emergentes da leitura no nosso *corpus* de análise, os quais recordamos: 1) homens e masculinidades; 2) sexualidades masculinas e domesticação emocional e afectiva; e 3) da experiência da opressão, ao desejo de libertação: Identidades e poder no ciberespaço.

Sintetizamos agora aqueles que se revelaram contributos para um entendimento possível acerca de diferentes dramaturgias protagonizadas por este grupo de 17 participantes em torno das apresentações de si, das emoções e dos afectos em palcos *offline* (e.g., família, colegas, amigos, local de trabalho, intimidade) e *online* (e.g., salas de conversação, redes sociais, mensagens instantâneas).

Assim, as 17 vozes procedentes, de acordo com o discurso dominante, do “outro lado da linha” (Santos, 2009, p.23), ou, se preferirmos, em função do mesmo discurso, de “gente remota e estranha” (Vale de Almeida, 2009, p.23), deram visibilidade a uma fragilização acrescida de poder relacionada com a apresentação de si, fomentada por um conjunto de prescrições heteronormativas que (des)legitimam os homens em função da variável orientação sexual. Tais resultados coincidem com o pensamento desenvolvido por Connell (1995) e Vale de Almeida (1995), ao representarem as masculinidades não heterossexuais como subordinadas e marginalizadas.

Os resultados evidenciaram, conforme se disse, uma oscilação de posicionamentos, impulsionadores de diversas (im)possibilidades de acção verificadas em diferentes palcos. Concretamente, os palcos *offline* surgem como lugares particularmente opressivos para apresentações de si, das emoções e dos afectos que incluem qualquer divergência face à ideia de masculinidade hegemónica (Connell, 1995; Vale de Almeida, 1995). Por outro lado, os palcos *online* emergem como palcos favoráveis à libertação dos constrangimentos socialmente fabricados em torno das masculinidades, da expressão emocional e afectiva e, nesse sentido, como palcos de exercício de poder.

CONCLUSÃO

**BINARISMOS E HIERARQUIZAÇÕES:
FRAGILIDADES CONCEPTUAIS E
POTENCIALIDADES REGULADORAS DE SI**

Tornar-se homem: Dramaturgias em torno das apresentações de si, das emoções e dos afectos em palcos *offline* e *online*. Eis o título e, simultaneamente, o objecto de uma investigação que, como dissemos, envolveu uma problematização de diferentes configurações e interpretações das masculinidades, das apresentações de si, das emoções e dos afectos em diferentes palcos do quotidiano (e.g., família, amigos, local de trabalho, intimidade, salas de conversação, mensagens instantâneas, redes sociais).

Relembraremos, a partir daqui, o nosso percurso de investigação, sistematizando as suas principais linhas condutoras de pensamento teórico, epistemológico e metodológico, e destacando os principais pontos de chegada. Antes ainda de “baixar o pano”, mas já recolhidos nos bastidores, sublinharemos aquelas que, em nosso entender, poderão ter sido limitações desta investigação, cuja responsabilidade desde já assumimos. Esperando, contudo, que o presente trabalho possa ser lido como um contributo para o alargamento das ideias científicas em torno dos homens, das masculinidades e da expressão emocional e afectiva, finalizaremos com a indicação de algumas pistas de investigação futura, na convicção de que continua a ser preciso, como nos lembra Popper (1994) buscar um mundo melhor.

Começamos então por recordar que no Capítulo I reflectimos sobre os homens e as masculinidades, tendo por base um conjunto de símbolos, expectativas e punições alimentados pelo discurso dominante. Situámos, neste contexto, os debates entre modernidade e pós-modernidade e assumimos o pressuposto de que “o pensamento moderno ocidental é um pensamento abissal” (Santos, 2009, p.23).

Recorremos à metáfora dos dois lados da linha proposta por Santos (2009), e representámos, em função do discurso dominante, “deste lado da linha” (Santos, 2009, p.23) o ideal de masculinidade, designado por masculinidade hegemónica (e.g., Connell, 1995; Vale de Almeida, 1995) e do “outro lado da linha” (Santos, 2009, p.23) as masculinidades subordinadas (Connell, 1995).

Ainda na fase das leituras mais iniciais e por nós realizadas, e porque o objecto de estudo escolhido teve por base, conforme mencionámos na introdução deste trabalho, para além de motivações sociais e científicas, motivações pessoais aliadas a um processo pessoal de construção identitária social-

mente entendida como não normativa, ponderámos o interesse em articular a construção social das masculinidades com diferentes símbolos de prestígio e símbolos de estigma (Goffman, 1959 [1993]).

Desde o início que considerámos que esta seria uma articulação pertinente e útil para uma compreensão possível do objecto que serviu de base à nossa investigação, o qual, uma vez mais, aqui recordamos: as dramaturgias desenvolvidas por homens em torno das apresentações de si, das emoções e dos afectos em palcos *offline* e *online*.

Nesta linha de pensamento, configurámos a masculinidade hegemónica como um símbolo de prestígio e as masculinidades subordinadas como símbolos de estigma e retirámos da invisibilidade um conjunto de expectativas heteronormativas e de punições, por sua vez, potenciadoras de implicações nocivas para a saúde dos homens.

Face a este encadeamento, e já no Capítulo II, lançámos um olhar pela construção histórica e discursiva das sexualidades, tendo considerado problemático, à luz das concepções alternativas a um modelo sexológico dominante, pensar o sexo e as sexualidades como um fenómeno desligado da sociedade e da cultura.

Na teoria dos *scripts* sexuais (Simon & Gagnon, 1986) encontrámos uma moldura teórica que nos permitiu desafiar as leituras mais convencionais, ainda que dominantes, em torno do sexo, das sexualidades e da expressão emocional e afectiva. Sustentámos, com base na literatura consultada, que as sexualidades humanas são efectivamente marcadas por questões simbólicas e de poder.

Partimos também do pressuposto, apoiados em Gross e Thompson (2007), de que os homens, em particular no contexto da modernidade ocidental, aprenderam, desde cedo, a regular a expressão emocional e afectiva em diferentes palcos *offline* (e.g., família, amigos, escola, local de trabalho, intimidade) e contestámos a ideia de expressão emocional e afectiva determinada exclusivamente pela natureza.

Nesse sentido, demonstrámos um conjunto de configurações opressivas (e.g., sociais, familiares) responsáveis pela regulação do desempenho dos homens em nome de uma fachada social

materializada pela ideia de masculinidade hegemónica. Por fim, e ainda no mesmo capítulo, identificámos riscos, oportunidades e ansiedades emergentes de contradições associadas às transformações da intimidade.

Chegados ao Capítulo III, pensámos o ciberespaço como um espaço de suporte social e emocional. Tal ideia teve por base a leitura de um conjunto de trabalhos inscritos num território científico emergente, a ciberpsicologia, e que dão conta do ciberespaço enquanto espaço psicológico favorável a múltiplas apresentações de si e ao *self-disclosure online* (e.g., Amichai-Hamburger & Furnham, 2007; Barak & Hen, 2008; Barak & Suler, 2008a, 2008b; Ben-Ze'ev, 2004; Schouten, 2007; Zhao et al, 2008). Neste contexto, apresentámos diferentes espaços de interacção síncrona e assíncrona dentro do ciberespaço (e.g., páginas pessoais, blogues, salas de conversação, mensagens instantâneas, redes sociais).

Já no Capítulo IV, referente à metodologia, apresentámos os pressupostos teóricos e epistemológicos orientadores da nossa investigação (e.g., construcionismo social, teoria *queer*) e identificámos, justificando, as nossas opções metodológicas (e.g., pesquisa qualitativa mediada por computador, análise temática, análise foucaultiana do discurso). Terminámos este capítulo abordando diferentes questões associadas aos estudos interpretativos (e.g., rigor teórico, rigor metodológico, rigor interpretativo).

Relembradas as linhas condutoras de pensamento teórico, epistemológico e metodológico, recordaremos, a partir daqui, a organização do Capítulo V, referente ao Estudo 1, e do Capítulo VI, referente ao Estudo 2. De seguida, avançaremos para uma sistematização conjunta dos principais pontos de chegada alcançados com os dois estudos, procurando construir um discurso que articule reflexões e perspectivas dedicadas ao conjunto dos resultados e menos à comparação entre si. Embora reconheçamos a possibilidade de estabelecer tais comparações, tal não constituiu, no âmbito da nossa investigação, um objectivo.

Assim, o Capítulo V apresentou e discutiu os resultados provenientes das entrevistas *online* realizadas com pessoas que se apresentaram como homens com uma orientação sexual socialmente entendida como normativa, leia-se, heterossexual. O Capítulo VI, por sua vez, apresentou e discutiu

os resultados provenientes das entrevistas *online* realizadas com pessoas que se apresentaram como homens com uma orientação sexual socialmente entendida como não normativa, leia-se, não heterossexual. Este último capítulo registou ainda os contributos de participantes que se apresentaram como homens não vinculados com qualquer categoria estável e identificadora de uma orientação sexual (e.g., heterossexual, homossexual, bissexual), anunciando posicionamentos próximos da teoria *queer*.

Uma vez constituído, através das entrevistas *online*, o *corpus* que serviu de base às nossas análises, emergiram, como se disse, três temas, os quais, uma vez mais, recordamos: 1) homens e masculinidades; 2) sexualidades masculinas e domesticação emocional e afectiva; e 3) da experiência da opressão, ao desejo de libertação: Identidades e poder no ciberespaço.

Sistematizaremos, conforme referimos, a partir daqui, os principais pontos de chegada alcançados com os dois estudos, começando, no entanto, por recordar as bases de discussão de cada um dos temas identificados.

Assim, homens e masculinidades organizou e discutiu os resultados provenientes de múltiplas construções identitárias sugeridas pelos dois estudos, evidenciando diferentes potencialidades e fragilidades de um projecto moderno ocidental obstinado em classificar o mundo numa óptica binária, iludido por uma crença quanto à oportunidade de controlar qualquer forma de ambiguidade.

Concretamente, e das perguntas inicialmente colocadas aos participantes: *O que é para si ser homem?* e *O que é ser homem no contexto da sociedade em que vive?* emergiu uma assimetria de poderes associada a uma hierarquização das masculinidades, sendo que a masculinidade hegemónica surgiu como uma espécie de ideologia universal, experienciada em jeito de crença pelos participantes dos dois estudos, quanto à forma como um homem deve “ser” e “parecer”, o que significa: heterossexual, fisicamente robusto, auto-suficiente e emocionalmente controlado. Por outro lado, foi revelada uma diversidade de identidades masculinas independente da orientação sexual, silenciada por contextos opressivos que as remetem para “dentro do armário”, potenciando, deste modo, a ocorrência de implicações negativas para a saúde, designadamente, maiores situações de stresse e ansiedade.

Já o tema sexualidades masculinas e domesticação emocional e afectiva organizou e discutiu os resultados procedentes de uma problematização entre as diferentes construções identitárias identificadas e analisadas no tema anterior, articulando-os agora com as diferentes estratégias de regulação da expressão emocional e afectiva em diferentes palcos *offline* (e.g., família, colegas, amigos, local de trabalho, intimidade), contextualizando-as ainda na complexidade das suas origens, propósitos e consequências.

Concretamente, e das perguntas inicialmente colocadas aos participantes: *Em seu entender, qual o lugar das emoções e dos afectos na vida quotidiana?* e *Como é que habitualmente lida com as suas emoções, em particular quando se sente mais triste?* emergiu uma configuração da expressão emocional e afectiva entendida como construção social e discursiva que indicia diferentes papéis e deveres sociais em função do género.

De acordo com os resultados, os homens são direccionados para a incorporação da ideia de que relatar determinadas emoções (e.g., amor, choro, medo, tristeza) constitui um sinónimo de fraqueza e, nesse sentido, uma ameaça à sua masculinidade. Tal facto alimenta, de acordo com os resultados, e em concordância com as perspectivas teóricas apresentadas, desempenhos alinhados com a fachada social pensada para os homens, ou seja, com a ideia de masculinidade hegemónica que, recorde-se, autoriza a expressão emocional dos homens em situações muito particulares (e.g., aversão, ira, raiva).

Por fim, da experiência da opressão, ao desejo de libertação: Identidades e poder no ciberespaço organizou e discutiu os resultados provenientes de uma problematização da natureza paradoxal do ciberespaço, enquanto palco facilitador de uma maior sinceridade, mas também de maior fraude, assim como de maior exposição, mas também de anonimato.

Deste modo, e através das questões de partida: *Sente que o ciberespaço lhe permite revelar-se de forma diferente e mais honesta do que em outros palcos? Por quê?* e *Sente que consegue expressar-se emocionalmente de forma mais espontânea no ciberespaço? Por quê?*, emergiu uma configuração do ciberespaço como palco revelador de diferentes experiências contraditórias de

poder e, simultaneamente, um palco de exercício de poder associado às identidades e à expressão emocional e afectiva.

O mesmo surgiu como um lugar que estimula a mobilização individual e colectiva, favorecendo sentimentos de pertença e, nesse sentido, (mais) uma “chave” para abrir o armário (Vale de Almeida, 2009), denunciando inúmeros paradoxos de uma sociedade que se diz atenta aos direitos, liberdades e garantias dos cidadãos que lhe dão vida.

Sistematizados os principais pontos de chegada relacionados com o objecto de estudo desta investigação, avançamos agora para outros pontos de chegada, desta vez, decorrentes das nossas opções teóricas, epistemológicas e metodológicas.

Nesse sentido, e em linha com os pressupostos do construcionismo social e da teoria *queer*, assumimos os nossos resultados como resultados possíveis e não como verdades absolutamente rigorosas, neutras e imparciais. cremos que as nossas leituras e interpretações dos discursos de quem connosco partilhou pedaços importantes de si, de formas de se ver, ser vistos e de se sentir, correspondem a pontos de vista inevitavelmente influenciados pelo nosso próprio percurso profissional, académico e, sem dúvida, pessoal.

Por outro lado, o facto de termos optado por uma pesquisa qualitativa mediada por computador facilitou, em nosso entender, auscultar configurações das masculinidades, das apresentações de si, das emoções e dos afectos, geralmente silenciadas nos palcos *offline* (e.g., família, amigos, colegas, local de trabalho, intimidade). A possibilidade concedida aos participantes da nossa investigação de comunicarem de forma síncrona e sem rosto facilitou, acreditamos, a revelação de aspectos mais íntimos, dado estes percepcionarem uma menor vulnerabilidade face ao contexto em que decorreram as entrevistas.

Esta é, de resto, uma conclusão igualmente sugerida pelos discursos que fomos encontrando em diversos blogues consultados ao longo da nossa investigação, onde diferentes homens falam de si e, com maior detalhe, dos constrangimentos por si percebidos e vivenciados pelo facto de não

se identificarem como estando “deste lado da linha” (Santos, 2009, p.23). É nesse contexto que, a título de divulgação, e sem qualquer pretensão de análise em profundidade, deixamos aqui três exemplos discursivos distintos, extraídos de três blogues diferentes, e que anunciam características igualmente interessantes para uma reflexão mais exaustiva, relativamente à comunicação mediada por computador de forma assíncrona.

Exemplo 1

O verde deste blogue é uma metáfora à Cidade das Esmeraldas, onde se encontra perdido o Feiticeiro de Oz. Tal como ele, também eu possuo um segredo. Tal como ele, também eu não sou exactamente aquilo que aparento ser. Tal como ele, também eu me escondo e me mostro aos outros de muitas maneiras, mas sem nunca me revelar por inteiro. (...) Não foi a primeira vez que me vi confrontado com a minha escrita, mas agora - e não tinha como ser de outra forma - teve um peso diferente. É um percurso coerente, o que não quer dizer que me continue a rever em tudo aquilo que pensei e que escrevi. Aliás, a bem da verdade, se tenho alguma qualidade, ela é certamente a de não ter pruridos em mudar de opinião ou de rever as minhas posições. (...) Este foi e é um blogue assumidamente escrito e pensado na primeira pessoa, mas sempre tive presente, como já disse antes, até onde queria ir na exposição da minha intimidade. Não vou recuar nesse propósito. Tenho, contudo, claro para mim que, em determinado momento, foi muito importante ouvir (ler) o que os outros tinham a dizer, por isso talvez seja chegada a hora, sem que possam ver nisso a mínima pretensão de servir de modelo ou de exemplo, de deixar o meu testemunho a quem, como eu, sente dificuldade em achar o seu rumo na estrada de tijolos amarelos (A Metamorfose de Oz, 2007).

Exemplo 2

Antes que leiam mais e se surpreendam com o seu conteúdo [do blogue], que saibam que os textos que se apresentam são o fruto de uma existência contida em mundos paralelos. Mundos que, por vezes, são entendidos como marginais, ou simplesmente diferentes por irem contra as regras e cânones instituídos... mas são meus! Posso ser o teu melhor amigo, o teu irmão, o teu parceiro de trabalho, o teu professor, o teu amante, mas simplesmente eu (Eu Confesso, 2006).

Exemplo 3

“É oficial. Está aberto o meu blogue. Depois de algumas tentativas falhadas, esta vai ser de vez. Estou mesmo

decidido disso. ☺ Após alguns meses a devorar diariamente blogues de vários autores, fartei-me de não poder também exprimir a minha opinião e os meus desabafos. (...) Enfim, vamos ver no que isto dá. Fica para um(ns) post(s) mais adiante uma descrição com mais pormenores sobre a minha pessoa. Posso no entanto desde já dizer que sou do Norte, de muito perto da Cidade Invicta. (...) Voltando ao meu blogue e ao que me levou a começá-lo. Devo dizer que a explicação mais convincente passa por uma necessidade de afirmação e de poder expor sem receios aquilo que penso e que preciso de dizer, que já não aguento mais guardar só para mim (Diferente como Eu, 2005).

Apresentados os principais pontos de chegada no âmbito da presente investigação, é agora o momento de apresentarmos aquelas que, em nosso entender, poderão ser consideradas algumas limitações da mesma. Equacionamos ainda, a partir das limitações, mas também de alguns desafios que se nos colocaram durante a concretização desta investigação, novas pistas de investigação futura e de necessidade de aprofundamento quanto ao domínio relacionado com a pesquisa qualitativa mediada por computador.

Desde logo, gostaríamos de referir o facto dos participantes da nossa investigação constituírem, na sua generalidade, um grupo diferenciado do ponto de vista das suas habilitações académicas. De facto, a maioria dos participantes tem uma formação académica superior, o que nos leva a questionar se as experiências de pessoas menos diferenciadas e até menos habilitadas para a utilização de computadores com acesso à *internet*, nos trariam outros relatos e outros pontos de vista.

Por outro lado, a maioria dos participantes é branca, urbana e residente no litoral. De fora ficaram, portanto, outros homens, de outras etnias, e outros ainda, residentes em meio rural e interior. Provavelmente teríamos enriquecido o nosso conhecimento e, dessa forma, prestado um contributo científico e social mais rico, caso tivéssemos tido oportunidade de auscultar as suas histórias.

Ficámos ainda com uma enorme curiosidade, por exemplo, de conversar sobre o objecto da nossa investigação, com homens desempregados de longa duração, mas também com homens ciganos, homens portadores de deficiência(s), homens baixos, de compleição física menos próxima do ideal dos homens que surgem em revistas como a *Men's Health* ou a *G Magazine*, por exemplo. Que espécies

de dramaturgias ensaiarão esses homens? A que estratégias de regulação emocional e afectiva recorrerão? Serão idênticas às que os participantes desta investigação connosco partilharam? Sobre estas e outras eventuais questões, apenas novas investigações poderão responder com maior credibilidade.

Por agora, e regressando à realidade da presente investigação, cumpre-nos recordar que todos os participantes envolvidos vivenciaram em tempos uma ruptura afectiva considerada importante pelos próprios. Este foi, de resto, um dos nossos critérios para a sua selecção. Foi esta a tentativa de conversarmos com pessoas que se apresentassem como homens e que, à partida, nos ofereceriam um bom contexto para explorar as estratégias de regulação emocional e afectiva, particularmente relacionada com as emoções que mais afastam os homens do ideal da masculinidade hegemónica. Cremos ter conseguido tal objectivo.

Umhas palavras ainda para uma reflexão breve relacionada com o contexto de recolha de informação empírica. Tal como referimos em sede própria, recorreremos à entrevista *online*. Foi um desafio com novas complexidades, designadamente em relação às formas de condução das entrevistas. Conduzir uma entrevista *online* não é exactamente o mesmo que conduzir uma entrevista face-a-face. Gerir os silêncios, as pausas, as reticências ou as emoções simbolicamente representadas por *emoticons* é algo que exige conhecimento, astúcia, sentido de oportunidade e, sobretudo, sensibilidade.

Todavia, este desafio foi estimulado por uma longa experiência pessoal e de diálogo em diferentes espaços de interacção no ciberespaço, a propósito do objecto retratado por esta investigação, em particular os de conversação síncrona (e.g., salas de conversação, mensagens instantâneas).

Na verdade, nos últimos anos temos conversado, de forma assídua, como dissemos, a propósito do tema por nós abraçado nesta investigação, com inúmeros homens. Homens que já vimos, homens que nunca vimos, homens que nunca ouvimos, apenas lemos, homens mais novos, homens da nossa idade, homens mais velhos, homens solteiros, homens casados, homens separados, homens divorciados, homens que vivem em união de facto, homens que se relacionam com mulheres, homens que se relacionam com homens, homens que se relacionam com homens e mulheres, homens que se relacionam sexualmente com mulheres e sonham relacionar-se sexualmente com

homens, homens que se relacionam sexualmente com homens e desejariam relacionar-se sexualmente com mulheres, homens sem filhos, homens com filhos, homens mais e menos escolarizados, homens que trabalham, homens desempregados, homens portugueses, homens de outras nacionalidades, homens que se dizem felizes, homens que se dizem menos felizes, homens que dizem acreditar no amor, homens que dizem ter deixado de acreditar, homens que choram, homens que dizem não conseguir fazê-lo, enfim, homens.

Para finalizar, resta-nos dizer que de tudo o que foi dito e reflectido, sobressai a urgência e a pertinência de considerarmos um pensamento pós-abissal (Santos, 2009), dado que os resultados evidenciaram, no conjunto dos estudos desenvolvidos, que a realidade não se esgota “deste lado da linha” (Santos, 2009, p.23) e que mesmo desse lado há também opressão, sofrimento e realidades por dizer e, já agora, com razão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A Metamorfose de Oz (2007). Disponível em <http://a-metamorfose-de-oz.blogspot.com/>. Consultada em de 8 Março de 2008.

Adamse, M., Motta, S. (2000). *Affairs of the net*. Deerfield Beach, FL: Health Communications.

Alarcão, M. & Relvas, A. P. (2002). *Novas formas de família*. Coimbra: Quarteto.

Alferes, V. (1997). *Encenações e comportamentos sexuais. Para uma psicologia social da sexualidades*. Porto: Edições Afrontamento.

Altman, I., & Taylor, D. A. (1973). *Social penetration: The development of interpersonal relationships*. New York: Holt, Rinehart and Winston.

Amâncio, L. (1994). *Masculino e feminino: A construção social da diferença*. Porto: Edições Afrontamento.

Amâncio, L. (2004). A(s) masculinidade(s) em que-estão. In L. Amâncio (Ed.), *Aprender a ser homem. Construindo masculinidades* (pp. 13-27). Lisboa: Livros Horizonte.

Amaral, A. L., & Moita, G. (2004). Como se faz (e se desfaz) o armário: Algumas representações da homossexualidade no Portugal de hoje. In A. F. Cascais (Org.), *Indisciplinar a teoria: Estudos gays, lésbicos e queer* (pp. 99-115). s/l: Fenda Edições.

Amichai-Hamburger, Y. (2005). Personality and the internet. In Y. Amichai-Hamburger (Ed.), *The social net: Human behavior in cyberspace* (pp. 27-55). New York: Oxford University Press.

Amichai-Hamburger, Y. (2008). The Contact Hypothesis reconsidered: Interacting via Internet: Theoretical and practical aspect. In A. Barak (Ed.), *Psychological aspects of cyberspace: Theory, research, applications* (pp. 209-227). Cambridge, UK: Cambridge University Press.

- Amichai-Hamburger, Y., & Furnham, A. (2007). The positive net. *Computers in Human Behavior*, 23, 1033–1045.
- Amichai-Hamburger, Kaynar, O., & Fine, A. (2007). The effects of need for cognition on Internet use. *Computers in Human Behavior*, 23, 880–891.
- Anderson, K. (1999). Internet dependency among college students: Should we be concerned? Paper presented at the 107th annual convention of the American Psychological Association, Boston, MA. Disponível em <http://www.rpi.edu/~anderk4/research.html>. (Consulta em Dezembro de 2005).
- Anthony, K. (2004). Therapy online – the therapeutic relationship in typed text. In G. Bolton, S. Howlett, C. Lago, & J. K. Wright (Eds.), *Writing cures: An introductory handbook of writing in counselling and psychotherapy* (pp. 133–141). Hove, East Sussex, UK: Brunner-Routledge.
- Antill, J. R. (1987). Parents' beliefs and values about sex roles, sex differences, and sexuality: Their sources and implications. *Review of Personality and Social Psychology*, 7, 294-328.
- Attride-Stirling, J. (2001). Thematic networks: An analytic tool for qualitative research. *Qualitative Research*, 1, 385-405.
- Averill, J. R. (1980). A constructivist view of emotion. In R. Plutchik & H. Kellerman (Eds.), *Emotion: Theory, research, and experience* (pp. 305-339). New York: Academic Press.
- Averill, J. R. (1983). Studies on anger and aggression: Implications for theories of emotion. *American Psychologist*, 38, 1145-1160.
- Averill, J. R. (1989). Stress as fact and artifact: An inquiry into the social origins and functions of some stress reactions. In C. D. Spielberger, I. G. Sarason, & J. Strelau (Eds.), *Stress and anxiety* (Vol. 12) (pp. 15-38). Washington, DC: Hemisphere.

Bachelard, G. (1971) [2001]. *A Epistemologia*. Lisboa: Edições 70.

Badr, H., & Acitelli, L. (2001). Weaving social support and relationships together. In B. Sarason, & S. Duck (Eds.), *Personal relationships: implications for clinical and community psychology* (pp. 2-14). West Sussex: John Wiley and sons.

Bai, Y. M., Lin, C. C., & Chen, J. Y. (2001). Internet addiction disorder among clients of a virtual clinic. *Psychiatric Service*, 52(10), 1397.

Bakan, D. (1966). *The duality of human existence*. Chicago: Rand McNally.

Baker, A. J. (2008). Down the rabbit hole: The role of place in the initiation and development of online relationships. In A. Barak (Ed.), *Psychological aspects of cyberspace: Theory, research, applications* (pp. 163-184). Cambridge: Cambridge University Press.

Barak, A. (1999). Psychological applications on the Internet: A discipline on the threshold of a new millennium. *Applied and Preventive Psychology*, 8, 231-246.

Barak, A. (2007a). Phantom emotions: Psychological determinants of emotional experiences on the Internet. In A. Joinson, K. Y. A. McKenna, T. Postmes, & U. D. Reips (Eds.), *Oxford handbook of Internet psychology* (pp. 303-329). Oxford: Oxford University Press.

Barak, A. (2007b). Emotional support and suicide prevention through the internet: A field project report. *Computers in Human Behavior*, 23, 971-984.

Barak, A. & Bloch, N. (2006). Factors related to perceived helpfulness in supporting highly distressed individuals through an online support chat. *CyberPsychology & Behavior*, 9, 60-68.

Barak, A., Boniel-Nissim, M., & Suler, J. (2008). Fostering empowerment in online support groups. *Computers in Human Behavior*, 24, 1867-1883.

- Barak, A., & Dolev-Cohen, M. (2006). Does activity level in online support groups for distressed adolescents determine emotional relief. *Counselling and Psychotherapy Research, 6*, 186–190.
- Barak, A., & Hen, L. (2008). Exposure in cyberspace as means of enhancing psychological assessment. In A. Barak (Ed.), *Psychological aspects of cyberspace: Theory, research, applications* (pp. 129-162). Cambridge: Cambridge University Press.
- Barak, A., & King, S. (2000). The two faces of the internet: Introduction to the special issue on the internet and sexuality. *CyberPsychology & Behavior, 3*, 517-520.
- Barak, A., & Sadosky, Y. (2008). Internet use and personal empowerment of hearing-impaired adolescents. *Computers in Human Behavior, 24*, 1802-1815.
- Barak, A. & Suler, J. (2008a). *Psychological aspects of cyberspace: Theory, research, applications*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Barak, A., & Suler, J. (2008b). Reflections on the psychology and social science of cyberspace. In A. Barak (Ed.), *Psychological aspects of cyberspace: Theory, research, applications* (pp. 1–12). Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Bargh, J. A., McKenna, K. Y. A., & Fitzsimons, G. M. (2002). Can you see the real me? Activation and expression of the “true self” on the Internet. *Journal of Social Issues, 58*(1), 11-48.
- Bargh, J. A., & McKenna, K. Y. A. (2004). The Internet and social life. *Annual Review of Psychology, 55*, 573–590.
- Barrett, M., & A. Phillips, (Eds.) (1992). *Destabilizing theory: Contemporary feminist debates*. Cambridge: Polity Press.

- Bartholomew, K. (1990). Avoidance of intimacy: An attachment perspective. *Journal of Social and Personal Relationships*, 7, 147-178.
- Bauman, Z. (1988) [1989]. *A Liberdade*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Bauman, Z. (1991) [2007]. *Modernidade e ambivalência*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Bauman, Z. (1995) [2007]. *A Vida Fragmentada. Ensaios sobre a moral pós-moderna*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Bauman, Z. (2008). *The art of life*. Cambridge: Polity
- Beard, K. W. (2005). Internet addiction: A review of current assessment techniques and potential assessment questions. *CyberPsychology & Behavior*, 8, 7-14.
- Beck, C. T. (2005). Benefits of participating in Internet interviews: Women helping women. *Qualitative Health Research*, 15, 411-422.
- Bechar-Israeli, H. (1996). From <Bonehead> to <cLoNehEAd>: Nicknames, play and identity on internet relay chat. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 1 (2).
- Bem, S., & Looren de Jong, H. (1997). *Theoretical issues in psychology: An introduction*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Ben-Ze'ev, A. (2003). Privacy, emotional closeness, and openness in cyberspace. *Computers in Human Behavior*, 19, 451-467.
- Ben-Ze'ev, A. (2004). *Love online: Emotions on the internet*. Cambridge: Cambridge University Press.

Berger, P., & Luckmann, T. (1966) [2004]. *A Construção social da realidade*. Lisboa: Dinalivro.

Binik, Y. M., Cantor, J., Ochs, E., & Meana, M. (1997). From the couch to the keyboard: Psychotherapy in cyberspace. In S. Kiesler (Ed.), *Culture of the internet* (pp. 71-100). Mahwah, NJ: Erlbaum.

Birnbaum, D. W., Nosanchuk, T. A., & Croll, W. L. (1980). Children's stereotypes about sex differences in emotionality. *Sex Roles*, 6, 435-443.

Blank, P. D. (Ed.). (1993). *Interpersonal expectations: Theory, research, and applications*. Paris: Cambridge University Press.

Blesch, K. (1986). Health beliefs about testicular cancer and self-examination among professional men. *Oncology Nursing Forum*, 13(1), 2228-2231.

Block, J. H. (1983). Differential premises arising from differential socialization of the sexes: Some conjectures. *Child Development*, 54, 1335-1354.

Boase, J., Horrigan, J., Wellman, B., and Rainie, L. (2006). The strength of internet ties. Washington, DC: Pew Internet & American Life Project. Disponível em http://www.pewinternet.org/pdfs/PIP_Internet_ties.pdf (Consultada em Maio de 2006).

Booth-Kewley, S., Edwards, J., & Rosenfeld, P. (1992). Impression management, social desirability, and computer administration of attitude questionnaires: Does the computer make a difference? *Journal of Applied Psychology*, 77, 562-566.

Bourdieu, P. (1989) [2007]. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Bourdieu, P. (1998) [1999]. *A Dominação Masculina*. Oeiras: Celta.

- Boyatzis, R. E. (1998). *Transforming qualitative information: Thematic analysis and code development*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Bowker, N., & Tuffin, K. (2002). Disability discourses for online identities. *Disability & Society*, 17, 327–344.
- Bowker, N., & Tuffin, K. (2003). Dicing with deception: People with disabilities' strategies for managing safety and identity online. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 8(2). Disponível em <http://jcmc.indiana.edu/vol8/issue2/bowker.html>. (Consultada em Outubro de 2006).
- Bowker, N., & Tuffin, K. (2004). Using the online medium for discursive research about people with disabilities. *Social Science Computer Review*, 22, 228–241.
- Braconnier, A. (1996) [1998]. *O sexo das emoções*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Brandth, B., & Kvande, E. (1998). Masculinity and child care: The reconstruction of fathering. *The Sociological Review*, 46, 293-313.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3, 77-101.
- Breen, J. (2002). Protecting pedestrians. *British Medical Journal*, 324, 1109-1110.
- Brittan, A. (2001). Masculinities and masculinism. In S. M. Whitehead & F. J. Barrett (Eds.), *The masculinities reader* (pp. 51-55). Cambridge: University Press.
- Brod, H. (Ed.) (1987). *The making of masculinities*. London: Unwin Hyman.

- Brody, L. R. (1997). Beyond stereotypes: Gender and emotion. *Journal of Social Issues*, 53, 369–394.
- Brody, L. R. (1999). The socialization of gender differences in emotional expression: Display rules, infant temperament, and differentiation. In A. H. Fischer (Ed.), *Gender and emotion: Social psychological perspectives* (pp. 24-47). Cambridge: University Press.
- Brody, L. R., & Hall, J. A. (1993). Gender and emotion. In M. Lewis & J. M. Haviland (Eds.), *Handbook of emotions* (pp.447-460). New York: Guilford Press.
- Burleson, B. (2003). The experience and effects of emotional support: What the study of cultural and gender differences can tell us about close relationships, emotion and interpersonal communication. *Personal Relationships*, 10, 1-23.
- Burr, V. (1995) [1997]. *Introducció al construccionisme social*. Barcelona: Edicions de la Universitat Oberta de Catalunya.
- Buss, D. M. (1992). Manipulation in close relationships: Five personality factors in interactional context: *Journal of Personality*, 60, 477-499.
- Butler, J. (1990). *Gender trouble: Feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge.
- Butler, J. (2004). *Undoing gender*. New York: Routledge.
- Camerena, P. M., Sarigiani, P. A., & Petersen, A. C. (1990). Gender-specific pathways to intimacy in early adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 19, 19-32.
- Caplan, S. E. (2002). Problematic Internet use and psychosocial well-being: Development of a theory-based cognitive-behavioral measurement instrument. *Computers in Human Behavior*, 18, 553-575.

- Carneiro, N. S. (2009). *"Homossexualidades": Uma psicologia entre ser, pertencer e participar*. Porto: Livpsic.
- Carneiro, N. S., & Meneses, I. (2004). Do preto e branco ao arco-íris: identidade LGBT e percursos de cidadania em Portugal. *Comunicação no II Congresso da Associação Portuguesa de Ciência Política*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Cascais, A. F. (2004). Um nome que seja seu: Dos estudos gays e lésbicos à teoria queer. In A. F. Cascais (Org.), *Indisciplinar a teoria: Estudos gays, lésbicos e queer* (pp. 21-89). s/l: Fenda Edições.
- Cass, V. (1979). Homosexual identity formation: A theoretical model. *Journal of Homosexuality*, 4 (3), 219-235.
- Cass, V. (1984). Homosexual identity formation: Testing a theoretical Model. *The Journal of Sex Research*, 20 (2), 143-167.
- Cassidy, J. (2006). Me media. *The New Yorker*, 15, 50-59.
- Chak, K., & Leung, L. (2004). Shyness and locus of control as predictors of internet addiction and internet use. *CyberPsychology & Behavior*, 7, 559-570.
- Chelune, G. (1979). *Self-disclosure: Origins, patterns, and implications of openness in interpersonal relationships*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Chen, H. (2006). Flow on the net – detecting web users' positive affects and their flow states. *Computers in Human Behavior*, 22, 221-233.
- Chen, K., Chen, I., & Paul, H. (2001). Explaining online behavioral differences: An internet dependency perspective. *Journal of Computer Information Systems*, 41, 59-63.

- Chester, (2004). *Presenting the self in cyberspace: Identity play in MOOS*. Tese de Doutorado não publicada. Department of Psychology. University of Melbourne, Austrália.
- Choti, S. E., Marston, A. R., Holston, S. G., & Hart, J, T. (1987). Gender and personality variables in film-induced sadness and crying. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 5, 535-544.
- Clark, M. S., & Reis, H. T. (1988). Interpersonal processes in close relationships. *Annual Review of Psychology*, 39, 609-672.
- Cohen, S. (2004). Social relationships and health. *American Psychologist*, 59(8), 676-684.
- Cohen, S., & Wills, T. (1985). Stress, social support, and the buffering hypothesis. *Psychological Bulletin*, 98(2), 310-357.
- Cole, P. (1986). Children's spontaneous control of facial expressions. *Child Development*, 57, 1309-1321.
- Collins, N. L., & Miller, L. C. (1994). Self-disclosure and liking: A meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, 116, 457-475.
- Colòn, Y. (1996). Chatter(er)ing through the fingertips: doing group therapy online. Women and performance: *A Journal of Feminist Theory*, 9, 205-215.
- Connell, R. W. (1987). *Gender and power: Society, the person and sexual politics*. Cambridge: Polity Press.
- Connell, R. W. (1992). A very straight gay: Masculinity homosexual experience and dynamics of gender. *American Sociological Review*, 57, 735-751.
- Connell, R. W. (1995). *Masculinities*. Berkeley: University of California Press.

- Connell, R. W. (2000). *The men and the boys*. Berkeley: University of California Press.
- Connell, R. W. (2001). The social organization of masculinity. In S. M. Whitehead & F. J. Barrett (Eds.), *The Masculinities Reader* (pp.30-50). Cambridge: Polity Press.
- Connell, R. W. (2005). *Globalization, Imperialism, and Masculinities*. In M. S. Kimmel, J. Hearn & R. W. Connell (Eds.), *Handbook of studies on men and masculinities* (pp. 79-89). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Connell, R. W. (2007). *Southern theory: The global dynamics of knowledge in social science*. Cambridge: Polity Press.
- Connell, R. (2009). *Gender: Short introductions*. Cambridge: Polity Press.
- Connell, R. W., J. Hearn, & M. S. Kimmel (2005). Introduction. In M. S. Kimmel, J. Hearn & R. W. Connell (Eds.), *Handbook of studies on men and masculinities* (pp. 1-12). Thousand Oaks, California: Sage Publications.
- Connell, R. W., & Messerschmidt, J. W. (2005). Hegemonic masculinity: Rethinking the concept. *Gender and Society, 19*, 829-859.
- Connes, B. (1972). The use of electronic desk computers in psychological experiments. *Journal of Structural Learning, 3*, 51-72.
- Cooper, A., Morahan-Martin, J., Mathy, R., & Maheu, M. (2002). Toward an increased understanding of user demographics in online sexual activities. *Journal of Sex and Marital Therapy, 28*, 105-129.
- Corbett, K. (2001). Faggot-loser. *Studies in Gender and Sexuality, 2*, 3-28.

- Cornelius, R. R. (1997). Toward a new understanding of weeping and catharsis? In A. J. J. M. Vin-gerhoets, F. J. Van Bussel, & A. J. W. Boelhouwer (Eds.), *The (non)expression of emotions in health and disease* (pp. 303-321). Tilburg University Press.
- Cornwell, B., & Lundgreen, D. C. (2001). Love on the internet: Involvement and misrepresentation in romantic relationships in cyberspace vs. real space. *Computers in Human Behavior*, *17*, 197-211.
- Courtenay, W. (2000a). Engendering health: A social constructionist examination of men's health beliefs and behaviours. *Psychology of Men and Masculinity*, *1*, 4-15.
- Courtenay, W. (2000b). Constructions of masculinity and their influence on men's well-being: A theory of gender and health. *Social Science and Medicine*, *50*(10), 1385-1401.
- Courtenay, W.H., & Keeling, R.P. (2000). Men, gender, and health: Toward an interdisciplinary approach. *Journal of American College Health*, *48*(6), 1-4.
- Cummings, J.N., Sproull, L., & Kiesler, S.B. (2002). Beyond hearing: Where real-world and online support meet. *Group Dynamics: Theory, research and practice*, *6*, 78-88.
- Cutrona, C., & Russell, D. (1987). The provisions of social relationships and adaptation to stress. *Advances in Personal Relationships*, *1*, 37-67.
- Cutrona, C., Suhr, J., & MacFarlane, R. (1990). Interpersonal transactions and the psychological sense of support. In S. Duck, & R. Silver (Eds.), *Personal relationships and social support* (pp. 30-45). London: Sage Publications.
- Dankmeijer, P. (2007). Starting global collaboration in education about sexual diversity. In L. van Dijk, & B. van Driel (Eds.), *Challenging homophobia: Teaching about sexual diversity* (pp. 3-18). Sterling: Trentham Books Limited.

- Davis, M., Bolding, G., Hart, G., Sherr, L. & Elford, J. (2004). Reflecting on the experience of interviewing online: perspective from the Internet and HIV study in London. *AIDS Care*, 16(8), 944-952.
- Davis, R. A. (2001). A cognitive-behavioral model of pathological internet use. *Computers in Human Behavior*, 17, 187-195.
- Davis, B., & Sumara, D. J. (2000) [2007]. Uma outra teoria *queer*. Ler a teoria da complexidade como um imperativo moral e ético. In S. Talburt & S. R. Steinberg (Orgs.), *Pensar queer: Sexualidade, cultura e educação* (pp.75-105). Mangualde: Edições Pedago.
- De Laurentis, T. (1991). Queer theory: Lesbian and gay sexualities. *Differences: A Journal of Feminist Cultural Studies*, 3(2), 3-18.
- Deaux, K. (1984). From individual differences to social categories: Analysis of a decade's research on gender. *American Psychologist*, 39, 105-116.
- Derlega, V. J., Metts, S., Petronio, S., & Margulis, S. T. (1993). *Self-disclosure*. Newbury Park, CA: Sage Publications.
- Devesa, S. S., Grauman, D. G., Blot, W. J., Pennello, G., Hoover, R. N., & Fraumeni, J. F. (1999). *Atlas of cancer mortality in the United States, 1950-94* (NIH Publication No. NIH 99-3464). Washington, DC: Government Printing Office.
- Diferente como Eu (2005). Disponível em <http://diferentecomoeu.blogspot.com/>. Consultada em 20 de Março de 2008.
- Dochartaigh, N. Ó., & Sleeman, P. (2007). Governments, archives and statistics. In N. Ó. Dochartaigh (Ed.), *Internet research skills: How to do your literature search and find research information online* (pp. 123-142). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

- Donald, R. (2001). Masculinity and machismo in Hollywood's war films. In S. M. Whitehead & F. J. Barrett (Eds.), *The masculinities reader* (pp. 170-183). Cambridge: University Press.
- Döring, N. (2002). Personal home pages on the web: A review of research. *Journal of Computer Mediated Communication*, 7(3). Disponível em <http://jcmc.indiana.edu/vol7/issue3/doering.html>. (Consultado em Maio de 2007)
- Dijk, L. van, & Driel, B. van (2007). Introduction. Being straight – being gay: The perspectives of Editors. In L. van Dijk, & B. van Driel (Eds.), *Challenging homophobia: Teaching about sexual diversity*. (pp. ix-xx). Sterling: Trentham Books Limited.
- Dosse, F. (1992) [2007]. *História do estruturalismo. O canto do cisne, de 1967 a nossos dias (Vol. II)*. São Paulo: EDUSC.
- Eagly, A. H. (1987). *Sex differences in human behavior: A social-role interpretation*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Eagly, A. H., & Wood, W. (1991). Explaining sex differences in social behavior: A meta-analytic perspective: *Personality and Social Psychological Bulletin*, 17, 306-315.
- Edwards, T. (2005). Queering the pitch? Gay masculinities. In M. Kimmel, J. Hearn, & R. Connell (Eds.), *Handbook of studies on men and masculinities* (pp. 51-68). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Eisler, R. M. (1995). The relationship between masculine gender role stress and men's health risk: The validation of a construct. In R. F. Levant & W. S. Pollack (Eds.), *A new psychology of men* (pp. 229-252). New York: Harper Collins.

- Ekman, P. (1972). Universals and cultural differences in facial expressions of emotion. In J. R. Cole (Ed.), *Nebraska Symposium on Motivation (Vol. 19, pp. 207-283)*. Lincoln NE: University of Nebraska Press.
- Epstein, D. (1996). Keeping them in their place: Hetero/sexist harassment, gender and the enforcement of heterosexuality. In J. Holland & L. Adkins (Eds.), *Sex, sensibility and the gendered body* (pp.202-221). London: Macmillan.
- Epstein, D., O'Flynn, S., & Telford, D. (2003). *Silenced sexualities in schools and universities*. Sterling: Trentham Books.
- Epstein, D., & Johnson, R. (1998). *Schooling sexualities*. Buckingham: Open University Press.
- Eribon, D. (1999) [2008]. *Reflexões sobre a questão gay*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Eu Confesso (2006). Disponível em <http://queridaconfissao.blogspot.com/>. Consultada em 12 Março de 2008.
- Fabes, R. A., & Martin, C. L. (1991). Gender and age stereotypes of emotionality. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 17, 532–540.
- Ferguson, T. J., & Eyre, H. L. (2000). Engendering differences in shame and guilt: stereotypes, socialization, and situational pressures. In A. H. Fischer (Ed.), *Gender and emotion: Social psychological perspectives* (pp. 254-276). Cambridge: Cambridge University Press.
- Fine, M. (2002). *Disruptive voices: the possibilities for feminist research*. University of Michigan Press.
- Fischer, A. H. (1993). Sex differences in emotionality: Fact or stereotype? *Feminism and Psychology*, 3, 303–318.

- Fischer, A. H. (Ed.). (2000). *Gender and emotion: Social psychological perspectives*. New York, NY: Cambridge University Press.
- Fischer, A. H., & Manstead, A. S. R. (2000). The relation between gender and emotions in different cultures. In A. H. Fischer (Ed.), *Gender and emotion: Social psychological perspectives* (pp.71-94). Cambridge: Cambridge University Press.
- Fisher, G. A., & Chon, K. K. (1989). Durkheim and the social construction of emotions. *Social Psychology Quarterly*, 52, 1-9.
- Fivush, R., & Buckner, J. (2000). Gender, sadness, and depression: The development of emotional focus through gendered discourse. In A. H. Fischer (Ed.), *Gender and emotion: Social psychological perspectives*. (pp.232-253). Cambridge: Cambridge University Press.
- Fogel, J. & Nehmad, E. (2009). Internet social network communities: risk, trust, and privacy concerns. *Computers in Human Behavior*, 25 153-160.
- Forward, S. (2002). *Toxic parents: overcoming their hurtful legacy and reclaiming your live*. New York: Bantam Books.
- Foucault, M. (1975) [2006]. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes Editora.
- Foucault, M. (1976) [1994]. *História da Sexualidade, I. A Vontade de Saber*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Fox, K. K., del Rio, C., Holmes, K. K., Hook, E. W., III, Judson, F. N., Knapp, J. S., et al. (2001). Gonorrhea in the HIV era: A reversal in trends among men who have sex with men. *American Journal of Public Health*, 91, 959-964.

- Fox, S., & Madden, M. (2005). *Generations online* (Pew Internet & American Life Project). Disponível em http://www.pewinternet.org/pdfs/PIP_Generations_Memo.pdf>. (Consultada em Outubro de 2007).
- Freeman, M., & Villarosa, L. (2002). The perils of pro football follow some into retirement. *New York Times*, p. D1.
- Frith, H., & Gleeson, K. (2004). Clothing and embodiment: men managing body image and appearance. *Psychology of Men and Masculinity*, 5, 40-48.
- Frosh, S. (1994). *Sexual difference: Masculinity and psychoanalysis*. New York: Routledge.
- Gagnon, J., & Simon, W. (1973). *Sexual conduct: The social sources of human sexuality*. Chicago: Aldine.
- Gardiner, J. (2005). Men, masculinities, and feminist theory. In M. S. Kimmel, J. Hearn, & R. W. Connell (Eds.), *Handbook of studies on men and masculinities* (35-50). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Garlick, S. (2003). What is a man? Heterosexuality and the technology of masculinity. *Men & Masculinities*, 6(2), 156-172.
- Garret, L. (1994). *The coming plague*. New York: Farrar, Strauss and Giroux.
- Gergen, K. J. (1973). Social psychology as history. *Journal of Personality and Social Psychology*, 26(2), 309-320.
- Gergen, K. J. (1985). The social constructionist movement in modern psychology. *American Psychologist*, 40(3), 266-275.

Gergen, K. J. (1992). *Lo yo saturado*. Barcelona: Paidós.

Gergen, K. J. (1994a). *Realities and relationships. Soundings in social construction*. Cambridge: Harvard University Press.

Gergen, K. J. (1994b). Exploring the pos-modern. Perils or potentials? *American Psychologist*, 49(5), 412-416.

Gergen, K. J., (2001). *Feminist reconstructions in psychology. Narrative, gender and performance*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

Gergen, M. and Davis, S. (Eds.). (1997). *Toward a new psychology of gender: A reader*. New York: Routledge.

Gibbs, J. L., Ellison, N. B., & Heino, R. D. (2006). Self-presentation in online personals: The role of anticipated future interaction, self-disclosure, and perceived success in internet dating. *Communication Research*, 33, 152-177.

Giddens, A. (1979) [2000]. *Dualidade e estrutura*. Oeiras: Celta.

Giddens, A. (1990) [2005]. *As Consequências da Modernidade*. Oeiras: Celta.

Giddens, A. (1992) [2001]. *Transformações da intimidade: Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Oeiras: Celta Editora.

Gilbert, R., & Gilbert, P. (1998). *Masculinities goes to school*. London: Routledge.

Glassner, B. (1989). Men and muscles. In M. S. Kimmel & M. A. Messner (Eds.), *Men's lives* (pp. 287-298). New York: Macmillan.

- Goffman, E. (1963) [1982]. *Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Goffman, E. (1959) [1993]. *A Apresentação do Eu na vida de Todos os Dias*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Golombok, S., & Fivush, R. (1994). *Gender development*. New York: Cambridge University Press.
- Gonsiorek, J. (1991). The empirical base for the demise of illness model of homosexuality. In J. Gonsiorek & J. Weinrich (Eds.), *Homosexuality: Research implications for public policy* (pp. 115-136). Newbury Park: CA: Sage Publications.
- Grant, J. (1993). *Fundamental feminism: Contesting the core concepts of feminist theory*. New York: Routledge.
- Gray, R. (2003). *Prostate tales: Men's experiences with prostate cancer*. Harriman, TN: Men's Studies Press.
- Greco, K. E., & Blank, B. (1993). Prostate-specific antigen: The new early detection test for prostate cancer. *Nurse Practitioner*, 18(5), 30-38.
- Greenfield, D. (1999). Psychological characteristics of compulsive Internet use: A preliminary analysis. *CyberPsychology & Behavior*, 2, 403-412.
- Greenwood, J. D. (1992). The social constitution of emotion. *New Ideas in Psychology*, 10, 1-18.
- Griffiths, D. (2005). Treating China's online addicts. *BBC News*. Disponível em <http://news.bbc.co.uk/2/hi/asia-pacific/4327258.stm> (Consultada em Janeiro de 2007).

- Griffith, K. H., & Hebl, M. R. (2002). The disclosure dilemma for gay men and lesbians: "coming out" at work. *The Journal of Applied Psychology, 87*(6), 1191-1199.
- Grohlo, J. M. (1998). Future clinical directions: Professional development, pathology, and psychotherapy online. In J. Gackenbach (Ed.), *Psychology and the internet, intrapersonal, interpersonal, and transpersonal implications* (pp. 111-140). San Diego: Academic Press.
- Grohlo, J. M. (2004). Online counseling: A historical perspective. In R. Kraus, J. Zack, & G. Stricker (Eds.), *Online counseling: A handbook for mental health professionals* (pp. 51-68). San Diego: Academic Press.
- Gross, J. J. (Ed.). (2007). *Handbook of emotion regulation*. New York: Guilford.
- Gross, J. J., & Thompson, R. A. (2007). Emotion regulation: Conceptual foundations. In J. J. Gross (Ed.), *Handbook of emotion regulation* (pp. 3-24). New York: Guilford Press.
- Guba, E. G., & Lincoln, Y. S. (2005). Paradigmatic controversies, contradictions, and emerging confluences. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *The handbook of qualitative research* (pp. 191-215). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Gwinnell, E. (1998). *Online seductions*. New York: Kodansha International.
- Halberstam, J. (1998). *Female masculinity*. Duke: University Press.
- Hall, J. A. (1978). Gender effects in decoding nonverbal cues. *Psychological Bulletin, 85*, 845-857.
- Hall, J. A. (1984). *Nonverbal sex differences: Communication accuracy and expressive style*. Baltimore, MD: The Johns Hopkins University Press.

- Hall, J. A. (1987). On explaining gender differences: The case of nonverbal communication. *Review of Personality and Social Psychology*, 7, 177-200.
- Hamilton, L. (2007). Trading on heterosexuality: College women's gender strategies and homophobia. *Gender & Society*, 21(2) 145-172.
- Haraway, D. (1990). A manifesto for cyborgs: Science, technology and socialist feminism in the 1980's. In L. Nicholson (Ed.), *Feminism/Postmodernism* (pp. 190-233). New York: Routledge.
- Haraway, D. (1991). *Semians, cyborgs, and women. The reinvention of nature*. New York: Routledge.
- Harnad, S. (1995). A subversive proposal. In A. Okerson & J. O'Donnell (Eds.), *Scholarly journals at the crossroads: A subversive proposal for electronic publishing*. Washington, DC: Association of Research Libraries. Disponível em <http://www.arl.org/scomm/subversive/toc.html> (Consultada em Junho de 2007).
- Harnad, S. (2001). For whom the gate tolls? How and why to free the refereed research literature online through author/institution self-archiving, now. Disponível em <http://www.cogsci.soton.ac.uk/~harnad/Tp/resolution.htm> (Consultada em Março de 2007).
- Harré, R. (1986). *The social construction of emotions*. Oxford: Blackwell.
- Harré, R. (1995). Discursive psychology. In J. A. Smith, R. Harré, & L. Van Langenhove (Eds.), *Rethinking psychology*. London: Sage Publications.
- Harré, R., & Gillet, G. (1994). *The discursive mind*. London: Sage Publications.
- Hayes, N. (1997). Theory-led thematic analysis: Social identification in small companies. In N. Hayes (Ed.), *Doing qualitative analysis in psychology* (pp. 93-114). Erlbaum: Psychology Press.

- Helgeson, V. S. (1995). Masculinity, men's roles, and coronary heart disease. In D. Sabo & D. Gordon (Eds.), *Men's health and illness: Gender, power and the body* (pp 68-104). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Herek, G. M. (1987). Religious orientation and prejudice: A comparison of racial and sexual attitudes. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 13(1), 56-65.
- Herek, G. M. (1991). Stigma, prejudice, and violence against lesbians and gay men. In J.C. Gonsiorek & J.D. Weinrich (Eds.), *Homosexuality: Research implications for public policy* (pp. 60-80). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Herek, G. M. (2000). The psychology of sexual prejudice. *Current Directions in Psychological Science*, 9, 19-22.
- Herek, G. M. (2007). Confronting sexual stigma and prejudice: Theory and practice. *Journal of Social Issues*, 63, 905-925.
- Herek, G. M. (2009). Hate crimes and stigma-related experiences among sexual minority adults in the United States: Prevalence estimates from a national probability sample. *Journal of Interpersonal Violence*, 24 (1), 54-74.
- Herek, G. M., Chopp, R., & Strohl, D. (2007). Sexual stigma: Putting sexual minority health issues in context. In I. Meyer & M. Northridge (Eds.), *The health of sexual minorities: Public health perspectives on lesbian, gay, bisexual, and transgender populations* (pp. 171-208). New York: Springer.
- Hoffman, M. L. (1975). Sex differences in moral internalization and values. *Journal of Personality and Social Psychology*, 32, 720-729.
- Hoffman, D., & Tarzian, A. (2001). The girl who cried pain: A bias against women in the treatment of pain. *Journal of Law, Medicine & Ethics*, 29(1), 13-27.

- Hoggatt, A. C. (1977). On the uses of computers for experimental control and data acquisition. *American Behavioral Scientist*, 20, 347–365.
- Holloway, I., & Todres, L. (2003). The status of method: Flexibility, consistency and coherence. *Qualitative Research*, 3(3), 345-357.
- Holter, O. G. (2005). Social theories for researching men and masculinities. In M. S. Kimmel, J. Hearn & R. W. Connell (Eds.). *Handbook of studies on men and masculinities* (pp. 15-34). Thousand Oaks, California: Sage Publications.
- Howarth, D. (2000). *Discourse*. Buckingham: Open University Press.
- Huang, M. P., & Alessi, N. E. (1996). The Internet and the future of psychiatry. *American Journal of Psychiatry*, 153, 861-869.
- Ibáñez, T. (1994). Constructing a representation or representing a construction? *Theory and Psychology*, 4, 363-381.
- Ipsos Insight. (2007). Online video and social networking websites set to drive the evolution of tomorrow's digital lifestyle globally. Disponível em: <<http://www.ipsosinsight.com/pressrelease.aspx?id=3556>> (Consultada em Agosto de 2007).
- Isenhardt, C. E., & Silversmith, D. J. (1994). The influence of the traditional male role on alcohol abuse and the therapeutic process. *Journal of Men's Studies*, 3(2), 127-135.
- Jackson, S. (1999). *Heterosexuality in question*. London: Sage Publications.
- Jagose, (1997). *Queer theory*. Victoria: Melbourne University Press.

- Janz, J. (2000). Masculine identity and restrictive emotionality. In A. H. Fischer (Ed.), *Gender and emotion: Social psychological perspectives* (pp.166-186). Cambridge: Cambridge University Press.
- Johnson, C. (2002). Heteronormative Citizenship and the Politics of Passing. *Sexualities*, 5(3), 317-336.
- Johnson, R. (1996). Sexual dissonances: Or the “impossibility” of sexuality education. *Curriculum Studies*, 4 (Special Issue), 163-189.
- Joinson, A. (1998). Causes and implications of disinhibited behavior on the internet. In J. Gackenbach (Ed.), *Psychology and the Internet: Intrapersonal, Interpersonal, and Transpersonal Implications* (pp. 43-60). San Diego: Academic Press.
- Joinson, A. (2001). Self-disclosure in computer-mediated communication: The role of self-awareness and visual anonymity. *European Journal of Social Psychology*, 31(2), 177-192.
- Joinson, A. (2003). *Understanding the psychology of internet behaviour: virtual worlds, real lives*. Great Britain: Palgrave Macmillan.
- Joinson, A. N. & Paine, C. B. (2007). Self-disclosure, privacy and the internet. In A. N. Joinson, K. Y. A. McKenna, T. Postmes & U-D. Reips (Eds.), *Oxford handbook of internet psychology* (pp. 237-252). Oxford: Oxford University Press.
- Kane, E. (2006). No way my boys are going to be like that! Parents' responses to children's gender nonconformity. *Gender & Society*, 20(2), 149-176.
- Kaufman, M. (1987). The construction of masculinity and the triad of men's violence. In M. Kaufman (Ed.), *Beyond patriarchy: Essays by men on pleasure, power and change* (pp. 1-29). Toronto: Oxford University Press.

- Kaufman, M. (1994). Men, feminism, and men's contradictory experiences of power. In H. Brod & M. Kaufman (Eds.), *Theorizing masculinities* (pp. 142-163). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Kaufman, M. (1998). The construction of masculinity and the triad of men's violence. In M. S. Kimmel & M. A. Messner (Eds.), *Men's lives* (pp. 4-17). Boston: Allyn & Bacon.
- Kaye, L. W., & Applegate, J. S. (1995). Men's style of nurturing elders. In D. Sabo & D. F. Gordon (Eds.), *Men's health and illness: Gender, power, and the body* (pp. 205-221). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Kellner, D. (1992). Popular culture and the construction of postmodern identities. In S. Lash & J. Friedman (Eds.), *Modernity and identity* (pp.141-177). Oxford: Blackwell.
- Kemper, T. D. (1987). A manichaeian approach to the social construction of emotions. *Cognition and Emotion, 1*, 353-365.
- Kendall, L. (2009). A response to Christine Hine. In A. N. Markham, & N. K. Baym (Eds.), *Internet Inquiry: Conversations about method* (pp.21-32). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Kendall, G., & Wickham, G. (1999). *Using Foucault's methods*. London: Sage Publications.
- Kerfoot, D. (2001). The organization of intimacy: managerialism, masculinity and the masculine subject. In S. M. Whitehead & F. J. Barrett (Eds.), *The masculinities reader* (pp.233-252). Cambridge: Polity Press.
- Kessler, R. C., Brown, R.L., & Broman, C.L. (1981). Sex differences in psychiatric help-seeking: Evidence from four large-scale surveys. *Journal of Health and Social Behavior, 22*, 49-64.

- Kimmel, M. S. (Ed.). (1987). *Changing men: New directions in research on men and masculinity*. Newbury Park, CA: Sage Publications.
- Kimmel, M. S. (1994). Masculinity as homophobia. Fear, shame, and silence in the construction of gender identity. In H. Brod & M. Kaufman (Eds.), *Theorizing Masculinities* (pp. 119-141). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Kimmel, M. S. (2001). Masculinity as homophobia: Fear, shame, and silence in construction of gender identity. In S. M. Whitehead & F. J. Barrett (Eds.), *The masculinities reader* (pp.266-287). Cambridge: Polity Press.
- Kimmel, M., Hearn, J., & Connell, R. (2005). *Handbook of studies on men and masculinities*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Kimmel, M., & Levine, M. P. (1989). Men and AIDS. In M. S. Kimmel & M. A. Messner (Eds.), *Men's lives* (pp. 344-354). New York: Macmillan.
- Kinkade, S. (1999). Testicular cancer. *American Family Physician*, 59, 2539-2544.
- Kramer, B. J. (1997). Differential predictors of strain and gain among husbands caring for wives with dementia. *Gerontologist*, 37, 239-249.
- Krantz, J. H., Ballard, J., & Scher, J. (1997). Comparing the results of laboratory and World-Wide Web samples on the determinants of female attractiveness. *Behavior Research Methods, Instruments, & Computers*, 29, 264-269.
- Kraut, R., Kiesler, S., Boneva, B., Cummings, J., Helgeson, V., & Crawford, A. (2002). Internet paradox revisited. *Journal of Social Issues*, 58(1), 49-74.

- Kraut, R., Patterson, M., Lundmark, V., Kiesler, S., Mukopadhyay, T., & Scherlis, W. (1998). Internet paradox. A social technology that reduces social involvement and psychological well-being? *American Psychologist*, 53(9), 1017-1031.
- Kupers, T. (1999). *Prison madness: The mental health crisis behind bars and what we must do about it*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Kuypers, J. A. (1992). *Man's will to hurt: Investigating the causes, supports and varieties of his violence*. Halifax: Fernwood.
- La Gaipa, J. (1990). The negative effects of informal support systems. In S. Duck, & R. Silver (Eds.), *Personal relationships and social support* (pp. 122-139). London: Sage Publications.
- Leandro, M. E. (2001). *Sociologia da família nas sociedades contemporâneas*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Leeper, C. (1991). Influence and involvement in children's discourse: Age, gender and partner effects. *Child Development*, 62, 797-811.
- Leatham, G., & Duck, S. (1990). Conversations with friends and the dynamics of social support. In S. Duck (Ed), *Personal relationships and social support* (pp. 1-29). London: Sage Publications.
- Lever, J. (1976). Sex differences in the games children play. *Social Problems*, 23, 478-487.
- Levit, N. (2001). Male prisoners: Privacy, suffering, and the legal construction of masculinity. In D. Sabo, T. Kupers, & W. London (Eds.), *Prison masculinities* (pp. 93-102). Philadelphia: Temple University Press.
- Levy, T. (2004). Crueldade e crieza do binarismo. In A. F. Cascais (Org.), *Indisciplinar a teoria: Estudos gays, lésbicos e queer* (pp. 183-214). Lisboa: Fenda.

- Lewis, H. B. (1971). *Shame and guilt in neurosis*. New York: International University Press.
- Lewis, H. B. (1978). Sex differences in superego mode as related to sex differences in psychiatric illness. *Social Science and Medicine*, *12B*, 199-205.
- Li, S. M., & Chung, T. M. (2006). Internet function and internet addictive behavior. *Computers in Human Behavior*, *22*, 1067-1071.
- Lilleaas, U-B. (2007). Masculinities, sport, and emotions. *Men and Masculinities*, *10*(1), 39-53.
- Lin-Liu, J. (2006). China's e-junkies head for rehab. *IEEE Spectrum*, *43*(2), 19.
- Lin, S., & Tsai, C. C. (2002). Sensation seeking and internet dependence of Taiwanese high school adolescents. *Computers in Human Behavior*, *18*, 411-426.
- Liu, C., & Kuo, F. (2007). A study of internet addiction through the lens of the interpersonal theory. *CyberPsychology & Behavior*, *10*(6), 799-804.
- Long, D. (1987). Working with men who batter. In M. Scher, M. Stevens, C. Good, & G. A. Eichenfield (Eds.), *Handbook of counselling and psychotherapy with men* (pp. 305-320). Newbury Park, CA: Sage Publications.
- Lloyd, G. (1984). *The man of reason: "Male" and "Female" in western philosophy*. London: Methuen.
- Ludwig, D., Franco, J. N., & Malloy, T. E. (1986). Effects of reciprocity and self-monitoring on self-disclosure with a new acquaintance. *Journal of Personality and Social Psychology*, *50*, 1077-1082.
- Lupton, D. (1998). *The emotional self: A sociocultural exploration*. London: Sage Publications.
- Lutz, C. (1988). *Unnatural emotions*. University of Chicago Press.

- Lutz, C. (1990). Engendered Emotion: Gender, power, and the rhetoric of emotional control in American discourse. In C. A. Lutz & L. Abu-Lughod (Eds.), *Language and the politics of emotion* (pp. 69-91). Cambridge: Cambridge University Press.
- Lutz, C. & Abu-Lughod, L. (1990) (Eds.). *Language and the politics of emotion*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Lutz, C., & White, G. M. (1986). The anthropology of emotions. *Annual Review of Anthropology*, 15, 405-436.
- Madden, T. E., Barrett, L. F., & Pietromonaco, P. R. (2000). Sex differences in anxiety and depression: Empirical evidence and methodological questions. In A. H. Fischer (Ed.), *Gender and emotion: Social psychological perspectives* (pp. 277-298). Cambridge: Cambridge University Press.
- Maheu, M. M., & Subotnik, R. B. (2001). *Infidelity on the internet: Virtual relationships and real betrayal*. Naperville, IL: Sourcebooks.
- Manhal-Baugus, M. (2001). E-therapy: Practical, ethical, and legal issues. *CyberPsychology & Behavior*, 4, 551-563.
- Mann, C., & Stewart, F. (2000). *Internet communication and qualitative research: A handbook for researching online*. London: Sage Publications.
- Markham, A. N., & Baym, N. K. (2009). *Internet Inquiry: Conversations about method*. London: Sage Publications.
- Marsiglio, W. (1995). Fathers' diverse life course patterns and roles: Theory and social interventions. In W. Marsiglio (Ed.), *Fatherhood: Contemporary theory, research, and social policy* (pp. 78-101). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

- Martin, M. (1990). Male cancer awareness: Impact of an employee education program. *Oncology Nursing Forum*, 17(1), 59-64.
- Martin, C.L., (1995). Stereotypes about children with traditional and nontraditional gender roles. *Sex Roles*, 33 (11/12), 727-751.
- Mason, G. (1996). Violence against lesbian and gay men. In K. Healy (Ed.), *A culture of violence? Issues for the nineties*. Blamain, NSW: Spinney Press.
- Matzat, U. (2002). Academic communication and Internet discussion groups: What kinds of benefits for whom? In B. Batinic, U.-D. Reips, & M. Bosnjak (Eds.), *Online Social Sciences* (pp. 383–402). Seattle, WA: Hogrefe & Huber.
- McAdams, D. P., & Constantian, C. A. (1983). Intimacy and affiliation motives in daily living: An experience sampling analysis. *Journal of Personality and Social Psychology*, 45, 851-861.
- McConatha, J. T., Leone, F. M. & Armstrong, J. M. (1997). Emotional control in adulthood. *Psychological Reports*, 80, 499-507.
- McCoyd, J. L. M. & Schwaber Kerson, T. (2006). Conducting intensive interviews using email: A serendipitous comparative opportunity. *Qualitative Social Work*, 5(3), 389-406.
- McKay, J., Mikosza, J. & Hutchins, B. (2005). Gentlemen, the lunchbox has landed: Representations of masculinities and men's bodies in the popular media. In M. S. Kimmel, J. Hearn & R. W. Connell (Eds.), *Handbook of Studies on Men and Masculinities* (pp. 270-288). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- McKenna, K. Y. A. (2008). Influences on the nature and functioning of online groups. In A. Barak (Ed.), *Psychological aspects of cyberspace: Theory, research, applications* (pp. 228-242). Cambridge: Cambridge University Press.

- McKenna, K. Y. A., & Bargh, J. A. (1998). Comingout in age of the Internet: Identify “Dermargionali-
zation” through virtual group participation. *Journal os Personality and Social Psychology*, 75
(3), 681-694.
- McKenna, K. Y. A., & Bargh, J. A. (2000). Plan 9 from cyberspace: The implication of the Internet for
personality and social psychology. *Personality and Social Psychology Review*, 4, 57-75.
- McKenna, K. Y. A., Green, A. S., & Gleason, M. E. J. (2002). Relationship formation on the Internet:
What’s the big attraction? *Journal of Social Issues*, 58(1), 9-31.
- McKenna, K. Y. A., & Seidman, G. (2005). Social identity and the self: Getting connected online. In W.
R. Walker, & D. J. Herrmann (Eds.), *Cognitive technology* (pp. 89-110). Jefferson: McFarland.
- Meerkerk, F. J., Van Den Eijnden, R. J., & Farretsen, H. F. (2006). Predicting compulsive internet use:
It’s all about sex. *CyberPsychology & Behavior*, 9, 95-103.
- Meier, A. (2004). Technology-mediated groups. In C. D. Garvin, L. M. Gutiérrez, & M. J. Galinsky
(Eds.), *Handbook of social work with groups* (pp. 479–503). New York: Guilford.
- Messner, M. (2001). Friendship, intimacy and sexuality. In S. M. Whitehead & F. J. Barrett (Eds.), *The
Masculinities Reader* (pp.253-265). Cambridge: Polity Press.
- Messner, M. A., & Sabo, D. (1994). *Sex, violence & power in sports: Rethinking masculinity*. Free-
dom, CA: Crossing Press.
- Mileham, B. (2007). Online infidelity in Internet chat rooms: an ethnographic exploration. *Computers
in Human Behavior*, 23, 11–31.
- Miller, L. (1979). The politics of self and other. In J. Ringer (Ed.), *Queer words, queer images: Com-
munication and the construction of the homosexuality*. New York: New York University Press.

- Miller, E. (1999). Positivism and clinical psychology. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 6, 1-16.
- Miller, H., & Arnold, J. (2001). Self in Web Home Pages: Gender, identity and power in cyberspace. In G. Riva & C. Galimberti (Eds.), *Cyberpsychology: Mind, cognition and society in the internet age* (pp. 74-93). Amsterdam: IOS Press.
- Moita, M. G. (2001). *Discursos sobre a homossexualidade no contexto clínico. A homossexualidade de dois lados do espelho*. Tese de Doutorado não publicada. Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar da Universidade do Porto, Portugal.
- Moita, M. G. (2003). Essências e diferenças: Minorias sexuais ou sexualidades (im)possíveis? In L. Fonseca, C. Soares, & J. M. Vaz (Coords.), *A sexologia – Perspectiva multidisciplinar* (Vol.II) (pp. 93-115). Coimbra: Quarteto.
- Morahan-Martin, J. (1999). The relationship between loneliness and internet use and abuse. *CyberPsychology & Behavior*, 2, 431-440.
- Morahan-Martin, J. (2001). Impact of internet abuse for college students. In C. Wolfe (Ed.), *Learning and teaching on the World Wide Web* (pp. 191-219). San Diego, CA: Academic Press.
- Morahan-Martin, J. (2005). Internet abuse: Addiction? Disorder? Symptom? Alternative explanations? *Social Science Computer Review*, 23, 39-48.
- Morahan-Martin, J. (2008). Internet abuse: Emerging trends and lingering questions. In A. Barak (Ed.), *Psychological aspects of cyberspace: Theory, research, applications* (pp. 32-69). Cambridge: Cambridge University Press.
- Morahan-Martin, J., & Schumacher, P. (2000). Incidence and correlates of pathological internet use among college students. *Computers in Human Behavior*, 16, 13-29.

- Morahan-Martin, J. & Schumacher, P. (2003). Loneliness and social uses of the internet. *Computers in Human Behavior*, 19, 659-671.
- Morgan, D. (2001). Family, Gender and Masculinities. In S. M. Whitehead & F. J. Barrett (Eds.), *The Masculinities Reader* (pp.223-232). Cambridge: Polity Press.
- Morris, M. (2000) [2007]. O pé esquerdo de Dante atira a teoria queer para a engrenagem. In S. Talburt, & S. Steinberg (Orgs.). *Pensar queer: Sexualidade, cultura e educação*. (pp.23-44). Mangualde: Edições Pedagogo.
- Morrow, D. F. (1996). Heterosexism: Hidden discrimination in social work education. *Journal of Gay and Lesbian Social Services*, 5(4), 1-16.
- Moscicki, E. K. (1994). Gender differences in completed and attempted suicides. *Annals of Epidemiology*, 4(2), 152-158.
- Murphy, L. J., & Mitchell, D. L. (1998). When writing helps to heal: E-mail as therapy. *British Journal of Guidance and Counselling*, 26, 21-32.
- Musch, J., & Reips, U. - D. (2000). A brief history of Web experimenting. In M. H. Birnbaum (Ed.), *Psychological experiments on the Internet* (pp. 61–88). San Diego, CA: Academic Press.
- Nalwa, K., & Anand, A. P. (2003). Internet addiction in students: A cause of concern. *CyberPsychology & Behavior*, 6, 653-656.
- Naphy, W. (2004) [2006]. *Born to be gay. História da homossexualidade*. Lisboa: Edições 70.
- Nardi, P. (2000). *Gay masculinities*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Neves, S. (2008). *Amor, Poder e Violências na Intimidade*. Coimbra: Quarteto.

- Neves, S. & Nogueira, C. (2004). Metodologias feministas na psicologia social crítica: a ciência ao serviço da mudança social. *Ex-Aequo*, 11, 123-138.
- Newton, C. (1994). Gender theory and prison sociology: Using theories of masculinities to interpret the sociology of prisons for men. *Howard Journal of Criminal Justice*, 33(3), 193-202.
- Nichols, L. A., & Nicki, R. (2004). Development of a psychometrically sound Internet addiction scale: A preliminary step. *Psychology of Addictive Behaviors*, 18, 381–384.
- Nie, N. H., & Erbring, L. (2002). Internet and society: A preliminary report. *IT & Society*, 1, 275–283.
- Niemz, K., Griffiths, M., & Banyard, P. (2005). Prevalence of pathological internet use among university students and correlations with self-esteem, the General Health Inventory (GHQ) and disinhibition. *CyberPsychology & Behavior*, 8, 562-570.
- Nogueira, C. (2001). *Um novo olhar sobre as relações sociais de género. Perspectiva feminista crítica na psicologia social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- Nogueira, C., Neves, S., & Barbosa, C. (2005). Fundamentos construcionistas sociais e críticos para o estudo do género. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 2, 1-15.
- Nunes, J. A. (2009). O resgate da epistemologia. In B. S. Santos & M. P. Meneses (Orgs.), *Epistemologias do sul* (pp.215-242). Coimbra: Almedina.
- Oatley, K. (1993). Social construction in emotion. In M. Lewis & J. M. Haviland (Eds.), *Handbook of emotions* (pp. 341-352). New York: The Guilford Press.
- Oatley, K., & Jenkins, J. (2002). *Compreender as emoções*. Lisboa: Piaget.

- Pacheco, J. (2003). Sexualidade e Religião. In L. Fonseca, C. Soares, & J. M. Vaz (Coords.), *A sexologia – Perspectiva multidisciplinar* (Vol.II) (pp. 43-51). Coimbra: Quarteto.
- Parker, I. (1992). *Discursive dynamics: Critical analysis for social and individual psychology*. London: Routledge.
- Parker, I. (1997). Discourse Analysis and Psycho-Analysis. *British Journal of Social Psychology*, 36, 479-495.
- Parks, M. R., & Floyd, K. (1996). Making friends in cyberspace. *Journal of Communication*, 46, 80-97.
- Pascoe, C. J. (2005). Dude, you're a fag: Adolescent masculinity and the fag discourse. *Sexualities*, 8, 329-46.
- Patterson, M. L. (1995). Invited article: A parallel process model of nonverbal communication. *Journal of Nonverbal Behavior*, 19, 3-29.
- Patton, M.Q. (1990). *Qualitative evaluation and research methods*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Paul, B., & Bryant, J. A. (2005). Adolescents and the internet. *Adolescent Medicine Clinics*, 16, 413-426.
- Pellegrini, A. D., & Long, J. D. (2002). A longitudinal study of bullying, dominance, and victimization during the transition from primary school. *British Journal of Developmental Psychology*, 20, 259-280.
- Petersen, A. (2003). Research on men and masculinities: Some implications of recent theory for future work. *Men & Masculinities*, 6(1), 54-69.

- Pinar, W. F. (2000) [2007]. Introdução. In S. Talburt, & S. R. Steinberg (Orgs.). *Pensar queer: Sexualidade, cultura e educação* (pp. 11-22). Mangualde: Edições Pedagogo.
- Plant, E. A., Hyde, J. S., Keltner, D., & Devine, P. G. (2000). The gender stereotyping of emotions. *Psychology of Women Quarterly*, 24, 81–92.
- Plummer, K. (1995). *Telling sexual stories: Power, change and social worlds*. London: Routledge.
- Plummer, K. (2002). Intimate choices. In G. Browning, A. Halcli, & F. Webster (Eds.), *Theory and society: Understanding the present*. London: Sage Publications.
- Plummer, K. (2005). Male sexualities. In M. S. Kimmel, J. Hearn, & R. Connell (Eds.), *Handbook of studies on men and masculinities* (pp. 178-195). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Popper, K. (1994). *In search of a better world. Lectures and essays from thirty years*. London: Routledge.
- Portner, J. (2001). *One in thirteen: The silent epidemic of teen suicide*. Beltsville, MD: Gryphon House.
- Potter, J. & Wetherell, M. (1987). *Discursive and social psychology*. London: Sage Publications.
- Prager, K. J. (1995). *The psychology of intimacy*. New York: Guilford Press.
- Pratarelli, M. E., & Browne, B. L. (2002). Confirmatory factor analysis of Internet use and addiction. *CyberPsychology & Behavior*, 5, 53–64.
- Prazeres, V. (2008). *O voo desordeiro de Eros: Uma ode à singularidade do amor e do erotismo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

- Quartilho, M. J. (2003). Sexualidade e Construcionismo Social: A propósito dos *scripts* sexuais. In L. Fonseca, C. Soares, & J. M. Vaz (Coords.), *A sexologia – Perspectiva multidisciplinar* (Vol.II) (pp. 117-153). Coimbra: Quarteto.
- Rafaeli, S., & Ariel, Y. (2008). Online motivational factors: Incentives for participation and contribution in Wikipedia. In A. Barak (Ed.), *Psychological aspects of cyberspace: Theory, research, applications* (pp. 243-267). Cambridge: Cambridge University Press.
- Ratner, C. (1989). A social constructionist critique of the naturalistic theory of emotion. *The Journal of Mind and Behavior*, 10, 211-230.
- Redman, P. (1996). Curtis love Ranjit: Heterosexual masculinities, schooling and pupils, sexual cultures. *Educational Review*, 48, 175-182.
- Reips, U.-D. (1997). Forschen im Jahr 2007: Integration von Web-Experimentieren, Online-Publizieren und Multimedia-Kommunikation [Science in the year 2007: Integration of web experimenting, online publishing, and multimedia communication]. In D. Janetzko, B. Batinic, D. Schoder, M. Mattingley-Scott, & G. Strube (Eds.), *CAW-97. Beiträge zum Workshop "Cognition & Web"* (pp. 141–148). Freiburg: IIG-Berichte 1/97.
- Reips, U. D. (2000). The web experiment method: Advantages, disadvantages and solutions. In M. H. Birnbaum (Ed.), *Psychological experiments on the internet* (pp. 89-114). San Diego: Academic Press.
- Reips, U. D. (2002). Standards for internet experimenting. *Experimental Psychology*, 49, 243-256.
- Reips, U. D. (2008). How internet-mediated research changes science. In A. Barak (Ed.), *Psychological aspects of cyberspace: Theory, research, applications* (pp. 268-294). Cambridge: Cambridge University Press.

- Reips, U. D., & Matzat, U. (2006). Internet science and open access: First day of a honeymoon. *International Journal of Internet Science, 1*, 1-3.
- Reis, H. T. (1990). The role of intimacy in interpersonal relationships. *Journal of Social and Clinical Psychology, 9*, 15-30.
- Rheingold, H. (1995). *The virtual community: finding connection in a computerized world*. London: Minerva.
- Rice, P., & Ezzy, D. (1999). *Qualitative research methods: A health focus*. Melbourne: Oxford University Press.
- Roberts, I., & Mohan, D. (2002). War on the roads. *British Medical Journal, 324*, 1107-1108.
- Robertson, R. C. (2006). *Masculinities, friendship and support in gay and straight men's close relationships with other men*. Tese de Doutorado não publicada. Faculty of Life and Social Sciences, Swinburne University of Technology, Austrália.
- Robinson, M., Riley, J., & Myers, C. (2000). Psychosocial contributions to sex-related differences in pain response. In R. B. Fillingim (Ed.), *Sex, gender, and pain* (pp. 41-70). Seattle, WA: IASP Press.
- Rochlen, A. B., Zack, J. S., & Speyer, C. (2004). Online therapy: Review of relevant definitions, debates, and current empirical support. *Journal of Clinical Psychology, 60*, 269-283.
- Ron, A., & Rogers, D. E. (1989). AIDS in New York City: The role of intravenous drug users. *Bulletin of the New York Academy of Medicine, 65*(7), 787-800.
- Rose, N. (1999). *Powers of freedom. Reframing political thought*. Cambridge: Cambridge University Press.

- Rosenmann, A., & Safir, M. P. (2006). Forced online: Push factors of Internet sexuality: A preliminary study of online paraphilic empowerment. *Journal of Homosexuality*, 51(3), 71–92.
- Saarni, C. (1988). Children's understanding of the interpersonal consequences of dissemblance of nonverbal emotional-expressive behavior. *Journal of Nonverbal Behavior*, 12, 275-294.
- Sabo, D. (1998). Masculinities and men's health: Moving toward post-superman era prevention. M. Kimmel, & M. Messner (Eds.), *Men's Lives* (pp.347-361). New York: McMillan.
- Sabo, D. (2005). The study of masculinities and men's health. In M. S. Kimmel, J. Hearn, & R. Connell (Eds.), *Handbook of studies on men and masculinities* (pp. 326-352). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Sabo, D., & Gordon, D. F. (Eds.). (1995). *Men's health and illness: Gender, power and the body*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Sabo, D., Kupers, T. A., & London, W. (Eds.). (2001). *Prison masculinities*. Philadelphia: Temple University Press.
- Sampson, J. P., Kolodinsky, R. W., & Greeno, B. P. (1997). Counseling on the information highway: Future possibilities and potential problems. *Journal of Counseling & Development*, 75, 203-212.
- Santos, B. S. (1987). *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Edições Afrontamento.
- Santos, B. S. (1989) [2002]. *A introdução a uma ciência pós-moderna*. Porto: Edições Afrontamento.
- Santos, B. S. (2000). *Crítica da razão indolente: Contra o desperdício da experiência*. Porto: Edições Afrontamento.

- Santos, B. S. (2003). Introdução. In B. S. Santos (Org.), *Conhecimento prudente para uma vida decente: Um discurso sobre as ciências revisitado*. Porto: Edições Afrontamento.
- Santos, B. S. (2007a). *Cognitive justice in a global world: Prudent knowledges for a decent life*. Lanham: Lexington Books.
- Santos, B. S. (2007b). Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 78, 3-46.
- Santos, B. S. (2009). Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In B. S. Santos, & M. P. Meneses (Orgs.), *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina.
- Santos, B. S., & Meneses, M. P. (2009). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina.
- Saraceno, C., & Naldini, M. (1992) [2003]. *Sociologia da família*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Sarason, B., Sarason, I., & Gurung, R. (2001). Close personal relationships and health outcomes: a key to the role of social support. In B. Sarason, & S. Duck (Eds.), *Personal relationships: implications for clinical and community psychology* (pp. 15-41). West Sussex: John Wiley and Sons.
- Sassenberg, K., Boos, M., Pstmes, T., & Reips, U. D. (2003). Studying the Internet: A challenge for modern psychology. *Swiss Journal of Psychology*, 62, 75-77.
- Scherer, K. (1997). College life online: Healthy and unhealthy Internet use. *Journal of College Student Development*, 38, 655-665.
- Scheurich, J. J., & McKenzie, K. B. (2005). Foucault's methodologies: Archaeology and genealogy. In N. K. Denzin, & Y. S. Lincoln (Eds.), *The Sage Handbook of Qualitative Research*. (pp.841-868). Thousand Oaks, Sage Publications.

- Schlenker, B. R. (1986). Self-identification: Toward the integration of the private and public self. In R. F. Baumeister (Ed.), *Public self and private self* (pp. 21-62). New York: Springer-Verlag.
- Schofield, T., Connell, R. W., Walker, L., Wood, J. F., & Butland, D. L. (2000). Understanding men's health and illness: A gender relations approach to policy, research and practice. *Journal of American College Health, 48*(6), 247-256.
- Schouten, A. P. (2007). Adolescents' online self-disclosure and self-presentation. Tese de Doutoramento não publicada. The Amsterdam School of Communications Research ASCoR, Holanda.
- Schouten, A. P., Valkenburg, P. M., & Peter, J. (2007). Precursors and underlying processes of adolescents' online self-disclosure: Testing an "Internet-Attribute-Perception" model. *Media Psychology, 10*, 292-315.
- Schwarzer, R., & Leppin, A. (1991). Social support and health: A theoretical and empirical overview. *Journal of Social and Personal Relationships, 8*, 99-127.
- Sedwick, E. (1990) [2003]. *Epistemologia do armário*. Coimbra: Angelus Novus.
- Segal, L. (1997). *Slow motion: Changing masculinities, changing men*. London: Virago.
- Segalen, M. (1996) [1999]. *Sociologia da família*. Lisboa: Terramar.
- Seidler, V. (2007). Masculinities, bodies and emotional life. *Men and Masculinities, 10*(1), 9-21.
- Shahani-Denning, C., Dipboye, R. L., & Gehrlein, T. M. (1993). Attractiveness bias in the interview: Exploring the boundaries of an effect. *Basic and Applied Social Psychology, 14*, 317-328.
- Shapira, N. A., Goldsmith, T. D., Keck, P., Khosla, U., & McElroy, S. (2000). Psychiatric features of individuals with problematic Internet use. *Journal of Affective Disorders, 66*, 283.

- Shapira, N., Lessig, M., Goldsmith, T., Szabo, S., Lazoritz, M., Gold, M., et al. (2003). Problematic Internet use: Proposed classification and diagnostic criteria. *Depression and Anxiety, 17*, 207-216.
- Shapiro, D. E., & Schulman, C. E. (1996). Ethical and legal issues in e-mail therapy. *Ethics & Behavior, 6*, 107-124.
- Sheff, E. (2006). Poly-hegemonic masculinities. *Sexualities, 9*(5), 621-642.
- Sheeks, M., & Birchmeier, A. P. (2007). Shyness, sociability, and use of computer-mediated communication in relationship development. *CyberPsychology & Behavior, 10*(1), 64-70.
- Sheldon, A. (1990). Pickle fights: Gendered talk in preschool disputes. *Discourse Processes, 13*, 5-31.
- Shepherd, R.M. & Edelman, R.J. (2005). Reasons for internet use and social anxiety. *Personality and Individual Differences, 39*, 949-958.
- Shields, S. A. (1984). 'To pet, coddle and do for': Caretaking and the concept of maternal instinct. In M. Lewin (Ed.), *In the shadow of the past: Psychology portrays the sexes* (pp. 256-274). New York: Columbia University Press.
- Shotter, J. (1993). *Conversational realities*. London: Sage Publications.
- Shotter, J. (1995). Dialogical psychology. In J. A. Smith, R. Harré, & L. Van Langenhove (Eds.), *Rethinking psychology*. London Sage Publications.
- Sillence, E., & Briggs, P. (2007). Please advise: Using the internet for health and financial advice. *Computers in Human Behavior, 23*, 727-748.
- Silverstein, L. B., & Auerbach, C. F. (1999). Deconstructing the essential father. *American Psychologist, 6*, 397-407.

- Simkova, B., & Cincera, J. C. (2004). Internet addiction disorder and chatting in the Czech Republic. *CyberPsychology & Behavior*, 7, 536-539.
- Simon, W., & Gagnon, H. (1986). Sexual scripts: Permanence and change. *Archives of Sexual Behavior*, 15(2), 97-120.
- Spink, M. J. & Frezza, R. M. (1999). Práticas discursivas e produção de sentidos: A perspectiva da psicologia social. In M. J. Spink (Org.), *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano. Aproximações teóricas e metodológicas* (pp. 17-39). São Paulo: Cortez.
- Stall, R., & Wiley, J. (1998). A comparison of alcohol and drug use patterns of homosexual and heterosexual men: The San Francisco men's health study. *Drug and Alcohol Dependence*, 22, 63-73.
- Steinberg, S. R. (2000) [2007]. Do armário ao curral: Neo-estereotipia em *in & out*. In S. Talburt, & S. R. Steinberg (Orgs.), *Pensar queer: Sexualidade, cultura e educação* (pp.135-144). Mangualde: Edições Pedagogo.
- Stibbe, A. (2004). Health and the social construction of masculinity in *Men's Health Magazine*. *Men and Masculinities*, 7(1), 31-51.
- Stieger, S., & Göritz, A. S. (2006). Using Instant Messaging for Internet-Based Interviews. *CyberPsychology & Behavior*, 9, 552-559.
- Stillion, J. M. (1995). Premature death among males. In D. Sabo & D. F. Gordon (Eds.), *Men's health and illness: Gender, power, and the body* (pp. 46-67). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Stongman, K. T. (1996) [2004]. *A psicologia da emoção: Uma perspectiva sobre as teorias da emoção*. Lisboa: Climepsi Editores.

- Suler, J. (1996). *The black hole phenomenon*. Disponível em <http://www.rider.edu/suler/psyber/blackhole.html>. (Consultada em Março de 2007).
- Suler, J. (2000). Psychotherapy in cyberspace: A 5-dimension model of online and computer-mediated psychotherapy. *CyberPsychology and Behavior* 3, 151–160.
- Suler, J. (2001). The future of online clinical work. *Journal of Applied Psychoanalytic Studies*, 4, 265-270.
- Suler, J. (2002). Identity management in cyberspace. *Journal of Applied Psychoanalytic Studies*, 4, 455–460.
- Suler, J. (2004a). The psychology of text relationships. In R. Kraus, J. Zack, & G. Stricker (Eds.), *Online counseling: A handbook for mental health professionals* (pp. 19–50). San Diego, CA: Elsevier Academic Press.
- Suler, J. (2004b). The online disinhibition effect. *CyberPsychology & Behavior*, 7(3), 231-326.
- Suler, J. R. (2008). Cybertherapeutic theory and techniques. In A. Barak (Ed.), *Psychological aspects of cyberspace: Theory, research, applications* (pp. 102-128). Cambridge: Cambridge University Press.
- Sullivan, H. S. (1953). *The interpersonal theory of psychiatry*. New York: Norton.
- Swain, J. (2005). Masculinities in education. In M. S. Kimmel, J. Hearn, & R. Connell (Eds.), *Handbook of studies on men and masculinities* (pp. 213-229). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Swain, J. (2006). Reflections on patterns of masculinity in school Settings. *Men and Masculinities*, 8(3), 331-349.

- Talburt, S., & Steinberg, S. (2000) [2007]. *Pensar Queer: Sexualidade, cultura e educação*. Mangualde: Edições Pedagogo.
- Tannen, D. (1990). Gender differences in topical coherence: Creating involvement in best friend's talk. *Discourse Processes, 13*, 73-90.
- Thatcher, A., & Goolam, S. (2005a). Defining the South African internet addict: Prevalence and biographical profiling of problematic internet users in South Africa. *South African Journal of Psychology, 35*, 766-792.
- Thatcher, A., & Goolam, S. (2005b). Development and psychometric properties of the Problematic Internet Use Questionnaire. *South African Journal of Psychology, 35*, 793-809.
- Tichon, J. G., & Shapiro, M. (2003). The process of sharing social support in cyberspace. *CyberPsychology & Behavior, 6*, 161-170.
- Tiefer, L. (1995). *Sex is not a natural act and other essays*. Boulder, CO: Westview Press.
- Tiefer, L. (2001). The social construction and social effects of sex research: The sexological model of sexuality. In C. Travis, & J. White (Eds), *Sexuality, society, and feminism*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Timmers, M., Fischer, A., & Manstead, A. (2003). Ability versus vulnerability: Beliefs about men's and women's emotional behaviour. *Cognition & Emotion, 17*, 41-63.
- Tuckett, A.G. (2005). Applying thematic analysis theory to practice: a researcher's experience. *Contemporary Nurse, 19*, 75-87.
- Tudiver, F., & Talbot, Y. (1999). Why men don't seek help? Family physicians' perspectives on help-seeking behavior in men. *Journal of Family Practice, 48*, 47-52.

- Turkle, S. (1995). *Life on the screen: Identity in the age of the Internet*. New York: Simon & Schuster.
- Vale de Almeida, M. (1995). *Senhores de Si. Uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século.
- Vale de Almeida, M. (1996). Corpo presente. In M. Vale de Almeida (Org.). *Corpo presente: Treze reflexões antropológicas sobre o corpo* (pp.1-22). Oeiras: Celta.
- Vale de Almeida, M. (2003). *Antropologia e Sexualidade: Consensos e conflitos teóricos em perspectiva histórica*. In L. Fonseca, C. Soares, & J. M. Vaz (Coords.), *A sexologia – Perspectiva multidisciplinar* (Vol.II) (pp. 53-72). Coimbra: Quarteto.
- Vale de Almeida, M. (2004). *A teoria queer e a contestação da categoria 'género'*. In A. F. Cascais (Org.), *Indisciplinar a teoria: Estudos gays, lésbicos e queer*. s/l: Fenda Edições.
- Vale de Almeida, M. (2009). *A Chave do Armário. Homossexualidade, Casamento e Família*. Lisboa: ICS.
- Valkenburg, P. M., Schouten, A. P., & Peter, J. (2005). Adolescents' identity experiments on the Internet. *New Media and Society*, 7, 383-402.
- Vanden Boogart, M. R. (2004). *Uncovering the social impacts of Facebook on a college campus*. Master's thesis, Kansas State University. Disponível em <http://krex.k-state.edu/dspace/handle/2097/181>. (Consultada em Novembro de 2006).
- Vaz, J. M. (2003). Sexualidade e história. In L. Fonseca, C. Soares, & J. M. Vaz (Coords.), *A sexologia – Perspectiva multidisciplinar* (Vol.II) (pp. 15-42). Coimbra: Quarteto.
- Vilar, D. (2003). Questões Actuais sobre a Educação Sexual num contexto em mudança. In L. Fonseca, C. Soares, & J. M. Vaz (Coords.), *A sexologia – Perspectiva multidisciplinar* (Vol.II) (pp. 155-183). Coimbra: Quarteto.

- Voiskounsky, A. E. (2008). Flow experience in cyberspace: Current studies and perspectives. In A. Barak (Ed.), *Psychological aspects of cyberspace: Theory, research, applications* (pp. 70-101). Cambridge: Cambridge University Press.
- Walther, J. B. (1996). Computer-mediated communication: Impersonal, interpersonal, and hyperpersonal interaction. *Communication Research*, 23, 3-43.
- Wang, W. (2001). Internet dependency and psychosocial maturity among college students. *International Journal of Human-Computer Studies*, 55, 919-938.
- Warner, M. (1993) (Ed.). *Fear of a queer planet. Queer politics and social theory*. Minneapolis. University of Minnesota Press.
- Waring, E. M. (1984). The measurement of marital intimacy. *Journal of Marital and Family Therapy*, 10, 185-192.
- Webb, R. E., & Daniluk, J. C. (1999). The end of the line: Infertile men's experiences of being unable to produce a child. *Men and Masculinities*, 2(1), 6-25.
- Weeks, J. (1985). *Sexuality and its Discontents, Meanings, Myths & Modern Sexualities*. Routledge.
- Weeks, J. (1995) [2005]. *Invented moralities: Sexual values in an age of uncertainty*. Cambridge: Polity.
- Wei, L., Zijie, H., & Daxi, L. (2004). Internet use and depression, communication anxiety of medical students. *Chinese Mental Health Journal*, 18, 501-503.
- Weinberg, G. H. (1972). *Society and the healthy homosexual*. New York: St. Martin's Press.
- Weiss, S. (1973). *Loneliness*. Cambridge: M.I.T. Press.

- Wetherell, M. & Edley, N. (1999). Negotiating hegemonic masculinity: Imaginary positions and psycho-discursive practices. *Feminism & Psychology*, 9(3) 335-356.
- Whang, L. S., Lee, S., & Chang, G. (2003). Internet over-users' psychological profiles: A behavior sampling analysis on internet addiction. *CyberPsychology&Behavior*, 6, 143-150.
- Whitehead, S. M. (2002). *Men and masculinities*. Oxford: Polity Press.
- Whitehead, S. M., & Barrett, F. J. (Eds.) (2001). The sociology of masculinity. In S. M. Whitehead & F. J. Barret (Eds.), *The masculinities reader* (pp. 1-25). Cambridge: Polity Press.
- Williams, J. E., & Best, D. L. (1990). *Measuring sex stereotypes: A multination study. Cross-cultural research and methodology series* (Vol. 6). Newbury Park, CA: Sage Publications.
- Willig, C. (2003). Discourse analysis. In J. Smith. *Qualitative psychology: A practical guide to research methods* (pp. 159-183). London, Thousand Oaks, New Delhi: Sage Publications.
- Xu, Y., & Burleson, B. (2001). Effects of sex, culture and support type on perceptions of spousal social support : An assessment of the "support gap" hypothesis in early marriage. *Human Communication Research*, 27(4), 535-566.
- Yang, S. C., & Tung, C. J. (2007). Comparison of Internet addicts and non-addicts in Taiwanese high school. *Computers in Human Behavior*, 23, 79-96.
- Yee, N. (2002). *Ariadne – Understanding MMORPG Addiction*. Disponível em <http://www.nickyee.com/hub/addiction/home.html> (Consultada em Outubro de 2006).
- Yoo, H. J. Cho, S. C., Ha, J., Yune, S., Kim, S. J., Hwang, J., et al. (2004). Attention deficit hyperactivity symptoms and Internet addiction. *Psychiatry and Clinical Neurosciences*, 58, 487-594.
- Young, I. M. (1990). *Justice and the politics of difference*. New Jersey: Princeton University Press.

- Young, I. M. (1995). Polity and group difference: A critique of the ideal of universal citizenship. In R. Beiner (Ed.), *Theorizing citizenship* (pp. 175-207). Albany: State University of New York Press.
- Young, K. S. (1998). Internet addiction: The emergence of a new clinical disorder. *CyberPsychology & Behavior*, 1, 237–244.
- Young, K. S., Griffin-Shelley, E., Cooper, A., O'Mara, J., & Buchanan, J. (2000). Online infidelity: A new dimension in couple relationships with implications for evaluation and treatment. *Sexual Addiction & Compulsivity*, 7, 59-74.
- Yurchisin, J., Watchravesringkan, K., & McCabe, D. B. (2005). An exploration of identity re-creation in the context of internet dating. *Social Behavior and Personality*, 33(8), 735-750.
- Zammuner, V. (2000). Men's and women's lay theories of emotion. In *Gender and emotion* (pp. 48-70). Cambridge: Cambridge University Press.
- Zeman, J. & Garber, J. (1996). Display rules for anger, sadness, and pain: It depends on who is watching. *Child Development*, 67, 957-973.
- Zeman, J. & Shipman, K. (1996). Children's expression of negative affect: Reasons and method. *Developmental Psychology*, 32, 842-849.
- Zhao, S., Grasmuck, S, & Martin, J. (2008). Identity Construction on Facebook: digital empowerment in anchored relationships. *Computers in Human Behavior*, 24, 1816-1836.
- Zilbergeld, B. (1999). *The new male sexuality*. New York: Bantam Books.

ANEXOS

ANEXO A

TÓPICOS DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

1. Caracterização sócio-demográfica do participante

- 1.1 Sexo
- 1.2 Idade
- 1.3 Habilitações Académicas
- 1.4 Profissão
- 1.5 Situação na profissão
- 1.6 Número de filhos, idades e sexo

2. Configurações da(s) masculinidade(s)

2.1 Perspectiva pessoal da(s) masculinidade(s)

2.1.1 O que é para si ser homem?

2.1.1.1 Definição

2.1.1.2 Propriedades

2.1.1.3 Avaliação

2.1.1.4 Orientação para a acção

2.1.1.5 Posicionamentos (e.g., essencialistas, construtivistas)

2.1.1.6 Práticas

2.1.1.7 Subjectividades

2.2 Perspectiva social da(s) masculinidade(s)

2.2.1 O que é ser homem no contexto da sociedade em que vive?

2.2.1.1 Definição

2.2.1.2 Propriedades

2.2.1.3 Avaliação

2.2.1.4 Orientação para a acção

2.2.1.5 Posicionamentos (e.g., essencialistas, construtivistas)

2.2.1.6 Práticas

2.2.1.7 Subjectividades

3. Configurações da expressão emocional em palcos *online* e *offline*

3.1 Em seu entender, qual o lugar das emoções na vida quotidiana?

3.1.1 As emoções na vida quotidiana

3.2 Como é que habitualmente lida com as suas emoções, em particular quando se sente mais triste?

3.2.1 Regulação da expressão emocional e afectiva

3.2.1.1 Estratégias

4. Ciberespaço e *self-disclosure*

4.1 *Sente que o ciberespaço lhe permite revelar-se de forma diferente e mais honesta do que em outros palcos? Por quê?*

4.2 *Sente que consegue expressar-se emocionalmente de forma mais espontânea no ciberespaço? Por quê?*

